

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**PARA LER A AMÉRICA LATINA: TAD SZULC, AS RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS E A POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS (1955-  
1965)**

JOÃO GILBERTO NEVES SARAIVA

NITERÓI  
2019

JOÃO GILBERTO NEVES SARAIVA

**PARA LER A AMÉRICA LATINA: TAD SZULC, AS RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS E A POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS (1955-  
1965)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História Social, da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação do Prof. Dr. Cecília da Silva Azevedo.

NITERÓI

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S243p Saraiva, João Gilberto Neves  
Para ler a América Latina : Tad Szulc, as relações  
interamericanas e a política externa dos Estados Unidos (1955-  
1965) / João Gilberto Neves Saraiva ; Cecília da Silva  
Azevedo, orientador. Niterói, 2019.  
218 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.d.07225923455>

1. Tad Szulc. 2. História Contemporânea. 3. Relações  
Interamericanas. 4. Política Externa dos Estados Unidos. 5.  
Produção intelectual. I. Azevedo, Cecília da Silva,  
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
História. III. Título.

CDD -

Bibliotecária responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164

JOÃO GILBERTO NEVES SARAIVA

**PARA LER A AMÉRICA LATINA: TAD SZULC, AS RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS E A POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS (1955-  
1965)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História Social, da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação do Prof. Dr. Cecília da Silva Azevedo.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Cecília da Silva Azevedo – UFF (Orientadora)

---

Prof. Dr. Flávio Limoncic – UNIRIO

---

Prof. Dr. Roberto Moll Neto – UFF

---

Prof. Dr. Henrique Alonso de A. R. Pereira – UFRN

---

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz – UEL

NITERÓI

2019

Ele tiradentes como o famoso alferes  
Ela costureira, tramando os fios da vida no calor do fogão  
Embarcaram em um pau-de-arara em direção a São Paulo  
Desceram às margens do São Francisco  
Uma cidade crescia para dar luz a uma hidroelétrica

Aos meus avós, personagens dos personagens desta história.

## AGRADECIMENTOS

Até parece que foi ontem minha mocidade, com diploma de sofrer de outra universidade, minha fala nordestina... As músicas foram companheiras durante todo o doutorado, nos agradecimentos não poderia ser diferente. E vou viver as coisas novas, que também são boas. O amor, o humor das praças cheias de pessoas, eu quero tudo, tudo outra vez. O sábio Belchior entoava as palavras certas, concluir uma fase da vida é ao mesmo tempo ansiar os novos passos e reviver os velhos caminhos. A jornada entre o Rio Grande do Norte e o de Janeiro teve seus percalços, curvas e tribulações como toda boa história de viajante, poder concluí-la é um presente divino.

Ela não seria possível sem o amor, dedicação e paciência dos que estão comigo desde sempre, Lindalva, Gilberto, Fá e Angelita. Vocês são motivadores e motivos para essa que eu ter corrido por essa estrada. Ela não seria trafegada sem o apoio e as viagens de Mãe Vó, primos e primas, tios e tias cruzando o Nordeste. O trajeto estaria inconcluso sem a amizade, as viagens, pizzas e livros da minha “sociedade alternativa”, expressão carinhosa de minha mãe para Pedro, Gustavo e Arthur. E os amigos do trabalho? Agradeço a todos, em especial a Mazé que fez as correções e junto de Cida me incentivam e ensinam todos os dias a ser professor. Aos alunos, por lerem o mundo com a curiosidade e simplicidade feroz e desconcertante das crianças. Como terminar o caminho sem as indicações bibliográficas, hospedagens, aulas, piadas, debates presenciais e online dos membros da Rede de Estudos dos Estados Unidos? Esses “*Brows from USA, CIA & FBI*” foram essenciais. Especificar nomes é correr os riscos da memória, mas faço menção honrosa à Roberto Moll e Flávio Limonic que condensaram a ajuda da Rede em críticas construtivas e indicações precisas na qualificação. Agradeço ao gaúcho Gustavo Malossi e a quase lusitana Lunara por uma amizade conectando os Rios Grande entre mineiros, paranaenses, pernambucanos, goianos e amazonenses do nosso grupo de “historiadores imigrantes” do Centro e Lapa.

Uma parte relevante desta trajetória seu deu entre saguões de aeroportos, corredores de aviões, ônibus, metros, quartos de aluguel e hospedagens coletivas. Isso só foi possível graças ao apoio financeiro de uma bolsa da CAPES convertida em viagens, congressos, gastos pessoais e livros. As salas e corredores do campus Gragoatá em Niterói foram também espaços relevantes. Agradeço aos funcionários e professores do PPGH-UFF, pelos serviços prestados, publicações, palestras, etc., nominalmente a Juniele Rabêlo e Norberto Ferreras pelos aprendizados nas disciplinas cursadas. Nas encruzilhadas do Brasil em que encontrei tantos colegas de turma, professores, pesquisadores e alunos do estágio à docência muito

aprendi sobre história e vida, agradeço a todos pela oportunidade. Meu reconhecimento à Amanda – mestranda a meio caminho entre a educação infantil e a Revolução Nicaraguense – que se dispôs ao trabalho de entregar relatórios de bolsa, materiais de qualificação e defesa.

As jornadas não se completam sem a atuação daqueles navegadores que compartilham suas experiências equilibrando provérbios sábios e conselhos práticos entre elogios, críticas e sugestões de rota que norteiam o peregrino. Minha gratidão a Cecília por corrigir infinitas crases e me receber de braços abertos na UFF, sua alegria, inquietude, conhecimento, paciência, senso crítico e capacidade de reunir pessoas foram essenciais. Agradeço a Francisco Ferraz e Henrique Alonso pela pronta disponibilidade em participar da banca de defesa. Ao professor carioca radicado em Natal, também por ter me incentivado a encarar os desafios de estudar neste outro Rio e me ajudado e aconselhado nos momentos de ansiedade desde a graduação.

Uma grande viagem não se realiza sem uma logística e abastecimento que a torne viável. Meu tributo a todos funcionários e bolsistas das instituições consultadas que garantem a disponibilidade de fontes de pesquisa para que a história seja possível. Gratidão a todos os programadores e ativistas do software e conhecimento livre que proporcionaram sistemas operacionais, programas, livros e artigos essenciais para realização da pesquisa e escrita da tese.

Por fim, essa jornada não teria sucesso sem o amor, paciência e perseverança de Erielma que por anos apoiou minha dedicação à pesquisa e escrita e aguentou eu tanto falar do doutorado. Ela é parceira na transmutação de sonhos em realidade, a conexão entre os caminhos já traçados e os que estão por vir. Os minutos da canção de Belchior já passaram enquanto escrevia esses agradecimentos, deixo para ela os versos finais: minha normalista linda, ainda sou estudante da vida que eu quero dar.

## RESUMO

Esta pesquisa examina os escritos e a atuação de Tad Szulc (1926-2001) nas relações interamericanas do pós-Guerra. Ele foi um intelectual estadunidense relevante para as relações interamericanas da segunda metade do século XX. Foi um profissional da imprensa vinculado ao *The New York Times*. Realizou uma cobertura jornalística itinerante que cruzou a América escrevendo sobre temas-chave da política à época: desenvolvimento; nacionalismo e comunismo. Dialogou com chefes de estado, burocratas e intelectuais, e atuou junto a iniciativas estatais e privadas de todo o continente, incluindo governos, grandes empresas e serviços de inteligência. O trabalho suas matérias jornalísticas e livros publicados entre setembro de 1955 e maio de 1965. Examina as análises sociopolíticas que o jornalista formulou da região e da política externa dos Estados Unidos, *pari passu* sua trajetória junto a instituições privadas, administrações e agências governamentais nos Estados Unidos e América Latina. Nesse período, Szulc escreveu mais de mil e quinhentas reportagens, artigos, resenhas e relatos de viagens e lançou cinco livros sobre a América Latina. Essas publicações são as fontes centrais da pesquisa. Além delas, este trabalho perscruta um rol de jornais de época, despachos diplomáticos, relatórios de inteligência, discursos oficiais e livros de memórias. Esta pesquisa investiga o papel da correspondência internacional dos Estados Unidos para as relações interamericanas do pós-Guerra. Ela mobiliza interpretações historiográficas recorrentes para essa questão de que os correspondentes são: intérpretes da realidade latino-americana; críticos da política interna e externa; tentáculos do poder político, militar e econômico estadunidense; corpos avançados de governos e interesses latino-americanos. Defende a tese que todos esses papéis são simultâneos na figura de um intelectual mediador com interesses próprios. Para tal, examina a atuação de Tad Szulc em relação à política externa dos Estados Unidos para a América Latina em tempos de Guerra Fria. Suas posições pendulares de apoio e crítica às iniciativas das administrações de Dwight Eisenhower, John F. Kennedy e Lyndon Johnson na região. Analisa interpretações da América Latina em diálogo com posições intelectuais estadunidenses e latino-americanas. O trabalho esquadrinha a trajetória intelectual e profissional desse jornalista liberal inquirindo seus vínculos com círculos midiáticos, políticos, diplomáticos e empresariais. Examina seus textos e imagens apresentando uma América Latina em franco processo de desenvolvimento ante seus elos com governos latino-americanos e com a política externa estadunidense de apoio científico, tecnológico e financeiro a região. Analisa sua apresentação de uma América Latina que se liberta das ditaduras desde o fim da Segunda Guerra e sua crítica ao nacionalismo latino-americano e ao apoio da administração de Eisenhower a ditadores em nome do anticomunismo. Esquadrinha sua aproximação das leituras modernizadoras da administração Kennedy de que a América Latina estava à beira de uma revolução social por conta de seus profundos problemas sociais. Perscruta seu combate a Revolução Cubana em textos e ações junto a contrarrevolucionários cubanos, a Casa Branca e a CIA. Analisa as contradições do seu endosso à política de Johnson de apoio a ditaduras da América Latina como forma de garantir regimes anticomunistas e os lucros das empresas estadunidenses.

Palavras-chave: Tad Szulc, Relações Interamericanas, Imprensa, Política Externa dos Estados Unidos, América Latina, Desenvolvimento, Guerra Fria.



## ABSTRACT

This research examines Tad Szulc's writings and performance (1926-2001) in inter-American post-war relations. He was an American intellectual relevant to inter-American relations in the second half of the twentieth century. He was a press professional linked to The New York Times. He made an itinerant journalistic coverage that crossed America writing on key issues of politics at the time: development; nationalism and communism. He spoke with heads of state, bureaucrats and intellectuals, and worked closely with state and private initiatives across the continent, including governments, large corporations and intelligence services. His journalistic work and books published between September 1955 and May 1965. He examines the sociopolitical analyzes that the journalist formulated of the region and the foreign policy of the United States, his trajectory with private institutions, administrations and government agencies in the States United States and Latin America. In that period, Szulc wrote more than one thousand five hundred articles, articles, reviews and travel reports and launched five books on Latin America. These publications are the central sources of research. In addition to these, this work examines a roll of periodicals, diplomatic dispatches, intelligence reports, official speeches and memoir books. This research investigates the role of the United States' international correspondence for inter-American post-war relations. It mobilizes recurrent interpretations for this question that emphasize the correspondents as: interpreters of Latin American reality; critics of internal and external politics; tentacles of US political, military, and economic power; agents of Latin American governments and interests. The thesis argues that all these roles are simultaneous and that the correspondent is a mediator with his own interests. The thesis examines Tad Szulc's performance in relation to the United States' foreign policy towards Latin America during the Cold War. His mutable positions from support to criticism the actions of the Dwight Eisenhower, John F. Kennedy and Lyndon Johnson administrations in the region. It analyzes his interpretations of Latin America in dialogue with American and Latin American intellectual propositions. The thesis traces the intellectual and professional trajectory of this liberal journalist inquiring his ties with media, political, diplomatic and business circles. It examines his texts and images presenting a Latin America in an rapid process of development and his links with Latin American governments and the American foreign policy of scientific, technological and financial support to the region. It analyzes his interpretation of a Latin America that has been freed of dictatorships since the end of World War II and his condemnation of Latin American nationalism and the support of the Eisenhower administration for dictators in the name of anti-communism. It examines Szulc's approach to the Kennedy administration's modernizing interpretations that Latin America was on the verge of a social revolution because of its deep social problems. It scrutinizes his war against the Cuban Revolution in texts and actions with Cuban counterrevolutionaries, the White House and the CIA. It analyzes the contradictions of Tad Szulc's endorsement of Johnson's policy of supporting Latin American dictatorships as a way of guaranteeing anticommunist regimes and the profits of US companies.

Keywords: Tad Szulc, Inter-American Relations, Journalism, United States Foreign Policy, Latin America, Development, Cold War.

## RESUMEN

Esta investigación examina los escritos y la actuación de Tad Szulc (1926-2001) en las relaciones interamericanas de la posguerra. Él fue un intelectual estadounidense relevante para las relaciones interamericanas de la segunda mitad del siglo XX. Fue un profesional de la prensa vinculado al *The New York Times*. Realizó una cobertura periodística itinerante que cruzó América escribiendo sobre temas clave de la política en la época: desarrollo; nacionalismo y comunismo. Dialogó con jefes de estado, burócratas e intelectuales, y actuó junto a iniciativas estatales y privadas de todo el continente, incluyendo gobiernos, grandes empresas y servicios de inteligencia. El trabajo sus materias periodísticas y libros publicados entre septiembre de 1955 y mayo de 1965. Examina los análisis sociopolíticos que el periodista formuló de la región y de la política exterior de los Estados Unidos, pari paso su trayectoria ante instituciones privadas, administraciones y agencias gubernamentales en los Estados Unidos y América Latina. En ese período, Szulc escribió más de mil quinientos reportajes, artículos, reseñas y relatos de viajes y lanzó cinco libros sobre América Latina. Estas publicaciones son las fuentes centrales de la investigación. Además de ellas, este trabajo escruta un rol de diarios de época, despachos diplomáticos, informes de inteligencia, discursos oficiales y libros de memorias. Esta investigación investiga el papel de la correspondencia internacional de Estados Unidos para las relaciones interamericanas de la posguerra. Ella moviliza interpretaciones historiográficas recurrentes para esa cuestión de que los corresponsales son: intérpretes de la realidad latinoamericana; críticos de la política interna y externa; tentáculos del poder político, militar y económico estadounidense; los cuerpos avanzados de gobiernos e intereses latinoamericanos. Defiende la tesis que todos estos papeles son simultáneos en la figura de un intelectual mediador con intereses propios. Para ello, examina la actuación de Tad Szulc en relación a la política exterior de Estados Unidos para América Latina en tiempos de Guerra Fría. Sus posiciones pendientes de apoyo y crítica las iniciativas de las administraciones de Dwight Eisenhower, John F. Kennedy y Lyndon Johnson en la región. Analiza interpretaciones de América Latina en diálogo con proposiciones intelectuales estadounidenses y latinoamericanas. El trabajo escudriña la trayectoria intelectual y profesional de ese periodista liberal inquiriendo sus vínculos con círculos mediáticos, políticos, diplomáticos y empresariales. Examina sus textos e imágenes presentando una América Latina en franco proceso de desarrollo ante sus eslabones con gobiernos latinoamericanos y la política exterior estadounidense de apoyo científico, tecnológico y financiero a la región. Analiza su presentación de una América Latina que se libera de las dictaduras desde el final de la Segunda Guerra y su crítica al nacionalismo latinoamericano y al apoyo de la administración de Eisenhower a dictadores en nombre del anticomunismo. Escudriña su acercamiento a las lecturas modernizadoras de la administración Kennedy de que América Latina estaba al borde de una revolución social por sus profundos problemas sociales. Perspectiva su combate a la Revolución Cubana en textos y acciones junto a contrarrevolucionarios cubanos, la Casa Blanca y la CIA. Analiza las contradicciones de su endoso la política de Johnson de apoyo a dictaduras de América Latina como forma de garantizar regímenes anticomunistas y los beneficios de las empresas estadounidenses.

Palabras clave: Tad Szulc, Relaciones Interamericanas, Prensa, Política Externa de Estados Unidos, América Latina, Desarrollo, Guerra Fría.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Tratoristas recolhem troncos cortados na selva amazônia para abrir a rodovia Transbrasiliana .....	75
<b>Figura 2.</b> Monstro comedor de terra em ação na Guiana Britânica .....	77
<b>Figura 3.</b> Rua sendo calçada na cidade que está sendo construída do nada. Construção do palácio presidencial projetado por Oscar Niemeyer .....	83
<b>Figura 4.</b> Escultura abstrata em bronze de Maria Martins em frente ao futuro palácio presidencial..	84
<b>Figura 5.</b> Szulc sobrevoa pontos turísticos e pessoas em busca de gorjetas .....	95
<b>Figura 6.</b> Szulc espera seu voo em meio vendedores de souvenirs .....	95
<b>Figura 7.</b> Buenos Aires, Praça do Obelisco .....	97
<b>Figura 8.</b> Vista do turista no Rio de Janeiro .....	98
<b>Figura 9.</b> Centro comercial de Montevideú .....	99
<b>Figura 10.</b> Um moderno jato sobre uma cidade moderna .....	99

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AARC – The Assassination Archives and Research Center
- ABC – *American Broadcasting Company*
- ADA – *Americans for Democratic Action*
- AIA – *American International Association*
- ANPHLAC – Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas
- AP – *Associated Press*
- APRA – *Alianza Popular Revolucionaria Americana*
- CAP – *Compañía de Acero del Pacífico*
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CBS – *Columbia Broadcasting System*
- CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina
- CIA – *Central Intelligence Agency*
- CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
- COFECON – Conselho Federal de Economia
- CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- C-SPAN – *Cable-Satellite Public Affairs Network*
- DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
- DN – *Diário de Notícias*
- Ecopetrol – *Empresa Colombiana de Petróleos*
- EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense
- EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração
- EDUSF – Editora da Universidade São Francisco
- EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo
- FGV – Fundação Getúlio Vargas
- FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz
- FMI – Fundo Monetário Internacional
- FRUS – *Foreign Relations of the United States Diplomatic Papers*
- FUNAG – Fundação Alexandre de Gusmão
- IANSA – *Industria Azucarera Nacional*
- IBEC – *International Basic Economy Corporation*
- JFK – *John Fitzgerald Kennedy*
- MIT – *Massachusetts Institute of Technology*

NBC – *National Broadcasting Company*  
NYT – *The New York Times*  
NSC – *National Security Council*  
OCIAA – *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*  
ONU – *Organização das Nações Unidas*  
OPA – *Operação Pan-Americana*  
OTAN – *Organização do Tratado do Atlântico Norte*  
PanAm – *Pan American Airways*  
PDVSA – *Petróleos Direto de la Venezuela*  
Petrobras – *Petróleo Brasileiro S. A.*  
PSB – *Partido Socialista Brasileiro*  
PSD – *Partido Social Democrático*  
PUC – *Pontifícia Universidade Católica*  
PTB – *Partido Trabalhista Brasileiro*  
SIP – *Associação Interamericana de Imprensa*  
TIAR – *Tratado Interamericano de Assistência Recíproca*  
THS – *The Spartanburg Herald*  
UACM – *Universidad Autónoma de la Ciudad de México*  
UDN – *União Democrática Nacional*  
UFF – *Universidade Federal Fluminense*  
UFMG – *Universidade Federal de Minas Gerais*  
UFRGS – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
UFRJ – *Universidade Federal do Rio de Janeiro*  
UFRN – *Universidade Federal do Rio Grande do Norte*  
UNAM – *Universidad Nacional Autónoma de México*  
UNB – *Universidade de Brasília*  
UNESP – *Universidade Estadual Paulista*  
UPI – *United Press International*  
URSS – *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas*  
USAID – *United States Agency for International Development*  
USP – *Universidade de São Paulo*  
WP – *The Washington Post*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1. UM INTELLECTUAL, SEU JORNAL E A AMÉRICA LATINA</b> .....	30
<b>1.1</b> O homem que sabia português (e tantas outras línguas) .....	37
<b>1.2</b> Um espelho e duas molduras: a América Latina .....	55
<b>2. OS PASSOS A CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO</b> .....	66
<b>2.1</b> Autoestradas para o desenvolvimento .....	69
<b>2.2</b> O capital, a ciência e a tecnologia que chegam a jato .....	86
<b>3. O CREPÚSCULO DOS TIRANOS</b> .....	101
<b>3.1</b> Os caminhos da liberdade na América Latina .....	103
<b>3.2</b> Os descaminhos da política externa dos Estados Unidos .....	120
<b>4. UM ESPECTRO RONDA A AMÉRICA LATINA</b> .....	146
<b>4.1</b> Lendo Cuba e as revoluções sociais na América Latina .....	148
<b>4.2</b> Escrevendo e agindo para deter o inimigo vermelho .....	166
<b>CONCLUSÃO</b> .....	191
<b>FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	201

## INTRODUÇÃO

A América Latina tem sido analisada, estudada, dissecada, pesquisada, investigada, e radiografada pelos Estados Unidos no último quarto de século como nenhuma outra região do mundo. Ela tem sido objeto – se nem sempre a última beneficiária – das políticas e filosofias políticas americanas abrangendo um período de quase 150 anos [...] Dependendo do estado de espírito e emergências do momento, a América Latina tem sido várias vezes considerada em Washington como nosso “quintal seguro” e campo fértil para expansão política e econômica americana, ou nosso “ponto fraco”, primeiro ameaçado por nazistas e japoneses na Segunda Guerra Mundial e atualmente pela União Soviética e o nativo, mas perigosamente exportável, comunismo do Premiê Fidel Castro. (SZULC, 1969, p. V)<sup>1</sup>.

No ano de 1969, Tad Szulc foi convidado para prefaciar o principal documento produzido pelo governo dos Estados Unidos sobre a América Latina e suas relações políticas, econômicas e militares com ela. Szulc era um nome de peso para as relações interamericanas, um intelectual reconhecido como exímio jornalista investigativo, romancista e biógrafo. Um estadunidense de origem polonesa, poliglota, autor de livros, artigos e matérias jornalísticas fulcrais que já que estava há dezessete anos nos quadros do *The New York Times* e era o principal especialista da publicação em América Latina e nas relações dos Estados Unidos com a região<sup>2</sup>. Intelectual da imprensa que cobriu eventos-chave dos anos 1950 e 1960 no continente americano, como a queda do presidente argentino Juan Perón em 1955; início da era Fidel Castro em Cuba; os últimos dias da ditadura Trujillo e a Guerra Civil na República Dominicana em 1965. Uma das suas mais famosas reportagens descortinou a fracassada Invasão da Baía dos Porcos em 1961 ainda antes dela acontecer.

Naquele ano, outra figura de renome para as relações interamericanas foi enviada em uma missão presidencial dos Estados Unidos para visitar vinte países e produzir esse relatório sobre o continente americano. Richard Nixon, republicano recém-eleito para o cargo de presidente, atribuiu essa incumbência a Nelson Rockefeller, político ligado às iniciativas estadunidenses públicas e privadas no continente pelo menos desde os anos 1930, com destaque para sua participação na Segunda Guerra como coordenador das principais iniciativas dos Estados Unidos na América Latina<sup>3</sup>. As viagens do milionário político

---

<sup>1</sup>Todas as traduções são do autor e os trechos originais seguem em nota de rodapé. “Latin America has been analyzed, studied, dissected, researched, surveyed, and X-rayed by the United States in the last quarter of a century as no other region of the world. It has been the object – if not always the ultimate beneficiary – of American policies and political philosophies spanning a period of nearly 150 years. [...] Depending on the mood and the emergencies of the moment, Latin America has been variously regarded in Washington as our “safe backyard” and the fertile ground for American political and economic expansion, as our “soft underbelly”, first menaced by the Nazis and the Japanese in World War II and currently by the Soviet Union and the native but dangerously exportable communism of Premier Fidel Castro”.

<sup>2</sup>Ele dominava o polonês, o francês, o inglês, o português e o espanhol, entre outras línguas.

<sup>3</sup>Para um exame das ações de Nelson Rockefeller nas iniciativas comerciais, políticas e culturais para a América Latina ao longo do século XX, consultar Antônio Pedro Tota (2014).

republicano, então governador do estado de Nova York, e sua comitiva enfrentaram consideráveis protestos e – ao contrário de sua atuação até o imediato pós-Guerra – foi considerada ao longo do tempo como um desastre na perspectiva das relações-públicas e políticas. De todo modo, a missão rendeu diversas reuniões em instituições estatais e privadas e um extenso relatório que foi publicado em livro ainda no mesmo ano das viagens e prefaciado por Szulc.

O texto introdutório de Tad Szulc para o relatório Rockefeller retomou o histórico das principais políticas dos Estados Unidos em relação à América Latina. Foi da Doutrina Monroe no início do século XIX até a Aliança para o Progresso iniciada por John F. Kennedy em 1961, passando pelo Destino Manifesto e a Política da Boa Vizinhança. O jornalista chamou a atenção para a quantidade e variedade de empreendimentos que esquadrinharam e atuaram na América Latina desde o século XIX. Além disso, ele evidenciou que nesse extenso recorte temporal houve nos Estados Unidos múltiplas percepções da América Latina: quintal seguro; receptáculo para expansão econômica e política; ponto fraco da defesa hemisférica; lugar ameaçador por conta da expansão do comunismo; etc.

Um aspecto interessante é que em nenhum momento da introdução Tad Szulc se preocupou em responder o que é a América Latina. Parece claro para ele, e, por conseguinte, para seus leitores contemporâneos, que a América Latina é um mundo diferente dos Estados Unidos que se inicia na fronteira com o México, e termina no sul gelado da Patagônia. Um recorte espacial amplo, mas para o intelectual em questão, não apenas um lugar da pobreza, incivilidade e natureza dominadora. A América Latina nos termos de Szulc é um mosaico de organizações sociais, políticas, culturais e econômicas, que apesar de poderem ser reunidas em uma mesma denominação geográfica, são bastante complexas e variadas.

A partir do ponto de vista de um imigrante que se integrou ao ambiente intelectual liberal estadunidense na virada para os anos 1950, ele se preocupou em analisar questões latentes para a América Latina na segunda metade do século XX: as revoluções; a ameaça comunista; as ditaduras; a industrialização; os problemas sociais; o desenvolvimento econômico; as relações internacionais. Da posição de correspondente internacional, Tad Szulc foi ao mesmo tempo interprete da região e também um ator relevante junto às elites políticas, círculos intelectuais, serviços diplomáticos, corporações norte e latino-americanas.

Esta pesquisa examina os escritos e a atuação de Tad Szulc nas relações interamericanas do pós-Guerra. Analisa suas matérias jornalísticas e livros publicados entre setembro de 1955 e maio de 1965, período em que atuou como correspondente e editor especializado do *NYT*. O trabalho examina as análises sociopolíticas que o jornalista formulou



da região e da política externa dos Estados Unidos, pari passo sua trajetória junto a instituições privadas, administrações e agências governamentais dos dois lados do Rio Grande. Nesse período, Szulc escreveu mais de mil e quinhentas reportagens, artigos, resenhas e relatos de viagens e lançou cinco livros sobre a América Latina. Essas publicações são as fontes centrais da pesquisa. Além delas, este trabalho perscruta um rol de jornais de época, despachos diplomáticos, relatórios de inteligência, discursos oficiais e livros de memórias. O objetivo é contextualizar os textos e ações do jornalista associando-os às estruturas e iniciativas governamentais, midiáticas, empresariais e no meio intelectual.

O relatório Rockefeller, prefaciado por Tad Szulc em 1969, avaliou que as relações entre os Estados Unidos e seus vizinhos do sul haviam piorado nos últimos anos por conta de retóricas irrealistas e atitudes paternalistas do país. Ele atacou as iniciativas de sucessivas administrações democratas e republicanas que desde os anos 1950 se interessaram por questões como a desigualdade social e fundiária, a industrialização e o nacionalismo na América Latina. Além disso, o documento relacionou e examinou mudanças no cenário latino-americano, incluindo explosão populacional, urbanização e desemprego acelerado e crescimento do antiamericanismo. Um diagnóstico negativo de diversos elementos-chave da política externa estadunidense na última década e que propunha medidas como o endosso às ditaduras militares latino-americanas para garantir o apoio aos Estados Unidos na Guerra Fria.

O relatório Rockefeller é, de certa forma, o sepultamento de uma década e meia de discussões e práticas da política externa estadunidense visando uma aproximação com a América Latina, de compreensão e intervenção positiva nas transformações sociais, políticas e econômicas da região<sup>4</sup>. A opinião de Szulc à época foi de que o governador de Nova York estava correto na sua indicação de apoio a “regimes estáveis” e aos negócios privados dos Estados Unidos na região. Uma leitura precipitada do personagem Tad Szulc, pode vir a reduzi-lo à figura de um braço letrado do poder. Um dos responsáveis pelo que Edward Herman e Noam Chomsky (2002, p. XI) denominam de “fabricação de consentimento” na imprensa para políticas e ações comerciais de poderosos grupos da sociedade. No entanto, uma avaliação historiográfica mais acurada aponta para um quadro mais complexo.

Szulc foi efetivamente um propagandista de diversas iniciativas públicas e privadas dos Estados Unidos na América Latina, mas, simultaneamente, criticou a política externa e os serviços de inteligência estadunidenses, endossou demandas e visões latino-americanas e debateu as relações interamericanas com intelectuais e políticos de todo continente. No

---

<sup>4</sup>Para uma avaliação crítica Relatório Rockefeller inserido nas continuidades na política externa dos Estados Unidos da segunda metade do século XX, ver Peter H. Smith (2000, pos. 2341).

mesmo passo em que ingressou em conspirações contra chefes de estado, foi investigado e perseguido por agentes norte e latino-americanos, seguiu viajando e escrevendo matérias diárias com impacto na opinião pública e importantes discussões dos anos 1950 e 1960.

A preocupação central deste trabalho é justamente responder à questão: qual o papel da correspondência internacional estadunidense para as relações interamericanas do pós-Guerra? A historiografia identifica múltiplas respostas. Os jornalistas são apresentados por vezes como uma caixa de ressonância dos promotores política externa dos Estados Unidos ou braço letrado – mediadores – de governos e empresas norte-americanas<sup>5</sup>. Se não, em direção contrária, como postos avançados nos Estados Unidos de propostas e ações de países latino-americanos<sup>6</sup>. Por vezes, os correspondentes são identificados como agentes informacionais da CIA ou do Departamento de Estado na Guerra Fria<sup>7</sup>. Eles também são elencados como comentaristas críticos da política externa ou fomentadores de debates sobre ações de governos norte e latino-americanos<sup>8</sup>. Além disso, algumas vezes foram apresentados como intérpretes da realidade latino-americana para o público amplo dos Estados Unidos<sup>9</sup>.

Esta pesquisa aponta que todos esses papéis são desempenhados ao mesmo tempo. As atuações da imprensa para as relações interamericanas são múltiplas, simultâneas e muitas vezes contraditórias. Ao inquirir a trajetória e posições intelectuais de Tad Szulc, ela realiza um escrutínio dessas funções variadas e intrincadas a partir de duas questões-chave. Uma delas é: Qual a atuação de Szulc, intelectual da correspondência internacional, em relação à política externa dos Estados Unidos para a América Latina em tempos de Guerra Fria? E por fim: Quais as interpretações da região formuladas por Tad Szulc e outros representantes da imprensa estadunidense depois da Segunda Guerra Mundial? Respondê-las só foi possível fazendo uma interseção entre os campos historiográficos da imprensa, dos intelectuais e das relações interamericanas.

Uma característica com a qual o historiador que aborda o período desde a segunda metade do século XX tem de lidar é a variedade, dispersão e abundância de fontes<sup>10</sup>. A imprensa produz diariamente uma torrente de notícias e imagens que está além da capacidade de um trabalho acadêmico abordar com rigor. Um único jornal, como o *The Washington Post*

5A exemplo de Nicholas Berry (1992, p. 192) ao tratar do *NYT* e a política externa dos Estados Unidos.

6Em pesquisa anterior – Saraiva (2015, p.106) – analisamos o envolvimento do escritório do *NYT* no Rio de Janeiro e seu chefe, Frank Garcia, no lobby brasileiro durante a guerra. Já Lindercy Lins (2015, p. 139), as iniciativas oficiais brasileiras de propaganda na imprensa estadunidense desde os anos 1930.

7Como fazem Noam Chomsky (2007, p. 165) e Matthew Jones (2015).

8Ver Antohny DePalma (2006, p. 80) ao examinar o papel da imprensa para as relações interamericanas.

9No trabalho de Ricardo Salvatore (2006, p. 186) e Ana Mauad (2014, p. 133) sob a ótica de corpos avançados de produção de conhecimento imperial estadunidense sobre a América Latina.

10Como evidencia Julio Aróstegui (2004, p. 57) ao tratar da história do passado recente.

ou o *The New York Times*, lançou milhares de matérias jornalísticas sobre a América Latina no recorte temporal deste trabalho<sup>11</sup>. Dada a impossibilidade da escolha de um desses grandes diários, optou-se pelo foco em um único jornalista que tivesse considerável repercussão para as relações interamericanas.

O peso dos escritos de Tad Szulc foi sublinhado por diversos trabalhos ao longo das últimas quatro décadas. Um dos conjuntos de matérias do correspondente mais referenciados em pesquisas foi sobre o movimento campestre brasileiro em 1960; elas que apresentavam Nordeste como um campo fértil para uma revolução comunista<sup>12</sup>. Ainda em meados da década de 1960, o embaixador dos Estados Unidos no Brasil – Lincoln Gordon (2001, p. 161) – salientou o alarde que causaram na opinião pública estadunidense. Alguns anos depois, Joseph Page (1972, p. 28) também pontuou o mesmo em sua avaliação dos fracassos da política externa estadunidense. Direção semelhante à de Ruth Leacock (1990, p. 14) em sua análise das relações Estados Unidos-Brasil, ela destacou o peso dos textos e imagens da publicação para as políticas do então candidato à presidência John F. Kennedy. Já Henrique Alonso Pereira (2005, p. 287), em sua pesquisa sobre a Aliança para o Progresso, enfatizou a atuação de Szulc na introdução da América Latina como uma das prioridades da política externa do país. Cecília Azevedo (2007, p. 169) também destacou isso ao analisar relevância das reportagens de Tad Szulc sobre o Nordeste brasileiro na formulação dos Corpos da Paz, outro programa iniciado em 1961. Analisando as mudanças na política do pós-Guerra, James Green (2009, p. 55) também ressaltou a importância dos escritos do correspondente.

Szulc está presente até em obras do campo literário, foi um personagem no romance de Mario Vargas Llosa (2012) que trata da vida durante e depois da ditadura de Rafael Trujillo na República Dominicana entre 1930 e 1961. O único trabalho que foi além da indicação de importância e análise superficial dos seus textos mais célebres é o artigo de Richard Aldrich (2015). Ele examinou a atuação do correspondente como formulador e agente de planos da CIA e Casa Branca para Cuba nos anos 1960 e nas décadas seguintes como um crítico desse aparato secreto. Apesar dessas referências à importância do trabalho de Tad Szulc desde meados dos anos 1960, não há ainda uma pesquisa específica sobre seus escritos e sua atuação para as relações interamericanas.

Um aspecto relevante para escolha de Szulc é o fato dele ter se dedicado a escrever livros sobre a América Latina e suas relações com os Estados Unidos, o que possibilita uma

---

11Uma pesquisa com o termo “*Latin America*” no acervo do *NYT* dá conta de mais de 18 mil e quinhentas referências no período entre 1955 e 1965. Disponível <<https://www.nytimes.com/search?endDate=19651231&query=latin%20america&sort=best&startDate=19550101>> Acesso em 10 set. 2017.

12Publicadas em *NYT* (31 out. 1960, p. 1; 1 nov. 1960, p. 2)

melhor compreensão das suas posições intelectuais. Tad Szulc foi um imigrante – morou entre a Europa, o Brasil e os Estados Unidos – e teve uma carreira ascendente do final dos anos 1940 até a década de 1970. O que lhe permitiu acesso a altos círculos intelectuais, políticos e econômicos, bem como repercussão na imprensa e debate acadêmico do continente americano. Nesse período, ele oscilou entre as posições de apoiador, colaborador, e a de crítico da política externa estadunidense e CIA, o que lhe proporcionou vigilância estreita – e muitos relatórios – dos serviços de inteligência do país.

A perspectiva de análise da atuação de Tad Szulc vale-se de contribuições da historiografia das relações interamericanas que se propõe a ir além do contato formal entre Estados – via canais diplomáticos e econômicos oficiais. Na esteira da historiografia pós-colonial – nos termos propostos por Gilbert Joseph (2005, p. 94) – que não desconsidera esse importante tipo de relação, mas dá relevo a outras formas de encontros que incluem a imprensa, as universidades, o comércio, a saúde pública, as artes, etc<sup>13</sup>. Um fazer historiográfico que inquire intercâmbios culturais, políticos e sociais amplos, notadamente os diálogos intelectuais e políticos dos profissionais de imprensa. Esta tese não ignora as interações desiguais que são produto da imensa diferença de poder político, militar e econômico entre os Estados Unidos e a América Latina, e que são interpretadas por leituras críticas como relações hegemônicas – como o fazem Octavio Ianni (1988, p. 19) e Lars Schoultz (2000, p. 11) – ou imperiais – a exemplo de Edward Said (2011, p. 41). No entanto, sem considerar essa disparidade de poderes, este trabalho não aponta a América Latina como simples receptáculo de iniciativas estadunidenses. Mesmo tendo como enfoque a atuação de um jornalista radicado nos Estados Unidos, o trabalho distancia-se da ótica do dominador versus dominado para evidenciar uma América Latina que também é protagonista de suas iniciativas políticas, sociais e econômicas envolvendo o mundo da imprensa<sup>14</sup>.

Ao examinar Szulc enquanto um intelectual mediando contatos em todo o continente, esta pesquisa evidencia o trânsito de ideias, pessoas, iniciativas econômicas e políticas em um intrincado jogo entre as duas margens do Rio Grande. O jornalista foi efetivamente um narrador entre mundos, não só porque produziu a partir de suas viagens cruzando a América, como também por ter dialogado com políticos, artistas, acadêmicos, militares, jornalistas, e populares por todos os lugares em que passou. Tad Szulc explorou e contribuiu para a expansão de um trânsito intelectual continental, uma zona de contato

<sup>13</sup>Uma safra de trabalhos centrados nas interações culturais e políticas que tem como marco a publicação de *The Close Encounters of Empire*, obra coletiva organizada por Joseph, Salvatore e LeGrand (1998). Para um exame dessa historiografia, consultar Cecília Azevedo (2011, pos. 6413).

<sup>14</sup>Para uma crítica de pesquisas que não consideram as relações Estados Unidos-América Latina como uma via de mão dupla. Ver Barbara Weinstein (2003, p. 13; 2013, p. 17)

interamericana nos termos Mary Louise Pratt (1999, p. 27). Ela utiliza esse conceito para se referir aos pontos de encontro físicos ou não em que representantes de culturas díspares – separados geográfica e historicamente – entram em contato e entrelaçam novas perspectivas. Essa é uma definição precisa para o ambiente em que Szulc atuou e aponta para o seu esforço intelectual de interlocução entre culturas diferentes. O que de modo algum acontece em um ambiente neutro, mas sim atravessado por questões de poder ligadas a conjunturas sociais, políticas e econômicas específicas. O fato de Szulc publicar apenas em inglês – em veículos de imprensa dos Estados Unidos – e escrever a partir do pedestal de voz autorizada, a do “especialista em América Latina”, já é sintomático da desigualdade nessa zona de contato.

Os jornalistas estadunidenses na América Latina fazem parte de um conjunto de mediadores – que inclui empresários, militares, missionários, etc. – com envolvimento diversos e concepções distintas sobre o papel estadunidense. Um grupo responsável por produzir variadas narrativas e representações da região para o público dos Estados Unidos<sup>15</sup>. De fato, os veículos de informação são um ponto de arranjo de apropriações e intertextualidades, um lugar de exibição de projetos governamentais, religiosos, empresariais, científicos. A motivação basilar do envio de correspondentes internacionais pela imprensa, obter notícias e interpretações do estrangeiro que não sejam só precisas, mas também legíveis para o público local, o que implica mediação cultural das informações.

Tad Szulc foi essencialmente um intelectual mediador, um papel que tem uma série de funções sociais específicas<sup>16</sup>. Por um lado, ele mediou para um público amplo dos Estados Unidos não apenas o noticiário, mas também concepções sociais e políticas e até produções acadêmicas e literárias produzidas por norte e latino-americanos sobre a América Latina. Efetivamente, Szulc fez essa mediação não apenas para o leitor comum do *NYT*, mas trafegou por um público mais restrito com artigos acadêmicos, livros e reuniões a portas fechadas com professores universitários, generais, secretários de estado e até presidentes do continente americano. O papel do intelectual mediador vai além do simples traslado e tradução de saberes, ele também imprime uma marca própria, dando forma singular aos saberes. Sendo assim, Tad Szulc também criou conteúdos e os articulou a partir de agendas próprias.

Os cinco livros que Tad Szulc escreveu entre 1959 e 1965 sobre a América Latina e as suas relações com os Estados Unidos abarcam esse esforço de mediação e criação. Em 1959, lançou *Twilight of the Tyrants*, um estudo da ascensão e queda do poder do que considerava como cinco importantes ditadores da América do Sul: Getúlio Vargas no Brasil,

---

<sup>15</sup>Sobre a relação entre conhecimento imperial e representações da região, ver Salvatore (1998, p. 72).

<sup>16</sup>As conceituações a seguir sobre intelectual mediadores se valem de Castro Gomes e Hansen (2016, p. 18).

Juan Perón na Argentina, Manuel Ódria no Peru, Gustavo Pinilla na Colômbia e Marcos Jiménez na Venezuela. Nele o jornalista constrói um panorama histórico dando relevo à política e economia a partir de aproximações e diferenças entre os cinco países e também critica o apoio estadunidense a ditadores militares como Rafael Trujillo. Três anos depois publicou em parceria com o correspondente do *The Washington Post*, Karl. E. Meyer<sup>17</sup>, um livro sobre a fracassada ação de contrarrevolucionários cubanos na Baía dos Porcos – *The Cuban Invasion* (1962). Eles esquadrinham a revolução na ilha, atacando fortemente a condução da política externa dos Estados Unidos e da CIA na invasão.

No ano seguinte, lançou *The Winds of Revolution* (1963), um exame das condições sociais e transformações políticas da América Latina e erros da política externa estadunidense. Szulc utilizou um viés histórico e sociológico para apontar o insucesso da Aliança para o Progresso. Dois anos depois, o jornalista publicou mais dois livros, *Dominician Dairy* (1965a) e *Latin America* (1965b). O primeiro é uma compilação de notas de campo diárias de Szulc na cobertura entre abril e maio da intervenção militar estadunidense na guerra civil da República Dominicana. O outro livro é um volume que explica o que é a região, qual sua história, transformações sociopolíticas e econômicas e suas relações com os Estados Unidos. Dessa vez, sob um viés amplamente favorável à administração Johnson e às ditaduras militares latino-americanas que chegaram ao poder nos anos 1960<sup>18</sup>.

O jornalista tanto se beneficiou quanto ajudou a acelerar o crescimento do interesse público e o investimento político e acadêmico na temática América Latina após a Revolução Cubana<sup>19</sup>. O surgimento de uma nova leva intelectuais especializados na região foi nomeada de “os filhos de Castro”<sup>20</sup>. Usando esta mesma metáfora, é justo observar Szulc foi ao mesmo tempo progenitor e rebento do revolucionário cubano e da ascensão da América Latina como um tema relevante para imprensa e círculos intelectuais estadunidenses. O jornalista já estava desde os anos 1940 enviando reportagens sobre a região e foi um dos tantos liberais que exaltaram os guerrilheiros de Sierra Maestra em sua luta contra Batista. No início dos anos 1960, já numa conjuntura de acirramento das relações bilaterais com os Estados Unidos e guinada à esquerda do movimento cubano, Tad Szulc tornou-se um detrator da Revolução Cubana, um combatente nas trincheiras intelectuais da Guerra Fria. Ao mesmo tempo, passou

---

17Jornalista estadunidense com carreira nos principais diários do país, incluindo o próprio *NYT* a partir do final dos anos 1970. Meyer foi um dos correspondentes que entrevistou Fidel ainda em Sierra Maestra.

18Na Argentina, Peru, República Dominicana, Guatemala, Honduras, Equador e Brasil até metade da década.

19Expandiu-se em mais de três vezes a quantidade de livros, periódicos especializados e revistas publicadas sobre a América Latina, conforme Feres Jr. (2005, p. 287).

20Essa é a designação da história oral de José Meihy (1990, p. 165) para caracterizar o novo conjunto de pesquisadores universitários especializados em América Latina a partir da virada para os anos 1960.

à ação contra o regime de Fidel Castro, atuando como mediador e colaborador de contrarrevolucionários junto a CIA e a Casa Branca no Plano Leonardo – uma operação destinada a derrubar o governo através de um golpe militar<sup>21</sup>. O intelectual teve uma relação tensa e cheia de idas e vindas com os agentes secretos e promotores da política externa estadunidense, pendulando entre a posição de crítico ferrenho e a de franco apoiador.

Na segunda metade século XX, as políticas estadunidenses para os seus vizinhos ao sul perseguiram os propósitos estratégicos da promoção da segurança nacional e de seus interesses econômicos<sup>22</sup>. Pesquisadores como Lars Schoultz (2000, p. 17) e Cristina Pecequilo (2011, p. 29) apontam as raízes seculares, desde o final do século XVIII, desses motes basilares para a política externa. Uma historiografia crítica – incluindo trabalhos de Noam Chomsky (2007, p. 21) e Moniz Bandeira (2007, p. 34) – tende a dar especial relevo ao aspecto econômico. Apesar de se valer de suas contribuições, esta pesquisa avança pelo caminho bifurcado de exame das ações e escritos de Tad Szulc ante a busca estadunidense por proteção contra ameaças externas – não apenas bélicas, também políticas – e expansão dos seus negócios privados. Em um plano cronológico pós-Guerra, é possível dizer que esses objetivos da política externa para a América Latina foram estáveis, só que as percepções dos seus significados, as estratégias e ações para tentar concretizá-los variaram<sup>23</sup>.

O período da Segunda Guerra – no qual o jovem Tad Szulc aportou no Rio de Janeiro em fuga da perseguição nazista na Europa – foi um momento em que esses dois interesses estratégicos estavam em alta. Por um lado, os elos comerciais entre os estadunidenses e latino-americanos foram estreitados desde o século passado com os países da região importando cada vez mais produtos industrializados e exportando matérias-primas. Por outro, os Estados Unidos atuaram para obter apoio latino-americano no conflito. Ações de agências como o Birô de Assuntos Interamericanos, coordenado por Nelson Rockefeller, evidenciam a dimensão cultural desse estreitamento de laços com a região<sup>24</sup>. O investimento político, econômico e especialmente militar para ingresso da região no esforço beligerante incluiu também pressão pela adoção de resoluções multilaterais de defesa e declarações de

---

21Ele teve um papel ativo nos desdobramentos dessa operação secreta operada pelo serviço de inteligência entre 1963 e 1966. Recebeu até um nome em código – AMCAPE-1 – a ser utilizado pelos agentes envolvidos nela.

22Uma perspectiva reiterada em várias análises. Ver Peter Smith (2000, pos. 127) e George Herring (2008, p. 2).

23As interpretações do significado da segurança nacional e ações necessárias para obtê-la variaram consideravelmente durante o século XX. Tony Smith (1994, p. 3), identificou que ela esteve intimamente ligada a promoção de democracias no globo desde a virada do século. No entanto, essa é uma das diversas leituras que os pesquisadores fizeram. Para uma revisão historiográfica sobre o tema, ver Melvyn Leffler (2004, p. 123).

24O *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* foi uma agência criada ainda antes do ingresso dos Estados Unidos na guerra, em julho de 1941. Funcionando até meados de 1945, ela promoveu ações e propagandas no rádio, cinema, jornal e revistas dos Estados Unidos e América Latina. Consultar Antonio Pedro Tota (2000, pos. 536).

guerra às forças do Eixo<sup>25</sup>. Além disso, acordos que possibilitaram a criação de bases militares estratégicas fora dos Estados Unidos, como a de *Parnamirim Field* no Brasil, e o envio de tropas para a frente europeia<sup>26</sup>.

No pós-Guerra houve um recuo do interesse dos promotores da política externa dos Estados Unidos na América Latina. Isso porque, parecia aos estadunidenses que o novo inimigo a ser combatido – a União Soviética – se beneficiaria do cenário de destruição na Europa e Ásia. A avaliação da época era focar esforços nesses espaços para não ficar em desvantagem na Guerra Fria. Apesar do distanciamento inicial dos burocratas responsáveis pela política externa, no campo econômico, a integração da América Latina na esfera comercial estadunidense seguiu a passos largos de forma que a região se tornou um dos mais importantes mercados para os grandes empresários dos Estados Unidos. A atuação de magnatas como Nelson Rockefeller e Henry J. Kaiser na promoção de negócios e políticas para a América Latina – de investimentos à ajuda técnica – são exemplos do amplo interesse do setor privado daquele país<sup>27</sup>. Até a virada para os anos 1960, Tad Szulc foi um dos membros da grande imprensa que promoveu a atuação de empresas estadunidenses na região.

A região se manteve também nos planos dos generais e especialistas militares dos Estados Unidos logo após o desfecho da Segunda Guerra. Houve um intenso lobby pela instalação de bases em pontos estratégicos da região – como a ilha brasileira de Fernando de Noronha – e o acesso a materiais vitais para a moderna indústria bélica do país – urânio, tório, manganês, etc. – via acordos bi e multilaterais, bem como o fornecimento de equipamentos e treinamentos militares. O principal acordo militar do pós-Guerra envolvendo os países do continente, o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca de 1947, apresentou a base da estratégia de defesa do continente contra possíveis invasões do exterior<sup>28</sup>.

A historiografia identifica uma continuidade nessa busca estadunidense por formas de garantir que seu “quintal” – os países da América Latina – não cedesse à “ameaça vermelha” ao longo da Guerra Fria, mas esse mote tem importantes nuances<sup>29</sup>. Os caminhos para garantir governos capazes de resistir a ameaças internas e externas do comunismo

---

25Uma das preocupações centrais dos Estados Unidos foram a construção um arcabouço de segurança. Em 1939, a Primeira Reunião de Ministros do Exterior foi votada a neutralidade em relação a guerra e na Conferência de Havana, três anos depois foi costurado o ato de neutralidade continental como um instrumento anti-Eixo. Consultar Alexandre Alves Jr. (2009, p. 110) e Gerson Moura (2012, p. 44).

26Sobre as complexas relações políticas e militares dos Estados Unidos com seu principal aliado estratégico no continente durante a guerra, o Brasil, ver Frank McCann Jr. (1973, p. 47).

27A atenção privada foi maior que a dos sucessivos governos dos Estados Unidos até os anos 1960, e seus esforços mais variados e flexíveis. Ver Elizabeth Cobbs (1992, p. 17) e Pedro Tota (2014, p. 172).

28O TIAR foi umas das principais iniciativas militares no continente. Ver Sonny Davis (1996, p. 94).

29Diversas pesquisas evidenciam esse aspecto, entre elas, as de Joseph Smith (2005, p. 122), Joseph Tulchin (2016, p. 94) e Alan McPherson (2016, p. 4).



variaram no período entre Eisenhower, Kennedy e Johnson – o arco de administrações analisadas nesta pesquisa. A estratégia de ataque a governos de esquerda – por via política, militar e econômica – combinado com o apoio a regimes de direita declaradamente anticomunistas – independentemente do seu caráter autoritário – e no lucro das grandes empresas dos Estados Unidos foi contínua, mas com diversas direções e intensidades<sup>30</sup>.

Em um plano amplo, no tempo em que Dwight Eisenhower (1953-1960) esteve na Casa Branca e depois quando Lyndon Johnson (1963-1968) ocupou o mesmo endereço, o endosso a “ditadores amistosos” e esforço para derrubada de governos “perigosamente à esquerda”, como o de Jacobo Árbenz e João Goulart, foi uma tônica. John F. Kennedy (1961-1963) também fez uso dessa estratégia – como o desembarque dos contrarrevolucionários na Baía dos Porcos não deixa negar<sup>31</sup> – mas uniu-a com uma tentativa de promoção econômica da região. Todos visavam que seus vizinhos do sul fossem menos suscetíveis ao comunismo, mas Kennedy apostava que o desenvolvimento econômico era capaz de gerar regimes mais estáveis e menos vulneráveis. Já os outros dois atuavam considerando que a estabilidade era basilar para um efetivo progresso socioeconômico e garantiria países livres do comunismo<sup>32</sup>.

Um exame mais acurado dessas políticas tem de levar em conta que o combate ao comunismo via desenvolvimento econômico do jovem presidente democrata já havia começado nos últimos anos de Eisenhower. Tem de ressaltar também que o movimento pendular de enfoque no combate a governos latino-americanos mais à esquerda e a aproximação de regimes militares estáveis claramente anticomunistas já havia sido iniciado nos meses finais da administração Kennedy<sup>33</sup>. Tad Szulc foi um arauto das duas mudanças. Ele primeiro condenou os republicanos por desprezar os latino-americanos, para depois elogiar os democratas por prestar atenção à perigosa pobreza alastrada na América Latina. Alguns anos depois criticava a Aliança para o Progresso sob a batuta de Kennedy, para logo a seguir elogiar a primazia dada à estabilidade e ao direcionamento para os negócios privados dos Estados Unidos que marcou o governo Johnson sob a denominação de Doutrina Mann<sup>34</sup>. Utilizando a conceituação de Cecília Azevedo (2009, p. 198) para o liberalismo estadunidense, é possível dizer que Tad Szulc migrou de uma corrente heterodoxa para uma

---

30Como destacaram Lars Schoultz (2000, p. 395) e Cristina Pecequilo (2011, p. 231).

31Já tinha iniciado os plano de desestabilização do governo Goulart levados a cabo por Lyndon Johnson.

32Uma análise que se vale das contribuições de Jeffrey Taffet (2007, p. 60) ao comparar as perspectivas das políticas de Kennedy e Johnson para a América Latina.

33Para as permanências e discontinuidades das políticas de Kennedy, ver Stephen Rabe (1999, p. 93)

34Nome em referência a Thomas Clifton Mann, secretário de estado para assuntos interamericanos e da agência estadunidense para o desenvolvimento internacional, a *USAID*, na administração Lyndon Johnson. Apesar de ter permanecido no cargo por apenas um ano, foi o principal nome nas mudanças da política externa.

ortodoxa. O que significa dizer que deixou de lado o apoio a iniciativas de modernização objetivando uma América Latina democrática e liberal calcada no bem-estar social – com raízes no progressivismo e no *New Deal* –, e passou a endossar o combate coercivo do comunismo somado à defesa de ditaduras militares francamente favoráveis aos Estados Unidos<sup>35</sup>.

Perceber e examinar esse arco de mudanças de posições do jornalista ante a política externa estadunidense foi possível a partir do trabalho com uma década de publicação de livros, artigos e matérias jornalísticas diárias. Esse extenso conjunto de fontes históricas foi inquirida por meio da análise de discursos proposta pela historiografia da imprensa. Localizar o jornal em determinada conjuntura e pensar sua própria historicidade é uma ação basilar para esse tipo de exame<sup>36</sup>. O *The New York Times* já era uma instituição secular e principal veículo de informações do *establishment* quando Szulc ingressou nele. Além disso, atravessava um período de transformações internas que foram essenciais para os rumos que a trajetória profissional e intelectual do jornalista seguiu<sup>37</sup>.

A análise dos escritos de Tad Szulc leva em conta – como evidencia Robert Darnton (2010, p.17) – que as notícias não são repositórios de fatos, e sim coletâneas de relatos sobre acontecimentos. Nessa perspectiva, é necessário se preocupar menos com textos jornalísticos enquanto detentores de acontecimentos verdadeiros ou falsos sobre certo tema, e atentar para a forma como os conteúdos estão sendo mobilizados nos discursos. Nesse sentido, algumas perguntas essenciais foram: Quem faz o jornal circular? Quem escreveu? Para que? Como e quando? Dialogando com que público? Com quais pressupostos<sup>38</sup>? Foram inquiridas as estratégias de seleção, ordenação, estrutura e narrativa dos jornalistas e veículos de imprensa. Um exame que leva em conta que as notícias são produtos de enquadramentos específicos, atento ao lugar de fala e a posição de cada texto, perscrutando temas, linguagens e naturezas dos conteúdos utilizados<sup>39</sup>.

Nessa direção, contrastou-se a produção jornalística e livros de Szulc, com o material produzido por outros profissionais de imprensa e outros intelectuais norte e latino-americanos da mesma época. Além da comparação com as informações de despachos consulares, cartas, relatórios de reuniões, discursos e outros documentos oficiais produzidos nos Estados Unidos

---

35Uma trajetória intelectual em direção a direita – como será visto nos capítulos a seguir – que não foi exclusiva dele. Outros conhecidos intelectuais estadunidenses da mesma época seguiram a mesma rota, como Arthur Schlesinger Jr., Walt Withman Rostow, Lincoln Gordon, Richard Goodwin e outros.

36Como destacam Heloisa Cruz e Maria da Cruz Peixoto (2007, p. 258) em seus apontamentos metodológicos para a análise historiográfica da imprensa. Um esforço incorporado ao primeiro capítulo deste trabalho.

37Para uma história do *NYT* abarcando suas transformações em um século e meio, ver Gay Talese (2000).

38Questões essenciais na análise de discursos a partir da imprensa. Ver Capelato (1988, p. 24).

39Procedimentos metodológicos explicitados em Tania Regina de Lucca (2008, p. 139).

e América Latina. Os objetivos dessas operações historiográficas foi ter avaliações precisas e contextualizadas sobre a produção intelectual de Tad Szulc – atentando para suas continuidades e intermitências ao longo do tempo. Obter, também, uma leitura a contrapelo das conformidades e discrepâncias entre os discursos e as ações do jornalista.

Esses procedimentos foram necessários para dar conta da quantidade e variedade de textos de Szulc, publicados enquanto ele contatava autoridades e viajava pelo continente. Uma questão relevante foi como estruturar uma análise e apresentar coerentemente os resultados da pesquisa, diante da profusão e simultaneidade de temas abarcados e das ações de Tad Szulc. A opção foi por uma organização temática e temporal ao longo dos capítulos.

O primeiro capítulo – Um intelectual, seu jornal e a América Latina – perpassa o recorte temporal desde a ida de Tad Szulc para o Rio de Janeiro, nos anos 1940, até sua morte em Washington, em 2001. Ele se propõe a responder questões como: quem foi Szulc? Qual sua trajetória intelectual, seus vínculos e filiações? Qual sua interpretação da América Latina e seu papel como intelectual para as relações interamericanas? A sua primeira parte é um exame do seu percurso profissional e intelectual abarcando suas migrações entre a Europa – Polônia, Suíça e França –, o Brasil e os Estados Unidos. São investigados os primeiros vínculos de formação e ingresso nos veículos de imprensa na capital brasileira, também sua migração para Nova York, e sua aproximação de círculos intelectuais liberais. Seu ingresso na *United Press* e depois no *NYT* em uma conjuntura de profundas transformações do campo jornalístico estadunidense ante os desafios do macartismo e da competição com a televisão nos anos 1950. A atuação de Szulc no diário nova-iorquino até os anos 1970 é esquadrinhada e seus vínculos – nem sempre amistosos – com governos, empresas, serviços de inteligência, instituições acadêmicas e militares dos Estados Unidos e da América Latina. São examinadas também suas interpretações dessa região. Em uma perspectiva comparada à história e geografia estadunidense, Tad Szulc produziu uma leitura complexa da realidade latino-americana que contrastou com a imagem de pobreza e incivilidade que norteava representações da região nos Estados Unidos desde o século XIX.

O segundo capítulo – Os passos a caminho do desenvolvimento – aborda os escritos de Tad Szulc sobre o desenvolvimento da América Latina entre 1955 e 1961. Ele examina como o intelectual formulou em texto e imagens a ideia de uma região que caminha a passo largos para a modernidade. Atenta para questionamentos sobre como Szulc apresenta e analisa as iniciativas de desenvolvimento latino-americanas. Examina os papéis do governo e empresas dos Estados Unidos no tocante a tal questão, e a atuação de Szulc como intermediador de interesses norte e latino-americanos. O capítulo inquire suas matérias sobre

o desenvolvimento enquanto o processo de civilização da natureza, evidenciando as articulações de Szulc para promover programas políticos latino-americanos, especialmente do Brasil e do Chile. Há também o cotejamento entre a política externa de Eisenhower e os escritos do jornalista sobre o papel do governo, e especialmente das empresas norte-americanas, na promoção do desenvolvimento da América Latina a partir do tripé ciência, tecnologia e capital. Por fim, dá conta das representações da natureza latino-americana como espaço da beleza e do deleite em um projeto de expansão do turismo acalentado por corporações norte e latino-americanas.

As ditaduras e o nacionalismo são as temáticas centrais do terceiro capítulo, intitulado O crepúsculo dos tiranos. Ele esquadrinha as posições de Szulc sobre os governos da América Latina, e sua interpretação para temas-chave da política externa estadunidense na região, o nacionalismo e o comunismo. Ele analisa a perspectiva liberal do pós-Guerra – aproximada do *Vital Center* (1949) de Arthur Schlesinger Jr. – a partir da qual Tad Szulc formulou uma visão negativa do nacionalismo e ditaduras na América Latina entre 1955 e 1961. O capítulo examina os elos que estabelece entre os dois temas no passado e presente latino-americano e a forma como apresenta questões como a censura, o personalismo político, os golpes militares e o populismo nas páginas do *NYT* e livros. Nesse sentido, analisa-se *Twilight of the Tyrants*, sua história das ditaduras sul-americanas de 1959. Há um aprofundamento sobre como o correspondente aproximou nacionalismo e autoritarismo com o crescimento de uma percepção negativa dos Estados Unidos nos países latino-americanos. São perscrutadas as imagens que o correspondente formula de uma América Latina que se liberta do “jugo tirano” – como o ocaso de Getúlio Vargas e Juan Perón nos anos 1950 – em contraste com ditadores que seguiam no poder – por exemplo Trujillo na República Dominicana – consideradas por ele como símbolo da repressão e atraso. Há também exame da crítica de Szulc à política externa da administração Eisenhower. Em aproximação com governos latino-americanos, ele considerou que a administração republicana errava ao apoiar tiranos em nome dos objetivos da Guerra Fria e não atentar para as demandas sociais e econômicas da América Latina.

O quarto capítulo – Um espectro ronda a América Latina – examina os escritos e atuação de Tad Szulc entre 1960 e 1965, período em que ascendeu profissionalmente e passou a trabalhar para a sucursal do *NYT* em Washington. Suas questões-chave são: qual a interpretação de Szulc para a Cuba revolucionária e a América Latina? Qual sua inserção nos debates intelectuais sobre revolução e modernização da região e seu combate do comunismo em textos e ações? Qual sua avaliação e papel para as políticas externas de John F. Kennedy e

Lyndon Johnson? Nesse período o jornalista aprofundou suas discussões sobre a política, economia e organização social da América Latina, utilizando o conceito de revolução social. No capítulo, também há uma análise da afeição inicial de Szulc pela Revolução Cubana – em conjunto com outros intelectuais liberais estadunidenses – seguido do seu desencanto e sua condenação do regime de Fidel Castro nas páginas de jornal e livros. Cuba passou a ser encarada pelo jornalista, como o grande mal a ser combatido em território latino-americano, sob o risco da “ameaça vermelha” alastrar-se pela região. O exemplo disso seria, segundo ele, o avanço das Ligas Camponesas no Nordeste do Brasil. Tad Szulc combateu o comunismo não apenas nas trincheiras intelectuais, ele juntou-se a exilados cubanos e a CIA em planos de ação para derrubar o Fidel Castro. Uma relação intrincada e de idas e vindas com a CIA e a Casa Branca na primeira metade dos anos 1960. Szulc foi comensal de diretores da agência, de John F. Kennedy e do alto escalão do presidente e do seu sucessor. Elogiou ações da administração Lyndon Johnson de apoio a regimes militares anticomunistas que contrariavam as posições que defendia até então. Ao mesmo tempo em que colaborou, estabeleceu uma posição crítica aos serviços de inteligência e as principais ações estadunidenses na região, incluindo a Invasão da Baía dos Porcos, a Aliança para o Progresso, e a intervenção na República Dominicana.

Por fim, a conclusão retoma os resultados obtidos na pesquisa. Nela é retomada a atuação complexa de Tad Szulc para as relações interamericanas entre 1955 e 1965. São apresentadas as principais conclusões de cada capítulo em relação às hipóteses centrais deste trabalho.

## 1. UM INTELLECTUAL, SEU JORNAL E A AMÉRICA LATINA

Norte-americanos, lendo as últimas notícias de Havana ou Panamá ou Rio, ou envolvidos, como turistas, em um tumulto de rua em uma cidade latino-americana. Eles tendem a fazer perguntas que variam de “Por que vocês sempre têm revoluções e ditadores?” até “Por que a América Latina sempre parece precisar de nossa ajuda se ela é tão rica?” Para as quais a resposta padrão, entregue com mágoa, é: “O problema com vocês norte-americanos é que vocês realmente não nos entendem” (*NYT*, 21 fev. 1960, p. 11)<sup>40</sup>.

Nos últimos dias de fevereiro de 1960, o presidente estadunidense Dwight D. Eisenhower acabara de iniciar uma viagem oficial pela América Latina que teria como ponto alto sua passagem pelo Brasil. Nessa ocasião, o *The New York Times* publicou um artigo especial em uma de suas recheadas edições de domingo para iniciar a cobertura da excursão presidencial abaixo da fronteira do Texas. Estruturado a partir de perguntas e respostas, esse texto se propôs a explicar para os leitores o que estava ocorrendo no continente nos últimos anos e o papel dos Estados Unidos nesse contexto. Abaixo do título, aparece o nome e as credenciais do profissional responsável por responder essas questões: “Tad Szulc, jornalista a frente do escritório do *NYT* do Rio de Janeiro desde 1955”.

Nas três páginas de texto e fotografias que compõem a matéria, Szulc tratou de uma série de questões latentes para a América Latina, seus problemas sociais, sua política, o desenvolvimento econômico, as ditaduras e revoluções. Além disso, fez uma avaliação da política externa norte-americana para a região de tom pouco amistoso em relação aos planos e ações do presidente republicano que levantara voo em direção ao sul. Essas eram temáticas que já permeavam o trabalho do correspondente nos cinco anos a frente do escritório no Brasil e nos cinco próximos como comentarista político em Washington.. Suas indagações e análises foram escritas a partir da perspectiva de um especialista que desvenda para o público as nuances de um assunto sobre o qual tem pleno domínio. Essa posição de perito acompanhou a atuação do jornalista na década, entre 1955 e 1965, em que escreveu cinco livros sobre a América Latina e inúmeros artigos, reportagens, relatos de viagem, resenhas e editoriais para o principal jornal dos Estados Unidos.

O *The New York Times* está longe de ser o jornal mais rentável ou de maior circulação do mundo, mas se fez o mais poderoso do globo ao longo do século passado por sua capacidade de influenciar, seu peso nos governos, universidades, organismos

---

<sup>40</sup>“North Americans, reading the latest news from Havana or Panama or Rio, or involved, as tourists, in a street affray in some Latin American city. They are likely to ask questions ranging from ‘Why you people always having revolutions and dictators?’ to ‘Why does Latin America always seem to need our aid if she's so rich?’ To which the standard answer, delivered with hurt feelings is: ‘The trouble with you North Americans is that you don't really understand us’”.

internacionais, opinião pública e na mídia em geral<sup>41</sup>. O *NYT* é um veículo de imprensa reconhecido nacionalmente, seus editoriais são escritos como se refletissem não apenas o ponto de vista do seu grupo diretivo e seus colaboradores, mas de toda a nação. Esse diário é investido, nos termos de Edward Said (2005, p. 447), de uma autoridade sóbria, de vasta pesquisa e juízo pensado. O estilo dele sóbrio e antiquado, inclusive na escolha da tipografia rebuscada e antiga. Said se refere ao estilo moderado, e por vezes espartano, de produzir notícias, apegado à precisão e volume de dados, bem como aos informes oficiais, que lhe rendeu o apelido de *The Old Gray Lady* – A Velha Senhora de Cinza<sup>42</sup>. Uma publicação de tendência liberal no centro do espectro político estadunidense e laços com o *establishment*, os grupos com grande influência nas esferas política, cultural, econômica e, no caso da maior potência armada do globo, também militar.

Há diversas pesquisas que investem nesse elo ao tratar da relação entre imprensa e política interna e externa nos Estados Unidos. É o caso dos trabalhos preocupados em evidenciar que os veículos de informação fabricam consentimento social para políticas econômicas e sociais que atendem demandas do governo, partidos e grandes empresas<sup>43</sup>. Não há como deixar de lado esses laços entre a grande imprensa e o *establishment*. Todavia, há de se considerar também que apesar do peso e do diálogo intenso com governos, partidos e empresas, a imprensa e os jornalistas não são meros braços letrados desses poderes. Eles são atores autônomos atuando em um teatro político que não é imóvel, os personagens se aproximam e se distanciam de acordo com conjunturas variadas.

O *The New York Times* é um jornal liberal, atento às concepções basilares do liberalismo de emancipação, racionalidade e progresso. Ele se insere em um projeto humanista que demanda aos cidadãos ir além dos interesses pessoais e pensarem no coletivo, como membros de uma comunidade nacional comprometida com sua grandeza. É basilar deixar claro que o liberalismo não correspondente a um conjunto de ideias imutáveis ao longo do tempo<sup>44</sup>. O pós-Guerra, momento em que os liberais dos Estados Unidos atuaram em uma conjuntura que combinava, entre tantas outras questões: a ascensão inédita do consumo; medo do totalitarismo; combate ao comunismo; luta pelos direitos civis e seguridade social; e

---

41O *NYT* era o terceiro maior em circulação impressa nos Estados Unidos com 1,7 milhão de exemplares aos domingos em 2007. A frente dele estava em primeiro lugar o *USA Today* e em segundo *The Wall Street Journal*. A título de comparação, o jornal japonês *Asahi Shimbun* tinha então uma circulação média de 21 milhões edições impressas diariamente. Sobre os maiores jornais do globo, ver Molina (2008, p. 112).

42Não está clara a origem do apelido, confirmado é que o texto especial do centenário da publicação, em 1951, escrito para a revista *Life* pelo jornalista Meyer Berger já utilizava a designação.

43Como na análise seminal de Edward Herman e Noam Chomsky (2002, p. XI) sobre o tema.

44Para um detalhado perfil histórico do liberalismo desde a Idade Moderna, ver José Guilherme Merquior (2016).

corrida tecnológica e armamentista<sup>45</sup>. O liberalismo, a partir dos anos 1940, configurou-se como um conjunto de ideias descendentes do *New Deal* que moldou a expansão das responsabilidades sociais e econômicas federais, e que teve entre suas preocupações centrais os direitos individuais e coletivos. Junto das ideias de liberdade de expressão, de opinião política e credo religioso, os liberais – entre eles Szulc – passaram a defender o acesso a um padrão mínimo de qualidade de vida – o que incluiu questões trabalhistas, educacionais, sanitárias, entre outras.

A partir dessa base em comum, o liberalismo estadunidense é uma cultura política composta por um amplo e intricado leque de perspectivas. Tad Szulc, por exemplo, foi um liberal que comungou com intelectuais de centro ligados a imprensa e que discutiam questões sobre política, direitos civis, capitalismo e Guerra Fria. Um dos expoentes desse grupo foi o historiador Arthur Schlesinger Jr., sua obra *The Vital Center: the politics of freedom* (1949) é um marco para o campo liberal estadunidense após a Segunda Guerra Mundial<sup>46</sup>. Schlesinger Jr. era próximo de Szulc e de outros jornalistas dos grandes veículos de imprensa – como Karl Poper do *The Washington Post*. O historiador já era uma figura proeminente na academia e meio intelectual estadunidense quando Szulc aportou nos Estados Unidos. Na década de 1950, já como escritor premiado pelo Pulitzer e figura central da organização *Americans for Democratic Action*, ele passou a atuar nas campanhas democratas, o que realizou até os anos 1980. Na administração de John F. Kennedy assumiu posto de assistente especial – tendo entre suas áreas de atuação a América Latina – e fez parte do núcleo de pessoas influentes sobre as decisões do presidente. Assim como ele, Tad Szulc foi um dos tantos intelectuais centrados em Nova York que alicerçaram uma crítica liberal ao que consideraram ameaças de direita e esquerda à sociedade, e aos rumos políticos dos Estados Unidos.

Eles saíram em defesa de um capitalismo que combatesse o comunismo sem deixar de lado a liberdade e o bem-estar social dentro e fora do território estadunidense. Defendiam ações que promovessem ao mesmo tempo a construção da ordem internacional e a contenção ao comunismo. Esses dois objetivos foram centrais para política externa estadunidense no pós-Guerra<sup>47</sup>. Nessa direção, uma das questões exploradas insistentemente pelo correspondente do *NYT*, foi a necessidade de uma política estadunidense de combate a pobreza, ao analfabetismo e ao desemprego como forma de combater o comunismo na

---

45Os significados do liberalismo depois de 1945 expressos a seguir se valem das contribuições de Gary Gerstle (1994, p. 1045), Alain Brinkley (2000, p. 38) e Kevin Mattson (2004, p. 6).

46 Obra central do campo que causou furor à época ao defender as ações da administração Truman na Grécia – uma das primeiras intervenções após o fim da Segunda Guerra – e acusar os intelectuais contrários a ela de não serem suficientemente duros para o combate da Guerra Fria. Ver Schlesinger Jr. (1949).

47Questões que serão discutidas nos três capítulos a seguir, especialmente no 3 e 4.



América Latina<sup>48</sup>. Discussões dos círculos intelectuais e políticos estadunidenses que fundamentaram ações no exterior já no imediato pós-Guerra – a exemplo do Plano Marshall – mas que só vieram a ser aplicadas efetivamente para a América Latina já próximo a virada para os anos 1960. Um outro flanco abordado por Szulc foi a da crítica à política externa de manutenção de “ditadores amistosos” no continente americano como arma na Guerra Fria nas administrações Truman e Eisenhower<sup>49</sup>.

Apesar de assumirem posições que questionavam a política interna e especialmente a condução de assuntos externos dos Estados Unidos, intelectuais como Tad Szulc e Arthur Schlesinger Jr. não podem ser considerados como críticos radicais. Ambos fizeram oposição apenas a um espectro limitado de diretrizes da ação estatal no plano nacional e internacional. Eles fizeram parte de um conjunto heterogêneo de jornalistas dos grandes veículos de imprensa, artistas e acadêmicos que apesar, de apontar falhas nas políticas estadunidenses, apoiavam seu caráter interventor na sua própria sociedade e na de outros países e seu combate da Guerra Fria<sup>50</sup>. O caráter das suas posições era adequar as iniciativas estadunidenses; aceitavam o papel ativo de intervenção sobre o globo e visavam uma melhor forma de combater a “ameaça vermelha” na Guerra Fria. Eles faziam parte do *establishment*, circularam entre posições destacadas nos círculos da burocracia estatal, academia e jornais dos Estados Unidos.

A nova conjuntura do pós-Guerra foi o motor para mudanças também na imprensa. O *The New York Times* saiu do conflito como um dos jornais mais lidos dos Estados Unidos e com maior capilaridade de correspondentes ao redor do planeta – cinquenta em cinco conforme os dados apresentados por Matías Molina (2008, p. 149). Gozando dessa posição destacada, o já centenário diário foi um dos mais afetados por mudanças no campo do jornalismo escrito. Uma época de competição com a ascensão televisão e uma nova expectativa do público sobre o papel dos Estados Unidos no mundo.

O *NYT* foi não apenas o lugar de trabalho de Tad Szulc, também a plataforma de publicação e promoção dos seus escritos e ideias, bem como a instituição que lhe permitiu ter acesso aos círculos de poder político, econômico e social de todo o continente americano. O jornal começou a circular em 1851, sob o título de *The New-York Daily*, e seis anos depois assumiu seu nome atual. Em 1896, o diário foi comprado por Adolph Ochs, descendente de

---

48Para um exame crítico da política externa dos anos 1940 e 1950, ver Stephen Rabe (1988, p. 113).

49Expressão de Lars Schoutlz (2000, p. 369) em sua análise do endosso militar, financeiro e político a ditadores latino-americanos – como Fulgêncio Batista em Cuba e Rafael Trujillo na República Dominicana – até o final dos anos 1950.

50Conforme a crítica de Noam Chomsky (2005, p. 149) as relações entre os intelectuais do *establishment* e as políticas dos Estados Unidos durante a Guerra Fria.

judeus alemães que migraram para os o país na metade do século XIX e que era dono do *Chattanooga Times*, um pequeno jornal do interior do estado de Tennessee, sul dos Estados Unidos. A trajetória do jornal desde então esteve atrelada à atuação da família Ochs Sulzberger. Até o presente já são cinco gerações de membros da família no controle do jornal como *publishers*, o cargo de editor geral, que no caso do *NYT* é vitalício.

Ao assumir a publicação, Adolph Ochs iniciou uma série de mudanças que marcam o jornal até hoje. Uma delas foi eliminar as novelas de folhetim e as matérias consideradas de tom escandaloso – histórias sobre assassinatos, traições, boatos etc. Outra mudança foi expandir as notícias sobre negócios e finanças e a cobertura sobre o governo local e federal, dois pontos marcantes do veículo de imprensa desde então. O início dos anos 1930 foi de intensas transformações no *The New York Times*, foi o momento em que a segunda geração da família assumiu controle na figura de Arthur Ochs Sulzberger. Sob sua gestão, em 1932 foi convidado para a função de diretor de redação um experiente correspondente internacional, Edwin James. Nos dezenove anos em que o par Sulzberger-James esteve à frente da publicação, vivenciou-se uma maior expansão da cobertura nacional e internacional.

O pós-Guerra foi um contexto de mudanças profundas no campo jornalístico estadunidense, boa parte delas por conta de um novo e adverso cenário para a imprensa escrita. Por um lado, houve um rápido aumento nos custos de produção, pois havia uma demanda congelada de aumento de preços e salários durante a Segunda Guerra que afetou os jornais. Os sindicatos dos tipógrafos e dos jornalistas, por exemplo, faziam pressão sobre os jornais por aumentos salariais<sup>51</sup>. Por outro, a circulação dos jornais, que se manteve em alta na segunda metade dos anos 1940, começou a declinar na virada para a década seguinte.

Nesse momento, o jornal impresso e o rádio começavam a sentir os primeiros efeitos da ação de um novo competidor do mercado de notícias, a televisão. O início dos anos 1950 foi o momento em que os televisores se espalharam pelos lares dos Estados Unidos e apesar de inicialmente não darem lucros às emissoras, havia um investimento pesado na expansão dos seus departamentos de jornalismo. Eram investimentos das gigantes do rádio (ABC, CBS e NBC) no novo veículo de informação. Essas empresas se consolidaram na televisão, que acabou virando rapidamente sua principal fonte de receitas. Para lidar com esse cenário – e aproveitando que o papel não era mais racionado como durante a guerra – os jornais ampliaram o espaço da publicidade, um mercado em disputa com esses outros competidores. Szulc foi um dos correspondentes internacionais da publicação envolvido nesse esforço

---

<sup>51</sup>Para aprofundamento no quadro da imprensa escrita estadunidense depois da Segunda Guerra, consultar Edwin Emery (1965, p. 754) e Christopher Daly (2012, p. 288).

quando atuou no escritório do Rio de Janeiro; ele atrelou entre suas reportagens diversas peças publicitárias sobre viagens, indústrias, empresas etc.

Na segunda metade dos anos 1940 e, especialmente, no início da década de 1950, se iniciou a consolidação da geração de jornalistas do *The New York Times* que ganhou notoriedade na cobertura da Segunda Guerra. Entre os jornalistas havia a leitura de que a imprensa já não podia competir com a velocidade da ascendente televisão<sup>52</sup>. A avaliação era de que os diários precisariam então ter uma cobertura com mais interpretação dos fatos e, ao mesmo tempo, deveriam publicar notícias menos extensas e mais significativas para seu público. Nesse contexto, havia também uma preocupação com a formação profissional e a qualidade e objetividade das matérias.

Entre as mudanças operadas no *NYT* esteve a gradual substituição da velha guarda por figuras de confiança, mais jovens, que possibilitassem essa nova forma de fazer jornalismo. Nessa perspectiva, o diário nova-iorquino adotou um novo tipo de tratamento para a região a partir do recém-criado cargo de correspondente itinerante. Cabia a nova função a realização de uma cobertura renovada, mais ampla e intensa do que os correspondentes vinham fazendo nos últimos vinte anos a partir do Brasil e da Argentina. Era necessário enviar matérias para quase todas as edições do diário e viajar por diversas partes do território que ia da América do Sul até a América Central e Caribe. Além disso, produzir textos que fossem além da visão convencional da política e economia com a qual os leitores estavam acostumados.

Esse redirecionamento da cobertura jornalística da região se insere em um quadro de novas demandas do público leitor. Depois do final do conflito global em 1945, boa parte da opinião pública abraçou e criou grandes expectativas sobre um novo papel de intervenção estadunidense em assuntos externos. Esse interesse público no que ocorria para além das fronteiras nacionais possibilitou que se mantivesse – assim como durante a guerra – um enfoque das publicações na sua cobertura internacional<sup>53</sup>. Os novos cargos do *The New York Times* no Brasil e na Argentina foram ocupados por jornalistas com experiência no exterior. Logo após Catledge assumir a direção, foi enviado o jornalista Sam Pope Brewer<sup>54</sup> para o Rio

---

<sup>52</sup>Sobre as transformações do *NYT* nesse recorte temporal, ver Gay Talese (2000, p. 215).

<sup>53</sup>Sobre contexto social estadunidense após os eventos de 1945, consultar James Patterson (1996, p. 74).

<sup>54</sup>Brewer foi um estadunidense que se graduou em jornalismo em 1935 na Universidade de Yale, na costa leste dos Estados Unidos. Desde a década de 1930 construiu uma sólida carreira no exterior e ingressou no jornal em 1945 depois de ganhar fama na cobertura da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra para o *Chicago Tribune*. Mais informações em <<http://www.nytimes.com/1976/04/22/archives/sam-pope-brewer-dead-at-66-times-foreign-correspondent.html>> Acesso em 08 ago. 2017.

de Janeiro e o jornalista Edward A. Morrow<sup>55</sup> para Buenos Aires, tendo o primeiro ocupado a posição de correspondente chefe.

Esses jornalistas faziam parte de uma geração formada nos bancos das universidades antes da Segunda Guerra e que ganhou destaque a partir do conflito. Eles atuaram na região até meados dos anos 1950, quando o *The New York Times* iniciou na América do Sul um sistema de troca de jornalistas. Numa das ações de renovação foi adotada a partir de 1955 uma mudança a cada três anos, cujo objetivo era evitar envolvimento e consequente perda de capacidade crítica do jornalista em relação ao país que cobria<sup>56</sup>. A publicação transferiu Pope Brewer e trouxe Tad Szulc para o Rio de Janeiro meses antes do fim de 1955. Dois anos depois, substituiu Edward Morrow, em Buenos Aires, por Juan de Onis<sup>57</sup>.

Todos esses jornalistas transferidos para os escritórios sul-americanos a partir da reforma do *NYT* frequentaram universidades. Os anos 1950 é um recorte de ascensão da crítica jornalística e da profissionalização do campo. Entre as principais críticas à imprensa estavam: conteúdo raso; ligações com os interesses de grandes grupos financeiros; partidarismos; falta de variedade de opiniões; sensacionalismo; e falta de interpretação nas matérias. Houve violentos embates dentro e fora do campo jornalístico em torno desses problemas, uma das soluções pensadas na academia e por parte do corpo de jornalistas foi o investimento em formação<sup>58</sup>. Percebe-se também que, na segunda troca de correspondentes há também um fator geracional, pois tanto Tad Szulc quanto Juan de Onis eram pelo menos quinze anos mais novos que seus antecessores, Brewer e Morrow. Em se tratando do projeto de atualização do jornalismo produzido pela publicação, a América Latina deixa de ser o espaço de atuação de uma geração que ascendeu com a Segunda Guerra para dar lugar à outra que só iria se consolidar a partir da virada para a década de 1960.

Esses correspondentes tiveram de lidar com um novo contexto para a imprensa estadunidense, no qual pensavam questões como a caçada a supostos comunistas. Entre a segunda metade da década de 1940 e início dos anos 1960, existiu uma verdadeira caça às bruxas em diversos campos, dos sindicatos até os estúdios de Hollywood passando pelas

---

55Morrow ingressou no *NYT* em 1943 depois de experiências em jornais de comércio exterior. Quando ainda era estudante de jornalismo na Universidade de Columbia, trancou o curso para ingressar nas fileiras republicanas da Guerra Civil Espanhola. Antes da Argentina, trabalhou na Alemanha e Polônia. Informações disponíveis em <[query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9A04EEDA1638E63ABC4E52DFB3668382679EDE](http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9A04EEDA1638E63ABC4E52DFB3668382679EDE)> Acesso em 02 mai. 2017.

56Conforme o relato de Robert Darnton (2010, p. 92), historiador da imprensa e ex-repórter do *NYT*.

57Um novo-iorquino formado em Princeton e mestre em jornalismo pela Universidade de Columbia. Atuou ao longo da carreira na América Latina, África e Oriente Médio. Conforme <<http://www.worldaffairsjournal.org/users/juan-de-onis>> Acesso em: 02 mai. 2017.

58Para aprofundamento no papel da formação universitária para a imprensa dos anos 1950 e 1960, ver Edwin James (1965, p. 770).

universidades, departamento de Estado e jornais. O diário nova-iorquino foi um alvo central da subcomissão do Senado que investigaram casos de comunismo na imprensa dos Estados Unidos em meados da década de 1950<sup>59</sup>. A perseguição promovida À pessoas dentro e fora das instituições oficiais, sob a alegação de ligações com o comunismo, teve seu ponto alto a partir da atuação de uma figura emblemática para a relação entre governo e imprensa, o senador republicano Joseph McCarthy<sup>60</sup>.

Nessa época, havia a avaliação que o modelo de objetividade utilizado na produção de notícias, o *just the facts* - em português, apenas os fatos - contribuíram para criar o fenômeno McCarthy<sup>61</sup>. O modelo de jornalismo então hegemônico era explorado com grande habilidade pelo senador a partir de sua metralhadora de acusações que o mantinha sempre em alta nos jornais. A falta de contextualização e necessária avaliação do que estava sendo informado possibilitava um jornalismo raso que, por vezes, apenas repetia discursos com um crivo frouxo sobre qualidade e veracidade. O caso de Joseph McCarthy contribuiu para que uma outra forma de se fazer jornalismo ganhasse holofotes no início dos anos 1950. A apreciação era de que se fazia necessário responder os porquês, contextualizar e no mesmo passo tornar inteligível ao público estadunidense os acontecimentos noticiados, produzir o que se convencionou chamar de jornalismo interpretativo. A matéria especial do início de 1960 que explicava os “porquês” da viagem do presidente Eisenhower a América Latina, foi escrita dentro desse viés. Szulc foi justamente um dos jornalistas contratados pelo *The New York Times* nos anos 1950 na esteira desse novo fazer jornalístico.

### **1.1 O homem que sabia português (e tantas outras línguas)**

Um dia aportou no Rio de Janeiro um jovem migrante que, a partir dessa cidade, desenvolveu uma carreira como jornalista que o tornou um intelectual conhecido e com escritos publicados em importantes publicações do mundo. Um homem com circulação por diversos continentes, notório saber em línguas e envolvimento em assuntos de política externa. Tadeusz Witold Szulc teve sua vida marcada por viagens. Nasceu no seio de uma

---

<sup>59</sup>Sobre o contexto de caça as bruxas e macartismo, consultar Melvin Small (1996, p. 82).

<sup>60</sup>Em um famoso discurso de McCarthy realizado numa reunião republicana na Virgínia em fevereiro de 1950, o senador denunciou o que seria supostamente uma infestação de comunistas na administração federal. Essas acusações e diversas outras que ele realizou nos anos seguintes, a maior parte sem fundamentos, causaram furor na imprensa e tiveram grande impacto sobre a opinião pública estadunidense.

<sup>61</sup>Para uma avaliação do peso do macartismo nas transformações no jornalismo dos Estados Unidos após a Segunda Guerra, consultar Christopher Daly (2012, p. 297).

família judia abastada da cidade de Varsóvia, em 25 de julho de 1926<sup>62</sup>. No contexto do crescimento do antissemitismo na Europa de meados dos anos 1930, seus pais – Seweryn e Janina Barach Szulc – migraram para o Brasil e enviaram seu filho para o colégio interno Le Rosey, na Suíça. Ele ingressou nessa instituição elitizada em 1937 e lá teve uma educação bilíngue – em inglês e francês. Após o estopim da Segunda Guerra Mundial, ele passou pela França e migrou em 1941 para o país em que moravam seus genitores. Ele aportou numa cidade que seria um dos espaços centrais para sua vida, o Rio de Janeiro.

Uma das palavras-chave para entender a trajetória de Szulc é migração, uma vez que as mudanças entre países caracterizaram não apenas seu trabalho para o *NYT* entre os anos 1950 e 1970, mas toda sua biografia. Em um quadro sintético, a formação intelectual de Szulc se deu em três momentos intercalados entre continentes. Ela se iniciou na Europa, incluindo a primeira parte dos estudos formais durante a infância e boa parte da juventude. Depois, o início da vida adulta, ingresso na universidade e início da carreira jornalística no Brasil. Por fim, a maturidade nos Estados Unidos, com a formação da família, sucesso na grande imprensa a partir da correspondência internacional, e novas ações intelectuais, incluindo a publicação dos seus primeiros livros.

A ideia de intelectual é fluida, larga e polissêmica. Já no início do século XX, a palavra intelectual era aplicada para uma série heterogênea de artistas, cientistas, escritores, jornalistas, etc. Um conceito largo para abordar figuras públicas variadas com responsabilidade moral de influir nas ideias da nação e moldar ações da política<sup>63</sup>. O que passa ao largo de grandes figuras do campo cultural e político de cada época. Certo é que os jornalistas, como Tad Szulc, só foram considerados intelectuais depois da expansão dessa categoria social. Algo possível, como argumenta Edward Said (2005, pos. 227), a partir do crescimento do uso das línguas nacionais e da formação escolar básica; da expansão das universidades e da mídia como um todo e a criação de públicos específicos para os mais diversos temas. É pertinente observar que Tad Szulc foi durante os anos 1940 e 1960 um desses intelectuais da imprensa especializados no nicho da América Latina e das relações interamericanas.

O conjunto de aspectos que caracterizam os intelectuais nos leva a pensar como definir grupo tão amplo e variado e, especialmente, como analisar sua atuação e escritos. Uma premissa é encarar – como o fazem Noberto Bobbio (1997, p. 110) e Jean-François Sirinelli (2003, p. 242) – os intelectuais enquanto homens de ideias, relacionados à criação e mediação

---

<sup>62</sup>Todas as fontes consultadas para obter informações biográficas de Tad Szulc estão disponíveis em um item específico da seção Fontes e referências bibliográficas.

<sup>63</sup>Sobre a fluidez do conceito de intelectual, ver Zygmunt Bauman (2010, pos. 134).

cultural e ao engajamento, vinculados – diretamente ou não – à intervenção política e social<sup>64</sup>. É singular examinar esses aspectos no caso de jornalistas como Szulc porque atuam justamente com criação e mediação de textos e imagens para o público – são intelectuais mediadores<sup>65</sup>. Como será visto a seguir, por um lado Tad Szulc apresentou ao público amplo de leitores de jornais, as discussões sobre a economia, política e sociedade latino-americana que circulavam apenas entre acadêmicos e especialistas dos Estados Unidos e América Latina. Por outro lado, lançou elementos das discussões intelectuais latino-americanas sobre o papel da política externa estadunidense para os círculos fechados de altos burocratas, militares, uma mediação em sentido Sul-Norte.

Esquadrinhar vínculos e entender como os intelectuais realizam seu duplo papel de criadores e mediadores culturais requer atentar para os itinerários pessoais. Longe da uniformidade, as trajetórias são variadas, não lineares e múltiplas, por isso analisá-las exige um investimento numa perspectiva contextual. Nesse caminho, tomamos como norte as contribuições de Edward Said (2005, pos. 278) para a análise das trajetórias intelectuais. A contextualização dá relevo ao movimento de lentes que posiciona o foco nas relações dos intelectuais com os mundos que os circundam, destacam suas filiações e movimentos em conjunturas sociais, políticas, econômicas e culturais específicas, além de aspectos pessoais e formativos inseridos nesses contextos. Nessa direção, o exame historiográfico da trajetória de Tad Szulc vale-se de questões variadas. Entre elas, a relevância da migração entre polos políticos e sociais distintos e a ascensão profissional a partir do conhecimento de línguas, bem como as importantes relações entre imprensa, mundo social e política externa.

Uma vez no Rio de Janeiro, o jovem Szulc frequentou um dos mais destacados centros de ensino superior do país, a Universidade do Brasil. Permaneceu na jovem instituição – criada em 1937 a partir das reformas educacionais de Getúlio Vargas<sup>66</sup> – e nela permaneceu até 1945. Não chegou a concluir um curso, mas o diploma de jornalismo não era obrigatório – hoje também não é – para exercer a profissão no país. O jornalista brasileiro Nahum Sirotski, seu amigo desde então, o descreveu como sendo nessa época um “garotão culto, alto, tipo polonês”, um judeu refugiado de comportamento aristocrático. É importante sublinhar que as amizades de Szulc na capital do país interseccionaram dois círculos, o do jornalismo e o da comunidade judaica. Entre seus amigos mais próximos, desde os anos 1940, estavam Sirotski e Alberto Dines, jornalistas, analistas políticos e escritores brasileiros de origem judia.

<sup>64</sup>Essas definições amplas e funcionais encontram eco em diversas outras pesquisas que se dedicam ao tema dos intelectuais. Por exemplo, o trabalho de Daniel Aarão Reis Filho (2000, p. 12) e o de Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016, p. 10).

<sup>65</sup>Análises sobre os intelectuais mediadores baseadas no já referenciado trabalho de Castro Gomes e Hansen.

<sup>66</sup>Em 1965, uma nova reforma universitária a transformou em Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desenvolveram, assim como Szulc, uma sólida carreira no campo do jornalismo, seja ela nacional ou internacional. Alguns tornaram-se professores universitários, como é o caso de Dines. Formam grupo de jovens literatos que nasceram por volta de meados dos anos 1920 e ingressaram no jornalismo no início da década de 1940. Esse círculo de amigos e outros jornalistas classificaram Tad Szulc como um alguém enérgico, persistente, de temperamento difícil, ambicioso, extrovertido e um escritor excepcional.

Ele já tinha um português perfeito na juventude, mas de forte sotaque, e por isso, conforme Sirotski, não conseguiu emprego em jornais em língua portuguesa. Sua primeira experiência de trabalho foi no *Brazil Herald*, veículo de imprensa fundado em 1945 como um jornal em inglês para circular na então capital federal<sup>67</sup>. Lá obteve sucesso e no mesmo ano foi para a agência de notícias *Associated Press*. O jornalista passou a ser o correspondente do veículo de imprensa no Rio de Janeiro, função na qual permaneceu até 1947. Em um contexto de grande volume e interesse por notícias internacionais, um jovem universitário fluente em francês e inglês se diferenciava.

A primeira passagem de Tad Szulc pelo Brasil se encerrou com sua ida para Nova York. Os motivos específicos da migração de Szulc para os Estados Unidos não são claros. Segundo Nahum Sirotski, ele tinha motivações pessoais e profissionais, mas o amigo – hoje também falecido – não esclareceu quais. O certo é que conseguiu o dinheiro para viajar para os Estados Unidos com familiares. Sua tia era casada com John C. Wiley, então embaixador norte-americano na Colômbia e com carreira diplomática desde os anos 1910. O pós-Guerra foi um momento de ascensão de Nova York enquanto uma espécie de capital cultural do mundo, um espaço com forte atração de europeus. Um contexto em que despontavam novos romancistas “judeus-polaco-russos”, conforme a designação de Eric Alterman e Kevin Mattson (2012, p. 75). Entre esses escritores e jornalistas famosos estão figuras como Saul Bellow e Norman Mailer. Levando em consideração essa conjuntura e o interesse de Szulc pela escrita, a maior metrópole dos Estados Unidos era realmente uma cidade chamativa.

O escritor aspirante logo se viu em dificuldades financeiras e legais nos Estados Unidos, consta no obituário de Marianne Carr (2004), sua futura esposa. Ele encontrou pela primeira vez a artista plástica, que então trabalhava no pequeno antiquário da sua mãe, em 1948, numa festa em um subúrbio nova-iorquino, Mount Kisco. Ela se ligava então ao design e à imprensa, havia trabalhado no projeto de asas de bombardeiros durante a guerra e depois projetando móveis e roupas. Atuou também como repórter de rádio para emissoras americanas, carreira que deu continuidade após o casamento. Pouco depois de se conhecerem,

---

<sup>67</sup>O *Herald* fechou em 1978, depois de mais de três décadas de circulação.



ela propôs se casar com Szulc, uma vez que ele seria deportado em breve, pois seu visto de turista havia expirado. Conforme relatórios da CIA dos anos 1970, nesse momento Szulc foi monitorado pelo FBI sob suspeita de ser um agente pró-comunista dentro da comunidade judaica de poloneses. No entanto, essas alegações nunca se confirmaram, era apenas mais um rumor no clima da Guerra Fria em que os serviços de inteligência estadunidenses mantinham um olhar paranoico até sobre seus cidadãos, quanto mais sobre os estrangeiros<sup>68</sup>.

Tad Szulc e Marianne Carr se casaram rapidamente, sem conhecimento da família, planejando se separar assim que a cidadania americana de Szulc fosse aprovada. Ao contrário dos planos iniciais, viveram cinquenta e três anos juntos e tiveram dois filhos. Ela acompanhou Szulc em todos os lugares em que foi correspondente pelo *NYT* entre 1955 e 1972. Estabeleceram moradia no Brasil, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Checoslováquia e outros países. Depois que o marido saiu da publicação nova-iorquina, Marianne se tornou pesquisadora e assistente editorial de Szulc. Trabalhou com ele em projetos variados que resultaram em reportagens, biografias, romances e outros tipos de produções. Marianne Carr é uma das figuras centrais na trajetória de Szulc, como parceira pessoal e profissional desde o final da década 1940 até a morte do jornalista devido a complicações de um câncer de cólon, em maio de 2001.

No final dos anos 1940, recém-casado com Marianne, Tad Szulc ingressou na agência de notícias *United Press International* para trabalhar na cobertura da Organização das Nações Unidas<sup>69</sup>. No contexto de reconfiguração da ordem global após o desfecho da Segunda Guerra, a ONU substituiu a Liga das Nações como painel de iniciativas intergovernamentais. Para atuar numa organização com países de cinco continentes e falantes das mais diversas línguas, nada mais interessante que um jornalista poliglota. Tad Szulc trabalhou para a *UPI*, entre 1949 e 1953, acompanhando os mais diversos assuntos em discussão pelos países membros na sede da ONU, no setor leste de Manhattan. Nesse recorte, começaram a circular nos Estados Unidos, e também em países da América Latina, suas primeiras reportagens assinadas. Foi aí que o nome de Szulc debutou na grande imprensa brasileira – em diários como *A Noite*, *Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil* – na qual seus colegas de juventude atuavam.

Um dos lugares-chave de formação para Tad Szulc ao longo da vida foram as redações dos jornais. O contexto intelectual dos Estados Unidos na década de 1950 é

<sup>68</sup>Relatório da CIA sobre a Operação AMTRUNK, 25 abr. 1977, p 6. Disponível em <<https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=65916#relPageId=8&tab=page>> Acesso em 10 dez. 2018.

<sup>69</sup>A *UPI* é uma agência de notícias norte-americana fundada em 1907. Ao longo da primeira metade do século XX se tornou uma das maiores do globo e competiu fortemente com a *Associated Press*. Nos anos 1960 em diante decaiu, mas continua em funcionamento no presente.

considerado como uma “era de ouro” para a imprensa. Os intelectuais detinham então prestígio ao escrever para as publicações impressas de circulação massiva. Kevin Mattson (2004, p. 12) contrasta o papel público de então, ao que considera como o confinamento atual dos intelectuais nas universidades. Ele não ignora que intelectuais reconhecidos, como Arthur M. Schlesinger Jr., atuavam tanto na imprensa quanto na academia. Só ressalta que o papel intelectual na imprensa era então mais valorizado que o na universidade, ao contrário do presente.

Tad Szulc já possuía considerável experiência nesse mundo intelectual das redações no início dos anos 1950. Em 1953, ele já estava há sete anos trabalhando como repórter para agências internacionais – três anos na *AP* no Rio de Janeiro e mais quatro na *UPI* em Nova York. Naquele ano, Szulc realizou uma mudança muito significativa para sua carreira: assumiu o posto de copidesque noturno no *The New York Times*. Segundo o próprio Szulc (1990), em uma entrevista para televisão, ele chegou ao *NYT* depois de conhecer um dos importantes colunistas da publicação, Arthur Crock. Ele foi apresentado por amigos em comum no círculo de jornalistas de Nova York e aproveitou essa oportunidade para conseguir uma chance no diário. A função que assumiu tem remuneração menor e menos prestígio que a de repórter, é responsável pela revisão final de textos antes da publicação. Cabe ao revisor corrigir eventuais erros gramaticais e também analisar a adequação, clareza e estilo da linguagem utilizada.

Uma questão importante é: por que Szulc optou por dar esse aparente passo para trás na carreira? Há múltiplas possibilidades de respostas que se complementam. Uma delas é que apesar de já ter, junto com Marianne, obtido estabilidade financeira para a família nos Estados Unidos, ele ainda não tinha a cidadania estadunidense. Não há como confirmar se o monitoramento do FBI teve alguma influência, mas ele não poderia ser imediatamente correspondente internacional, tinha de permanecer atuando em território estadunidense. Sua cidadania só foi confirmada em 1954, depois do casamento e sete anos vivendo no país. Outra questão era a possibilidade de crescimento no *NYT*. Conforme Gay Talese (2000, p. 67), a seção de copidesques era um lugar de pessoas instruídas, viajantes com muitas leituras e que tinham ido à Nova York em busca de realizações maiores e que por algum motivo paravam ali. Corroborar essa perspectiva a avaliação do próprio Szulc (1990) de que o *NYT* já era então um jornal muito bom e poderoso.

O perfil de Tad Szulc era justamente esse, migrante europeu com passagem pelo Brasil e escritor aspirante então com vinte e sete anos. Só que ainda há outro aspecto relevante: no início dos anos 1950, esta seção é um lugar onde esses veteranos estavam

mesclados com alguns repórteres em amadurecimento, no estágio final de polimento antes de assumirem postos internacionais no projeto de transformação institucional do jornal. Nessa perspectiva, Gay Talese (2000, p. 242) posiciona Tad Szulc e outros que trabalharam na mesma época como copidesque do *NYT*, como Bernard Kalb e Wayne Phillips<sup>70</sup>. Quando Szulc aceitou o cargo na seção de revisão noturna, ele ingressou em um espaço de formação final para a carreira de correspondente internacional. Além disso, o amigo Nahum Sirotski afirmou que ele tinha então interesse de retornar ao Brasil, onde ainda tinha familiares. Não há confirmação, mas é plausível que os pais do jornalista continuaram no país.

Desde seu ingresso na seção de copidesques do *The New York Times*, Tad Szulc deixou lembranças como um excelente escritor, alguém ativo, curioso, ambicioso e geralmente amigável, mas por vezes de temperamento difícil, essa é a descrição do seu colega Gay Talese (2000, p. 242). Um homem culto que acendia um cigarro atrás do outro e vestia camisas sob medida e ternos caros. Depois de começar a fazer reportagens, andava sempre acompanhado de uma máquina de escrever portátil e uma capa de chuva impermeável. Szulc se integrou plenamente ao grupo noturno do *NYT* e as suas atividades que terminavam ao amanhecer. Nesse ambiente, estabeleceu diversos laços de amizade e participou também da vida boêmia, pois como era conhecedor de vinhos e de alta culinária, foi um dos fundadores de um clube gastronômico. No plano socioeconômico, Szulc se inteirou ao longo da vida em grupos sociais poderosos, de posses e refinamento, notadamente jornalistas de grandes publicações, políticos, militares e empresários norte e latino-americanos. Ainda escrevendo a partir de Nova York, publicou pela primeira vez sua assinatura no *NYT* em 1954. Foram duas matérias assinadas, uma sobre política internacional e outra sobre modernização do turismo, ambas já sobre a América Latina<sup>71</sup>.

Depois de dois anos atuando no escritório do diário e já devidamente registrado como cidadão americano, fez sua primeira viagem internacional pela publicação para sudeste asiático – costa da China, Hong Kong, Taiwan, Burma, Tailândia e Philipinas. Como lembraria Szulc (1990) quarenta anos depois, foi um giro na esteira da primeira guerra vietnamita contra a dominação francesa<sup>72</sup>. A seguir realizou viagens para o Chile e Argentina e assumiu um posto na sua antiga cidade, o Rio de Janeiro. Na primeira vez que aportou na

---

70 Figuras eminentes do jornalismo estadunidense. O primeiro fez carreira no correspondente internacional e no Departamento de Estado. O outro como repórter especializado em habitação e política, além de atuar no Partido Democrata.

71 Ver *NYT* (28 nov. 1954, p. 21; 19 dez. 1954, p. 26).

72 A guerra de libertação vietnamita contra a França, a chamada Primeira Guerra da Indochina (1946-1954) precede a conhecida Guerra do Vietnã, que teve atuação direta de forças militares estadunidenses e durou de meados da década de 1950 e a de 1970.

capital do Brasil, Szulc era jovem europeu recém-saído da escola, um desconhecido que fugia da guerra para encontrar os pais. Quinze anos depois, era um adulto com vinte e nove anos e vivências repartidas entre duas das maiores cidades do continente americano.

Na perspectiva familiar, ele agora era casado e pai – de Nicole e Anthony. No aspecto profissional, Tad Szulc já era um jornalista com uma década de experiência em cobertura de assuntos internacionais e responsável por assumir o escritório local de uma das mais poderosas e prestigiadas publicações do mundo. Nos pouco mais de seis anos e meio em que Szulc esteve trabalhando para o *The New York Times* diretamente na região, ele deu continuidade ao caráter itinerante da cobertura jornalística. A partir da base no Rio de Janeiro, circulou por todos os países independentes da América do Sul, até mesmo à Argentina, onde ficava o outro escritório do diário nova-iorquino no continente. O jornalista também visitou a Guiana, possessão britânica, que só se tornaria independente em 1966, a América Central e o Caribe. De lá, escreveu matérias assinadas a partir do Panamá, Cuba, Haiti e República Dominicana. Fora de sua área de atuação, só esteve o México, outro polo de cobertura internacional do *NYT* na América Latina.

O correspondente transitou pelas grandes cidades da região, mas também pelos seus rincões mais distantes – de picadas em florestas a ilhas afastadas. Suas constantes viagens seguiam, no geral, o fio de acontecimentos políticos como eleições, golpes de estado, visitas presidenciais e revoluções. O que ele fez de diferente foi ir além da crônica palaciana e econômica, ter dado relevo à repercussão de acontecimentos nos jornais locais e nas ruas. Pautou temas variados como turismo, vida cotidiana, história, problemas sociais, etc. A extensão do número de assuntos tratados certamente contribuiu para o sucesso de Tad Szulc na publicação, uma vez que seus escritos e fotografias permearam as três seções do jornal. No primeiro caderno, o de notícias, tratou de questões sobre política, negócios, ciências e sociedade. Já no terceiro caderno, o de variedades, escreveu sobre arte e viagens, além de matérias especiais para a *The New York Times Magazine*<sup>73</sup> e resenhas para a seção semanal de livros. No caderno de editoriais e opinião, o segundo, seus textos reverberaram em cartas dos leitores com críticas, correções e por vezes apoio aos seus escritos. Depois de ser promovido a sucursal de Washington, em 1961, passou também a escrever para esse caderno.

O êxito de Tad Szulc como jornalista, biógrafo e romancista se deve, em parte, à qualidade dos seus escritos. Diversos contemporâneos elogiaram-no como um excelente escritor, pois seus textos jornalísticos e livros são atravessados de impressões e sensações.

---

<sup>73</sup>Suplemento dominical, assim como a seção de resenhas de livros, inaugurado a partir das reformas da publicação iniciadas por Adolph Ochs em 1896. Dedicar-se a publicar textos longos de personalidades, não apenas jornalistas, também presidentes, cientistas e intelectuais, sobre temas de interesse da nação.

Apresentou, por exemplo, a Amazônia a partir do deslumbramento com as “florestas tropicais que por vezes oferecem o silêncio majestoso de uma catedral feita de verde, em outras a cacofonia de uma gigantesca feira de animais” (*NYT*, 09 nov. 1958, p. 16)<sup>74</sup>. Em outra ocasião, tratou o general Alfredo Leonardi como “a maior esperança de paz e estabilidade que a conturbada Argentina já conheceu em mais de uma década, assenta em um aposentado general de artilharia de voz suave, que saltou quase da noite para o dia da obscuridade total à adulação nacional” (*NYT*, 23 out. 1955, p. 17)<sup>75</sup>. Ele se preocupou em ir além da análise estrita de fatos, para delinear emoções, paisagens, impressões, vida cotidiana, sonhos, etc. Um dos obituários de Tad Szulc menciona o próprio jornalista tratando da sua escrita: “A ficção é essencialmente contar histórias no mesmo sentido de relatar uma guerra, uma revolução, uma negociação diplomática – ou um incêndio”<sup>76</sup>. Como ele mesmo indicou ao aproximar jornalismo e ficção, seus textos são marcados por um modo específico de narrar perpassado de adjetivos e descrições, próximo à prosa literária, um estilo que se convencionou chamar de jornalismo literário.

Diversas cartas enviadas ao diário nova-iorquino sobre os textos de Szulc sublinham a qualidade da sua escrita, algumas outras questionaram a objetividade e veracidade do que o jornalista produzia. O leitor Gerald Walker, questionou a cobertura que ele realizava de Cuba: “Isso é reportagem objetiva?”<sup>77</sup> Já Lyle Stuart escreveu sobre um perfil que o correspondente fez de Che Guevara que: “Em vez de evidências para sustentar sua matéria, você tenta igualar o passado revolucionário do Dr. Guevara com um registro comunista”<sup>78</sup>. Ela afirmou que visitou recentemente Cuba com o marido e que o perfil e as avaliações de Szulc do país eram construídas a partir de um jogo retórico, não de provas.

Outros leitores enviaram cartas à publicação fazendo correções de fatos e ideias. Um corrigiu a informação dada pelo jornalista que a Emenda Platt – que garantia intervenção legal estadunidense em território cubano – nunca havia sido utilizada. A passagem era um reforço à ideia que os Estados Unidos não eram mais imperialistas no século XX. Em outro momento, um especialista apontou a impossibilidade técnica de uma reportagem que apresentou

---

74 “[...] rain forests that at times offer the majestic silence of a green-rooted cathedral and at others the cacophony of a gigantic animal fair”

75 Um dos generais responsáveis pelo golpe de estado que derrubou Perón em 1955. “The greatest hope for peace and stability that strife-torn Argentina has known more than a decade rests with a retiring, soft-spoken artillery general who jumped almost overnight from total obscurity to national adulation”.

76 O de Myrna Oliver (2001) para o *Los Angeles Times*. Não há informações sobre a fonte da qual ela retirou essa fala. “Fiction is essentially storytelling in the same sense as reporting on a war, a revolution, a diplomatic negotiation-or a fire”.

77 “Is this objective reporting?” (*NYT*, 30 jul. 1960, p. 2)

78 “In lieu of evidence to support your theme, you try to equate Dr. Guevara's revolutionary record with a Communist record”. (*NYT*, 10 jul. 1960, p. 2)

ribeirinhos brasileiros escolhendo entre as frequências da Rádio Pequim e a Voz da América. O texto de Szulc delineou esta cena para apresentar a América Latina transitando entre as opções do comunismo e do “mundo livre”<sup>79</sup>.

Uma análise ponderada do seu trabalho, tem de dar relevo a essas questões. Não há dúvida que ele realizava um extenso levantamento de dados, tinha conhecimento considerável da realidade latino-americana e uma escrita capaz de tornar esse grande volume de informações palatável e legível. No entanto, como comentou Herbert L. Matthews – estrela decadente do editorial e da cobertura da América Latina enquanto o Szulc ascendia –: “o que estamos fazendo é nos deixar seduzir pela *maneira* como Tad escreve uma matéria e não pelo *que* ele escreve”<sup>80</sup>. O jornalista apontou para a tendência nos escritos de Szulc de obliteração ou reforço de certos aspectos para balizar seus pontos de vista. O modo pelo qual mobilizou fatos e interpretações – se valendo, muitas vezes, de um grau considerável de estereotipagem – para ressaltar uma grande imagem que seu texto objetivava construir. Aparentemente essa questão não foi levada em consideração pela publicação, uma vez que a carreira de Szulc foi ascendente desde seu ingresso na primeira metade dos anos 1950.

A combinação entre elementos da escrita literária e do jornalismo factual tem raízes ainda profundas na imprensa dos Estados Unidos, o florescimento do jornalismo literário no país data da segunda metade do século XIX<sup>81</sup>. As décadas de 1930 e 1940 foram relevantes para a expansão do jornalismo literário no país. O contexto da Grande Depressão e depois a Segunda Guerra e o uso pela primeira vez das bombas atômicas como momentos de grandes mudanças sociais e culturais impactaram também o modelo de jornalismo centrado exclusivamente na objetividade, o *just the facts*<sup>82</sup>. No recorte entre o início dos anos 1930 e o imediato pós-Guerra ganharam relevância textos em jornalismo literário de repórteres como John Hersey, James Agee e Ernest Hemingway. O artigo especial de Hersey para a revista *The New Yorker* sobre o impacto das bombas atômicas na vida de três cidadãos japoneses é considerado um dos marcos do jornalista estadunidense no século XX<sup>83</sup>. Durante essas décadas de grandes transformações é que se deram as primeiras mudanças na vida de Szulc e o início da sua formação e carreira jornalística. Não há fontes que possibilitem medir o

<sup>79</sup>Ver *NYT* (8 mai. 1960, p. 38; 5 mar. 1961, p. 10).

<sup>80</sup>Em uma crítica interna direcionada ao editorial internacional do *NYT* em 1964. Ela foi analisada por Anthony DePalma (2006, p. 278) em sua avaliação dos embates de Matthews com jornalistas variados da publicação até 1965.

<sup>81</sup>Sobre o surgimento do jornalismo literário estadunidense, ver Karen Roggenkamp (2005, p. XI).

<sup>82</sup>Conforme o exame de Nancy Roberts (2008, p. 271) para a expansão do jornalismo literário no século XX.

<sup>83</sup>James Agee é um poeta, romancista e roteirista norte-americano. Ele publicou na virada para os anos 1940 uma reportagem em prosa poética sobre a vida de agricultores pobres do sul dos Estados Unidos. Já Hemingway é um dos cânones da literatura estadunidense do século XX, tendo recebido o prêmio Nobel de literatura em 1954.

impacto exato dessa conjuntura sobre Szulc, mas certamente havia um ambiente propício ao seu viés literário na imprensa e especialmente no *NYT* quando ele ingressou em meados dos anos 1950.

A título de comparação, na mesma época em que Tad Szulc foi contratado para a seção de revisores noturnos, outro jornalista a assumir o mesmo posto foi Gay Talese. Ele, um futuro cânone do novo jornalismo – um movimento no seio da terceira expansão do jornalismo literário. A designação remete a uma oposição ao que seria o “velho jornalismo”, o novo jornalismo – essa é a conceituação de Juan Domingues (2013, p. 188) – propunha uma hibridização das linguagens da reportagem e do romance, pressupondo uma investigação exaustiva, uma aproximação do repórter com os fatos e uma visão ampla do objeto sobre o qual se vai se escrever. Entre os marcos fundadores do novo jornalista estão o perfil de Frank Sinatra escrito por Gay Talese e do livro de Truman Capote sobre os desdobramentos de um brutal assassinato de uma família no estado do Kansas, ambos de 1966. Apesar de contemporâneo ao surgimento do novo jornalismo nos anos 1960 e 1970, Szulc pertencia a uma geração anterior e não se vinculou ao movimento.

Entre 1953 e 1972, praticamente Tad Szulc se dedicou exclusivamente ao *The New York Times*. Realizou a cobertura itinerante na América Latina entre 1955 e o início de 1961. A partir do sucesso no cargo, foi promovido à sucursal do *NYT* em Washington para tratar diretamente das políticas para a América Latina do recém-instalado governo do democrata John F. Kennedy. Permaneceu lá até meados de 1965, momento em que os programas-chave da política externa para a América Latina, como a Aliança para o Progresso, já ocupavam menos espaço na atenção política, financeira e opinião pública estadunidense. Tad Szulc passou a assumir postos na Europa – Portugal, Espanha, Checoslováquia – até se desvincular do *NYT*. Os livros que escreveu, nesses quase vinte anos, se conectam diretamente à carreira de correspondente da publicação.

Entre 1959 e 1965, lançou as cinco obras sobre a América Latina numa perspectiva histórica e de análise social e política, explicitadas na introdução deste trabalho. Depois que assumiu o posto na Península Ibérica, em 1966, publicou mais um livro. Dessa vez sobre um acidente entre aviões de guerra estadunidenses na costa da Espanha<sup>84</sup>. Depois de ser transferido para o Leste Europeu, escreveu uma análise da Checoslováquia desde a Segunda Guerra, que foi publicada em 1971. Só depois de sair do *NYT* é que Tad Szulc se dedicou ao

---

84O choque entre aviões militares estadunidenses em janeiro de 1966 resultou em contaminação radioativa e queda de uma bomba nuclear nas redondezas do vilarejo de Palomares.

trabalho em revistas, como a *Esquire*, *The New Yorker*, a *Saturday Review*, *New York Magazine*, e *The New York Review of Books*<sup>85</sup>.

Os escritos de Szulc se vinculam a temas tradicionais da correspondência internacional: a política e as medidas governamentais; a economia; e as relações exteriores. Em uma entrevista, sua filha Nicole Ginn (2004) relatou o conselho do pai de que ciência política, história e economia são as disciplinas sobre os quais se precisam saber para ser um bom jornalista. As indicações dele remetem diretamente a sua perspectiva do fazer jornalístico, a política e a economia como assuntos de suma importância e o passado como uma chave interpretativa. Suas análises e reportagens costumam dar relevo a uma contextualização histórica dos eventos e personagens, um aspecto que dá o tom também dos seus livros.

O correspondente teve relações complexas com o mundo da política, governos e imprensa dos dois lados do Rio Grande. Analisar esses vínculos requer levar em conta a pressão que mídia, universidade, igreja, empresas e governos exercem sobre os intelectuais. É apropriado considerar que o intelectual não é mero servo de organizações ou do dinheiro, mas também não segue como um cavaleiro inteiramente livre<sup>86</sup>. Tad Szulc estabeleceu diversos elos, nem sempre amistosos, com instituições variadas. A primeira delas é o próprio *NYT*, tudo que ele escreveu e fotografou foi devidamente analisado, editado e chancelado por uma rede de profissionais que atuam no trajeto entre a notícia ser produzida e sua impressão no papel-jornal. As posições dos textos sob sua assinatura são inclusive por vezes reiteradas e defendidas em editoriais e outras matérias. Só que essa relação entre jornalista e veículo de imprensa tem seus momentos de tensão. Quando assinou sua demissão do jornal novaiorquino, em 1972, Szulc alegou que se sentia limitado pelos editores em relação ao que poderia escrever. A relação entre Szulc e o *NYT* teve outras tensões, por exemplo, os eu texto artigo investigativo que descortinava a fracassada invasão da Baía dos Porcos em 1961 antes dela acontecer. Uma das matérias de maior repercussão de Szulc ao longo da carreira, foi reduzida e retirada da manchete pelos editores da publicação depois de uma reunião e consulta com fontes do alto escalão da administração de John F. Kennedy<sup>87</sup>.

O vínculo de Tad Szulc com a iniciativa privada não se resume ao *The New York Times*, é possível identificar reportagens que de algum modo articulam empreendimentos de grandes empresas estadunidenses que investiam na região. O vínculo mais explícito é o com a

<sup>85</sup>Para uma coletânea de escritos de Tad Szulc entre os anos 1970 e 1990 ver <<https://www.unzcontest.org/Author/SzulcTad/View=Overview&Genre=General>> Acesso em 29 mai. 2017.

<sup>86</sup>Sobre as relações entre intelectuais e instituições, ver Edward Said (2005, pos. 905).

<sup>87</sup>Para uma análise desse caso a partir da perspectiva da redação do *NYT*, ver Gay Talese (2000, p. 34).



Pan American Airways que era então a maior companhia aérea dos Estados Unidos e mantinha linhas para vários aeroportos latino-americanos<sup>88</sup>. Tad Szulc não só era um passageiro frequente como também escreveu diversos textos que remetem aos serviços da PanAm<sup>89</sup>. Na contracapa de *Latin America* (1965b) há a informação que Szulc viajava em média 56 mil milhas aéreas por ano cobrindo a região, cerca de duas voltas e meia ao mundo. Por mais que possa ser um número exagerado, dá a dimensão de quanto o jornalista circulava pela região e utilizada os serviços da companhia aérea. Ele também escreveu matérias que remetem aos serviços da Moore-McComark, uma companhia que funcionou entre 1913 e 1985 fazendo transporte de cargas e passageiros em diversas partes do globo. Era responsável por cruzeiros a partir do porto de Nova York com destino ao Brasil, Uruguai e Argentina. Os textos de Szulc são relatos de viagens e guias para turistas com fotografias que destacam interesses turísticos e os serviços de transporte utilizados. Um estilo que se faz presente ainda hoje nas revistas de empresas aéreas. Esse tipo de propaganda em forma de relatos de viagens para a América Latina, não são uma novidade no *NYT*<sup>90</sup>.

Além das viagens turísticas, há reportagens sobre a atuação de indústrias siderúrgicas, de bens de consumo e produção de energia elétrica dos Estados Unidos que focam no que seriam as benesses para o povo e economia latino-americana. Após o desfecho da guerra – e no caso brasileiro, também do Estado Novo – em 1945, houve uma penetração cada vez maior desses negócios privados estadunidenses, notadamente indústrias. As matérias de Tad Szulc se vinculam nesse alargamento de fronteiras comerciais para o público estadunidense e podem ser pensadas à luz da política externa das administrações Truman e Eisenhower. Pelo menos desde a virada para os anos 1950, tanto democratas quanto republicanos delinearão um papel relevante para a iniciativa privada nas suas políticas para a América Latina. O enfoque no papel do setor privado dos Estados Unidos para a região foi sublinhado inclusive nos encontros oficiais com o corpo diplomático latino-americano, como na Nona Conferência Interamericana de 1948 em Bogotá<sup>91</sup>.

Os laços de Tad Szulc com as instituições também se delineiam de forma complexa nas esferas governamentais dos Estados Unidos e da América Latina. Na década em que escreveu sobre a região para o *NYT*, seus textos abordaram constantemente a política interna e

---

<sup>88</sup>Era a maior companhia aérea do mundo, com voos conectando o território estadunidense a partes variadas do globo. A PanAm foi fundada em 1927 com linhas em direção a Cuba. Como analisou Maria Ligia Prado (1995, p. 58), recebeu apoio governamental para expansão pela no resto do continente. O seu auge foi nos anos 1950, dominando as principais rotas intercontinentais e tendo acesso privilegiado as inovações da indústria aeronáutica.

<sup>89</sup>Os vínculos entre Szulc e empresas de transportes estadunidenses são analisados no capítulo seguinte.

<sup>90</sup>Em pesquisa anterior, Saraiva (2015, p. 66), identificamos matérias semelhantes desde o início dos anos 1940.

<sup>91</sup>Para uma discussão da expansão dos negócios estadunidenses na região, ver Bevan Sewell (2016, p. 32).

externa dos países do continente. Como visto na introdução, a avaliação das ações governamentais estadunidenses para a América Latina teve nuances consideráveis entre 1955 e 1965. Em resumo, nos primeiros anos suas matérias foram otimistas em relação às iniciativas da administração Eisenhower, mas a partir do último terço dos anos 1950, elas se tornaram cada vez mais críticas à política externa do governo republicano. A seguir ele endossou as propostas da administração de John F. Kennedy, para a seguir criticar ações como a invasão da Baía dos Porcos e a Aliança para o Progresso. Já na administração Johnson, endossou suas mudanças nas políticas para a América Latina, mas foi crítico a sua intervenção na República Dominicana.

O correspondente, como é analisado nos capítulos a seguir, alternou-se entre momentos de apoio e de crítica a política externa dos Estados Unidos. No caso das administrações democratas, sua cobertura jornalística se inicia com a campanha presidencial de 1960; ele atestou por meses John F. Kennedy como candidato preferido dos latino-americanos. A uma semana do pleito, suas matérias bombásticas sobre as Ligas Camponesas ingressaram no discurso do democrata criticando a política externa republicana. Já meses depois de Kennedy chegar a Casa Branca é que sua matéria investigativa sobre o treinamento de cubanos para tentar derrubar Fidel Castro foi censurada pelo *NYT*<sup>92</sup>. A seguir lançou *The Cuban Invasion* (1962), um livro crítico à condução política em relação a Cuba e a fracassada Invasão da Baía dos Porcos. No ano seguinte, lançou outra extensa obra de ataques a política externa dos Estados Unidos para a América Latina, *The Winds of Revolution* (1963). Um dos seus enfoques foi os descaminhos da principal política democrata para a região, a Aliança para o Progresso. Dois anos a seguir, quando Kennedy e as possibilidades de sucesso da Aliança jaziam, seu livro *Latin America* (1965b), sequer menciona qualquer aspecto negativo nas relações com a América Latina. Pelo contrário, a obra se assemelha a uma propaganda do bom desempenho do presidente Lyndon Johnson e de figuras que chegaram ao poder via golpes civis-militares, como no caso do general brasileiro Humberto Castelo Branco<sup>93</sup>.

Um espaço privilegiado para examinar os seus vínculos é a *Central Intelligence Agency*. O início da Guerra Fria é o momento em que a agência começou a recrutar jornalistas como informantes. Isto não significa dizer que todos os homens e mulheres de imprensa com

---

92Os textos de Szulc foram publicados em 31 de outubro e 1 de novembro nas primeiras páginas do *NYT*. O então candidato John Kennedy citou as matérias em seus discursos finais de campanha em São Francisco um dia depois da última matéria e em Chicago no dia 4. A eleição que deu vitória ao presidenciável democrata aconteceu em 8 de novembro.

93Conforme a análise do declínio da Aliança para o Progresso de Henrique Alonso Pereira (2015, p. 88). Para essa perspectiva propagandística do jornalista em relação a política externa dos Estados Unidos e líderes autoritários latino-americanos, ver Szulc (1965b, p. 47).

algum elo com a CIA eram agentes secretos disfarçados ao redor do globo. É necessário deixar de lado a ideia do jornalista como um espião, e levar em conta o papel de observador privilegiado, especialmente no exterior<sup>94</sup>. O correspondente internacional é uma figura com acesso a fontes qualificadas – nos círculos militares, políticos, acadêmicos, etc. – com permissão para viagens variadas e relacionamentos pessoais de longa data. É uma figura capaz de julgar a confiabilidade e suscetibilidade de agentes locais recrutados pela agência para trabalhos variados. Levando em consideração esses aspectos, o vínculo da CIA com Tad Szulc é plenamente justificado por sua vasta experiência e inúmeros elos no mundo latino-americano.

A avaliação de Richard J. Aldrich (2015, p. 190) é que durante a Guerra Fria os jornalistas tiveram múltiplas identidades nas redes de serviço secreto. No início do pós-Guerra, diversos jornalistas e escritores cooperaram voluntariamente como informantes. Já nos anos 1960 e 1970, no contexto da Guerra do Vietnã e do caso Watergate, passaram a denunciar as atividades secretas do governo estadunidense, dentro e fora de suas fronteiras. Depois, variados profissionais da imprensa abraçaram um papel de mediadores, fizeram parte dos crescentes processos de investigação e supervisão da comunidade de inteligência a partir dos anos 1980. Conforme Aldrich, Tad Szulc circulou ao longo da carreira entre esses três papéis. Há dois grandes blocos de documentos desclassificados e liberados pela agência que referenciam Tad Szulc. O primeiro deles saiu entre 1993 e 2000 o segundo entre 2012 e 2018<sup>95</sup>. Trata-se de memorandos, comentários de livros, artigos e relatório que abarcam o recorte entre os anos 1950 e 1980.

Diversos postos da CIA foram avisados de que tivessem cuidado com o correspondente do *NYT* porque ele estava tentando entrevistar alguém do seu pessoal em 1959. Tad Szulc teve uma relação conturbada com a organização e há relatos secretos nos quais o correspondente figura inicialmente como um possível agente hostil. Só que, ao longo do tempo, os relatórios mudaram de tom. Szulc, assim como outros jornalistas à época da Revolução Cubana, enviaram relatórios para o Departamento de Estado e a CIA com suas impressões e análises sociopolíticas da região do Caribe.

Depois que teve censurada sua matéria sobre o treinamento de contrarrevolucionários cubanos orquestrados pela agência de inteligência na Flórida, sua posição mudou. O livro de Szulc sobre o tema, lançado em 1962, classificou o episódio como um desastre e criticou a

<sup>94</sup>Para aprofundamento na relação entre a CIA e a mídia estadunidense, ver Carl Bernstein (1977).

<sup>95</sup>Nesse primeiro bloco não foi possível quantificar as referências a Tad Szulc, mas no segundo montante são 77 documentos que citam diretamente o jornalista. Disponíveis respectivamente em <<http://www.maryferrell.org/php/jfkdb.php?field=all>> e <<https://www.cia.gov/library/readingroom/searc h/ite/>"tad szulc"> Acesso em 19 jun. 2017.

atuação da CIA. Apenas dois anos depois da fracassada invasão a Cuba, o correspondente esteve em contato com os círculos mais fechados da Casa Branca de John Kennedy. Ele fez parte de um grupo especial para discutir a situação cubana que incluía o irmão do presidente, Robert Kennedy, Richard Goodwin, Arthur Schlesinger Jr. e o diretor da CIA, John McCone<sup>96</sup>. Szulc foi um dos responsáveis pelo Plano Leonardo, uma série de ações coordenadas para um golpe de estado militar que derrubasse Castro. Ao mesmo tempo em que colaborava com a agência, continuou publicando críticas as ações dela. Sob desconfiança de infiltração de agentes cubanos e descontente com a insubordinação de Szulc. O plano terminou sendo arquivado pela CIA em 1966. Esses episódios nos dão uma dimensão dos vínculos complexos que ele estabeleceu com figuras de alto escalão do aparato político.

Os textos críticos da política externa e ação dos serviços de inteligência se tornaram mais frequentes a partir da sua saída do *NYT*, em 1972, um contexto em que vários intelectuais passaram a atacar abertamente o aparato de inteligência dos Estados Unidos. Seus obituários – como o de Myrna Oliver (2001), lembram que Tad Szulc teve seu telefone grampeado pela administração republicana do presidente Nixon. Ele publicou uma obra de análise crítica da política externa desse presidente em 1978. Lançou também textos como um artigo sobre o financiamento de testes com LSD pela CIA em um programa de controle psicológico iniciado nos anos 1950<sup>97</sup>. A última publicação de Tad Szulc com repercussão nos relatórios da agência foi a biografia de Fidel Castro, lançada em 1986. Nesse livro, são relatados diversos aspectos comprometedores para a CIA, incluindo o financiamento de Castro e seu grupo revolucionário antes de tomarem o poder<sup>98</sup>. As publicações de Szulc ao longo da vida explicitam seu caráter ambíguo em relação às estruturas de governo e segurança dos Estados Unidos.

As matérias do correspondente não tiveram repercussão apenas acima do Rio Grande, mas também abaixo. O fato de o *The New York Times* ser um dos mais poderosos e reproduzidos jornais do globo – com matérias reimpressas na íntegra ou parte em inúmeros veículos de imprensa – também contribuiu para difusão dos escritos de Tad Szulc no continente<sup>99</sup>. Ao explicitar opiniões e posições variadas produzidas na América Latina e ao

---

96Uma questão analisada em profundidade no capítulo 4.

97Uma matéria para a *Psychology Today* que conecta a Guerra Fria, teste com drogas psicoativas e programas secretos da CIA, como o *Bluebird*. Disponível em <<http://www.frankolsonproject.org/Articles/PsychologyToday.html>> Acesso em 21 jun. 2017.

98É considerada como uma das mais abrangentes biografias dado o acesso ao próprio Fidel, bem como arquivos, documentos e indivíduos tanto em Cuba quanto nos Estados Unidos. Ver Szulc (1987).

99Por exemplo, uma pesquisa na hemeroteca da Biblioteca Nacional revela que apenas em jornais brasileiros, o termo “Tad Szulc” foi referenciado 97 vezes nos anos 1950 e 89 vezes na década seguinte. Pesquisas disponíveis em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em 21 jun. 2017.

analisar a região para o público estadunidense, Szulc angariou apoios, mas também colecionou problemas. Por diversas vezes, seus escritos constrangeram governos, o que lhe levou a ser processado e expulso da República Dominicana em 1959 e de Cuba no ano seguinte. Szulc foi processado e expulso dos dois países por matérias que desagradavam espectros diversos da política latino-americana, os oficiais de direita de Trujillo e os revolucionários de esquerda ligados a Fidel. Na década de 1960 foi expulso de Portugal salazarista e da Checoslováquia ocupada pelo exército soviético pelo mesmo motivo.

Essas foram situações extremas de relações diversas vezes conflituosas com esferas políticas da América Latina. Parte disso, sem dúvida, pelo fato do jornalista driblar de formas variadas as tentativas de controle sobre o que enviava para o *NYT*. Já nos primeiros dias de atuação na região, em setembro de 1955, Tad Szulc saiu da Argentina – onde a imprensa estava sob vigilância – e passou a enviar matérias do Chile sobre a revolta armada que derrubou Perón. Ele foi também o primeiro correspondente a noticiar a queda do ditador venezuelano Marco Pérez Jiménez, em 1959, utilizando duas das seis línguas que sabia.

Os textos de Szulc não incomodaram apenas governos, mas também instituições públicas e privadas – universidades, empresas, partidos, etc. –, além de movimentos sociais latino-americanos – como grupos camponeses, estudantis, sindicatos e outros. Parte dessa insatisfação foi expressa em cartas enviadas ao *The New York Times* e publicadas na seção específica para manifestação dos leitores. Algumas delas, escritas por leitores tanto dos Estados Unidos quanto da América Latina, avaliaram as posições de Szulc imprecisas, demagógicas – como as apresentadas anteriormente –, outras consideraram-no imperialista. Foram identificadas pelo menos vinte e duas cartas de leitores e resenhas dos livros de Szulc na própria publicação. Essas cartas são uma espécie de retorno autorizado – já que a escolha da divulgação é do próprio jornal – que dão uma mostra do impacto de Szulc sobre os leitores. Os textos do correspondente foram, por vezes, acusados de serem intromissões ianques na região, mas ao mesmo tempo, fizeram repercutir nos Estados Unidos empreendimentos, ideias e políticas latino-americanas. Isso é um aspecto importante, inclusive, para entender seu acesso a presidentes, empresários, artistas, generais, líderes religiosos e toda uma sorte de personalidades.

O sucesso de Tad Szulc como correspondente na América Latina e depois como editorialista pode ser evidenciado em diversos aspectos. Um deles é a já tratada ascensão profissional, outro são as premiações e condecorações reconhecendo a importância entre seus pares. Por conta da sua atuação na República Dominicana em 1959, que levou a seu julgamento e expulsão do país, Szulc recebeu a medalha *Maria Moors Cabot* da escola de jornalismo da

Universidade de Columbia. Szulc recebeu também, em 1968, uma distinção *Sigma Delta Chi* da mais antiga organização de jornalistas dos Estados Unidos, a *Society of Professional Journalism*. Naquele ano, ele se destacou na cobertura dos eventos da Primavera de Praga. Entre os anos 1960 e 1980, especialmente depois de sair do *NYT*, recebeu diversas citações e premiações do *Overseas Press Club of America*. Uma organização de correspondentes internacionais. Alguns dos seus artigos, sua biografia de Fidel de 1986 e *Then and Now* foram considerados também os melhores do ano.

Depois de sair do *The New York Times*, Szulc não apenas escreveu como *freelancer* para revistas e grandes jornais dos Estados Unidos – incluindo o próprio *NYT* –, como também se dedicou a escrever livros: análises de política externa; relatos históricos e biografias. Sobre os Estados Unidos, tratou da espionagem a partir da trajetória de E. Howard Hunt (1973), os problemas da sociedade nos anos 1970 (1974), a crise do petróleo (1974) e a política externa de Nixon (1978). Sobre a Europa, analisou a Checoslováquia no pós-Guerra (1974) e produziu uma recapitulação dos principais eventos desde a Segunda Guerra (1990), além de uma obra sobre o resgate de judeus durante o conflito (1992). Biografou o papa João Paulo II (1979), Fidel Castro (1986) e Chopin (1998).

Além disso, Tad Szulc escreveu dois romances dentro das temáticas que atravessaram seus escritos não-ficcionais. O primeiro deles, *Diplomatic immunity*, foi lançado em 1981. É um romance policial que se passa em uma ditadura latino-americana ficcional, afundada na pobreza e violência com apoio dos Estados Unidos. Tem como personagens centrais uma jovem e revolucionária embaixadora e um anticomunista com vínculos na CIA. O outro, *To kill the pope*, foi lançado em 1998. É um thriller ficcional sobre a tentativa de assassinato do papa João Paulo II em 1981. Seus livros, reportagens e artigos mantiveram o destaque em três espaços centrais da sua trajetória: o Leste Europeu, os Estados Unidos e a América Latina. Além do papel de escritor, Tad Szulc desenvolveu pontualmente outras atividades ligadas aos seus temas de interesse. Conduziu seminários em programas governamentais, como os Corpos da Paz, e em universidades. Participou também como entrevistado em diversos programas de rádio e televisão. Uma das fontes para análise de sua trajetória nesta pesquisa é uma de suas entrevistas para o programa de televisão estadunidense *Booknotes* quando da divulgação do seu livro de história e impressões pessoais sobre a história do século XX depois da Segunda Guerra Mundial<sup>100</sup>.

Szulc faleceu em maio de 2001 como um importante nome do jornalismo, premiado por diversas instituições e com mais de vinte livros publicados. Ele foi um intelectual

---

<sup>100</sup>Ver Szulc (1990).

imigrante que fez do Rio de Janeiro e de Nova York espaços centrais da sua trajetória para formação pessoal e profissional, bem como de desenvolvimento do seu trabalho como jornalista. Engajado nessa profissão, circulou por todo o globo produzindo reportagens, artigos, resenhas, livros, etc. O papel público do intelectual – reflete Edward Said (2012, p. 29) sobre responsabilidades dos intelectuais – é testemunhar um país ou região, inscrever para sempre esta experiência na agenda discursiva global. Ele delinea por meio de palavras e imagens um recorte espacial – sua geografia, sociedade, política e ideias. Esse foi o papel de Tad Szulc ao apresentar e analisar a América Latina e a política externa dos Estados Unidos para a região.

## **1.2 Um espelho e duas molduras: a América Latina**

Em um de plano geral, a América Latina do início do século XX apresentava um conjunto de sociedades de economia agroexportadora – café, lã, cana-de-açúcar, trigo, etc. –, rural, oligárquica e estratificada a partir de separações raciais e econômicas bem delineadas. É claro que uma aproximação dessa imagem permite perceber relevantes diferenças entre países com formações históricas e realidades tão distintas – e entre as regiões dentro deles no caso dos maiores países, como a Argentina e o Brasil. No entanto, o que é relevante agora é o contraste com a industrialização, urbanização, complexificação da estrutura social e política, além da modernidade econômica e tecnológica de meados do mesmo século<sup>101</sup>. O envio de produtos agrícolas e minérios para o mundo – especialmente para os Estados Unidos a partir do século XIX – é um fio de continuidade na economia regional desde a colônia, mas a industrialização por substituição de importação diminuiu consideravelmente a dependência do mercado externo a partir das décadas de 1920 e 1930. Esse modelo de expansão da atividade fabril – financiado pelos lucros com as exportações e expandido durante as duas guerras mundiais – foi iniciado em países como o México e o Chile, e se irradiou até as pequenas ilhas do Caribe.

Indo além da transformação econômica e do impacto estrutural das iniciativas de desenvolvimento – nos transportes, nas reservas energéticas e parques industriais –, é pertinente dar relevo as mudanças sociais e políticas. O êxodo rural acelerado proporcionou a formação de uma massa de trabalhadores urbanos em antigas capitais – como Lima e Bogotá – e novos centros industriais – a exemplo de São Paulo e Medelim. A população latino-

---

<sup>101</sup>Uma análise aprofundada da economia latino-americana – como um todo e por países – até a década de 1930, está disponível em William Glade e Rosemary Thorp (1991). Para um exame global do mesmo período – incluindo política, economia e organização social – consultar, Williamson (2016, p. 325).

americana não apenas migrou para as grandes cidades, como cresceu vertiginosamente, de 107 para 165 milhões entre 1930 e 1950. Conforme o estudo de Thomas Merrick (1997, p. 168) sobre a demografia latino-americana, a população cresceu mais de 50% em apenas vinte anos, um acontecimento inédito na história da região. No mesmo passo, aumentou a pressão por moradias, educação, serviços sanitários básicos e participação política. As multidões entraram de vez em cena no palco eleitoral – amparadas por legislações cada vez mais abrangentes quanto a participação e analfabetos e mulheres – e no mundo político como um todo. As massas passaram a ser centrais na política latino-americana como público-alvo e mote central dos discursos e propagandas políticas até a metade do século XX<sup>102</sup>. Segmentos amplos da população – não mais os círculos concêntricos das letras, política e economia – tornaram-se o fiel da balança para democracias e ditaduras da América Latina. Entre os anos 1950 e 1960, uma primeira leva de declínio de regimes ditatoriais, seguida de uma nova onda de ditadores, flutuações políticas nas marés do nacionalismo e do nacional desenvolvimentismo.

Um dos esforços centrais dos escritos de Tad Szulc foi como explicar essas transformações e tornar a América Latina legível e inteligível ao público estadunidense. Os leitores do *The New York Times* e dos livros de Szulc se depararam com uma multiplicidade de perspectivas sobre o mundo latino-americano e qual o papel dos Estados Unidos diante dele. O jornalista passou ao largo da ideia que a América Latina podia ser reduzida numa única imagem de incivilidade, pobreza e natureza superlativa. Ele mobilizou esses elementos juntos de vários outros para definir novos significados para a região. Seus textos e fotografias dão conta do passado e presente latino-americano demarcando continuidades e rupturas históricas na economia, política e organização social da região.

Perto de completar um ano no cargo de correspondente da publicação, Szulc foi enviado para ao encontro entre presidentes do continente americano na Conferência do Panamá, em meados de 1956. A primeira das várias viagens oficiais do presidente Dwight Eisenhower, e de membros do seu governo, que o jornalista cobriu para o diário. Nesse contexto, o *NYT* publicou uma matéria especial que explica o que é e qual a importância da América Latina para os Estados Unidos. Trata-se de um texto longo, ocupa quase uma página inteira de jornal, mais gráficos e mapas geopolíticos, sociais e econômicos. Nele, Szulc afirma:

---

<sup>102</sup>Para um exame de caso de dois dos principais países da região, Brasil e Argentina, ver Maria Helena Capelato (2009, p. 44).



Não é possível generalizar sobre a região mais do que é possível generalizar sobre a Ásia ou mesmo a Europa. A América Latina [...] – mais de 6 por cento da população mundial e 16 por cento da massa terrestre mundial – uma região dividida politicamente em vinte compartimentos nacionais e geograficamente e socialmente em habitantes das montanhas e da floresta tropical, habitantes das grandes cidades modernas e aldeias sonolentas, pessoas de desertos e campos de trigo e pessoas de plantações de café, minas de cobre e campos de petróleo. Variados antecedentes de cultura, da história, do clima e arredores os moldaram em uma multidão de grupos que são diferentes de muitas maneiras, e essas diferenças cruzam as fronteiras nacionais. (*NYT*, 22 jul. 1956, p. 5)<sup>103</sup>.

O jornalista explicou didaticamente que a América Latina é uma região – uma parte do continente – muito grande e diversa. Suas comparações são continentais e globais e sua caracterização é formulada a partir da ideia de diferença. O mundo latino-americano é tão complexo e variado quanto o asiático e europeu, não havendo uma possibilidade de resumi-lo em generalizações simples. É um recorte espacial em que estão presentes cidades grandes e pequenas, campos produtivos e ambientes naturais diversificados – como florestas, montanhas, praias e desertos. Essa multiplicidade de paisagens é acompanhada por uma variedade de sociedades gestadas em condições culturais, históricas e climáticas ímpares. A matéria de Szulc como um todo sublinha essa ideia de complexidade em termos geográficos, sociais, culturais e econômicos. Uma concepção presente nos seus textos ao longo da década em que tratou da região para o *NYT* e também nos seus livros, notadamente em sua obra mais didática, *Latin America* de 1965.

Nesse texto a América Latina é apresentada como uma manta tecida de dissemelhanças internas, mas também externas. As comparações apresentadas por ele delineiam a região como diferente de outros espaços e especialmente dos Estados Unidos. Essa é a premissa dos textos, a realidade latino-americana é diferente da estadunidense por conta de uma extensa lista de elementos que inclui: cultura; tecnologia; paisagem; colonização; e tantos outros. Sua apresentação da região é pautada em termos comparativos, na expressão de medidas do sistema internacional – metro, quilograma e quilômetro – no sistema imperial – jardas, libras e milhas –, na geografia e na conversão de valores em dólares. Não é surpreendente, uma vez que a publicação é dos Estados Unidos, mas há um aspecto etnocêntrico.

---

<sup>103</sup>“One cannot generalize about the region any more than it is possible to generalize about Asia or even Europe. Latin America's [...] over 6 per cent of the world's population and 16 per cent of the world's land mass -a region divided politically into twenty national compartments and geographically and socially into highlanders and rain forest dwellers, inhabitants of large modern cities and sleepy hamlets, people of deserts and wheat fields, and people of coffee plantations, copper mines and oil fields. Varying backgrounds of culture, history, climate, and surroundings have molded them into a multitude of groups which are dissimilar in many ways, and these differences cross national frontiers”.

O viés não é apenas apresentar, mas também mensurar as discrepâncias tomando o mundo estadunidense como modelo em termos culturais, políticos e econômicos. Diversas vezes, é analisado nos capítulos a seguir como os Estados Unidos é espelho do moderno, do avanço, o parâmetro pelo qual se vislumbra uma América Latina do atraso. As perspectivas pelas quais Tad Szulc analisou a região podem ser denominadas de “universais norte atlânticas”<sup>104</sup>. Concepções de progresso, democracia, desenvolvimento, e outras formuladas na Europa e Estados Unidos – por isso do Atlântico Norte – que são consideradas neutras e universais, mas que são projeções de experiências históricas e sociais localizadas alçadas a estandartes para analisar todo o globo. A América Latina é medida e analisada por uma régua e lentes de observação – na imprensa, ciência, economia, política, etc. – de valores e concepções europeias e estadunidenses. A historiografia crítica da modernidade colonialidade aponta que essa visão de mundo eurocêntrica – que dá sentido a conceitos como progresso e modernização – tem raízes profundas na formação dos impérios coloniais da Europa no século XV<sup>105</sup>. Como tantos outros autores da época, o jornalista mobilizou esses conceitos como medidas universais de apresentação e análise da realidade latino-americana. Nesse sentido, no espelho estadunidense de Szulc, salta à vista uma América Latina marcada pela diferença.

Há de ser levado em conta que, desde sua formulação no século XIX, o conceito de América Latina já foi construído em oposição aos Estados Unidos, ou utilizando outro termo, a uma América Anglo Saxã. Há um extenso debate historiográfico sobre autoria e os começos dos usos do conceito, mas há um consenso de que intelectuais da comunidade hispanófono, a partir de meados dos Oitocentos, mobilizaram a ideia de América Latina para se opor à expansão militar, comercial e territorial dos Estados Unidos em direção ao oeste e depois sul, o que incluiu a tomada de parte considerável do México. Há um rol de referências historiográficas sobre quem começou a usar o termo no século XIX e em qual contexto. A maior parte das hipóteses referenciam o liberal francês Michel Chevalier e o jornalista colombiano José María Torres Caicedo, que atuaram na conjuntura do projeto imperial francês na América – que resultou na ocupação do México pelo exército francês a partir de 1862 – e a expansão dos Estados Unidos no continente<sup>106</sup>. O termo América Latina era utilizado então para construir um espaço de oposição aos Estados Unidos, a partir dos

---

104Esse termo e a discussão a seguir sobre eurocentrismo se vale das contribuições de Michel-Rolph Trouillot (2011, p. 87).

105Nos termos da análise seminal de Walter D. Mignolo (1998) sobre o tema, uma colonização das linguagens, da memória, das pessoas e territórios além-mar. Sobre a discussão do par modernidade-colonialidade na formação e problemas da América Latina na segunda metade do século XX, ver Aníbal Quijano (2005, p. 9).

106Para aprofundamento, ver as obras de Arturo Escobar (1980) e Mónica Quijada (1998). Uma perspectiva atualizada do debate está disponível em Michel Gobat (2013).

vínculos ao catolicismo e a civilização europeia e latina – espanhola, portuguesa e francesa. Desde suas exegeses, a ideia de um espaço latino no continente americano é demarcada pela oposição aos Estados Unidos<sup>107</sup>.

O jornalista é ciente do aspecto político da concepção e dos usos da designação América Latina. Em um dos seus livros, Tad Szulc (1963, p. 3) definiu a região como um conceito político e geográfico. Seus escritos partem dessa premissa, e concatenam essas dimensões para analisar esse recorte espacial. Ele delineou a América Latina a partir de duas molduras complementares, as fronteiras nacionais e regionais. Assim como na matéria de 1956, o jornalista explicou aos leitores que no extenso espaço latino-americano pode ser recortado em áreas: “o continente da América do Sul, a faixa estreita que é América Central; a República do México, que é geograficamente parte da América do Norte; e as ilhas do Mar do Caribe”<sup>108</sup>. Entre essas áreas, ou dentro delas, ele utiliza designações variadas: espaço andino, região amazônica, costa caribenha, Patagônia, etc. O correspondente mobilizou cartografias regionais diversas a partir de conexões econômicas, culturais e topográficas para nortear os leitores. Junto dessas organizações espaciais mais amplas, ele utilizou também a divisão em Estados-nação. Sua perspectiva de análise foi concatenar temas traçando paralelos entre países e regiões vizinhas.

A economia e política formam vínculos entre países latino-americanos e a história é outro elemento de unidade regional. Na mesma matéria de 1956, depois de apresentar as diferenças entre as regiões e populações latino-americanas, o correspondente identificou elementos de união:

Eles têm coisas em comum. O contexto mediterrâneo de grande parte da sua ascendência e as línguas latinas são uma ligação óbvia. Sua história no século passado, quando todos jogaram fora o domínio europeu e colonial é outro. Mas provavelmente a ligação mais importante de hoje, se alguém quiser falar em termos de destino comum, são o orgulho feroz, a juventude impaciente e o desejo de sair da condição de pessoas subdesenvolvidas de terras subdesenvolvidas (*NYT*, 22 jul. 1956, p. 5)<sup>109</sup>.

---

107 Sobre a ideia de América Latina em oposição aos Estados Unidos, consultar Walter Mignolo (2007, p. 81).

108 “Latin America is divided into four main groupings: the continent of South America; the narrow strip that is Central America; the Republic of Mexico; which is geographically part of North America; and the islands of the Caribbean Sea” (SZULC, 1965b, p. 7).

109 “They have things in common. The Mediterranean background of much of they ancestry and the Latin languages are an obvious link. Their history of the last century when all threw off European and colonial yokes is another. But probably the most important links today, if one wishes to speak in terms of common destiny, are the fierce pride, impatient youth and craving to break out from the condition of underdeveloped people of underdeveloped lands”.

Tad Szulc pontuou uma série de ligações que atravessam as fronteiras nacionais, e abarcam todo território latino-americano. Uma delas seriam os vínculos com o mundo mediterrâneo e as independências no século XIX, que são tópicos basilares na ideia de América Latina. Um aspecto que deve ser destacado é que ao referenciar o Mar Mediterrâneo e línguas latinas como ligações óbvias, o jornalista está considerando que o mundo latino-americano não tem apenas raízes espanholas, mas também francesas e portuguesas.

A presença de países e territórios como o Brasil e a Guiana Francesa, não é um ponto pacífico dentro do conceito de América Latina. O mundo latino-americano abarcava desde o início do uso do termo os países falantes do espanhol e também republicanos. A presença do Brasil monárquico estava vetada, inicialmente, tanto pela questão linguística quanto pelo sistema político. Conforme Arturo Ardao (1980, p. 106) e Mónica Quijada (1998, p. 611), o Brasil fazer parte ou não da América Latina se constituiu ao longo do tempo como uma questão não apenas para a intelectualidade hispanofalante. A tese de Katia Baggio (1998), por exemplo, analisa as posições de diversos escritores e diplomatas brasileiros do final do século XIX e começo do século XX que perpassam, entre outros temas, a presença brasileira na ideia de América Latina<sup>110</sup>.

O conceito de América Latina foi se aplicando historicamente a um círculo cada vez mais amplo de forma que passou a abarcar não apenas as ex-colônias espanholas que se tornaram repúblicas independentes, mas também as antigas possessões portuguesas, francesas e até inglesas e holandesas – no caso de países como a Jamaica, Guiana e Suriname. A designação ampla utilizada por Tad Szulc para referenciar todos os territórios abaixo da fronteira do Texas é consonante com a popularização da noção de América Latina nos Estados Unidos, no período da Segunda Guerra.

Há trabalhos sobre a temática – como o de João Feres Jr. (2005, p. 81) – que consideraram que só existe um campo de *Latin American Studies* nos Estados Unidos a partir da virada para os anos 1960, argumentam que não havia antes disso uma rede institucional forte de pesquisadores do tema, currículos universitários, periódicos, etc. Não concordamos com essa análise, uma vez que a pesquisa se deparou com uma considerável produção de artigos para periódicos científicos, resenhas de obras historiográficas e econômicas e debates acadêmicos sobre a América Latina desde a metade final dos anos 1930, mas especialmente a partir da expansão do conflito global na década de 1940. Uma série de produções intelectuais

---

<sup>110</sup>No presente ainda há discussões sobre esse tema, como a entre os historiadores Leslie Bethell (2009) e Fabio Luís dos Santos (2016). Ambos reconstituem historicamente o surgimento e usos da ideia de América Latina para dissociar, no caso do primeiro, ou reafirmar, como o faz Santos, a pertinência do Brasil dentro do mundo latino-americano.

de economistas, historiadores, geógrafos e jornalistas que analisaram as condições socioeconômicas e o passado da região como um todo<sup>111</sup>.

Um dos elementos de interconexão da América Latina apontado pelo correspondente nesse texto de 1956 foi a busca pelo desenvolvimento. Algo realizado a partir de dois tipos de ações, a mensuração dos entraves a serem resolvidos e as iniciativas estatais para reorganização social e econômica. O diagnóstico dos problemas socioeconômicos da América Latina ocupou boa parte dos escritos de Tad Szulc entre as décadas de 1950 e 1960. Segundo o jornalista:

A América Latina, uma das regiões mais vazias do mundo, está sofrendo de superpopulação. Isso pode parecer paradoxal, mas é, no entanto, uma descrição precisa do problema humano. [...] Cidades e vilas e certas áreas específicas viram as populações duplicarem em uma geração, enquanto outras regiões imensas permanecem intocadas pelos humanos. Apesar dos esforços em todas as repúblicas para aumentar a produção de alimentos e commodities, o aumento dos nascimentos ainda traz desemprego, condições de vida precárias e às vezes até a fome. (*NYT*, 11 dez. 1955, p. 19)<sup>112</sup>.

O paradoxo latino-americano suscitado por Szulc é o da ocupação do território, o contraste entre imensas áreas vazias e aglomerações urbanas com taxas populacionais crescentes. A resposta imediata para o problema, conforme o correspondente, era a ampliação da produção de alimentos e das commodities que norteavam as economias nacionais latino-americanas. No entanto, a ampliação da produção de comidas e das matérias-primas para exportação, não seria suficiente para garantir a transformação desse quadro. Para afirmar isso, o jornalista referencia o diagnóstico de duas importantes instituições do pós-Guerra:

Analisando a situação, a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura chegaram à conclusão de que os problemas básicos desta região são “criar novas fontes de renda para a população em rápida expansão” e “melhorar os baixos níveis de renda per capita”. (*NYT*, 11 dez. 1955, p. 19)<sup>113</sup>.

A perspectiva é de que os principais dilemas latino-americanos estavam no campo

111A pesquisa de Bruit (2003, p. 82) elencou algumas das principais análises da época, entre elas estavam a de Preston E. James em *Latin American* (1942), o livro *Latin America in the industrial age* (1947) de Fred J. Rippy e um dos mais conhecidos deles, *A century of Latin American Thought* (1949) escrito por William Crawford.

112“Latin America, one of the world's emptiest regions, is suffering from overpopulation. This may sound paradoxical, but it is, none the less, an accurate description of the human problem. [...] Cities and towns and certain selected areas saw populations double in one generation, while other immense regions remain undisturbed by humans. Despite efforts in all republics to increase the production of food and commodities, the increase in births still brings unemployment, substandard living conditions and sometimes even hunger.”

113“Analyzing the situation, the United Nations Economic Commission for Latin America and the United Nations Food and Agriculture Organization have come to the conclusion that this region's basic problems are to ‘create new sources of income for the rapidly increasing population’ and to ‘improve the existing low levels of per capita income’.”

social. Em poucas palavras, a saída seria elevar a renda da população e, ao mesmo tempo, diversificar a economia orientada para exportação. Não é surpreendente Tad Szulc utilizar investigações e prognósticos de órgãos da ONU. Isso porque ele, antes do entrar no *NYT*, foi contratado pela *UPI* para reportar especificamente as notícias da recém-criada organização global e seu corpo de especialistas para assuntos diversos – educação, alimentos, economia, trabalho, etc.

Uma das questões levantadas por Tad Szulc foi o do analfabetismo. No artigo especial de 1956, o correspondente comparou os números dos Estados Unidos e da América Latina. No primeiro, 3% da população seria analfabeta, já ao sul do Texas a taxa média seria de mais de 40% dos adultos<sup>114</sup>. Em um quadro amplo, o jornalista sublinhou a “baixa produtividade individual; baixo desenvolvimento cultural; baixos padrões de vida, diferenças sociais profundas e distribuição desigual dos rendimentos nacionais; baixa estabilidade social e política” (*NYT*, 18 mai. 1959, p. 7)<sup>115</sup>. A questão educacional é relevante para Szulc, pois se tratava de uma alavanca para promoção da emancipação, racionalidade e progresso, elementos basilares para o liberalismo. O analfabetismo e a baixa qualidade do ensino tem interfaces nos escritos dele com assuntos variados, do fim de jugos ditatoriais ao padrão de consumo.

Tad Szulc formulou uma cadeia de problemas que impactavam gravemente as economias e sociedades latino-americanas – falta de comida, educação, transportes, etc – e que transbordava para aspectos culturais e políticos. Uma leitura apressada poderia supor que o jornalista estava apenas reiterando velhas imagens da região na imaginação social dos Estados Unidos, do mundo latino-americano preso no atraso, ignorância e pobreza, mas essa é apenas a aparência<sup>116</sup>. Mais acertado é perceber a atuação do correspondente do *NYT* em um conjunto de esforços empresariais, científicos e governamentais que, desde a virada para o século XX, procuraram formular uma imagem mais precisa da América Latina para os Estados Unidos. Desde os anos 1910 e 1920 se realizou nos Estados Unidos a mensuração e questionamento das causas da pobreza latino-americana. Intelectuais estadunidenses dessa época trataram de situações como concentração de terras, a marginalização dos indígenas e da má distribuição de renda<sup>117</sup>.

---

114Ele não só apresenta só esse dado geral, como atenta para as nuances entre países. Por exemplo, a Nicarágua com cerca de 70% da população adulta analfabeta, enquanto no Uruguai apenas 10%.

115“Low individual productive, low cultural development; low livings standards, deep social differences and unequal distribution of national incomes; poor social and political stability”.

116As concepções produzidas nos Estados Unidos da América Latina como lugar demarcado pelo domínio da natureza, incivilização, mistura racial, pobreza possui uma extensa fortuna crítica. Para um exame atualizado, ver John Leary (2016).

117Sobre viajantes estadunidenses – notadamente intelectuais e professores universitários – analisando as questões sociais latino-americanas na primeira metade do século XX, ver Ricardo Salvatore (2006, p. 151).

O combate à pobreza é uma das várias temáticas tratadas pelo jornalista em que se evidenciam seus vínculos com a cultura política liberal estadunidense do pós-Guerra. Quando na virada para os 1960, o mote na política externa dos Estados Unidos para a região passou a ser de que a pobreza era um campo fértil para a ameaça comunista, Szulc foi um dos intelectuais que analisaram longamente a questão e a levaram para um público amplo a partir do jornal<sup>118</sup>. Isso foi possível porque na década anterior, o jornalista se preocupou em dimensionar os problemas sociais latino-americanos – a fome, a miséria, o analfabetismo, baixa produtividade, etc. A partir deles, atentou para as iniciativas de desenvolvimento, os caminhos para resolvê-los traçados tanto na própria América Latina, quanto nos Estados Unidos. A região que Szulc apresentou aos leitores do *NYT* é um lugar com dificuldades econômicas, sociais e políticas, mas não estanque no tempo. Ele formulou um espaço em que há um diagnóstico preciso dos seus entraves fundamentais e que produzia saídas concretas para removê-los.

Um dos diálogos estabelecidos nas matérias de Szulc sobre os problemas latino-americanos foi com as perspectivas da CEPAL. A Comissão Econômica para América Latina foi criada em 1948 como uma dos cinco grupos regionais de estudo e proposição de ações em questões econômicas da ONU. Os anos 1950 foram o período de maior influência do chamado pensamento cepalino sobre governos latino-americanos e no campo de discussão econômica como um todo<sup>119</sup>. Surgida no contexto de formulação das estruturas das Nações Unidas, essa comissão congregou importantes intelectuais latino-americanos.

Desde a criação do seu escritório em Santiago no Chile em 1949, a CEPAL passou a contar com os trabalhos de Raúl Prebisch, economista argentino com profícua carreira desde os anos 1920 e a figura central dessa comissão desde sua fundação. Esse economista formulou algumas das principais teses que nortearam o trabalho da CEPAL nos anos 1950 e 1960. Sob sua liderança foi reunida uma equipe de economistas e sociólogos talentosos que analisaram a América Latina, a partir de um paradigma econômico e histórico estruturalista<sup>120</sup>. Esse grupo incluía estudiosos como o chileno Aníbal Pinto, o argentino Aldo Ferrer e o brasileiro Celso Furtado considerado um dos mais destacados intelectuais latino-americanos do século XX e também com participação decisiva nos planos e estratégias econômicas do governo Juscelino Kubitschek. Em linhas gerais, esses intelectuais cepalinos propunham na década de 1950 uma leitura econômica heterodoxa, crítica do papel da América Latina no mercado internacional –

---

118Uma questão discutida mais aprofundadamente no último capítulo da tese. Ver Szulc (1963, p. 46).

119Sobre a trajetória da comissão, ver Ricardo Bielschowsky (2000a, p. 18).

120Para uma análise da criação e escopo das teses de Prebisch, sua influência na CEPAL e o viés estruturalista no pensamento econômico latino-americano, consultar Joseph Love (2011, p.173).

como fornecedor de matérias-primas – e um plano que priorizava o desenvolvimento via industrialização com forte ação estatal.

As diversas referências de Tad Szulc às análises cepalinas não significaram uma adoção das leituras e políticas econômicas propostas pela CEPAL<sup>121</sup>. Ele utilizou os dados levantados pela agência e endossou seus diagnósticos dos problemas a serem superados na América Latina. No entanto, seus escritos até o final utilizaram essas avaliações como premissas para leituras, em geral, mais ortodoxas – afinadas ao receituário econômico do grande capital que marcou a política externa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria. O foco das ações para a América Latina na atuação de grandes indústrias, exportadores de commodities e financistas – questão discutida no capítulo seguinte – atravessou tanto as administrações democratas quanto republicanas desde a Segunda Guerra Mundial<sup>122</sup>.

Szulc foi um entusiasta de soluções ortodoxas de restrição do crescimento, corte de salários e investimentos, como as recomendadas pelo Fundo Monetário Internacional<sup>123</sup>. Nesse sentido, ele concordava que era necessário aumentar a riqueza e diversificar as fontes de renda dos latino-americanos, mas sua perspectiva se distancia do viés crítico da CEPAL em relação à divisão internacional do trabalho – na qual a América Latina figura como exportadora de commodities e importadora de bens industrializados –, a inflação e o desemprego como condição estrutural.

Uma análise global da produção intelectual de Tad Szulc sobre a América Latina, aponta que ele não designou uma característica única para defini-la. Seu ponto de vista foi o da complexidade, uma região com diferenças internas marcantes, mas unida por laços históricos, culturais, políticos e socioeconômicos. O jornalista se distanciou de perspectivas que identificavam uma estrutura mental que estaria se consolidando desde o início do século XIX nos Estados Unidos, a crença na inferioridade dos latino-americanos. A concepção que nos últimos duzentos anos um conceito muito baixo da América Latina permeia as representações tanto de cidadãos comuns quanto de funcionários de governo estadunidense<sup>124</sup>. Ideias de que os latino-americanos são pessoas racialmente inferiores e incivilizadas também encontrou eco na imprensa estadunidense. Um caso é o da revista americana *Reader's Digest* – e sua versão

---

121Ricardo Bielschowsky (2000a, p. 19) sintetiza essas como as principais perspectivas cepalinas entre o final dos anos 1940 e início dos 1960. Em termos econômicos, o desequilíbrio contínuo da balança de pagamentos latino-americana (com perdas ascendentes na exportação de matéria-prima e importações de bens industrializados). O combate à inflação e desemprego como condicionantes estruturais, e não conjecturais. Por fim, a perspectiva de superação dessa realidade a partir da industrialização.

122Ver Elizabeth Cobbs (1992) e Erica Monteiro (2014).

123O FMI, organização criada no imediato pós-Guerra para reorganizar o sistema monetário, condiciona empréstimos a drásticas políticas de contenção de gastos públicos.

124Perspectiva identificada, por exemplo, no estudo de Lars Schoultz (2000, p. 13) das relações Estados Unidos e América Latina desde o século XVIII.



brasileira a *Seleções* entre os anos 1940 e 1970. O veículo de imprensa dava relevo à natureza selvagem latino-americana e sua diferença para os Estados Unidos considerado civilizado e moralmente superior, a publicação não percebia as diferenças culturais da região<sup>125</sup>. Já quando o correspondente do *NYT* a apresenta enquanto espaço demarcado não só pela natureza, mas também pela história, organização social e econômica heterogêneas, ele está afinado com a complexificação das representações da América Latina ao longo do século XX.

O correspondente Szulc se aproximou de uma nova onda de interpretações da realidade latino-americana nos Estados Unidos. As percepções negativas do século XIX começaram a ser transformadas com o maior fluxo de viajantes estadunidenses para a região a partir da virada para o século XX. Tratava-se de militares, jornalistas, missionários, acadêmicos, empresários, etc., agentes do novo papel estadunidense – de protagonista das relações interamericanas e depois globais. Um momento de “redescoberta” da região, com um interesse acentuado dos viajantes na natureza, mas também nas cidades, nas culturas e nos mercados consumidores dinâmicos<sup>126</sup>. A atuação de Tad Szulc esteve na esteira dessa torrente de estadunidenses que foram em direção ao sul do continente. Suas interpretações polifônicas estão em consonância com a percepção de complexidade que os trabalhos desses profissionais e aventureiros que circularam pela América Latina evidenciaram.

---

125Conforme a análise da pesquisa de Mary Anne Junqueira (2000, p. 96) sobre a revista.

126Para um exame específico dessa redescoberta da América Latina por intelectuais e homens de negócios estadunidenses na primeira metade do século XX, ver Ricardo Salvatore (2001, p. 158; 2016, pos. 139).

## 2. OS PASSOS A CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO

A relação entre a riqueza atual da América Latina e seus recursos é como a do homem proverbial que passa fome, embora ele tenha um milhão de dólares no banco. Isto é dizer, os recursos potenciais são enormes e apenas um pouco mais do que a superfície foi arranhado até agora. (*NYT*, 22 jul. 1956, p. 5)<sup>127</sup>.

Desenvolvimento é a Chave. O problema fundamental do país é o desenvolvimento – de preferência sem inflação – para atender à necessidade desesperada de mais produção de alimentos, mais empregos, mais moradias e mais estradas. (*NYT*, 11 abr. 1958, p. 8)<sup>128</sup>.

A imagem do milionário que não tem alimento para comer é a metáfora utilizada por Tad Szulc para explicar, aos leitores do *The New York Times*, a situação socioeconômica da América Latina em 1956. Ela faz parte do artigo especial escrito no contexto da primeira viagem do presidente Dwight Eisenhower pela região em que o correspondente tratou da realidade latino-americana em termos políticos, sociais e econômicos. Repetida por ele em outras fórmulas – como a do faminto sobre uma mina de ouro – essa metáfora sintetiza o diagnóstico de Szulc para o momento em que a América Latina vivia desde o fim da Segunda Guerra.

Um dos principais problemas latino-americanos para esse jornalista – e muitos outros intelectuais do pós-Guerra – é conseguir fazer com que o campo e as cidades, mas especialmente a natureza, deixe de ser um entrave e se torne um recurso para solucionar suas questões sociais e econômicas – da dependência das commodities à desigualdade social, passando por várias outras. A chave para resolvê-las é resumida por ele em uma única palavra, escrita em um texto sobre as dificuldades enfrentadas no Peru, que o presidente Manuel Prado y Urigoeche (1956-1962) precisava tratar: desenvolvimento. Essa seria a solução, não apenas para aquele país, mas para todos da América Latina. Assim, seria necessário expandir sua rede de rodovias, ferrovias e portos, ampliar cidades, áreas de plantio e produtividade, criar mais empregos sem aumentar o custo de vida. Seria, de algum modo, repetir as estratégias que o governo do presidente brasileiro Juscelino Kubitschek (1956-1961) e do chileno Carlos Ibáñez del Campo (1952-1958) estavam pondo em prática.

Eles seriam exemplos, segundo Tad Szulc, de governantes que investiriam na grande metamorfose em curso na América Latina. A profunda transformação social e econômica da região – iniciada nos anos 1930, mas acelerada no pós-Guerra – na qual os países

<sup>127</sup>“The relationship between Latin America's current wealth and her resources is like that of the proverbial man who goes hungry though he has a million dollars in the bank. This is to say, potential resources are enormous and only a little more than the surface has been scratched so far”.

<sup>128</sup>“Development is the Key. The country's fundamental problem is that of development – preferably without inflation – to meet its desperate need for more food production, more jobs, more housing, and more roads”.

modernizaram suas estruturas produtivas na agricultura e mineração para exportação. Dessa forma, dando início, – notadamente a Argentina, Brasil, Chile e México – à sua industrialização. Algumas das interfaces dessas mudanças eram o êxodo rural, a urbanização, o imenso crescimento populacional e a formação de uma massa de trabalhadores urbanos. Para ele, apesar de pressionar a agricultura e esgarçar problemas como a falta de transportes e energia elétrica, o inchaço urbano, essa ampla metamorfose teria aspectos positivos como uma maior autonomia diante do mercado internacional e a possibilidade de enfrentar as desigualdades sociais.

Nas matérias para o *NYT* entre 1955 e 1961 – período em que atuou a partir do escritório no Rio de Janeiro – Tad Szulc delineou uma América Latina que caminhava para o desenvolvimento conjugando três tipos de atuações. A primeira delas correspondia a iniciativas próprias de modernização, ocupação territorial e exploração da natureza dos países latino-americanos – como as levadas a cabo pelo Brasil e Chile. O segundo tipo seria o apoio técnico, científico e financeiro intermediado pelo governo dos Estados Unidos através de missões técnicas, transferências de tecnologia e empréstimos. O último tipo de ação era o investimento privado nesses três campos, por grupos estadunidenses com negócios na exploração de minérios – manganês, diamante, bauxita, ouro – e petróleo, bem como na produção do açúcar e do café.

Além desses, o forte investimento dos setores de transportes – aéreos e marítimos – e turismo dos Estados Unidos, em diálogo com projetos políticos e econômicos locais. Szulc concatenou esses três tipos de atuações em empreendimentos variados, da construção de cidades a programas de melhoramento da rede hoteleira, nos quais, pelo menos dois deles estavam envolvidos. O papel do jornalista, ao apresentar essa América Latina cada vez mais moderna e acessível, era não apenas o de reportar eventos ou analisar contextos, mas também o de articular interesses. O correspondente mobilizou artigos e reportagens para promover a atuação de empresas estadunidenses na região, e também ações de governos sul-americanos junto ao público dos Estados Unidos.

Uma questão central para este capítulo é examinar como Szulc apresentou e analisou o desenvolvimento latino-americano, uma discussão central no pós-Guerra. Também inquirir as principais estratégias de países da região na promoção desse objetivo, e o papel de governo e empresas dos Estados Unidos na região. Este capítulo examina a formulação da visão de uma América Latina que avança rumo à modernidade através de textos, imagens e ações. Essa imagem de avanço é analisada por meio de matérias jornalísticas, fotografias e da atuação de Tad Szulc nas relações interamericanas. O que inclui seu papel como intermediador da

expansão comercial dos Estados Unidos, além das ações da política latino-americana para o público estadunidense.

Uma das iniciativas de Tad Szulc, logo após assumir o posto de correspondente do *NYT* no final de 1955, foi reavaliar o cenário latino-americano – especialmente o da América do Sul, foco de sua cobertura – nas esferas econômica, política e social. Esse esforço pode ser relacionado com a nova diretriz de se produzir matérias mais significativas e menos extensas para o público leitor do diário. O jornalista fez jus a essa perspectiva interpretativa e investigativa desde o início da sua atuação através de um conjunto de artigos e reportagens que tratou de assuntos pungentes no pós-Guerra, como o nacionalismo e a industrialização, que suscitaram acalorados debates nos círculos da imprensa, política e intelectualidade da América Latina. Na encruzilhada dessas questões está o importante pensamento nacional desenvolvimentista, que foi uma das tônicas governamentais brasileiras, e de outros países da região, até pelo menos a década de 1980<sup>129</sup>. A efervescência dessas temáticas não passou ao largo dos observadores estrangeiros contemporâneos. No caso dos Estados Unidos, houve uma miríade de despachos do corpo diplomático, livros e matérias de jornal que trataram delas<sup>130</sup>. A busca do desenvolvimento, um dos motes da economia política global da segunda metade do século XX, foi um dos assuntos centrais da cobertura jornalística de Szulc.

O jornalista tratou das iniciativas de modernização da América Latina englobando atuações políticas e econômicas da segunda metade dos anos 1950 no continente americano. Por um lado, um conjunto de iniciativas da Casa Branca e Departamento de Estado que mantinha programas de apoio técnico e científico – como o Ponto IV<sup>131</sup> – e suporte financeiro. Ao mesmo tempo, governo e investidores estadunidenses mobilizaram a imprensa para destacar a atuação cada vez mais ampla do seu setor privado na região. Por outro, Szulc participou também com textos e fotografias do esforço de governos latino-americanos em projetar suas iniciativas de desenvolvimento, da criação de cidades e estradas à produção agrícola e petroleira. Os dois tópicos a seguir analisam a atuação de Tad Szulc nessa encruzilhada de interesses, sua participação na formulação textual e imagética de uma América Latina caminhando a passos largos para o desenvolvimento.

---

129O nacionalismo assumiu diversas conexões políticas, culturais e econômicas na América Latina desde os anos 1930. Seus vínculos com as perspectivas de desenvolvimento vieram à baila em relevantes discussões, como a do papel do Estado. Sobre o tema, ver Laurence Whitehead (2015, p. 27).

130Conforme Carla Simone Rodeghero (2007, p. 165), uma das atividades desses diplomatas era justamente monitorar a ascensão e os perigos para os Estados Unidos de movimentos considerados nacionalistas.

131Programa de assistência técnica para nações em desenvolvimento ao redor do globo como quarto ponto do discurso presidencial de Harry Truman em 1949. Baseou-se em experiências de ajuda técnica à América Latina durante a Segunda Guerra.

## 2.1 Autoestradas para o desenvolvimento

O Brasil e o Chile foram dois países que levaram a cabo expansões industriais e de infraestrutura, reformas econômicas e da máquina pública na segunda metade dos anos 1950<sup>132</sup>. Um conjunto de políticas que estavam no cerne dos problemas-chave latino-americanos identificados por Szulc. Um dos elos entre a cobertura do correspondente das ações promovidas pelos governos do presidente chileno Carlos Ibáñez del Campo (1952-1958) e do brasileiro Juscelino Kubitschek (1956-1961) foi o espaço. Tad Szulc dedicou artigos e reportagens a ações de domínio e transformação de territórios naturais em modernas cidades, estradas e portos ou áreas de produção econômica – para agricultura, pecuária e extração de petróleo. Um momento de amplo crescimento industrial na América Latina capitaneado no viés de substituição de manufaturas estrangeiras por produtos nacionais – como carros, eletrodomésticos, máquinas agrícolas, etc. – que consumiam parte relevante da riqueza nacional<sup>133</sup>.

Uma ruptura entre centro e esquerda que governaram o Chile nos anos 1940, levou à aliança que tornou Carlos Ibáñez presidente pela segunda vez em 1952 – a primeira havia sido entre 1927 e 1931. É possível traçar paralelos entre ele e Getúlio Vargas. Ibáñez foi um político com vínculos diretos com as massas, independente de partidos políticos. Assim como o presidente brasileiro, nutriu uma aproximação com Perón e depois de ter ascendido ao poder na virada dos anos 1930 como um ditador, retornou por via democrática nos anos 1950. Nesse segundo mandato, ancorou-se no centro do espectro político e se aproximou da direita para construir um governo nacionalista e desenvolvimentista. Entre outras medidas, investiu na estatal *Empresa Nacional del Petróleo* (ENAP) – inaugurada dois anos antes – e na indústria siderúrgica, além de criar uma companhia açucareira<sup>134</sup>.

O segundo governo de Carlos Ibáñez del Campo não logrou êxito em virtude da baixa no preço do cobre, principal produto chileno, com o fim da Guerra da Coreia, o que produziu desequilíbrio na balança comercial e inflação<sup>135</sup>. Por causa disso, o governo recorreu a empréstimo com o FMI e uma consultoria privada estadunidense que indicou um pacote de

---

132O foco nessas duas nações se deve, em parte, ao próprio recorte espacial de atuação do correspondente na América Latina, que exclui as outras duas grandes repúblicas em franco processo de industrialização, a Argentina e o México.

133Para uma avaliação geral da industrialização latino-americana no pós-Guerra, incluindo os contextos dos grandes e pequenos países, ver Ricardo Ffrench-Davis (1997, p. 108).

134A *Compañía de Acero del Pacífico* foi fundada em 1946, já a *Industria Azucarera Nacional* em 1953. Tanto a CAP quanto a IANSA são sociedades anônimas de capital misto ainda em funcionamento.

135Conforme avaliações historiográficas recentes que sintetizam os reveses do segundo governo do presidente Ibáñez, ver Edwin Williamson (2016, p. 344).

austeridade para barrar a alta de preços. Terminou seu governo sem conseguir implementar essa estabilização e ainda teve que enfrentar fortes motins e greves capitaneados pela esquerda que o acusaram de ceder ao imperialismo estadunidense<sup>136</sup>. Por outro lado, Szulc, contemporâneo aos eventos, foi dúbio em relação à atuação governamental, pois fez o elogio das ocupações e uso do potencial econômico do território, bem como foi um apoiador do combate austero à inflação. Depois disso, tornou-se crítico à incapacidade de manutenção dessas políticas.

Já em relação a Juscelino Kubitschek, o correspondente do *NYT* foi um entusiasta em diversos aspectos. Ele inclusive viajou do Rio de Janeiro, diversas vezes com o séquito presidencial de jornalistas para vistoriar a construção do seu mais ambicioso projeto: Brasília. Além disso, Szulc acompanhou outras obras do Plano de Metas – o planejamento central das ações do governo brasileiro – que incluíam a industrialização, expansão das rodovias e da capacidade de produção de energia. Em outra frente, o jornalista apresentou a Operação Pan-Americana, como um importante passo para a política continental e depois, como uma oportunidade desperdiçada pelos Estados Unidos<sup>137</sup>.

Assim como Ibáñez del Campo, Kubitschek costurou uma aliança a partir do centro, só que seus laços foram mais amplos e ele teve mais sucesso. Ele foi eleito pela coligação com a esquerda – incluindo seu vice-presidente João Goulart do Partido Trabalhista Brasileiro –, mas manteve boa relação com a oposição, especialmente a União Democrática Nacional, então principal força da direita. Dessa forma, articulando interesses diversos e com talento político nato, o presidente lançou o plano de governo nacional desenvolvimentista que guiou seu mandato e estava expresso no slogan: “Cinquenta anos em cinco”<sup>138</sup>.

O presidente Juscelino Kubitschek desviou-se de questões prementes que estourariam alguns anos depois, como a reforma agrária, a educação universitária e a desigualdade social, e obteve amplo sucesso nas metas de industrializar, construir estradas e ampliar a capacidade energética do país<sup>139</sup>. Na encruzilhada entre combater a inflação e manter a expansão na infraestrutura, optou pelo segundo caminho. Essa decisão não passou incólume a observadores nacionais e estrangeiros, incluindo o próprio Tad Szulc.

---

136Para uma avaliação ampla da economia e desenvolvimento chileno, ver Patricio Meller (1998, p. 19).

137Uma perspectiva que ele reitera nos seus livros. Por exemplo, na análise de Szulc (1963, p. 115) sobre a situação revolucionária na América Latina e o papel dos Estados Unidos diante dela.

138Vânia Moreira (2003, p. 157) distingue pelo menos três grandes projetos político-econômicos na sociedade brasileira dos anos 1950 e 1960. Além do nacional desenvolvimentismo (com elementos progressistas do centro), havia nacional economicismo (com progressistas mais à esquerda) e o ruralista (conservador e agrário-exportador). Ela avalia que apesar de importantes distinções e embates, todos os três consideravam a industrialização como questão-chave para desenvolvimento do Brasil.

139Para avaliação do sucesso da administração de Juscelino Kubitschek no cumprimento do seu Plano de Metas e do seu papel no desenvolvimento brasileiro, ver Paul Singer (2007, p. 279).

Historiadores como Skidmore (2007, p. 229) e Moreira (2003, p. 190), identificam que a partir de 1959 – mas especialmente depois de sair do cargo em 1961 – surgiram críticas ao governo Kubitschek tanto da esquerda quanto da direita. Ele foi atacado por ser “entreguista” ao capital estrangeiro, ignorar a questão agrária e irresponsável no combate a corrupção e inflação.

Em síntese, a conexão entre essas duas administrações com bases e resultados díspares é o caráter desenvolvimentista, pois ambas se apropriaram das discussões levantadas pela CEPAL para formular seus planos de governo. A própria ideia de produzir um programa sistemático de ações orientadas para o desenvolvimento – a exemplo do Plano de Metas de Kubitschek – já é uma influência cepalina<sup>140</sup>. Nos dois países o Estado foi reformado para ser o principal propulsor das estratégias para alcance do desenvolvimento via industrialização por substituição de importações. Por um lado, cabia a ele cobrar taxas de importação das manufaturas estrangeiras a serem substituídas, por outro, estimular as indústrias nacionais via crédito público e garantia de preços. Além de realizar o controle de salários e preços, e garantir taxas de tributação e câmbio atraentes. Por fim, investir substancialmente em infraestrutura de transportes e energia<sup>141</sup>.

Esse último aspecto é o que ganhou destaque nas matérias de Szulc sobre as ações para o desenvolvimento. Para tratar desse tema, ele viajou pelos mais diversos rincões reportando a transformação da natureza latino-americana; uma das regiões isoladas mais vezes visitadas pelo jornalista foi a Amazônia. No final de 1958, foi publicada no *NYT* uma matéria enviada de Macapá:

Uma das selvas mais densas do mundo, cuja terra nenhum homem branco nunca pôs o pé antes, onde os animais selvagens não conhecem a presença humana, senão os índios Gavião e Urubu [...] Durante séculos, suas florestas fumegantes com grossas lianas retorcidas, cobras do mato, panteras elegantes, insetos estranhos e índios selvagens, seus rios de redemoinhos e corredeiras, crocodilos e carnívoros peixes piranha efetivamente fecharam todos os contatos, exceto os mais superficiais. (*NYT*, 09 nov. 1958, p. 16)<sup>142</sup>.

Nesse trecho, Szulc apresentou ao leitor elementos que nortearam seus textos sobre a

140Conforme Ricardo Bielschowsky (2000a, p. 35), essa prática era incomum até os anos 1950 na América Latina e se tratou de uma das primeiras bandeiras defendidas pela comissão.

141A esses aspectos, somam-se outros. Por exemplo, Williamson (2016, p. 347) sublinha a necessidade do Estado ter contatos com o mercado mundial para obter tecnologia e mão de obra especializada, além de grandes somas de capital estrangeiro para financiar a industrialização e a expansão da infraestrutura.

142“‘The one of the world’s densest jungles, through terrain where no white man ever set foot before, where wild animals know no human presence but Hawk and Crow Indians [...] For centuries, its steamy forests thick with twisted lianas, bushmaster snakes, sleek panthers, strange insects and savage Indians, its rivers of whirlpools and rapids, crocodiles and flesh-picking piranha fish have effectively shut off all but the most cursory and artificial contacts’”.

Amazônia e do mundo natural latino-americano, as ideias de vastidão, incivilidade e isolamento. Esse colossal território seria o lugar de uma natureza superlativa, da qual ele destaca a força das árvores e uma gama de animais selvagens. Seja por conta do calor sufocante sob a copa das grandes árvores ou o entrecortado relevo que dificulta a navegação dos rios, se trata de um lugar ameaçador devido a animais espalhados pelas águas e matas e os índios. Os escritos de Szulc evocam uma série de imagens de um espaço inóspito e perigoso recorrentes no imaginário sobre a natureza. Perscrutando as palavras do correspondente é possível estabelecer elos entre as matérias dos anos 1950 e visões anteriores sobre a Amazônia. As mais distantes dessas imagens certamente são as representações do Novo Mundo como o inferno, produzidas pelos cronistas coloniais<sup>143</sup>.

Outro recorte espacial visitado diversas vezes por Tad Szulc foi a Cordilheira dos Andes. Ele transitou por espaços variados da extensa cadeia montanhosa que corta a porção oeste da América do Sul. Em uma matéria sobre uma dessas viagens Szulc apresenta uma ilha:

Esta terra vasta e terrivelmente disforme, nascida em alguma agonia vulcânica, e chamada de Ilha Grande da Terra do Fogo – porque era tão grande e por causa das fogueiras nos acampamentos indígenas que cintilavam ao longo das margens – a ilha era uma sombria, misteriosa e desagradável lenda. Foi habitada por índios selvagens, que alguns marinheiros disseram que eram canibais e que certamente não nutriam sentimentos amigáveis em relação a intrusos brancos. O clima era incrivelmente ruim, longos invernos subantárticos com neve profunda e chicotadas de calor nos verões. (*NYT*, 07 abr. 1957, p. 20)<sup>144</sup>.

A Ilha Grande, território dividido entre a Argentina e o Chile, é caracterizada pelo correspondente como uma grande paisagem disforme habitada por antigos e ferozes índios. É fácil estabelecer elos entre sua visão da Amazônia com a da Terra do Fogo, ambas apresentadas como extensas regiões incivilizadas – sem centros urbanos, estradas ou outros sinais da modernidade. Nas duas, além da presença indígena, há a geografia pouco convidativa. Só que enquanto o calor na floresta amazônica era inóspito, ele é substituído pelo intenso frio e a neve no sul do continente.

O motivo para se ter contato com essa natureza inóspita e ameaçadora foi expressa

---

143A região amazônica foi desde o século XVI descrita e pintada em perspectivas edênicas ou infernais. Por sua dimensão, variedade de plantas, animais, grupos humanos, possibilidades de exploração comercial e extenso repertório de lendas, a Amazônia ocupa uma posição de destaque nos relatos de viagens e permeia o imaginário ocidental desde então. Ver Ana Maria Beluzzo (1996, p. 13).

144“*This vast and atrociously misshapen land, born in some volcanic agony, and named it Isla Grande de Tierra del Fuego (Fire Land) – because it was so big and because Indian camp fires were flickering along its shores – the island was a bleak, mysterious and disagreeable legend. It was inhabited by savage Indians, who were said by some sailors to be cannibals and who certainly harbored no friendly sentiments for white intruders. The climate was unspeakably bad, long sub-Antarctic winters with deep snow, and gale-whipped warmish summers*”.



por Tad Szulc nos seguintes termos: a “realização do velho sonho de civilizar a *wilderness*” (*NYT*, 09 nov. 1958, p. 15)<sup>145</sup>. Para explicar a expansão sobre o mundo natural – a construção de infraestrutura de transportes, indústrias e cidades – capitaneada pelos governos latino-americanos, o correspondente se valeu de elementos do imaginário estadunidense. Ele mobilizou em diversas situações a ideia de *wilderness* para traduzir a relação dos homens com a natureza<sup>146</sup>. Esse conceito tem longas raízes e variados usos na língua inglesa, além de estar fortemente atrelado a identidade nacional estadunidense. Assim, ele abarca a concepção de um lugar selvagem de condições extremas, sem a presença humana, habitado por animais e plantas – como as florestas, mas também desertos, geleiras, etc.

Dessa maneira, a ideia de *wilderness* remete também a um espaço que altera as percepções do indivíduo, promove transformações pessoais como o enlouquecimento e o restabelecimento moral<sup>147</sup>. Ao longo do tempo, houve diversos usos para o conceito que alargaram seus significados, o mais conhecido deles remete à experiência histórica estadunidense. Data do final do século XIX, as teses do historiador Frederick Jackson Turner que posicionam a fronteira e a conquista da *wilderness* como elementos centrais da história dos Estados Unidos. Escrevendo na conjuntura em que a conquista do Oeste chegou ao seu limite, ao Oceano Pacífico, o historiador estabeleceu a fronteira – construída a partir da transformação do mundo natural selvagem – como espaço em que se estabeleceu não apenas os limites territoriais, como também o caráter do povo estadunidense<sup>148</sup>.

Ao referenciar a conquista da *wilderness* em seus textos e imagens, Tad Szulc está interpretando a ocupação territorial e expansão agroindustrial latino-americana do pós-Guerra em termos da cultura estadunidense. No entanto, mais do que uma simples tradução de palavras, o correspondente do *The New York Times* está projetando os significados da experiência histórica dos Estados Unidos para explicar a América Latina. Szulc é consciente do esforço de diversos países latino-americanos, pelo menos desde os anos 1930, para que o espaço natural seja convertido em áreas urbanas e rurais<sup>149</sup>. O que ele fez, foi narrar e avaliar esse empreendimento nos termos da conquista da *wilderness*. Assim, para além da simples

145 “[...] fulfillment of the old dream of civilization the wilderness”.

146 A historiografia das relações interamericanas sublinha a dificuldade de traduzir o termo para o português. Exemplos recentes nos quais essa questão foi levantada estão em Pedro Tota (2014, p. 127) e Henrique Alonso Pereira (2015, p. 36). Esta pesquisa se vale, entre outras obras, do mais profícuo esforço em língua portuguesa de compressão dos múltiplos sentidos e usos da ideia de *wilderness*, o de Mary Anne Junqueira (2000, p. 53).

147 Para um aprofundamento nos conceitos e usos da *wilderness*, ver Roderick Nash (2004, p. 4).

148 As famosas teses de Turner tem forte influência não apenas na historiografia, mas também na imaginação social estadunidense até o presente. Para tradução atual de seus textos fundamentais com comentário historiográfico, consultar Paulo Knauss (2004).

149 Analisando os governos latino-americanos entre os anos 1930 e 1950 ele descreveu o domínio efetivo do território e o desenvolvimento enquanto metas de diversos países, como o Brasil e Venezuela. Ver Szulc (1959, p. 20).

ocupação territorial, ele considera a conquista da natureza como uma alavanca para o desenvolvimento latino-americano, assim como a expansão da fronteira Oeste teria marcado uma virada na história estadunidense.

Nas matérias sobre as ações de desenvolvimento da América Latina, Szulc se vale da ideia de *wilderness* para apresentar a natureza como um obstáculo a ser superado. Nesse sentido, ele sublinha o trabalho nas obras da rodovia Transbrasiliana<sup>150</sup>:

Em um alto patamar, onde há apenas dois dias, grupos de homens duros e musculosos cortaram árvores altas e vegetação rasteira, monstros mecânicos pintados de laranja – os tratores de terraplenagem – atacam furiosamente os montes da terra que devem ser movidos antes do trator amarelo poder entrar no nível da estrada. [...] Como um engenheiro jovem disse, observando as enormes árvores caindo no caminho de sua rodovia, “Estamos finalmente avançando”. (*NYT*, 09 nov. 1958, p. 41)<sup>151</sup>.

A mensagem de Tad Szulc é clara, a atuação coordenada dos homens e das máquinas destruindo a natureza é o que produz o avanço. O jornalista destaca potência dos trabalhadores e o tamanho do maquinário, sua capacidade de vencer os grandes obstáculos da Amazônia. Essa perspectiva textual é corroborada pela imagem produzida pelo próprio correspondente, a figura 1. Nessa grande fotografia – ocupa cerca de metade da página do jornal – há o contraste entre a clareira, que forma uma estrada ascendente em direção ao céu, e as árvores de copa alta nas margens, para onde o trator se direciona. A mesma ideia de avanço – na construção e sobre a natureza – expressa por Szulc nas palavras do engenheiro, a versão visual da civilização da *wilderness*.

---

150A BR-153 cruza o país verticalmente, vai da divisa com o Uruguai até o início do estado do Pará. Um fruto dos planos de expansão rodoviária do governo Kubitschek, foi inaugurada incompleta em 1959.

151“Up on a high grade, where only two days ago gangs of tough, muscled men cut down towering trees and tangled underbrush, orange-painted mechanical monsters – the motor-scrappers – are furiously attacking hillocks of earth that must be moved before the yellow tractor can come in to level the roadbed. [...] As a young engineer said, watching the huge trees falling in the path of his highway, ‘We are finally moving ahead’.”



**Figura 1.** Tratoristas recolhem troncos cortados na selva amazônica para abrir a rodovia Transbrasiliana (NYT, 09 nov. 1958, p. 16)<sup>152</sup>.

Ele se apropriou e modelou – para os padrões culturais estadunidenses – uma perspectiva presente na imprensa e discurso governamental latino-americano. No caso brasileiro, as revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* utilizavam os mesmos marcos para tratar das obras empreendidas pela administração Kubitschek na Amazônia, a concepção de progresso sobre a natureza e modernização promovida com o trabalho de homens e máquinas<sup>153</sup>. Uma diferença entre o apresentado no *NYT* e as revistas locais – no caso das estradas de rodagem, mas também em outras ações governamentais – está no tom. A grande imprensa nacional estava em um clima de euforia social com o crescimento econômico e a industrialização associada à ascensão do nacionalismo desde os anos 1930, promovia coberturas ufanistas dessas obras.

<sup>152</sup>Fotografia reproduzida da página do jornal em escala de  $\frac{1}{2}$ , respeitando as proporções originais. A granulação e contraste das imagens apresentadas nesta pesquisa variam de acordo com o qualidade da digitalização no acervo online do *NYT*. As obtidas na revista semanal são melhores que as do jornal diário.

<sup>153</sup>Conforme a análise de Rafael Baitz (2003, p. 62) das visões da América Latina na imprensa brasileira dos anos 1950 e 1960.

Apenas nos veículos de informação de oposição – como a *Tribuna de Imprensa* dirigida por Carlos Lacerda – havia críticas reiteradas à efetividade, aos excessivos gastos e a corrupção<sup>154</sup>. No entanto, a maior parte dos grandes jornais e revistas estava afinada com o slogan “Cinquenta anos em cinco” da campanha de Kubitschek. Mesmo escrevendo como um entusiasta das iniciativas da modernização, Tad Szulc produziu um jornalismo mais equilibrado, em que apareceram também críticas e contradições das iniciativas governamentais brasileiras e demais países latino-americanos. A gradação da quantidade e mordacidade das críticas de Tad Szulc variou de acordo com seus vínculos pessoais, profissionais e intelectuais. Os governos menos criticados foram os do Brasil, mais vezes atacadas pelo jornalista foi a administração Perón na Argentina – considerada uma versão tropical do fascismo europeu – e o regime revolucionário cubano após o alinhamento formal com a URSS.

As matérias sobre a expansão rodoviária na Amazônia são modelares da cobertura que Szulc realizou de empreendimentos na América Latina. No caso da Terra do Fogo, ele sublinhou a iniciativa petrolífera e a pecuária ovina. Em uma nova visita ao extremo sul do continente, o jornalista relatou que “Os caminhões e o ônibus, como o LSM [um navio], pertencem à ‘Empresa Nacional del Petróleo’ do governo chileno, uma empresa de trabalho duro que, nos últimos doze anos, produz petróleo nessa ilha remota e lendária”. Sua conclusão é que, “com isso, transforma a paisagem, a economia e os costumes da Terra do Fogo” (*NYT*, 07 abr. 1957, p. 221)<sup>155</sup>.

Os veículos e embarcações dessa empresa estatal chilena são meios de transporte para levar os trabalhadores ao trabalho duro, que transforma a economia e modos de vida da Terra de Fogo, como também o próprio espaço. O diagnóstico do correspondente é que o Chile está se desenvolvendo ao vencer a natureza hostil do gelado extremo sul. No mesmo lugar, ele identificou a expansão da ovinocultura como outra atividade de domínio do mundo natural. Mais do que uma simples ocupação com ovelhas da Terra do Fogo e Patagônia – região mais ao norte –, para Szulc é nesses lugares “onde experimentos no controle da erosão e na melhoria do pasto, vitais para a indústria ovina do Chile, estão sendo realizados com sucesso” (*NYT*, 27 mar. 1957, p. 19)<sup>156</sup>. Ele lembrou que parte dos ganhos chilenos com

154Esse discurso era forte na UDN, partido de oposição a Getúlio Vargas e depois Juscelino Kubitschek, e em parte da classe média dos grandes centros urbanos. Para a atuação da *Tribuna de Imprensa* e Carlos Lacerda, principal político da oposição, consultar Carlos Eduardo Leal (2009).

155“The trucks and the bus, like the LSM, belong to Chilean Government's "Empresa Nacional del Petroleo", the hard-working outfit, that, for the last twelve years, has been producing oil on the remote and legendary island and, with it, refashioning Tierra del Fuego's landscape, economy and customs”.

156“[...] where experiments in erosion control and improvement of pasture grass vital to Chile's sheep industry are being successfully conducted”.

exportações se concentrava na venda de lã, pele e carne congelada de carneiro. Assim, com investimentos em tecnologia, o Chile estaria transformando vazios territoriais em recursos necessários à industrialização.

Em outros países, e mesmo nas colônias, o correspondente tratou também do progresso sobre a natureza. Assim é na reportagem de título “Monstro Comedor de Terra Conquista a Selva” (*NYT*, 28 ago. 1957, p. 37)<sup>157</sup>, em que se refere à máquina de escavação gigante que estava sendo utilizada na exploração de bauxita na Guiana Britânica. Esse texto é acompanhado por uma imagem de uma imensa máquina escavadora funcionando ao lado de um rio – a figura 2. Nela a escavadeira ocupa todo o terço superior da fotografia e, dessa posição, ela domina o espaço com seu guindaste. As fotografias de Szulc dessas viagens para construções, fábricas, minas, etc. são eficazes em ilustrar e reforçar aspectos que o correspondente lançou nas matérias. Nessas imagens, é perceptível o enfoque do correspondente – ou, pelo menos, da editoria – nas máquinas transformando o meio ambiente.

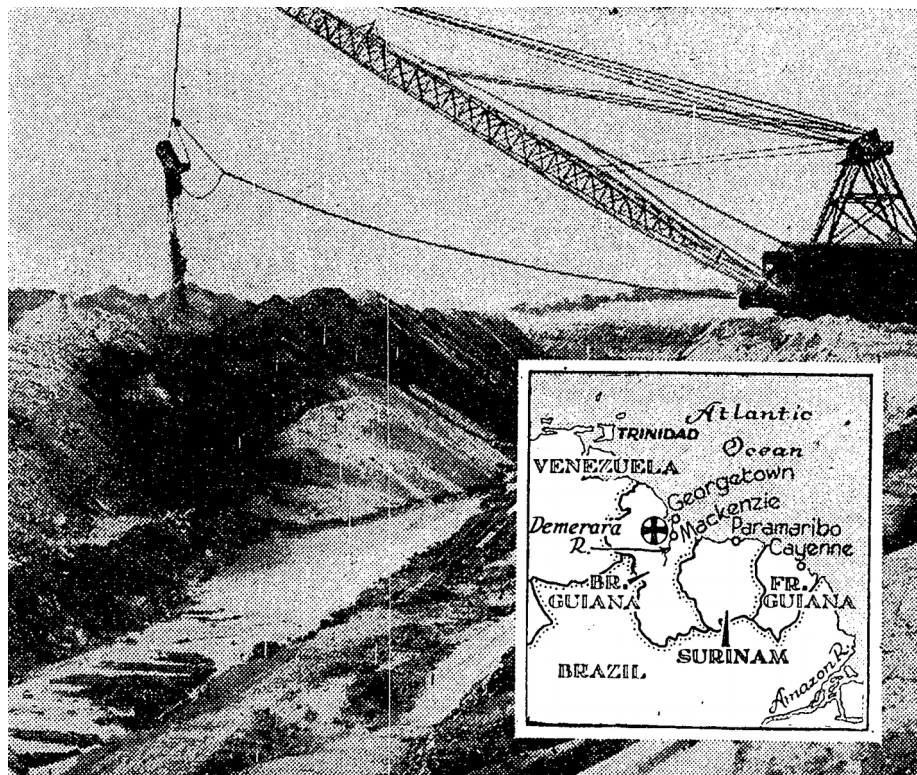


Figura 2. Monstro comedor de terra em ação na Guiana Britânica (*NYT*, 28 ago. 1957, p. 37)<sup>158</sup>.

Nessa reportagem, as palavras e imagens de Tad Szulc estabeleceram duas relações entre o desenvolvimento e a natureza. Na primeira delas, o mundo natural é apresentado como um obstáculo, a sua vastidão, relevo entrecortado, flora, perigosos animais e índios, além do

<sup>157</sup>“Earth-Eating Monster Conquers the Jungle”.

<sup>158</sup>Fotografia retirada do jornal mantendo as proporções originais, reproduzida na escala de 2/3.

clima inóspito seriam entraves à presença humana e modernização latino-americana. Diversos textos do correspondente constroem espaços atravessados por dificuldades e com perigos à espreita de qualquer empreendimento. Nesse sentido, ele avaliou positivamente, em reportagens e artigos, obras que avançavam estradas e cidades sobre o espaço natural em lugares variados.

Por outro lado, a natureza foi delineada como a grande “mina de ouro” sob os pés dos latino-americanos, uma riqueza em potencial a ser explorada para que os países alcançassem o desenvolvimento. Nessa direção, ele destacou o avanço do campo, com a pecuária e a agricultura, e a extração mineral, que inclui o manganês, o cobre, o ouro, a bauxita e, especialmente, o petróleo. Essas duas relações com o espaço natural foram complementares, pois os desafios e perigos proporcionados pela natureza, muitas vezes foram levantados para dar relevo às iniciativas que transformavam a paisagem.

Essas duas relações pressupõem que dominar a natureza é um sinal de progresso. Essa articulação de ideias não é uma novidade nos Estados Unidos, nem na América Latina. Há profundas raízes – ainda em solo colonial – de uma das mais arraigadas crenças estadunidenses: encarar a *wilderness* como inimiga a ser vencida e explorada. Um ímpeto civilizador constantemente atualizado que equaciona a dualidade obstáculo e riqueza potencial<sup>159</sup>. A natureza está também no cerne da construção do sentimento nacional de países como o Brasil, pelo menos desde a virada para o século XX.

Nesse caso, há, pelo menos, três matrizes simultâneas no pensamento intelectual brasileiro até os anos 1950. A primeira encarava a natureza como entrave ao progresso, a segunda como fator de elevação econômica e moral da pátria, a terceira identificou a decadência da fauna e flora, e a necessidade de preservação<sup>160</sup>. Há várias pesquisas que já identificaram e analisaram essas representações em circulação na imprensa, literatura e cinema dos Estados Unidos e América Latina no pós-Guerra<sup>161</sup>. Em meio a esse conjunto de visões diversas, Tad Szulc faz uso tanto de perspectivas estadunidenses, quanto latino-americanas em relação à natureza, mas não foi um mero reprodutor de discursos anteriores,

---

159Fredrick Pike (1993, p. 1) considera que essa atitude com a natureza revela a essência do impulso imperialista e capitalista estadunidense. Ambos são identificáveis – notadamente o capitalista – nos textos de Szulc. Uma terceira atitude estadunidense analisada por Pike da qual Szulc também se apropria é encarar o mundo natural como lugar de regeneração.

160Conforme analisa Felipe da Silva (2017, p. 171), vários intelectuais desde o início da República se inseriram nas discussões de identidade e espaço nacional com enfoque na natureza, como Afonso Celso, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato. Certo é que existiram diálogos entre as perspectivas brasileiras e estadunidenses de se lidar com a natureza. Para um estudo comparado da representação e debate das identidades nacionais nos Estados Unidos e Brasil mobilizando categorias espaciais ligadas ao mundo natural – como fronteira, sertão, bandeiras e marcha para o Oeste – consultar Lúcia Oliveira (2000, p. 70).

161Como as pesquisas de Junqueira (2000, p. 95), Baitz (2003, p. 95) e Medeiros (2005, pos. 199).

ele entrecruzou visões do mundo natural desses dois repertórios, para mobilizá-las a partir de determinados vínculos e interesses.

As relações dele com a imprensa do Brasil – que abrigou o escritório base de Szulc e onde o *NYT* manteve correspondentes desde 1932 – são as mais bem documentadas. Entre os anos 1930 e início da década de 1950, o diário tinha no país Frank M. Garcia, um jornalista amigável às diretrizes políticas dos governos de Getúlio Vargas<sup>162</sup>. Ele participou ativamente do complexo projeto de propaganda do Brasil no exterior formulado pelo Itamaraty e o Departamento de Imprensa e Propaganda. Especialmente entre 1930 e 1945, os jornais do exterior – notadamente dos Estados Unidos – e nacionais eram mobilizados nas estratégias de propaganda que incluíam de recepções, pagamentos e outras benesses, além de vigilância e censura<sup>163</sup>. No entanto, essa relação sofreu uma quebra com a mudança de diretrizes na publicação e troca de correspondente, pois Sam Pope Brewer, ao contrário do seu antecessor, manteve distância dos altos círculos da política e fez avaliações críticas que geraram atritos com figuras da administração Vargas, como Oswaldo Aranha e João Goulart, então ministros da Fazenda e do Trabalho. Algumas de suas matérias no seu curto período no Brasil, entre 1952 e 1955, causaram reação de órgãos de imprensa variados do Rio de Janeiro, declarações oficiais e até um pedido de expulsão do país feito por um deputado federal, João Cabanas<sup>164</sup>. Em virtude disso, o diário substituiu Brewer por Szulc em um momento muito oportuno, uma vez que nesse período Kubitschek e Goulart foram eleitos e Aranha se preparava para retomar seu posto na ONU.

É nessa época também que o futuro embaixador nos Estados Unidos da administração Juscelino Kubitschek, Ernani Amaral Peixoto – então governador do Rio de Janeiro e presidente do PSD – contratou um consolidado especialista em propaganda governamental no estrangeiro, Conrad Wrzos<sup>165</sup>. Juntos fizeram a avaliação que o poder do Brasil em controlar sua imagem no exterior era muito pequeno, sendo necessário uma série de ações para garantir o direcionamento desse olhar estrangeiro. Entre as medidas planejadas, estava a distribuição de material fotográfico e informativo sobre o novo presidente e também

---

162Em pesquisa anterior, evidenciamos que a Frank Garcia como homem de imprensa afinado com as iniciativas governamentais no Brasil e estrangeiro. O que lhe rendeu inclusive um tratamento diferenciado e uma série de privilégios. Ver Saraiva (2015, p. 30).

163A partir dessas ações, as administrações Vargas – especialmente durante o Estado Novo (1937-1945) – mantinham um controle estrito que circulava dentro e fora do Brasil. Sobre o tema, ver Lindercy Lins (2015).

164Matérias como as do *O Jornal* (6 ago. 1953, p. 3) e do *Correio da Manhã* (12 abr. 1955, p. 7) tratam dos atritos com Aranha e Goulart depois de comentários de Brewer sobre aproximações com Perón e a condução econômica. Elas são sintomáticas da sua relação conturbada com a imprensa e o mundo político brasileiro.

165Antes de assumir efetivamente o cargo, ainda em 1955, o presidente eleito fez uma viagem pelos Estados Unidos e Europa. Wrzos foi um dos organizadores e fez parte da sua comitiva. Ele foi jornalista com trânsito entre universidades e círculos políticos estadunidenses.

uma rodada de visitas a políticos, intelectuais e jornalistas no estrangeiro<sup>166</sup>. Os encontros, nos quais Wrzos se apresentou como porta-voz do presidente eleito e do futuro embaixador, alcançaram o Departamento de Estado e políticos estadunidenses de alto escalão – como os democratas Adlai Stevenson e Averell Harriman, e o republicano Nelson Rockefeller<sup>167</sup>.

Além disso, Wrzos circulou também por agências de publicidade e teve conversas com os chefes dos maiores veículos de imprensa estadunidenses. Encontrou com o *publisher* do *NYT* – Arthur Hays Sulzberger – a quem teria aconselhado uma visita ao Rio de Janeiro. Em outro momento, ele informou sobre a ordem do editor-chefe para ampliar a quantidade de notícias cobrindo o país com o objetivo de construir uma rede de notícias sobre o Brasil e direcionar essa massa de informações numa perspectiva favorável<sup>168</sup>. As diretrizes lançadas por Wrzos para a cobertura jornalística e propaganda se baseava no referencial que Juscelino Kubitschek construiu desde a campanha, uma imagem de energia, força e planejamento para alcançar o desenvolvimento.

Nessa conjuntura de mobilização por uma nova imagem do Brasil nos Estados Unidos, Tad Szulc realizou uma atuação diversa do seu antecessor; para isso utilizou-se dos seus contatos na cidade onde havia morado na juventude e se fez acessível aos círculos político e empresarial. Assim, participou de variadas reuniões, festas, visitas e encontros, como atestam as colunas sociais, e estabeleceu bons vínculos com a imprensa local<sup>169</sup>. Além disso, ele teve suas matérias reproduzidas e comentadas entre os principais jornais da capital federal, bem como seus livros.

Apesar de compartilhar, assim como Pope Brewer, de críticas a Getúlio Vargas, João Goulart e outros nomes destacados da política latino-americana – como é expresso em suas obras – Szulc manteve uma cobertura jornalística positiva do Brasil, e por vezes propagandística, da atuação da administração Kubitschek. Não foram identificadas referências

---

166Os planos para reestruturação da propaganda do Brasil no exterior – especialmente Estados Unidos e Inglaterra – estão na farta correspondência entre o jornalista e Amaral Peixoto. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/EAP/textual/cartas-e-bilhetes-de-conrad-b-rostan-wrzos-a-ernani-do-amaral-peixoto-sobre-assuntos-relacionados-com-a-imprensa-e-a-propaganda-do-brasil-no-exter>> Acesso em 20 dez. 2017.

167Os dois democratas foram governadores, respectivamente, de Nova York e Illinois. Stevenson foi também o candidato democrata derrotado por Eisenhower nas eleições presidenciais de 1952 e 1956. Rockefeller foi – junto de Franklin Roosevelt – um dos mais influentes políticos dos Estados Unidos na América Latina.

168A correspondência de Ernani Amaral Peixoto e seu assessor dá conta da formulação e direcionamento dessa rede – a partir da Embaixada do Brasil – ao longo de anos. Seu funcionamento incluiu troca de favores e conversas, por vezes secretas, com representantes de publicações como a *United Press*, *Newsweek*, *Associated Press* e o *The New York Times*. A exemplo da época de Getúlio Vargas, houve um monitoramento também da repercussão textual e imagética das ações na imprensa.

169As matérias e notas de grandes veículos de imprensa – especialmente *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Diário Carioca* – dão conta que ele foi comensal da alta sociedade carioca, paulista e pernambucana enquanto viajava pelo país.



a Tad Szulc nos contatos e negociações do embaixador do Brasil nos Estados Unidos e seus representantes, mas é certo que o escritório do *NYT* no Rio de Janeiro estava envolvido em qualquer mudança na cobertura brasileira. De todo modo, Szulc se aproximou e congregou com a grande imprensa e alto escalão do governo brasileiro. A avaliação do jornalista, por exemplo, é que havia um responsável pelas mudanças que o Brasil atravessava:

Nos cada vez piores engarrafamentos das grandes cidades do Brasil, um quarto dos carros parece carregar uma marca “Indústria Brasileira”. O homem que ajudou a inaugurar a nova era do Brasil assumiu o cargo em janeiro de 1956, com o slogan de que ele daria a seu povo o progresso de “Cinquenta anos em cinco anos”. Não perdeu tempo em começar a trabalhar; ele realizou a sua primeira reunião de gabinete às 7 horas da manhã do dia depois de sua posse. O Dr. Kubitschek manteve sua inquietação desde então. Sua Administração reflete sua personalidade: informal, divertida, ambiciosa, trabalhadora e muito impaciente com métodos convencionais (*NYT*, 03 abr. 1960, p. 62)<sup>170</sup>.

Sua avaliação não é diferente do encontrado nas revistas semanais brasileiras – e em boa parte dos jornais – da mesma época, também não destoava das orientações lançadas pelo corpo diplomático brasileiro<sup>171</sup>. O carro nacional era apresentado como o símbolo da transformação do Brasil, da sua nova face moderna criada sob a direção do extrovertido e enérgico Juscelino Kubitschek<sup>172</sup>.

Tad Szulc foi também um dos responsáveis por edificar Brasília enquanto cidade síntese do progresso e modernidade brasileira nos Estados Unidos. No período de quatro anos entre o início construção e a inauguração da capital, de 1957 até 1960, produziu três reportagens especiais, além de muitas outras notícias que acompanhavam o andamento das obras no Centro-Oeste. Apesar de, inicialmente fora do Plano de Metas, a construção de Brasília se tornou o porta-estandarte do projeto de desenvolvimento levado a cabo pela administração Kubitschek. A transferência da capital para o interior do Brasil já estava inserida na primeira Constituição republicana de 1891, mas era um assunto praticamente ignorado até a campanha presidencial de 1955<sup>173</sup>. Em uma visita ao Planalto Central, o

170 “In the worsening traffic jams of Brazil's big cities, every fourth car seems to carry an “Indústria Brasileira” tag. The man who helped to usher in the new age for Brazil took office in January, 1956, with the slogan that he would give his people the progress of “Fifty Years in Five Years”. He wasted no time in getting down to work; he held his first Cabinet meeting at 7 o'clock on the morning of the day after his inauguration. Dr. Kubitschek has maintained a hectic tempo ever since. His Administration reflects his personality: informal, fun-loving, ambitious, hard-working, cavalierly impatient of conventional methods”.

171 Conforme a análise historiográfica de Rafael Baitz (2003, p. 65) dos textos e imagens sobre o desenvolvimento do país.

172 O aumento expressivo na produção de carros e caminhões se tornou um marco da expansão industrial brasileira entre 1956 e 1960. Conforme os dados analisados por Paul Singer (2007, p. 280), outras indústrias com crescimento considerável foram a química, a metalúrgica e a de material elétrico.

173 O artigo 3º da Carta magna de 1891 recortava uma área de pouco mais de 14 mil quilômetros quadrados no Planalto Central para o estabelecimento da capital. O congresso brasileiro aprovou a construção de Brasília em 1956, abrindo o suporte legal e político para o início dos trabalhos. Sobre a construção e significados da cidade,

correspondente apresentou aos leitores o cenário da construção.

Um ano atrás, Brasília não era senão uma ideia e um nome nos mapas do estado de Goiás, logo abaixo do Décimo Quinto Paralelo. Hoje, é um local em obras que tem milhares de homens e centenas de máquinas trabalhando durante os dias quentes e as noites frescas, esculpindo as futuras avenidas da cidade, as ruas e as praças da vegetação rasteira e solo vermelho sangue abaixo dela. (*NYT*, 10 nov. 1957, p. 47)<sup>174</sup>.

A imagem de Brasília é da cidade que está brotando do vazio – a figura 3 –, do mato e areia do interior brasileiro, a partir do trabalho de homens e máquinas. Ela segue na esteira da ideia do progresso sobre a natureza, que ele utilizou largamente para tratar de outros empreendimentos. A diferença da capital em construção está na grandiosidade, pois Szulc contou o maquinário na casa das centenas, e os trabalhadores na dos milhares, sublinhou também a quantidade de cimento, ruas, estabelecimentos comerciais, etc. Ele delineou o nascimento da urbe no território vazio como um evento gigantesco, na mesma proporção do salto brasileiro para o progresso. Brasília é uma “cidade-jardim cuidadosamente planejada que está nascendo na solidão moribunda do planalto, uma fantasia arquitetônica do futuro ganhando vida” (*NYT*, 10 nov. 1957, p. 47)<sup>175</sup>.

Por meio de uma prosa poética, o jornalista relatou a construção da cidade como um jardim que floresce sobre o deserto, mostrando que o contentamento e orgulho dos planejadores com a arquitetura é o de quem edifica uma capital do futuro no presente. A modernidade de Brasília é explicitada por Tad Szulc também em fotografias, nas linhas curvas e ousadas de prédios e monumentos – a figura 4<sup>176</sup>. O estilo dos prédios e o traçado das avenidas “como muitas coisas na nova capital, é modernista e bem desenhado” (*NYT*, 3 ago. 1958, p. 3)<sup>177</sup>. A capital é o lugar das curvas arrojadas e também da arte moderna brasileira<sup>178</sup>.

---

consultar Júlio Katinsky e Alberto Xavier (2012).

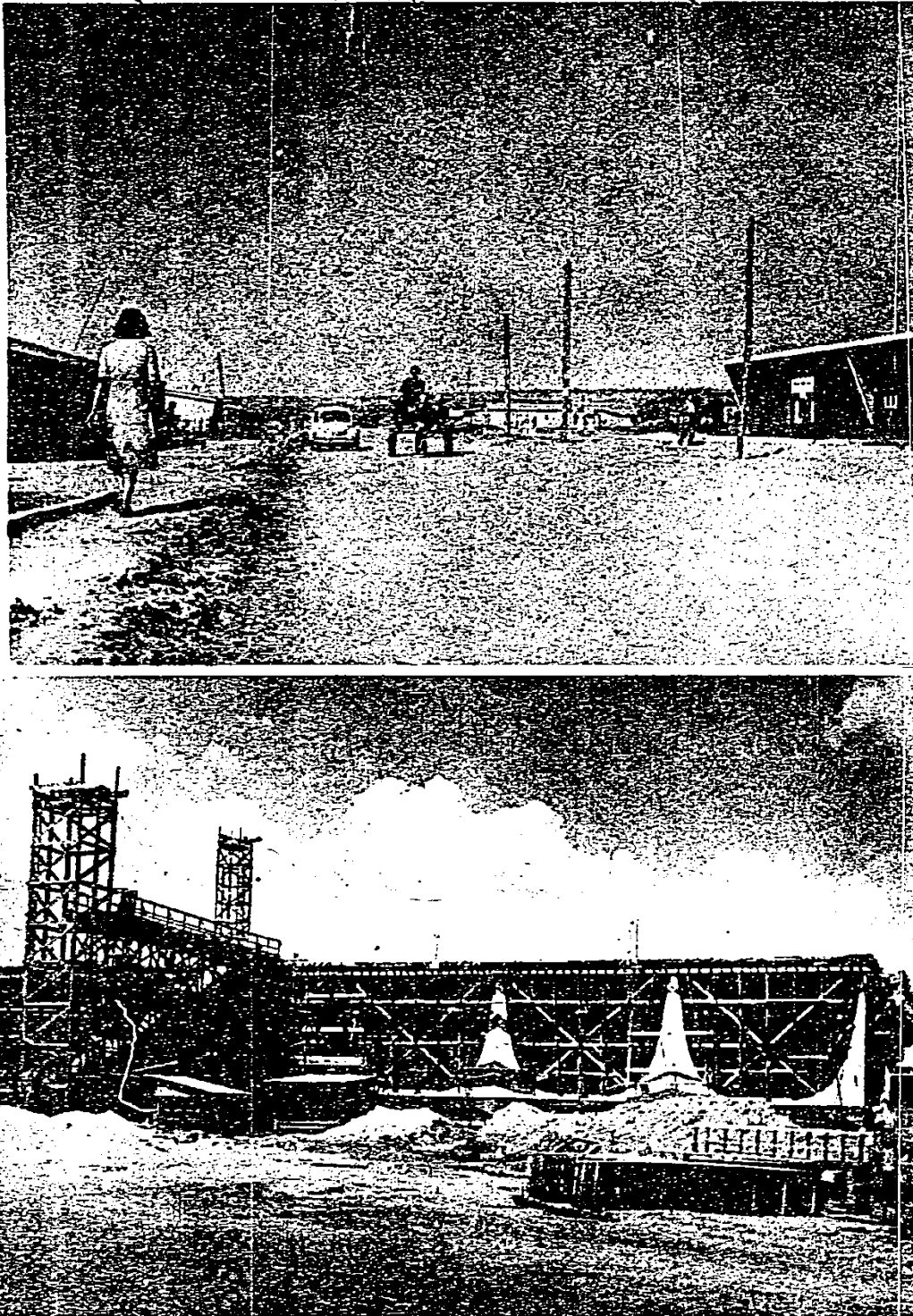
174“*A year ago Brasília was nothing but an idea and a name on the maps of the state of Goiás, just below the Fifteenth Parallel. Today, it is a deming construction site where thousands of men and hundreds of machines, working through the hot days and the cool nights, are carving the future city's avenues, streets and plazas out of the tangled underbrush and the blood red soil beneath it*”.

175“*A carefully planned, cross-shaped garden city [...] that is aborning in the dying loneliness of the plateau, an architectural fantasy of the future coming to life*”.

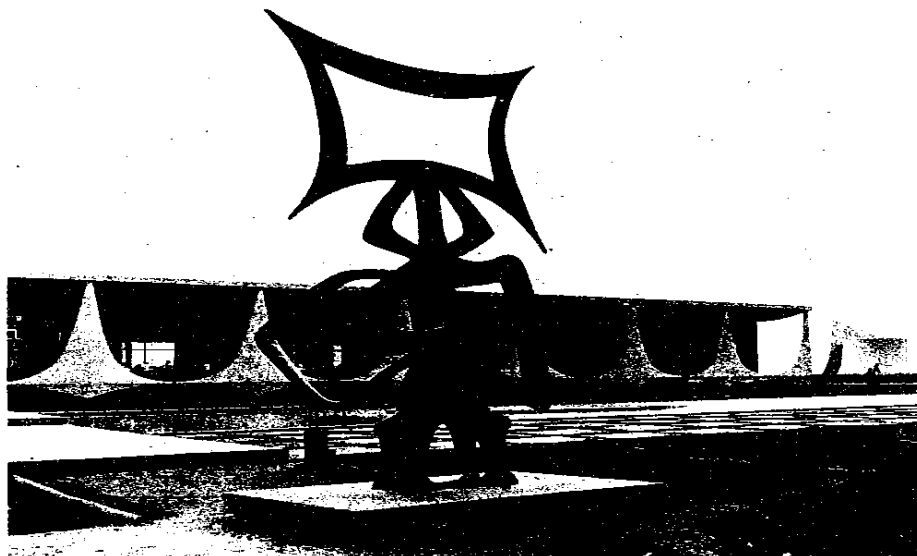
176Ao longo dos relatos de viagem à cidade, nos quais ele tratou do trabalho do urbanista Lúcio Costa e do arquiteto Oscar Niemeyer no planejamento das estruturas prediais e as linhas gerais do corpo urbano.

177“*[...] like many things in the new capital, it is modernistic and well designed*”.

178Além da arquitetura moderna, Szulc acompanhou também a arte brasileira, outra imagem de sofisticação e modernidade artística com participação do governo brasileiro. As edições de 1957 e 1959 da Bienal de Arte Moderna de São Paulo ganharam destaque na sua cobertura jornalística, incluindo os principais prêmios concedidos, a participação de artistas e a presença de Juscelino Kubitschek.



**Figura 3.** Rua sendo calçada na cidade que está sendo construída do nada. Construção do palácio presidencial projetado por Oscar Niemeyer (*NYT*, 10 nov. 1957, p. 47)179.



**Figura 4.** Escultura abstrata em bronze de Maria Martins em frente ao futuro palácio presidencial (*NYT*, 03 abr. 1960, p. 62)<sup>180</sup>.

O correspondente do diário nova-iorquino também apresentou algumas críticas à construção da cidade síntese da modernidade brasileira. Ainda na sua primeira visita às obras em 1957, lembrou que não havia como se calcular efetivamente o tamanho dos custos da edificação de Brasília, dada às cifras astronômicas em questão e também ao fato dos gastos serem distribuídos entre a Companhia Urbanizadora da Nova Capital, empresa estatal criada especificamente para a construção, e o orçamento federal diretamente envolvido nas estradas. Às vésperas da inauguração da cidade, em abril de 1960, relatou o acentuado aumento da inflação e a depreciação da moeda brasileira como decorrente das grandes metas de desenvolvimento, como Brasília. Além disso, citou as greves e protestos contra a alta nos custos de vida. Incorporou assim, novamente, argumentos utilizados pelos jornais de oposição, como a *Tribuna de Imprensa*, mas de modo tímido. Sua cobertura da construção da capital, entretanto não tratou de quaisquer problemas ou dificuldades na vida dos candangos – trabalhadores braçais que migraram para trabalhar nas construções – apenas demarcou o Planalto Central como nova terra de oportunidades para desempregados do Nordeste<sup>181</sup>.

A edificação de Brasília foi um tema destacado também em outros grandes veículos de informações internacionais e até na imprensa interiorana dos Estados Unidos. Uma comparação com esses outros jornais escritos é pertinente para um exame mais preciso do trabalho de Szulc. O *The Spartanburg Herald*, do interior da Carolina do Sul, foi um pequeno diário que enviou Glen Long para um giro pela América Latina no início de 1959<sup>182</sup>. Sua

<sup>180</sup>Imagem que ocupa cerca um terço de uma página da publicação, reproduzida em escala de ½.

<sup>181</sup>Para uma história social tratando da vida e exploração dos candangos, ver Gustavo Ribeiro (2008).

<sup>182</sup>Um exemplo de diminuto e antigo jornal – já era centenário nos anos 1950 – dos Estados Unidos profundo. Até hoje continua sendo o principal veículo de imprensa de Spartanburg.

reportagem sobre a nova cidade repete alguns pontos de vista expressos por Szulc, como a conquista da *wilderness* no interior do Brasil, o relevante papel de Kubitschek e a modernidade arquitetônica. Só que Long vai além, pesquisou o alto preço dos aluguéis e se inteirou da bebedeira e diversão na cidade temporária – onde moravam os candangos. Além disso, destacou que nesse lugar de oportunidades “o estabelecimento de negócios estrangeiros são desencorajados” uma vez que as terras pertenciam ao Estado, e este controla a distribuição de lotes para negócios, dificultando qualquer tipo de expansão na cidade (*TSH*, 13 mar. 1959, p. 14)<sup>183</sup>. Distante da atuação da rede de notícias da Embaixada, e ainda mais dos círculos da alta política e imprensa brasileira, ele produziu uma visão não tão engajada quanto à cobertura do *NYT*.

Essa variedade de perspectivas abarcou também reconhecidos jornalistas e escritores, como John dos Passos<sup>184</sup>. No verão de 1958, ele visitou a construção de Brasília durante uma longa viagem pelo Brasil, sobre a qual escreveu para a *Reader's Digest*. O escritor apresentou os grandes números e a importância da obra para o Brasil – dados também referenciados por Szulc – como discursos políticos de Juscelino Kubitschek e panfletos propagandísticos. O olhar crítico, e muitas vezes irônico, de John dos Passos (1963, pos. 1413) atentou para a beleza da arquitetura moderna de Niemeyer – o considerou um comunista autodeclarado, mas ingênuo – e para sua falta de funcionalidade. O estadunidense avaliou a inflação, a alta especulação imobiliária nos arredores da cidade, as fazendas cortadas pelas futuras estradas, bem como a miséria dos candangos que em levadas chegavam sonhando com uma vida melhor.

Esses múltiplos pontos de vista sobre Brasília servem para evidenciar que não havia uma imagem monolítica da América Latina moderna e em progresso entre os intelectuais estadunidenses. Eles também reiteram a aproximação de Tad Szulc com perspectivas latino-americanas, notadamente de esforços políticos locais de moldar sua imagem no estrangeiro. A comparação entre textos aponta para a mesma estratégia de apresentar o espaço e a história latino-americana a partir de uma projeção da experiência histórica e da geografia estadunidense. Nesse sentido, um almoço político na zona rural em Minas Gerais é comparado com a política do interior da Virgínia, a disposição dos prédios oficiais da nova capital com a cartografia de Washington. É perceptível também os próprios atores latino-

---

183“*The establishment of foreign business is being discouraged*”.

184Um dos mais importantes escritores da chamada “geração perdida” da literatura estadunidense. Descendente de portugueses, escreveu para a imprensa, mas se notabilizou por seus romances modernos em que reconstrução histórica se funde com colagens e intertextualidades. Ao longo da vida migrou do campo da esquerda para a direita, incluindo o apoio ao senador Joseph McCarthy e ao presidente Richard Nixon, além do trabalho na revista conservadora *National Review*. Esteve no Brasil em três grandes viagens nos anos de 1948, 1958 e 1962 para revistas. Os textos produzidos nelas foram reunidos em um livro pouco depois. Ver John dos Passos (1963).

americanos traçando paralelos e se apropriando da experiência histórica dos Estados Unidos. Por exemplo, os moradores das habitações temporárias considerando sua cidade como o cenário de um faroeste brasileiro – nos termos do cinema western, uma comparação repetida por Szulc e Long. E o próprio presidente Kubitschek estabelecendo aproximações e distanciamentos entre a expansão para o interior do Brasil com os pioneiros em direção ao Oeste americano.

O que difere Szulc dos outros dois intelectuais, é o caráter, latente nos seus textos e imagens, da nova capital como avatar para o Brasil moderno, e por extensão, de toda a América Latina. Uma região em plena modernização a partir da industrialização, e as grandes obras que transmutavam os obstáculos da natureza em recursos. As matérias de Tad Szulc sobre essa região em progresso sublinharam também o papel do capital, política e tecnologia vinda do exterior, especialmente dos Estados Unidos, como alavancas para o desenvolvimento latino-americano.

## **2.2 O capital, a ciência e a tecnologia que chegam a jato**

A ascensão do republicano Dwight Eisenhower à presidência em 1953, após vinte anos dos democratas na Casa Branca, representou mudanças na condução da política interna e externa dos Estados Unidos. Na conjuntura das eleições presidenciais de 1952 ganharam força críticas as políticas do democrata Harry Truman. Ele foi acusado de ser pouco combativo ao comunismo no globo, e no plano interno, de inflar o orçamento público. Eleita com uma plataforma de conservadorismo fiscal, a nova administração republicana se empenhou em políticas de redução dos gastos na assistência pública doméstica e na ajuda externa<sup>185</sup>. A América Latina, considerada então distante das mais perigosas situações da Guerra Fria – como a Guerra da Coreia e as tensões na Europa –, continuou de fora das prioridades políticas dos estadunidenses pelo menos até o final dos anos 1950. Nos primeiros anos de Eisenhower houve uma redução do papel governamental e um enfoque no investimento privado nos países latino-americanos.

Em termos de política externa, a tônica na atuação privada era uma continuidade das práticas da administração democrata desde o fim da Segunda Guerra que foi acentuada com os republicanos no poder<sup>186</sup>. Esse direcionamento foi expresso em documentos secretos de

<sup>185</sup>Para uma análise da mudança de retórica e expansão da política de contenção com Eisenhower, ver Cristina Pecequillo (2011, p. 176).

<sup>186</sup>Fruto de embates dentro da administração, conforme Stephen Rabe (1988, p. 65), entre figuras do alto escalão – como Milton Eisenhower, John M. Cabot, John Foster Dulles, George Humphrey – e com governos da região.

orientação da política externa para a região, como o NSC 144/1 de março de 1953 e o NSC 5432/1 de setembro de 1954<sup>187</sup>. Também na participação estadunidense em encontros regionais, como na Conferência do Rio de Janeiro, em 1954, sobre as relações econômicas Estados Unidos-América Latina<sup>188</sup>. É importante considerar essa orientação no contexto de dados relevantes, dois quintos do capital privado dos Estados Unidos no exterior estavam investidos na América Latina, e os negócios com a região correspondiam a um quarto do comércio exterior estadunidense no início dos anos 1950<sup>189</sup>. Apesar de fora das prioridades estratégicas no conflito bipolar, a região demandava dinheiro e atenção dos investidores estadunidenses<sup>190</sup>.

Entre os dois objetivos estratégicos da política externa dos Estados Unidos depois do fim da Segunda Guerra – a construção da ordem e a contenção –, a América Latina esteve mais entrelaçada ao primeiro deles, pelo menos até a virada para os anos 1960. No plano discursivo, a criação de um ambiente internacional regulado por perspectivas liberais foi contínuo na política externa estadunidense pelo menos desde a virada para o século XX – incluindo o uso do padrão internacional, inicialmente o ouro, depois o dólar, acesso igualitário a mercados e um comércio mais livre – que foi acentuado no pós-Guerra<sup>191</sup>. Essa retórica visou estabelecer mercados para as exportações dos Estados Unidos, maior produção e emprego no país, e mercados abertos e estáveis para investimentos estadunidenses – sem práticas protecionistas ou ameaças de expropriações. Desse modo, os diplomatas e empresários defenderam a propriedade privada e uma ordem liberal – com oportunidades e acesso iguais, livre iniciativa e circulação de capital.

Na prática, esse discurso que atendia ao relevante componente privado da política externa dos Estados Unidos, foi utilizado em conjunto com intervenções comerciais, políticas e militares que garantiram um domínio econômico sobre boa parte do globo<sup>192</sup>. O peso do

---

187Trata-se de resoluções do Conselho de Segurança Nacional, formado pelo presidente, seu vice, e secretários e conselheiros de sua confiança. Os documentos NSC 144/1 e o NSC 5432/1 estão disponíveis, respectivamente, em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1952-54v04/d3>> e <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1952-54v04/d12>> Acesso em: 15 jan. 2017.

188A Conferência do Rio ocorreu no final de 1954, os latino-americanos saíram desapontados pois havia a expectativa de um maior apoio econômico governamental Estados Unidos, não no enfoque no investimento privado.

189Números levantados por Stephen Rabe (1988, p. 75) ao dimensionar o peso da América Latina na economia estadunidense dos anos 1950.

190Em termos militares a América Latina também tinha sua importância. Os Estados Unidos investiram dinheiro e capital político no estabelecimento de bases na região e também dependiam de minérios estratégicos como tântalo, manganês, urânio. Para aprofundamento, ver Sonny Davis (1996, p. 43).

191Conforme a leitura crítica de Emily S. Rosenberg (2011, p. 231). As posições a seguir sobre a construção de uma nova ordem liberal se valem dos seus argumentos.

192Há uma extensa fortuna crítica sobre o peso de grandes corporações, bancos, empresas de investimentos e escritórios de advocacia sobre a política externa dos Estados Unidos. Dentre elas, é pertinente dar relevo a uma das mais eloquentes vozes nessa direção, a de Noam Chomsky (2007, p. 171; 190). Além de dimensionar a força

interesse econômico é perceptível inclusive nos objetivos e direcionamentos oficiais da política externa para a América Latina de meados dos anos 1950. Nas questões econômicas, o NSC 144/1 defendia que os Estados Unidos deviam “incentivar os governos latino-americanos a reconhecerem que a maior parte do capital necessário para o seu desenvolvimento econômico pode ser melhor fornecido pela iniciativa privada e que seu próprio interesse requer a criação de um clima que atraia o investimento privado”<sup>193</sup>. Cabia assim às instituições e agências dos Estados Unidos, criar um ambiente favorável para seus homens de negócios na América Latina, seu importante rincão comercial.

Um ano e meio depois de definir esse direcionamento, uma nova reunião do Conselho de Segurança Nacional produziu o NSC 5432/1. O novo documento atualizou a política externa para a região em diversos aspectos. No tópico economia, os Estados Unidos deviam continuar com seu foco no setor privado, e deveriam também:

Fortalecer e programar, a longo prazo, a cooperação técnica, com especial atenção à disposição e capacidade de cada país de utilizar eficazmente tais auxílios: e aumentar a capacitação especializada nos Estados Unidos de latino-americanos em finanças, trabalho, gestão, agricultura, negócios e outros campos especializados<sup>194</sup>.

A proposta da cúpula de poder estadunidense era dar continuidade e tornar mais eficiente a estrutura de missões técnicas que dinamizassem a capacidade de produção e gestão de negócios latino-americanos em setores estratégicos para a economia dos Estados Unidos. Uma continuidade, considerado que a gestão democrata de Truman já utilizava a estratégia de missões técnicas no campo econômico e militar com diversos países da região. Exemplos dessas iniciativas foi a Missão Abink (1948-1949) e a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos (1951-1953) desenvolvidas em parceria por técnicos dos dois países visando analisar e propor soluções para setores variados, como transporte, mão de obra, eletrificação, agropecuária, etc. A proposta da administração Eisenhower era reorganizar esse tipo de missão de forma que fossem menos dispendiosas – em conformidade com sua agenda de redução de gastos – e

---

privada nas ações no plano exterior, ele analisou as intervenções políticas, econômicas e militares estadunidenses em várias partes do globo, incluindo a América Latina – por exemplo, o papel da CIA no golpe de 1954 na Guatemala e no Brasil dez anos depois – para atender suas demandas. Para um histórico detalhado das intervenções estrangeiras – notadamente estadunidenses – na América Latina depois da Segunda Guerra Mundial, ver Gregorio Selser (2010, p. 31).

193“Encouraging Latin American governments to recognize that the bulk of the capital required for their economic development can best be supplied by private enterprise and that their own self-interest requires the creation of a climate which will attract private investment”.

194“Strengthen, and program on a longer term basis, technical cooperation, with particular attention to the willingness and ability of each country to use such aid effectively: and increase specialized training in the U.S. of Latin Americans in finance, labor, management, agriculture, business and other specialized fields”.



mais efetivas ao atacar questões específicas em cada país<sup>195</sup>. No trecho citado foram elencadas a agricultura e as finanças, mas o documento aborda também outras commodities – como petróleo – e minérios estratégicos para indústria. Em resumo, a ideia era continuar utilizando o arcabouço técnico-científico estadunidense para avanços na economia da América Latina em benefício próprio.

O enfoque estadunidense na iniciativa privada e na assistência técnica para setores estratégicos em meados dos anos 1950 fizeram parte da “diplomacia econômica” da administração Eisenhower para a América Latina<sup>196</sup>. Em um investimento de atualização da política externa, os republicanos combinaram o estreitamento dos elos militares – pois um dos objetivos centrais do NSC 144/1 e do NSC 5432/1 era garantir uma barreira latino-americana contra possíveis ataques dos soviéticos e seus aliados – com iniciativas que estimulassem o sucesso dos seus empresários na região, da ajuda técnica ao incentivo a criação de um ambiente favorável para as empresas. Além de objetivar o lucro, essas estratégias no fronte econômico não passavam ao largo dos objetivos da Guerra Fria.

Os estrategistas da Casa Branca e do Departamento de Estado consideravam o avanço do capitalismo e a maior integração da América Latina na ordem liberal como trincheiras para conter o avanço do comunismo. Uma das questões abordadas pelo jornalista nos seus livros e matérias ao longo de toda década escrevendo sobre a América Latina para o *NYT* foi justamente dimensionar os avanços e reveses na inserção econômica da região no capitalismo global. Nesse sentido, não estavam distantes da perspectiva dos empresários ou mesmo dos intelectuais liberais do país. Para Tad Szulc e figuras de proa na discussão da política externa – como George F. Kennan (Senhor X, 1947) e Arthur Schlesinger Jr. (1949, pos. 122) – o sucesso do capitalismo era uma questão de suma relevância para vencer o conflito bipolar.

O que não significa dizer que todos esses intelectuais tinham posições afinadas – entre si, e com empresários e diplomatas – sobre o capitalismo e outros temas. Por exemplo, Schlesinger Jr. defendia a reforma do capitalismo para que este deixasse de ser apenas uma fonte de lucro e especulação e fosse transformado em uma espada afiada a ser brandida não apenas contra o totalitarismo de direita e esquerda, mas também para o avanço das causas

---

<sup>195</sup>Sobre as missões técnicas e uma política externa favorável aos negócios estadunidenses, ver Bandeira (2007, p. 437) e Skidmore (2007, p. 125).

<sup>196</sup>Termo cunhado por Bevan Sewell (2016) em seu exame dos elementos econômicos das políticas externas de Dwight D. Eisenhower e John F. Kennedy para a região. Seu trabalho complexificou a perspectiva econômica das relações Estados Unidos-América Latina em relação a maior parte da historiografia – que abarcou eminentemente questões políticas e, por vezes, militares. As análises sobre as relações econômicas apresentadas nesta pesquisa mobilizam diversas discussões levantadas pelo historiador.

liberais. Já Szulc escusou-se de uma posição mais crítica em relação ao capitalismo ou mesmo ao grande empresariado. Nos anos 1950 ele assumiu uma posição propagandística dos seus empreendimentos.

Nessa conjuntura, a atuação de Tad Szulc foi a de apresentar ao público estadunidense como agências governamentais e o setor privado do país estavam contribuindo para o progresso latino-americano em áreas variadas como transporte, finanças, turismo, agricultura, etc. Desde o início como correspondente em 1955, ele deu relevo a essas iniciativas – em maior escala das empresas, e em menor do governo – como promotores do desenvolvimento latino-americano a partir do seu capital, ciência e tecnologia. Essa é a perspectiva da matéria sob o título “Paraguai Começa a Sair do Passado”:

Este pequeno país no coração da América do Sul com a área aproximadamente da Califórnia parece ser tão distante da realidade do mundo moderno quanto o Tibete ou o Nepal. Naquelas terras asiáticas são as montanhas que formam uma barreira ao progresso. Aqui é a floresta, a selva e as imensas e inabitadas áreas planas potencialmente ricas. [...] Um fator importante no que está se configurando como o início de uma redescoberta do Paraguai é o trabalho de um grupo pequeno, mas ativo, de especialistas em assistência técnica dos Estados Unidos. Tanto os especialistas dos Estados Unidos quanto os paraguaios concordam que a chave do problema do Paraguai é o transporte. (*NYT*, 7 jan. 1956, p. 4)<sup>197</sup>.

O jornalista referencia, como em outros textos, a natureza ao mesmo tempo como obstáculo e recurso para o progresso. Ele também demarca o Paraguai em termos comparativos, ao tamanho de um estado estadunidense e o atraso de territórios asiáticos isolados. As estradas – a exemplo da rodovia Transbrasiliana – seriam a alternativa para que o pequeno país saísse do imobilismo. O que havia de diferente era a possibilidade de sair do passado com a atuação de especialistas. É o conhecimento técnico dos Estados Unidos que redescobre o Paraguai para transformar a sua realidade. Essa conexão entre saber técnico estadunidense e modernização da América Latina se vale da posição de que um lugar demarcado pela natureza e atraso progride em contato com um moderno e civilizado. Ele mobiliza uma cosmovisão etnocêntrica que organiza as sociedades, o tempo e o espaço a partir da ideia de progresso. A sociedade liberal industrial dos Estados Unidos estaria no topo do avanço e modernidade e as demais são escalonadas abaixo. O trabalho dos especialistas é

---

<sup>197</sup>“Paraguay Begins Move Out of the Past”. “This little country in the heart of South America with an area approximating California's seem to be as far from the realities of the modern world around it a Tibet or Nepal. In those Asian lands it is the mountains that form a barrier to progress. Here it is the forest and jungle and the immense inhabited flat areas of potentially rich land [...] An important factor in what is shaping up as the beginning of a rediscovery of Paraguay is the work of a small but active group of United States technical assistance specialists. Both the United States specialists and Paraguayans are agreed that the key to the Paraguayan problem is transportation”.

fazer o contato para que o conhecimento técnico empurre os países latino-americanos para frente. O progresso e o desenvolvimento são assim, conforme a leitura crítica de Edgardo Lander (2005, p. 13) para ideia de modernidade, “espelhos eurocêtricos” para compreensão do mundo<sup>198</sup>.

É nesse sentido que Tad Szulc noticiou que o Brasil começava a levar a sério o turismo a partir da atuação de técnicos estadunidenses que, junto de seus pares brasileiros, viajaram viajar do Rio Amazonas até as Cataratas do Iguazu. O objetivo dos especialistas do programa Ponto IV é que “pela primeira vez tenha uma ideia clara do que realmente são suas possibilidades turísticas e o que deve ser feito sobre elas em termos de hospedagem, transporte” (*NYT*, 31 mar. 1957, p. 149)<sup>199</sup>. Bem como no projeto chileno de construir um aeroporto para viabilizar uma conexão entre a Oceania e a América do Sul em que “especialistas da Administração da Aeronáutica Civil dos Estados Unidos estão aconselhando o Chile nos planos na Ilha de Páscoa”<sup>200</sup>. O pós-Guerra foi um momento de fé no progresso a partir da tecnologia e da racionalidade, base da crença liberal. É também uma época de confiança no poder técnico-científico e financeiro dos Estados Unidos em transformar realidades, as notícias de Szulc compartilham dessa perspectiva<sup>201</sup>.

Nos textos do correspondente, os Estados Unidos aparecem como financiador de projetos de desenvolvimento em diversos países latino-americanos com empréstimos via o Export-Import Bank. A partir dessa agência governamental criada em 1934, reaparelhada e ampliada no pós-Guerra, e da mediação junto ao Banco Mundial. Uma leitura crítica da atuação dos Estados Unidos junto às duas instituições financeiras evidencia o papel de barganha e pressão econômica com objetivos militares, políticos e estratégicos<sup>202</sup>. No entanto, essa face não está presente nos primeiros anos de atuação de Szulc na região. Nesse período, ele construiu uma cobertura benevolente das ações de política externa. Uma posição que não deve ser analisada como uma simples adesão à política externa implementada então, já que alguns anos depois o jornalista seria um dos críticos agudos dela.

Desse modo, é relevante considerar a perspectiva do jornalista ante o contexto

---

<sup>198</sup>Esta concepção de progresso é considerada por historiadores, como Michael Latham (2000, p. 7), um componente ideológico espalhado na imprensa, burocracia e universidades no pós-Guerra. A base de diversos programas da política externa norte-americana, como o Ponto IV e a Aliança para o Progresso.

<sup>199</sup>“[...] for the first time give Brazil a clear idea of what really are its tourism possibilities and what should be done about them in terms of hostels, transportation and the myriad others things a foreign traveler needs”.

<sup>200</sup>“experts of the United States Civil Aeronautics Administration have been advising Chile on the Easter Islands plans” (*NYT*, 28 mai. 1956, p. 50).

<sup>201</sup>Um contexto de grandes expectativas nas bençãos da ciência, tecnologia e conhecimento técnico em geral adquirido no esforço de guerra. Ver James Patterson (1996, pos. 1230).

<sup>202</sup>Uma leitura presente em diversas obras da historiografia sobre política externa estadunidense para a região, como no estudo clássico de Moniz Bandeira (2011, p. 46).

recente de influência do governo estadunidense na imprensa. Um ano antes de Szulc retornar ao Brasil, um proeminente jornalista do *NYT* na América Latina foi removido da Guatemala. A cobertura do país realizada por Sidney Gruson – futuro editor e executivo da publicação – ia na contramão dos interesses da CIA e da *United Fruit*, gigante do ramo da alimentação. Essas consideravam o governo de Jacobo Árbenz (1951-1954), promotor de reforma agrária e modernizações variadas, como infestado pela ameaça vermelha e um mau exemplo para a região. Essa avaliação era contrariada nos artigos de Gruson; por isso, em reunião do Conselho de Segurança Nacional, o presidente Eisenhower e o diretor da CIA, Allen Dulles, avaliaram o correspondente como comunista e o *NYT* como um dos jornais de menor confiança. Eles pressionaram até conseguirem a remoção do jornalista e, no mesmo ano de 1954, houve o golpe de estado promovido pela CIA na Guatemala<sup>203</sup>. Levando em consideração esta conjuntura, é justo considerar a posição de Szulc nos primeiros anos de cobertura na América Latina como prudente.

Ante o avanço da política republicana de cortar os gastos públicos com a região e incentivar os investimentos privados, o enfoque de Tad Szulc foi na atuação de empresas estadunidenses no desenvolvimento da América Latina<sup>204</sup>. Um dos temas dessa cobertura de atuação empresarial foi a agricultura. Em meados de 1956, Szulc visitou o interior paulista, se inteirou da produção cafeeira e produziu uma reportagem informando que o café brasileiro estava passando por uma “revolução lenta, mas vital” depois de séculos de produção desordenada. Segundo ele, as plantações eram agora realizadas em um sistema moderno com grãos de alta qualidade, isso porque “cooperando com o Brasil em melhorar seu café estão especialistas norte-americanos do centro de pesquisa do *International Basic Economy Corporation*<sup>205</sup>, uma organização da família Rockefeller” (*NYT*, 07 out. 1956, p. 5)<sup>206</sup>.

Do mesmo modo, ele pôs os leitores a par que o dinheiro estadunidense financiava

---

203Esse caso é emblemático da pressão e poder de retaliação da administração Dwight D. Eisenhower sobre a cobertura internacional estadunidense na Guerra Fria. Consultar Lars Schoultz (2000, p. 376). Sobre a atuação do corpo diplomático e da CIA na Guatemala, ver Alan McPherson (2016, p. 139).

204É um fato que a política externa para a América Latina nos oito anos de Eisenhower na presidência teve nuances. Em um primeiro momento, especialmente até 1956, operou uma redução sistemática da assistência técnica e aplicou ortodoxia na liberação de financiamentos semelhante à do Banco Mundial. Como pontuou Elizabeth Cobbs (1992, p. 95), os republicanos procuraram apagar o legado da Boa Vizinhança e qualquer resquício de relações especiais. Em um segundo momento, já no rescaldo da deterioração das relações interamericanas, operou uma flexibilização e até apoiou a criação do Banco Interamericano do Desenvolvimento em 1959.

205O IBEC foi uma das empresas capitaneadas por Nelson Rockefeller no Brasil, se envolvida com tecnologia agrícola. Além dele foi criada a AIA, a *American International Association*, uma organização filantrópica de cooperação técnica na agricultura, saneamento e alfabetização. Para uma análise desse corpo técnico no projeto de desenvolvimento do Brasil, ver Claiton Silva (2009).

206“Cooperating with Brazil in improving her coffee is a group of United States specialists of the Research Institute of the International Basic Economy Corporation, an organization of the Rockefeller family”.

“um dos mais importantes campos de mineração de manganês Hemisfério Ocidental” aberto na selva amazônica a partir de um negócio conjunto entre empresários brasileiros e um gigante da mineração, a *Steel Corporation* (*NYT*, 6 jan. 1957, p. 27)<sup>207</sup>. No mesmo sentido, uma empresa que progredia a Guiana Britânica investindo na produção de açúcar, ou então, uma petroleira promovendo o desenvolvimento social no Peru com excelentes condições de trabalho e salários.

Essas matérias se inserem em um esforço de divulgação dos empreendimentos de grandes empresas dos Estados Unidos na América Latina para a audiência do próprio país. Há um viés propagandístico, mas também informativo sobre o importante componente privado da atuação estadunidense no exterior. Esse filão tem papel ascendente ao longo do século XX, com cada vez mais empresas se tornando multinacionais e sendo guiadas por políticas e estratégias próprias<sup>208</sup>. No pós-Guerra, houve conglomerados industriais e petroleiros estadunidenses fomentando direcionamentos políticos próprios para a América Latina, como é o caso mais conhecido de Nelson Rockefeller. Depois de sua participação na Segunda Guerra como chefe do Birô de Assuntos Interamericanos, o magnata do petróleo seguiu atuando com empresas e filantropia, além de intercâmbios culturais e artísticos na região. Eram empreendimentos preocupados não apenas com o lucro, mas também com um projeto de desenvolvimento e de combate ao comunismo no continente<sup>209</sup>.

Nesse momento em que América Latina estava fora das prioridades da política externa é que o setor privado dos Estados Unidos – capitaneado por nomes como o de Edgar Kaiser e a Fundação Ford – investiu no tripé capital, ciência e tecnologia como armas para transformação da América Latina. Um projeto liberal – confiante no poder do capitalismo e da técnica em transformar a realidade – com um sentido de missão civilizadora sobre a América Latina<sup>210</sup>. Uma época em que parte considerável da intelectualidade liberal confiava no capitalismo e conhecimento científico como chaves para construção de uma nova era de progresso e justiça social<sup>211</sup>. Arthur Schlesinger Jr. (1949, pos. 2910), por exemplo, era um dos que apostavam nesses três aspectos como relevante instrumento da política externa

207“One of the Western Hemisphere’s most important manganese mining centers”

208Nesse sentido, Ricardo Salvatore (2001, p. 158) examinou a atuação de industrialistas e empresários estadunidenses na construção de um mercado comum continental para expansão dos seus negócios no primeiro terço do século XX. Parte considerável desse empreendimento é informacional e contou com a participação de jornalistas, publicitários, economistas, etc.

209Para uma avaliação do projeto de Rockefeller para a América Latina. e especialmente o Brasil, ver Pedro Tota (2014, p. 369).

210Conforme o exame da atuação do setor privado norte-americano nas relações interamericanas do pós-Guerra de Cobbs (1992, p. 51).

211Depois os intelectuais do extenso e variado campo liberal viram frustradas suas expectativas otimistas em batalhas como a questão racial, o combate a pobreza, e expansão dos direitos individuais. Para aprofundamento no pensamento liberal do pós-Guerra, consultar Alan Brinkley (2000, p. 109).

defendendo que “nossos recursos e imaginação podem produzir soluções mais eficazes” para o mundo, uma vez que “não há povo no mundo que se aproxime dos americanos no domínio da nova magia da ciência e da tecnologia”<sup>212</sup>. No seio desse campo liberal, Szulc escreveu como um homem de imprensa otimista com as benesses que o capitalismo levava à América Latina.

Dessa maneira, ele também teve o papel de articulador direto de interesses privados estadunidenses nos setores de transportes aéreos e marítimos. Há um grande número de matérias de Tad Szulc sobre esses temas – incluindo questões do turismo, infraestrutura, organização urbana, e burocracia internacional – em que há vínculos explícitos com os serviços da Pan American Airways e da Moore-McComark. Nesse sentido, Szulc escreveu sobre esses assuntos da perspectiva de um especialista em viagens do *NYT*, um papel recém-criado nos jornais de grande circulação e que estava no cerne de novos comportamentos e possibilidades de consumo da classe média estadunidense. Essa pujança capitaneada pela expansão econômica nos Estados Unidos dos anos 1950 e 1960, possibilitou que cada vez mais pessoas adquirissem produtos como automóveis, televisores, telefones e novos hábitos de consumo que incluíam a possibilidade de férias no exterior<sup>213</sup>. Ao mesmo tempo, a evolução técnica e tecnológica proporcionada pela Segunda Guerra conseguiu baratear e acelerar transportes, antes restritos a fins militares ou as elites, como o avião a jato<sup>214</sup>.

O *NYT* escolheu um dos seus jornalistas mais viajados, poliglota e versado na culinária internacional para atender esse público. A figura do próprio Szulc ilustrou alguns textos, como um personagem humorístico de cartum que enfrenta contratempos específicos de viagens – as figuras 5 e 6. Um perito em destinos turísticos internacionais, com informações práticas sobre espera em aeroportos, convivência em cabines, vistos, gorjetas, câmbio e souvenirs.

---

212“Our own resources and imagination might well produce more effective solutions. American funds can buy landlords; American methods of scientific farming and land rehabilitation can increase production; American study of village sociology could help us to understand how we may most effectively release the energies so long pent up in the villages of Asia. [...] No people in the world approach the Americans in the mastery of the new magic of science and technology”.

213Essa abundância nas duas décadas contrasta com a penúria e privações da época da Grande Depressão e do período da guerra. Dimensionando o boom econômico, James Patterson (1996, pos. 1172) contrasta a vida simples da classe média até o final dos anos 1940, com o posterior florescimento do consumo.

214O avião foi constituído pela publicidade e arte, nos termos de Claudia May (2008, p. 55), como um objeto de desejo, símbolo de modernidade e glamour ao longo do século XX. Para uma história do turismo conectando evolução tecnológica dos transportes e mudanças na sensibilidade do olhar, ver Livia Aquino (2016, p. 32).



Figura 5. Szulc sobrevoa pontos turísticos e pessoas em busca de gorjetas (NYT, 15 jan. 1956, p. 33)



Figura 6. Szulc espera seu voo em meio a vendedores de souvenirs (NYT, 17 mar. 1957, p. 19)<sup>215</sup>.

As dicas do exasperado viajante – sempre com seu terno, gravata e valise em aeroportos ou aviões – incluíam também informações sobre o que visitar, comer e onde se hospedar em cada lugar. As fotografias utilizadas, vindas do próprio acervo das companhias, apresentam a vista aérea de pontos turísticos – o Cristo Redentor, Machu Picchu, Praça São Martín, cataratas, vulcões, etc. – ou da face moderna de grandes cidades – Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro – as figuras 7 a 10. Dessa forma, apresentam ao leitor as maravilhas da América Latina do ponto de vista da janela do avião<sup>216</sup>. Assim, a linguagem visual se vale do mesmo repertório utilizado então pela indústria cinematográfica de

<sup>215</sup>Cartuns assinados, respectivamente, por J.F. e Doty. Reproduzidos da página do jornal em escala de ¼.

<sup>216</sup>Desde os anos 1930 e 1940, as inovações tecnológicas da fotografia se direcionaram para a portabilidade e a abordagem aérea. O que permitiu uma América Latina cada vez mais reconhecida visualmente e a ascensão da imagem como recurso imperativo no consumo. Sobre o tema, ver Ricardo Salvatore (2006, p. 68).

Hollywood para tratar da América Latina. Entre os anos 1950 e 1960, foram lançados muitos *road movies* em que turistas estadunidenses chegam, em navios ou aviões, para divertidas aventuras românticas na região<sup>217</sup>. Assim como as matérias de Szulc, diversos deles se passam em navios e *clippers* – as aeronaves da Pan American Airways.

As matérias dele se valem desse repertório de estereótipos imagéticos e textuais para apresentar uma América Latina exótica e bela. O correspondente explicou aos leitores que:

Para aqueles que fazem uma viagem para se esquecer de negócios ou política, de si mesmo ou dos outros, a América do Sul vai permitir a quota habitual de sol e praias, samba e chá-chá-chá, ruínas pré-colombianas e os belos e altos Andes, [...] jogos de futebol em todos os lugares; o festival Inca de Cusco, Peru, em junho; altas e pequenas doses de bebidas de uvas e cana-de-açúcar, e aquela permanente exposição gratuita, a beleza eterna da noite tropical. (*NYT*, 21 fev. 1961)<sup>218</sup>.

Dessa maneira, ele revela um mundo abaixo da fronteira do Texas em que é possível deixar de lado as atribuições da vida moderna dos grandes centros urbanos estadunidenses para aproveitar os prazeres do mar, música, gastronomia, arquitetura e especialmente da beleza do mundo natural. Szulc visitou, fotografou e escreveu sobre rotas turísticas cruzando todo o continente sul-americano, descrevendo uma região interessante, desejável de ser visitada para público estadunidense. Formulou uma imagem concomitante a da América Latina que se desenvolve domando sua natureza.

É assim que ele mobilizou uma visão da região como bela e exótica ao tratar, por exemplo, da Amazônia. Ele enfatizou que as florestas tropicais “às vezes oferecem o majestoso silêncio de uma catedral feita de verde e, em outros momentos, a cacofonia de uma gigantesca feira de animais”. Uma paisagem em que contrastam os “rios turbulentos em cascata no sol e silêncio, piscinas estagnadas onde a matéria vegetal apodrece para que possa nascer de novo. Há sons noturnos de pássaros e macacos e outros sons que são como nada mais no mundo, os ruídos da floresta que dorme e ainda está acordada” (*NYT*, 09 nov. 1958, p. 16)<sup>219</sup>.

Nessas descrições, as águas, a fauna e a flora continuam sendo dominantes na

217Bianca Medeiros (2005, pos. 585) analisou uma série de filmes estadunidenses do pós-Guerra em que turistas vivem lances amorosos entre paisagens exóticas, pontos turísticos e um moderno Rio de Janeiro. Entre eles, os sucessos comerciais: *Road to Rio* (1947) e *Latin Lovers* (1953).

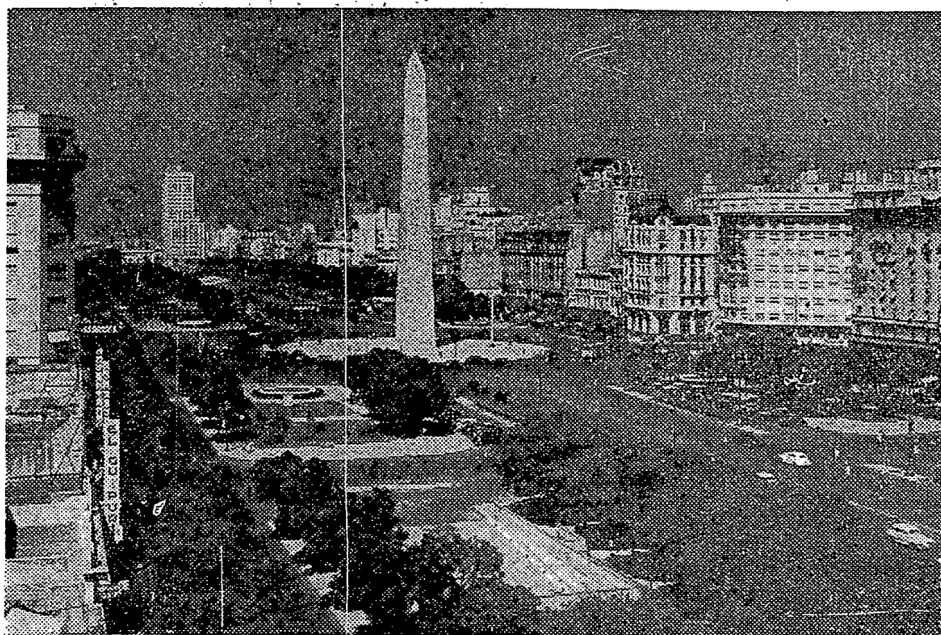
218“For those who go on a trip to forget about business or politics, their own and everybody else's, South America will provide the usual quota of sun and beaches, samba and cha-cha-cha, pre-Colombian ruins, and beautiful tall Andes, [...] soccer games everywhere; the Inca festival of Cuzco, Peru, in June: tall and short drinks of grapes and sugar cane, and that permanent free display, the eternal beauty of the tropical night”.

219“at times offer the majestic silence of a green-roofed cathedral and at others the cacophony of a gigantic animal fair. It means turbulent rivers cascading in the sun and quiet, stagnant pools where vegetable matter rots so that it can be born anew. [...] There are nocturnal sound of birds and monkeys and other sounds that are like nothing else in the worlds, the noises of the forest that sleeps and yet is awake”.



paisagem amazônica, o que muda é sua percepção. Os barulhos e os silêncios deixam de ser perigosos e assumem um caráter suntuoso, solene. A floresta é imponente, comparada a uma grande igreja e o sentido religioso é reforçado pela ideia de renascimento<sup>220</sup>. Assim, Szulc aciona outra faceta da ideia de *wilderness* no repertório cultural dos Estados Unidos, pois além de ser uma vasta região natural a ser civilizada, ela é encarada como o lugar selvagem de liberdade total, um espaço de prazer e também de enriquecimento espiritual em que o indivíduo pode emergir para se regenerar moralmente. Nesse sentido, a natureza pode ser encarada como uma divindade.

Uma dimensão positiva da *wilderness* foi projetada sobre a América Latina pelo menos desde o século XIX<sup>221</sup>, só que Szulc se vale de um sentido contemporâneo do conceito. Em uma sociedade industrializada e urbana a *wilderness* assume o sentido de um cenário natural a ser visitado. Uma vez lá, o homem civilizado pode admirar a sua beleza em contraste com o cotidiano das cidades. Ele sublinha não um lugar onde os estadunidenses moram, mas um que eles podem visitar e depois retornar à civilização<sup>222</sup>. A própria ideia do turista moderno tem raízes nessa concepção da natureza: uma figura que precisa dos transportes e do hotel para o contato com o espaço do prazer, da contemplação, e depois retorna ao lar.



**Figura 7.** Buenos Aires, Praça do Obelisco. (NYT, 02 mar. 1958, p. 32)

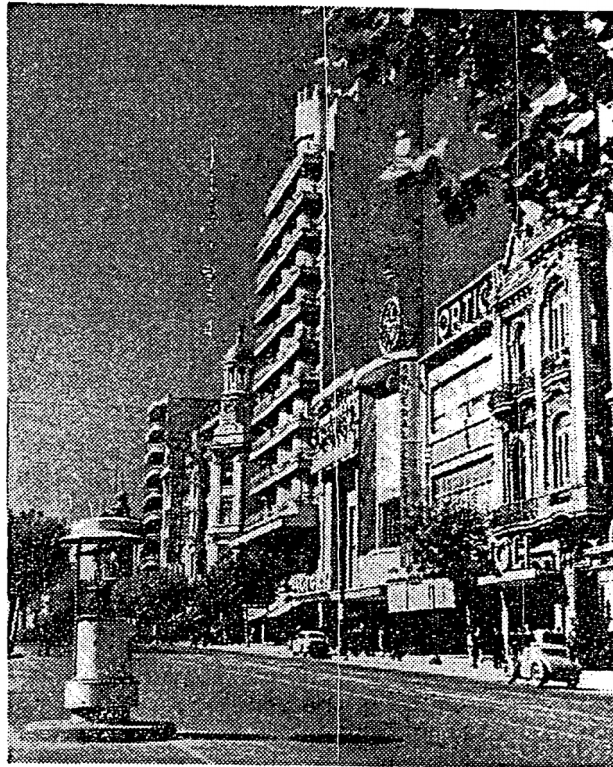
220A representação da natureza divina tem uma longa raiz na cultura ocidental. No seu estudo clássico sobre as visões do Novo Mundo, Sérgio Buarque de Holanda (2000, p. 19) identificou elos entre o imaginário medieval religioso e renascentista com as descrições que os cronistas coloniais produziram.

221A mitologia da natureza que regenera vem sendo aplicada sobre a América Latina desde flibusteiros do século XIX, como William Walker. Ver Fredrick Pike (1993, p. 19).

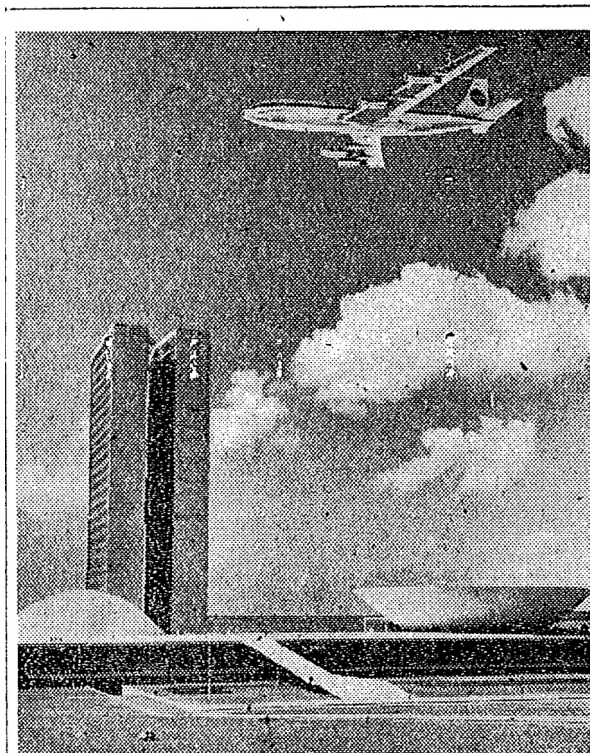
222Nos termos de James Robertson (1994, p. 114) para os sentidos contemporâneos de *wilderness*.



**Figura 8.** Vista do turista no Rio de Janeiro (*NYT*, 01 jan. 1956, p. 17)



**Figura 9** Centro comercial de Montevideú (*NYT*, 18 jan. 1959, p. 26)



**Figura 10.** Um moderno jato sobre uma cidade moderna (*NYT*, 4 dez. 1960, p. 17)<sup>223</sup>.

A partir dessa América Latina como espaço de deleite, Tad Szulc realizou conexões entre interesses de empresas estadunidenses e iniciativas locais. Suas matérias foram referenciadas na imprensa carioca, por exemplo, por representantes do Conselho de Turismo da Câmara Nacional do Comércio. O grupo objetivava a criação de uma política nacional de publicidade no estrangeiro para alavancar o turismo que incluísse o governo federal, os municípios e também a rede hoteleira. Eles identificaram os artigos de Szulc como bons exemplos de propagandas necessárias para que o Brasil se tornasse conhecido no exterior<sup>224</sup>. Além disso, seus textos oportunamente apresentavam melhorias e modernizações nos aeroportos e grandes cidades do continente, especialmente no Brasil. Junto das belezas naturais e outras atrações, o turista dos Estados Unidos iria se deparar com novos aeroportos e com a moderna arquitetura da nova capital Brasília ou o Rio de Janeiro, principal porta de entrada no país que realizava uma série de reformas urbanas – as figuras 8 e 10.

Após assumir o posto de editor do *NYT* para cobrir a política externa da recém-empossada administração de John Kennedy, em março de 1961, Tad Szulc não publicou mais nenhuma matéria desse estilo. O jornal era aberto para que ele escrevesse reportagens de

<sup>223</sup>Fotografias sem autoria definida, retiradas da página do jornal na proporção original e reduzidas numa escala de cerca de  $\frac{3}{4}$ . As figuras 7, 9 e 10 pertencem ao acervo da Pan American Airways, já a 8 ao da Moore-McComark.

<sup>224</sup>Um exemplo está no artigo “Por que o Brasil é desconhecido no exterior” do *Jornal do Brasil* (5 set. 1956, p. 6). É válido ressaltar que um dos membros da comissão era George Craddock, um diretor no país da empresa de transportes marítimos que financiava as matérias de Szulc no *NYT*.

propaganda como correspondente, mas não como um membro do editorial político em Washington<sup>225</sup>.

Depois de dois anos que Szulc havia deixado o posto de correspondente na América Latina para assumir novo cargo, um dos grandes jornais cariocas considerava que havia motivos para a atenção que o *The New York Times* devotava ao país cobrindo-o de elogios ou críticas construtivas. Dentre esses, um seria que a família Sulzberger, gerente do diário, tinha um ramo brasileiro no Pará. Outro seria que “até pouco tempo foi seu correspondente o sr. Tad Szulc, atualmente em Washington, que fez inúmeras amizades no âmbito do nosso governo e que de certa forma influenciou o interesse do Congresso americano pelo Brasil”<sup>226</sup>.

Se o primeiro motivo soa como disparate, o segundo é um diagnóstico preciso da atuação do jornalista no país entre o final de 1955 e o início 1961. Szulc se aproximou de grupos políticos latino-americanos – especialmente do círculo em torno do presidente Juscelino Kubitschek – e também da imprensa local. Produziu uma cobertura jornalística para os Estados Unidos que atendia a seus interesses, apresentando uma América Latina trabalhando em busca do progresso. Apresentou uma região se modernizava transformando os obstáculos da natureza em recursos, civilizando sua *wilderness*. Consonante com outros intelectuais liberais, concatenou a imagem dessa América Latina em desenvolvimento com o de forte apoio dos Estados Unidos via ciência, tecnologia e capital. Afinou-se também com os objetivos econômicos da política externa da administração Eisenhower – de enfoque no setor privado e apoio técnico e financeiro – e das grandes empresas para a região.

Tad Szulc articulou interesses latino-americanos e estadunidenses apresentando uma região a ser visitada por conta de sua encantadora natureza e, ao mesmo tempo, suas modernas cidades. Portanto, fez uma cobertura jornalística direcionada a construir uma boa imagem da América Latina e da ação governamental e empresarial estadunidense. Escrevendo para o maior jornal dos Estados Unidos, pôde influenciar não apenas o círculo político – referenciado na matéria pelo veículo de imprensa carioca –, mas o corpo social amplo de leitores daquele país, de que região caminhava a passos largos para o desenvolvimento. Uma imagem que ele difundiu nos primeiros anos de correspondência, e que veio a contribuir para sua desconstrução e reformulação alguns anos depois.

---

225A posição do diário era que os jornalistas da casa podiam escrever propagandas para anunciantes. No caso da Pan American Airways, outros jornalistas – como Foster Hailey – escreveram no mesmo recorte temporal sobre seus novos voos para outras partes do globo.

226*Diário de Notícias* (30 mai. 1963, p. 3).

### 3. O CREPÚSCULO DOS TIRANOS

A longa era dos ditadores na América Latina está finalmente em seu crepúsculo. Desde 1955, seis ditaduras desapareceram de cena, quatro delas no continente sul-americano. Na Argentina, Colômbia e Venezuela, os regimes de Juan Domingo Perón, Gustavo Rojas Pinilla e Marcos Pérez Jiménez afundaram-se no sangue e no fogo da revolta. No Peru, a ditadura de Manuel A. Odría recuou silenciosamente sob a crescente pressão da opinião pública. [...] Nas ensolaradas ilhas do Caribe e nas pequenas repúblicas da América Central os ventos da liberdade estão soprando novamente. Em Cuba, a revolução de Fidel Castro foi coroada no dia de Ano-Novo de 1959 com a derrubada da aferrada ditadura do general Fulgencio Batista. (SZULC, 1959, p. 3)<sup>227</sup>.

O padrão de eventos no final da década de 1950 sugere inequivocamente que as repúblicas do sul, tão recentemente emancipadas dos regimes de força, finalmente cruzaram a grande divisa de seus destinos políticos e tomaram o caminho da ordem constitucional e da estabilidade. (SZULC, 1959, p. 4)<sup>228</sup>.

Nas primeiras páginas de *Twilight of the Tyrants* (1959), o leitor é apresentado a um cenário de profunda transformação na América Latina. Nelas, Tad Szulc explica que uma era de ditaduras chegava ao fim por conta de revoltas e pressão pública aquecidas pela ampliação de um sentimento liberal depois da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Ele avaliava o fim dos anos 1950 como o começo de um período de democracia e a constitucionalidade duradoura no conjunto de países abaixo da fronteira sul dos Estados Unidos. Mudanças de regime na Argentina, Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela e Cuba, foram celebrados pelo jornalista como frutos dos ventos de liberdade que sopravam contra a tirania. Ele lembrava que ainda existiam ditadores no poder na América Latina, como Rafael Trujillo na República Dominicana e Alfredo Stroessner no Paraguai, mas Szulc considerava-os como espécies em extinção. Para o jornalista havia um novo padrão histórico se delineando na década de 1950. Depois dos longos períodos da colonização, das independências e das ditaduras, enfim a região alcançava a ordem e estabilidade da democracia.

Uma passagem rápida a contrapelo pela história política da região na segunda metade do século XX evidencia que o prognóstico de Szulc não se realizou, golpes civis-militares varreram diversos governos eleitos democraticamente nos anos 1960 e 1970. Sua visão de uma América Latina democrática embalada no crescimento dos níveis educacionais, da

227“The long age of dictators in Latin America is finally in its twilight. Since 1955 six dictatorships have vanished from the scene, four of them on the South American mainland. In Argentina, Colombia, and Venezuela, the regimes of Juan Domingo Perón, Gustavo Rojas Pinilla, and Marcos Pérez Jiménez went down in the blood and fire of revolt. In Peru the dictatorship of Manuel A. Odría bowed out quietly under the mounting pressure of enlightened public opinion. [...] On the sunny islands of the Caribbean and in the tiny republics of Central America the winds of freedom are blowing again. In Cuba, Fidel Castro's revolution was crowned on New Year's Day of 1959 with the overthrow of the stubborn dictatorship of General Fulgencio Batista”.

228“The pattern of events in the late 1950's suggests unmistakably that the republics of the south, so recently emancipated from the regimes of force, have finally crossed the great divide of their political destinies and taken the road toward constitutional order and stability.”.

consciência política e da economia foi considerada como uma promessa de esperança ilusória<sup>229</sup>. No entanto, nos idos de 1959 não era apenas o correspondente que propunha essa leitura de uma América Latina que se libertava de vez dos seus grilhões.

No campo liberal dos Estados Unidos do pós-Guerra havia diversos intelectuais e políticos que apostavam nesse futuro brilhante a partir da expansão do capitalismo e do liberalismo no continente<sup>230</sup>. Um exemplo ilustre é o senador pelo estado de Massachusetts, John F. Kennedy. Assim como Tad Szulc, o então candidato a presidente pelo partido democrata foi um dos que inicialmente considerou a Revolução Cubana como sinal positivo de transformação da América Latina e pouco depois se tornou um combatente contra ela nas fileiras da Guerra Fria. Ambos concordavam que os Estados Unidos tiveram um papel relevante na manutenção de ditaduras latino-americanas até os anos 1950 e que, nas palavras de Kennedy, “nossas políticas míopes ajudaram a criar a primeira base caribenha do comunismo: a ilha de Cuba”<sup>231</sup>. Essa condenação à política externa dos Estados Unidos depois de 1945, e especialmente das iniciativas da administração republicana de Dwight D. Eisenhower estava afinada com as posições do jornalista do *NYT* e outros intelectuais liberais.

A leitura crítica da política externa dos Estados Unidos esteve no cerne das suas matérias jornalísticas e dos seus livros a partir do último quarto dos anos 1950. Para Tad Szulc (1959, p. 9), os Estados Unidos não apenas se esquivaram dos problemas latino-americanos para dar conta dos enfrentamentos e reconstruções na Ásia e Europa no pós-Guerra. Sua avaliação era que a política externa estadunidense “em muitas ocasiões, chegou ao surpreendente extremo de fazer amizade com ditadores e, assim, identificar-se com forças locais reacionárias e opressoras, ao mesmo tempo em que seus serviços de informação pregavam nossa dedicação aos princípios da liberdade”<sup>232</sup>. Na conjuntura de ebulição política nas relações interamericanas do final dos anos 1950 – que inclui eventos como a desastrosa viagem do vice-presidente Nixon, a Operação Pan-Americana e a Revolução Cubana – o jornalista passou a condenar energicamente, a partir de um viés liberal, os rumos da política externa para a América Latina. Seu norte até esse momento fora defender um caminho

---

229Howard Handelman (1978, p. 1) e Stephen Rabe (1988, p. 104), são exemplos de historiadores sublinharam o otimismo da avaliação política de Szulc em 1959.

230Entre esses intelectuais liberais estadunidenses, por exemplo, estiveram vários que assim como Tad Szulc atuavam na América Latina e exultaram os revolucionários de Sierra Maestra quando chegaram ao poder, para logo depois tornarem-se seus críticos ferrenhos. Ver o exemplo de Jules Dubois (1959b) apresentado a seguir.

231“[...] that our own short sighted policies helped make communism's first Caribbean base: the island of Cuba”. Discurso de campanha de John F. Kennedy na cidade de Cincinnati em 6 de outubro de 1960. Disponível em <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=25660>> Acesso em: 10 dez. 2017.

232“On many occasions it went to the astonishing extreme of befriendng the dictator and thereby identified itself with the local forces of reaction and oppression while at the same time its information services blandly were preaching our dedication to the principles of liberty”.

equidistante das ditaduras de direita e do comunismo, em que a liberdade caminharía de braços dados com um capitalismo para elevar o consumo, a formação, a qualidade de vida e o sentimento democrático dos latino-americanos. Uma perspectiva afinada com outros intelectuais que discutiam a política externa estadunidense – vide Arthur M. Schlesinger Jr. (1949, pos. 2837) – e em muitos pontos aproximada do que propunham os estrategistas de administração Eisenhower para a América Latina.

Este capítulo analisa os escritos e a atuação de Tad Szulc na segunda metade dos anos 1950, período em que ainda atuava a partir do escritório do Rio de Janeiro. Nele trata-se dos dois principais eixos cruzados dos escritos de Szulc, o exame – a partir do viés interpretativo do liberalismo estadunidense do pós-Guerra – da situação socioeconômica e política da América Latina e da atuação dos Estados Unidos na região. Em um primeiro momento, é abordada a análise do correspondente de como se formou uma América Latina próspera e estável após o ocaso das ditaduras. Em uma segunda parte é inquirida a avaliação de Tad Szulc para o desempenho da política externa dos Estados Unidos para a região e dois dos seus principais dilemas, o nacionalismo e o comunismo. Ambas seções do capítulo traçam aproximações e distanciamentos entre Szulc, a intelectualidade e governos do continente americano. Um corpo – do qual fazem parte presidentes, jornalistas, diplomatas, acadêmicos etc. – que formulava e debatia políticas nacionais e as relações interamericanas.

### **3.1 Os caminhos da liberdade na América Latina**

Os últimos anos da década de 1950 eram, para Tad Szulc, o momento de afirmação do novo padrão democrático, o último estágio da estrada cheia de percalços trilhada pela liberdade na América Latina. Ele avaliou esse período como o fim de um longo processo em que guerras civis e ditaduras dominaram o cenário latino-americano. O fim dos tiranos corresponderia assim, ao mais recente estágio dos grandes “ciclos” que formariam a história latino-americana. O jornalista organizou didaticamente o passado latino-americano em grandes padrões históricos consonante com seu conhecimento do tema – ele era versado em publicações em língua portuguesa, espanhola e inglesa sobre a região. Nas referências bibliográficas do seu livro de 1959, por exemplo, há livros de história, biografias, análises políticas e informes oficiais publicados entre os anos 1930 e 1950<sup>233</sup>. Os padrões históricos utilizados por Szulc são conjunturas políticas e econômicas em recortes temporais amplos e

---

<sup>233</sup>Utilizando seus conhecimentos sobre a região, ele se tornou a partir de 1959 resenhista para *NYT* de obras publicadas nos Estados Unidos sobre a América Latina.

sequenciais que se iniciam com a conquista e colonização europeia<sup>234</sup>. A seguir, um novo ciclo histórico seria inaugurado quando “o domínio colonial dos conquistadores ibéricos foi jogado fora nas primeiras décadas do século XIX” com as independências. A partir daí teria iniciado, segundo Szulc (1959, p. 14), “o padrão de um século de ditaduras e revoltas sanguinárias da América Latina. Sendo o Brasil o único dos novos estados americanos a desfrutar da influência estabilizadora de uma monarquia nos primeiros sessenta e oito anos de sua vida soberana”<sup>235</sup>. Para ele, é nesse contexto de mortes e repressão que a partir do século XIX havia se consolidado uma estrutura de poder marcada pela demagogia, a violência e o populismo.

A interpretação de Tad Szulc para o passado latino-americano concatenou aspectos da produção intelectual dos Estados Unidos e América Latina. Ela acionou, por exemplo, elementos da tradição historiográfica brasileira para demarcar o maior país da região como uma ilha de estabilidade e bonança rodeada por um oceano de desordem e violência. Uma perspectiva que perpassa a historiografia do Brasil desde o período das Regências, e foi defendida, já no século XX, por intelectuais renomados como Joaquim Nabuco, Eduardo Prado e Manuel de Oliveira<sup>236</sup>. Para Szulc (1959, p. 13), o “Brasil é o colosso do Hemisfério Ocidental, uma nação descoberta e colonizada por portugueses – homens mais dados ao compromisso do que soluções drásticas”<sup>237</sup>. Os artigos e livros de Szulc grifaram uma diferença entre o longo e pacífico sistema monárquico do Brasil e as constantes revoluções nas repúblicas hispanófonas. Em direção conexas, demarcaram raízes de turbulência e caudilhismo na política e sociedade de diversos desses países da região – acionando as velhas imagens da América Latina mestiça, imatura e violenta recorrente nos Estados Unidos desde o século XIX – mas as analisaram em termos de consciência política, democracia e classes sociais como a atualizada produção acadêmica estadunidense<sup>238</sup>.

---

234Em seus artigos, reportagens e livros que abordaram a história latino-americana ao longo da carreira, ele se valeu desse modelo histórico. No caso das obras, além de em *Twilight of Tyrants* (1959) ele repetiu esse tipo de periodização em *The Winds of Revolution* (1963) e em *Latin America* (1965b).

235“The colonial rule of the Iberian conquerors was thrown off in the opening decades of the nineteenth century appears to have run its courses. [...] the century-long pattern of Latin America's blood-bathed dictatorships and upheavals. [Brazil] It was the only one of the new American states to enjoy the stabilizing influence of a monarchy for the first sixty-eight years of its sovereign life”.

236Para uma análise da ideia do Brasil como sinônimo de estabilidade e paz na historiografia, ver Cerqueira Filho e Neder (1978, p. 189). Para exame dos intelectuais brasileiros que escreveram a sobre a América Latina e o Pan-americanismo nas primeiras décadas do século XX, ver Kátia Baggio (1998, p. 44).

237“Brazil is the colossus of the Western Hemisphere, a nation discovered and colonized by the Portuguese – men more given to compromise than to clear-cut drastic solutions”.

238Sua análise da política colombiana no livro de 1959, por exemplo, referencia o trabalho de Vernon Lee Fluharty, *Dance of the millions* (1957), publicado pela Universidade de Pittsburgh. Para a reconfiguração da América Latina no discurso estadunidense, das representações racistas do século XIX ao moderno discurso científico de meados do século XX, ver Ricardo Salvatore (2006, p. 143).



O jornalista reuniu as representações da América Latina no imaginário estadunidense e as suas experiências *in loco* como correspondente. Nesse sentido, ele inquiriu a coexistência de modernas estruturas econômicas e pungentes centros urbanos – como São Paulo, Santiago e Caracas – com a pobreza e o analfabetismo. Seus escritos realizaram comparações entre tempos distintos, realçando as diferenças entre o passado glorioso das civilizações pré-colombianas e a miséria das populações do presente.

Sua leitura da América antes da chegada dos colonizadores está embebida em um exotismo de cunho orientalista<sup>239</sup>. Quando retomou esse recorte temporal em artigos e livros, Szulc (1965b, p. 11) exaltou “as grandes culturas indígenas – os Astecas no México, os Maias na América Central e os Incas no oeste da América do Sul” com suas pirâmides, calendários, sistema de irrigação complexos “que nasceram de forma misteriosa quando a Europa ainda estava em seu estado de barbárie”<sup>240</sup>. As invenções, rituais e heranças do mundo pré-colombiano tiveram grande repercussão na imprensa e meio intelectual dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX a partir da descoberta das ruínas de Machu Picchu pelo arqueólogo estadunidense Hiram Bingham em 1911. Nas décadas seguintes, essas imagens seguiram com apelo para tratar-se da América Latina, como evidenciam sua reiteração em periódicos – como na *National Geographic* e *Reader's Digest* – e livros<sup>241</sup>.

No mesmo passo em que apresentou o misterioso passado antes da chegada dos europeus, o jornalista se preocupou em apresentar o processo pelo qual, em suas palavras, “os outrora orgulhosos Incas se transformaram nos séculos seguintes – e sob influência de doenças, misturas raciais e exploração do homem branco – em pessoas economicamente e socialmente deprimidas”<sup>242</sup>. Para isso, deixou de lado os relatos de viagens de cronistas coloniais e toda sorte de publicações sobre civilizações pré-colombianas e se inteirou das ações de governos e discussões correntes em relação à inserção do índio na sociedade moderna e questões da história nacional em diversos países. O que incluiu desde a avaliação da eficiência das ações do Serviço de Proteção ao Índio no Brasil até a volta de celebrações incas sob o patrocínio do governo do Peru<sup>243</sup>.

239O orientalismo entendido como um conjunto amplo de práticas culturais e políticas ocidentais que designa um domínio do Outro sobre a ótica do exótico a ser decifrado em histórias, artes, ciências, etc. Conforme Edward Said (2007, p. 27).

240“The great Indian cultures – the Aztec in Mexico, the Maya in Central America, and the Inca in western South America – were born in mysterious ways when Europe was still in its barbarian stage”.

241Sobre essa expansão acadêmica e de interesse público sobre o passado pré-colombiano da região abaixo da fronteira do Texas, ver Ricardo Salvatore (2016, pos. 1723).

242“The once-proud Incas became transformed over the ensuing centuries – and under influence of disease, racial mixtures and the white man's exploitation – into an economically and socially depressed people” (*NYT*, 07 jul. 1956, p. 7).

243Szulc foi contemporâneo, a partir da sua migração na virada para os anos 1940, de políticas de construção e valorização dos passados nacionais na América Latina. Em uma conjuntura de ampliação dos poderes estatais e

A leitura de Szulc da região também maneja uma série de interpretações do circuito intelectual estadunidense sobre história, economia, sociedade e política. Esse amplo espectro de questões e perspectivas foi pautado por ele nas linhas do liberalismo, nos princípios da liberdade, emancipação e democracia. Nos sentidos que esses conceitos assumiram nos Estados Unidos a partir dos anos 1930 e que dominaram a agenda política e intelectual do país pelo menos até os anos 1960<sup>244</sup>. Eles compõem inclusive o horizonte da história da América Latina que o correspondente construiu em artigos e reportagens, e no seu livro de 1959, o caminho de libertação desde o jugo colonial até a democracia. Para Szulc (1963, p. 3) o tema em comum da região é “a demanda por uma vida material melhor e, simultaneamente, profundas mudanças políticas e psicológicas que ainda permanecem em grande parte indefinidas e apenas parcialmente entendidas”<sup>245</sup>. O aspecto basilar do seu exame do passado e presente latino-americano foi justamente dimensionar essas mudanças políticas e sociais em termos de liberdades política e de opinião – ou a falta delas – e o acesso a um padrão mínimo de qualidade de vida, questões centrais para as ideias liberais de então<sup>246</sup>. Elas foram abarcadas inclusive em discursos fundamentais para essa cultura política, como no pronunciamento do presidente Franklin Delano Roosevelt, conhecido como As Quatro Liberdades (1941)<sup>247</sup>. Nas palavras do chefe de estado democrata:

Nos dias futuros, que buscamos assegurar, esperamos ansiosamente por um mundo baseado em quatro liberdades humanas essenciais. A primeira é a liberdade de expressão e discurso – em todo o mundo. A segunda é a liberdade de cada pessoa para adorar a Deus à sua maneira – em todos os lugares do mundo. A terceira é a liberdade da necessidade – que, traduzida em termos mundiais, significa entendimentos econômicos que assegurarão a todas as nações uma vida saudável em tempo de paz para seus habitantes – em todos os lugares do mundo. A quarta é a liberdade do medo – que, traduzida em termos mundanos, significa uma redução mundial de armamentos a tal ponto e de maneira tão completa que nenhuma nação estará em condições de cometer um ato de agressão física contra qualquer vizinho,

---

reformulação das identidades nacionais, houve um forte investimento político e intelectual nas artes e na história. No Peru essa formulação identitária seguiu forte até as décadas seguintes. Tupac Amaru foi elevado a ícone da nacionalidade, reforçada inclusive pelos militares nacionalistas liderados por Velasco Alvarado em 1968. Dois outros casos bem analisados pela historiografia são o argentino e brasileiro. Sobre a Argentina, ver Nicolas Shumway (2008, p. 370) e José Beired (2010, pos. 605). Sobre o Brasil, consultar Angela de Castro Gomes (2013, pos. 908).

244O liberalismo remodelado pelo *New Deal* – o que incluiu, entre outros aspectos, maiores responsabilidades sociais e econômicas do Estado – foi a cultura política dominante nos Estados Unidos dos anos 1950 e 1960. Ver Alain Brinkley (2000, p. IX)

245“The demand for a better material life and, simultaneously, profound political and psychological change that still remain largely undefined and only partially understood”.

246Nos termos de José Guilherme Merquior (2016, pos. 2363), liberdades individuais negativas – no sentido de proteção contra interferência do Estado – e positivas – por envolver demandas e recursos para desenvolvimento de potencialidades.

247Escrito ainda na conjuntura de mobilização dos Estados Unidos para abandono do isolacionismo e o ingresso na Segunda Guerra, é considerado peça essencial para o liberalismo estadunidense do pós-Guerra. Sua defesa das chamadas quatro liberdades foi influente inclusive na Carta das Nações Unidas (1945) e Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Disponível em <<https://fdrlibrary.org/four-freedoms>> Acesso em 02 mai. 2018.

em todo mundo. Isso não é uma visão de um milênio distante. É uma base definida para um tipo de mundo atingível em nosso próprio tempo e geração. Esse tipo de mundo é a própria antítese da chamada nova ordem de tirania que os ditadores buscam criar com a queda de uma bomba<sup>248</sup>.

As duas primeiras liberdades de Roosevelt correspondem a aspectos fundamentais do liberalismo constituídos historicamente. Como uma cultura política forjada nas guerras políticas e religiosas da Idade Moderna, como analisa José Guilherme Merquior (2016, pos. 341), ele tem no seu cerne a defesa da liberdade de opinião e de fé religiosa. Na produção intelectual de Tad Szulc sobre a América Latina, o primeiro atributo ganhou destaque, enquanto o segundo foi tratado poucas vezes. As questões de liberdade religiosa só foram abordadas pelo correspondente em matérias pontuais sobre perseguições a missionários evangélicos estadunidenses em ação na Amazônia<sup>249</sup>.

Os escritos de Szulc sobre a história e realidade latino-americana, retomam a perspectiva da primeira e da terceira do quarteto de liberdades primordiais definidas pelo presidente, e se atrelam aos direcionamentos que a quarta liberdade e o combate às ditaduras de direita e o comunismo – considerados como males de espectros políticos diferentes, mas como a mesma raiz, a tirania – foram assumidas pelos liberais do pós-Guerra. Entre o século XIX e metade do seguinte, sublinha Rodriga Sousa (2013, p. 110), as ideias liberais sofreram profundas alterações. A liberdade da necessidade é o produto de transformações que as ideias liberais e os Estados Unidos atravessaram nos quarenta anos anteriores. O direito a condições socioeconômicas mínimas remete à experiência histórica estadunidense de profunda crise e penúria a partir do final dos anos 1920 e na década seguinte à construção de uma estrutura de bem-estar social nas administrações democratas. A preservação e ampliação desse amplo espectro de leis seguiu como uma bandeira liberal nos anos 1940 e 1950, décadas de pujança econômica em que a atenção à pobreza foi reduzida<sup>250</sup>.

248“*In the future days, which we seek to make secure, we look forward to a world founded upon four essential human freedoms. The first is freedom of speech and expression—everywhere in the world. The second is freedom of every person to worship God in his own way—everywhere in the world. The third is freedom from want—which, translated into world terms, means economic understandings which will secure to every nation a healthy peacetime life for its inhabitants—everywhere in the world. The fourth is freedom from fear—which, translated into world terms, means a world-wide reduction of armaments to such a point and in such a thorough fashion that no nation will be in a position to commit an act of physical aggression against any neighbor—anywhere in the world. That is no vision of a distant millennium. It is a definite basis for a kind of world attainable in our own time and generation. That kind of world is the very antithesis of the so-called new order of tyranny which the dictators seek to create with the crash of a bomb*”.

249Um total de apenas três textos assinados em todo recorte temporal da pesquisa. As análises dele sobre o tema, como um todo, foram poucas. Em geral, ele só tratou mais vezes da religião ao examinar os papéis da Igreja Católica na balança de poder em relação à liberdade política e melhoria das condições sociais. Uma questão que retoma a temática da liberdade política e a do padrão mínimo de qualidade de vida. Ver Szulc (1959, p. 8; 1963, p. 86).

250Na virada para os anos 1960, a opinião pública e intelectuais estadunidenses “redescobriram a pobreza” dentro e fora dos Estados Unidos. Szulc foi um dos intelectuais que contribuíram para a percepção da miséria

A perspectiva liberal foi influente inclusive entre historiadores, sociólogos e economistas dos Estados Unidos. Diversos estudiosos dos anos 1950 e 1960 se preocuparam em dimensionar e explicar o caráter democrático – ou não – das sociedades latino-americanas a partir das ideias de liberdade e acesso a um padrão mínimo de emancipação econômica e intelectual<sup>251</sup>. Ainda antes da teoria da modernização assumir o caráter de força central no meio acadêmico e na promoção da política externa para a região na virada para os anos 1960, Tad Szulc foi um dos intelectuais que a examinaram a partir de uma ótica liberal. Szulc é de uma geração que atuou na América Latina e escreveu sobre ela desde os anos 1940, bem antes dos principais marcos para a teoria da modernização na região, como a Revolução Cubana em 1959, a publicação de *The Stages of Economic Growth* de Walt W. Rostow e a eleição presidencial de John Kennedy, ambos eventos em 1960<sup>252</sup>.

As contribuições de diversos intelectuais estadunidenses, como a do cientista político Russell H. Fitzgibbon (1951, p. 517), servem para traçar um panorama da análise que se fazia então da democracia na América Latina<sup>253</sup>. Ele propôs uma pesquisa quinquenal a partir de 1945 com professores universitários especializados na política da região de variadas universidades estadunidenses<sup>254</sup>. Nela, cada um dos pesquisados teve de dar uma nota para cada país em diversas variáveis; o objetivo era fazer um ranking de democracias latino-americanas a cada cinco anos. Mais do que as nuances e resultados da pesquisa, interessa-nos agora os critérios utilizados por eles: nível educacional suficiente para dar vitalidade à vida política; padrão de vida adequado; liberdade de discurso e imprensa; eleições livres; liberdade política e supremacia civil sobre militares e religiosos<sup>255</sup>.

latino-americana e das implicações políticas disso para os Estados Unidos na Guerra Fria. Sobre o combate a pobreza nos Estados Unidos no pós-Guerra, ver James T. Patterson (2003, p. 76).

251 Para um exame da produção acadêmica estadunidense sobre a América Latina no pós-Guerra, ver João Feres Jr. (2005, p. 79).

252 Sobre a teoria da modernização e sua influência na política externa para a região, consultar Michael Latham (2000, p. 21).

253 Ele foi professor de ciência política da Universidade da Califórnia com enfoque na região. Escreveu análises sobre a política da região – livros, artigos e resenhas – desde os anos 1930 e atuou como analista para a OCIAA durante a Segunda Guerra. Uma das suas mais conhecidas contribuições foi lançar uma pesquisa quinquenal entre especialistas – antes só universitários, depois também jornalistas e outros profissionais – para que fosse avaliada a democracia em cada país latino-americano em um sistema de pontos. Ver Phil Kelly (2002, p. 13) e Mikael Bostrom (1990, p. 47).

254 Profissionais de importantes instituições de ensino do país – Harvard, Princeton, Winsconsin, etc. – como Arthur P. Withtaker, Clarence H. Haring e George Blanksten. Assim como o promotor da pesquisa, eles tiveram impacto na produção acadêmica sobre a América Latina. Para aprofundamento na metodologia do questionário e entrevistados, ver Russell Fitzgibbon (1951, p. 518).

255 Um total de quinze parâmetros pontuados entre 1945 e 2000. Conforme Fitzgibbon (1951, p. 517): “1. An educational level sufficient to give the political process some substance and vitality. 2. A fairly adequate standard of living and reasonable well-balanced economic life. 3. a sense of internal unity and national cohesion. 4. Belief by the people in their political dignity and maturity. 5. Absence of foreign domination. 6. Freedom of the press, speech, assembly, radio, etc. 7. Free elections – honestly counted votes. 8. Freedom of part organization; genuine and effective party opposition in the legislature; legislative scrutiny of the executive branch. 9. An independent judiciary – respect for its decisions. 10. Public awareness of the collection and expenditure of governmental

Esses parâmetros utilizados pelos universitários para aferir o quão democrática era cada nação não estão distantes das proposições do correspondente para compreensão da grande novidade da história latino-americana: um inédito padrão de democracia e estabilidade após o longo passado de turbulência social e política. Para Szulc (1959, p. 6): “O fator fundamental para o fim da era ditatorial na América Latina foi o rápido crescimento da consciência política, em todas as classes, e dos níveis educacionais na última década ou mais. Isso acompanhou o poderoso fermento econômico e social do período pós-Guerra”<sup>256</sup>. O correspondente também estava atento aos papéis sociais desempenhados por diversos grupos e instituições nas sociedades latino-americanas. Um dos casos que chamou atenção de Tad Szulc (1959, p. 8) foi o da “Igreja Católica Romana, durante séculos identificada com as políticas e regimes reacionários da América Latina, reverteu sua posição e ajudou a liderar as revoluções contra as ditaduras na Argentina, Colômbia e, em menor escala, na Venezuela”<sup>257</sup>. No mesmo passo em que os militares – notadamente jovens oficiais treinados nos Estados Unidos que voltaram para a região com ideias mudadas<sup>258</sup> – se viraram a favor da opinião pública e contra os ditadores, algo inédito, segundo o jornalista. Em outra parte do mesmo livro, Szulc (1959, p. 17) considerou que as ditaduras existiram enquanto “não havia uma classe média – econômica, política ou socialmente – para atuar como uma força estabilizadora nas explosões políticas perpétuas”<sup>259</sup>.

As interpretações de Szulc e outros intelectuais estadunidenses se valiam de uma dose considerável de estereotipia em relação à organização social e política dos países. No caso dos militares, os chilenos e argentinos continuaram no pós-Guerra tendo como maior influência o modelo da França e Prússia, e uma aproximação efetiva dos Estados Unidos só veio a ocorrer décadas depois<sup>260</sup>. Sobre a classe média, é patente que a Argentina tinha um

---

funds. 11. Intelligent attitude toward social legislation – the vitality of such legislation as applied. 12. Civilian supremacy over the military. 13. Reasonable freedom of political lid from the impact of ecclesiastical controls. 14. Attitude toward and development of technical and scientific governmental administration. 15 Intelligent and sympathetic administration of whatever local self-government prevails”.

256“The fundamental factor in bringing the dictatorial era toward an end in Latin America was the rapid growth of political consciousness on all class and educational levels in the last decade or so. It accompanied the powerful economic and social ferment o the postwar period”.

257“The Roman Catholic Church, for centuries identified with reactionary policies and regimes in Latin America, reversed its stand and helped to lead the antidictatorial revolutions in Argentina, Colombia, and to lesser extent, in Venezuela”.

258“Many young officers has been trained in the United States and had returned to their countries with changed ideas about what was right and what as wrong” (SZULC, 1959, p. 8). Ele se refere aos programas de treinamento de militares de diversos países do continente nos Estados Unidos a partir de parcerias bilaterais e regionais levadas a cabo desde o final da Segunda Guerra.

259“There was no middle class – economically, politically, or socially – to act as a stabilizing force in the perpetual political explosions”.

260A Argentina relutou inclusive em assinar o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, o TIAR, de 1947 que costurou a aliança militar entre os países do continente americano – a Defesa Hemisférica – a partir da direção dos Estados Unidos. Uma aproximação argentina do modelo militar estadunidense só veio a se efetivar

padrão de desenvolvimento econômico e cultural avançado e muito distinto dos demais países latino-americanos, expresso numa transição oligárquica pela via eleitoral com a ascensão do radicalismo ao poder em 1916. Desse modo, o país possuía sim uma classe média e uma economia pujante que contradizem a visão generalista do jornalista do *NYT*<sup>261</sup>.

Os fatores levantados pelo correspondente para o fim das ditaduras na América Latina coincidem com as perspectivas da produção acadêmica estadunidense corrente. Suas proposições sobre educação, crescimento da consciência política, a mudança no papel da Igreja Católica e das forças armadas e das funções sociais e políticas desempenhadas pela classe média – para ficar em um número estrito de exemplos – seguem na mesma direção de livros publicados à época por pesquisadores universitários<sup>262</sup>. É relevante observar que Tad Szulc não foi um mero reproduzidor das conclusões desse filão editorial. Como especialista do *The New York Times* em América Latina, ele resenhou algumas dessas obras e a partir dessas críticas articulou uma mediação dessa produção acadêmica específica para o círculo letrado mais amplo abarcado pela imprensa.

Os seus livros podem também ser considerados dentro dessa perspectiva de mediação uma vez que sintetizaram proposições e debates presentes em estudos acadêmicos em linguagem jornalística. As resenhas de *Twilight of the Tyrants* apontam nessa direção; a obra recebeu atenção de jornais e veículos de divulgação de livros, entre eles o próprio *NYT* (22 nov. 1959, p. 50), *The Nation* (30 jan. 1960, p. 103), *Kirkus Reviews* (29 out. 1959) e *Saturday Review* (07 nov. 1959, p. 24). Eles consideraram o livro como um “fascinante estudo de cinco ditadores latino-americanos” em que os “as explicações muito bem escritas de Szulc oferecem uma visão ampla do processo de transformações básicas que estão ocorrendo na América Latina”<sup>263</sup>. Já periódicos especializados, como a *Foreign Affairs* (jan. 1960, p. 344) e a *Hispania* (mar. 1960, p. 131) limitaram-se a notas sobre o conteúdo da obra<sup>264</sup>. O livro de Tad Szulc recebeu atenção nos Estados Unidos do círculo intelectual do qual o autor fazia parte, o dos jornalistas liberais espalhados em jornais e revistas de Nova York. É relevante

---

na administração de Carlos Menem (1989-1999).

261A perspectiva de Szulc da classe média como fator fundamental para o fim das ditaduras é consonante com o ponto de vista de outros intelectuais liberais da mesma época. Ver Schlesinger Jr. (1949, pos. 1988)

262Entre esses estudos merecem destaque os vínculos das análises de Tad Szulc com o influente livro de John Johnson (1958) que examinou a emergência da classe média enquanto fator crucial de transformação social e política da América Latina. Além da obra de Edwin Lieuwen (1960, p. 122) que inquiriu os significados do militarismo latino-americano ante as grandes mudanças na região. Essa última foi até resenhada por Szulc para o *NYT* (27 mar. 1960, p. 26).

263“*This is a fascinating study of five Latin American dictatorships[...] Szulc's excellently written accounts offer great insight into the process of basic transformations that are now taking place in Latin America*” (KIRKUS REVIEWS, 29 out. 1959).

264A primeira uma revista especializada em relações internacionais dos Estados Unidos, publicada desde 1922. A última o veículo de imprensa fundado em 1917 por uma associação de estudiosos do português e do espanhol.

considerar sua avaliação das ditaduras latino-americanas e da política externa estadunidense, a partir dessa posição específica.

A primeira das quatro liberdades de Roosevelt – a de expressão e discurso – se constituiu como um parâmetro central do exame de Szulc do passado e presente. O correspondente nunca se furtou a informar aos leitores quando “uma forte censura foi imposta a jornais locais, estações de rádio e empresas de telégrafo servindo a correspondentes estrangeiros” (*NYT*, 22 nov. 1955, p. 1)<sup>265</sup> em qualquer um dos países visitados. Para além das páginas do jornal, no seu primeiro livro Szulc (1959, p. 7) considerou que “entre os atos de atitude ditatorial” estava “o amordaçamento da imprensa livre e adulação servil dos governantes pelos jornais oficiais”<sup>266</sup>. Nas mais de trezentas páginas da obra, o jornalista tratou reiteradamente sobre essa tentativa de controle dos jornais por parte das administrações de Vargas, Perón, Rojas Pinilla, Pérez Jiménez e Odría. O correspondente realizou uma denúncia sistemática de ataques à liberdade de opinião, o que lhe valeu uma série de desentendimentos com autoridades da região.

Um exame desse posicionamento de Szulc requer considerar o contexto profissional. A imprensa se constitui como um campo sensível ao cerceamento da liberdade de expressão, especialmente em conjunturas de convulsões sociopolíticas e controle estatal nas quais as disputas de poder permeiam o mundo das informações<sup>267</sup>. Esse foi o caso das revoltas, contrarrevoluções e ações variadas levadas cabo por agentes políticos com matizes distintos de direita e esquerda na América Latina, da República Dominicana de Trujillo a Cuba sob direção de Castro. Para Szulc, essas atividades de perseguição e silenciamento de críticos e opositores – junto da própria ascensão de ditaduras – evidenciavam a fragilidade histórica da ideia de democracia e o corte autoritário da cultura latino-americana.

No plano ideológico, é relevante considerar Szulc como um liberal militante em frentes paralelas, o combate às ditaduras e o controle sobre a imprensa e opinião pública. A denúncia sistemática da censura é um posicionamento em comum com outros intelectuais liberais que também atuavam na correspondência internacional. Da extensa lista de jornalistas que trabalharam para veículos dos Estados Unidos e Europa, o caso mais emblemático é o do seu colega Jules Dubois, correspondente do *The Chicago Tribune* que trabalhava na região

---

265“*A tight censorship was clamped on local newspapers, radio stations and cable companies serving foreign correspondents*”.

266“*These acts of dictatorial behavior [...] muzzling of the free press and servile adulation of the rulers by official newspapers*”.

267A primeira vítima da guerra é a verdade, essa é uma das máximas do jornalismo. Para um exame historiográfico da censura e controle de imprensa na América Latina, com foco no caso brasileiro e argentino em meados do século XX, ver Maria Helena Capetalo (2009, p. 73).

desde o final dos anos 1930<sup>268</sup>. Em 1959, Dubois publicou um livro - *Freedom is my beat* –, uma recapitulação de sua atuação como correspondente na América Latina focando em questões de liberdade política e de opinião<sup>269</sup>. Na resenha dessa obra, Szulc elogiou o colega como incansável cruzado lutando pelas boas causas da liberdade de imprensa, o combate às ditaduras e ao comunismo (*NYT*, 15 nov. 1959, p. 45), palavras laudatórias que remetem à trajetória de Jules Dubois. A partir de 1950 ele encabeçou a reestruturação da Associação Interamericana de Imprensa, uma organização com atuação em todo continente. O objetivo autodeclarado dela era o de “proteger a liberdade de expressão e de imprensa”<sup>270</sup>. Nos bastidores, a organização foi assistida pela CIA como uma arma informacional para travar a Guerra Fria<sup>271</sup>. Para além dessa influência, é pertinente sublinhar agora que, em questões relativas à liberdade de opinião, Szulc se aproximou de outros liberais militantes que também mobilizaram o fazer jornalístico em relação à liberdade de imprensa e o combate às ditaduras.

Os paralelos entre Tad Szulc e Jules Dubois incluem a perseguição em diversos países: foram expulsos da República Dominicana e rechaçados pelo governo argentino no segundo mandato de Perón. Ambos foram também agraciados pela Universidade de Columbia com o *Maria Moors Cabot Prize*, prêmio dado àqueles que se destacaram com “contribuições significativas para a liberdade de imprensa nas Américas e compreensão interamericana”<sup>272</sup>. Essas semelhanças em suas trajetórias derivam de sua aproximação no campo ideológico e de militância. A partir de um viés liberal, ambos foram correspondentes na América Latina que deram ampla cobertura aos movimentos que lutaram para derrubar “ditadores” nos anos 1950 e contribuíram com matérias jornalísticas e livros para o ataque às “ditaduras”<sup>273</sup>.

268Um dos mais longevos e proeminentes jornalistas estadunidenses na América Latina no século XX. Dubois (1910-1966) atuou como correspondente na região por mais de trinta anos, antes disso foi oficial do exército com atuação no exterior e no Pentágono. Foi acusado de agente da CIA ao longo da carreira, fato que só foi confirmado depois sua morte. Mais informações em *Sanrasota Herald-Tribune* (17 ago. 1966, p.1).

269Ver Jules Dubois (1959b).

270A SIP foi fundada em 1943 sob financiamento e tutela de diversos governos do continente, a partir do Congresso Pan-americano de Jornalistas organizado no México no ano anterior. Três anos depois a organização se estabeleceu nos Estados Unidos a partir da atuação de variados editores e repórteres; hoje sua sede é em Miami. Em 1950 houve uma profissionalização e reestruturação a partir da atuação de Dubois. A organização segue atuante até o presente. Informações disponíveis em <<http://pt.sipiapa.org/contenidos/asip-y-su-historia.html>> Acesso em 02 mai. 2018.

271Uma das inúmeras ligações descobertas entre jornalistas e órgãos de vigilância, na onda de investigações da imprensa estadunidense sobre os vínculos secretos da CIA e Departamento de Estado dos anos 1970. Ver as reportagens da *Penthouse* (ago. 1977. n. 50, p. 45) e a obra de Frances Saunders (2013, p. 27) sobre a influência da CIA no mundo dos jornais e das artes.

272Dubois foi considerado como “gangster n. 1 do jornalismo ianque” pela imprensa argentina e Szulc teve de realizar parte da cobertura da queda de Perón em 1955 a partir do Chile e depois do quartel-general dos rebeldes. O primeiro foi expulso pelo regime de Rafael Trujillo em 1952, já o segundo no ano de 1959. No mesmo ano de suas expulsões cada um recebeu a comenda da universidade nova-iorquina. Sobre o prêmio, consultar <<http://www.journalism.columbia.edu/page/177-history-of-the-cabot-prize/178>> Acesso em 18 jun. 2018.

273Com uma atuação mais longa na região, Jules Dubois foi contemporâneo e escreveu sobre mais administrações que ele julgou de caráter tirano, como as de Anastasio Somoza na Nicarágua, Víctor Paz Estensorro na Bolívia e François Duvalier no Haiti, sobre as quais Szulc não tratou.



Os casos mais evidente na produção intelectual de Szulc na década de 1950 de atuação na luta contra o que ele chamava de tirania latino-americana são os de Juan Domingo Perón e Rafael Trujillo. Os últimos dias do político argentino no poder, no terço final de 1955, coincidem com a ascensão de Tad Szulc para as manchetes do *The New York Times*. O jornalista havia sido enviado ao Chile para iniciar sua cobertura da região com um assunto menor, a pesca, e lá foi tragado pelos eventos do outro lado da fronteira. Um levante militar a partir de Córdoba deu início ao movimento militar que pôs fim à já combalida administração de Perón<sup>274</sup>. O correspondente iniciou seu trabalho do lado chileno da fronteira e depois a partir do norte da Argentina, no encalço dos rebeldes até a chegada deles a Buenos Aires. Um caminho com matérias diárias nas quais o jornalista reportou – a partir do viés “rebelde” – as movimentações militares e seus discursos garantindo que “as forças armadas abandonaram seu dever pelo amor à liberdade. A nação não pode se submeter e resignar-se aos caprichos de um ditador” (*NYT*, 18 set. 1955, p. 2)<sup>275</sup>. Após a tomada de poder, apresentou o chefe do movimento e presidente provisório, Eduardo Lonardi, como “a maior esperança de paz e estabilidade que a conturbada Argentina já conheceu em mais de uma década, assenta em um aposentado general de artilharia de voz suave, que saltou quase da noite para o dia da obscuridade total à adulação nacional” (*NYT*, 23 out. 1955, p. 17)<sup>276</sup>. O correspondente, assim como no caso argentino, foi um apoiador dos movimentos que derrubaram Manuel Ódria, Rojas Pinilla e Peréz Jiménez<sup>277</sup>.

Após o fim do movimento e o estabelecimento do governo chefiado por Pedro Aramburu, Szulc seguiu atento à Argentina, mesmo o país não estando dentro das prioridades da cobertura do seu cargo – uma vez que o diário nova-iorquino mantinha Edward A. Murrow em Buenos Aires. Pouco mais de três anos após a queda de Perón, ele dedicou mais de

---

274O segundo mandato de Juan Perón (1952-1955) se deparou com variados problemas econômicos e políticos. Desde 1949, vivenciou uma crise com a queda nas exportações e a falta de dólares, além de enfrentamentos com grupos da imprensa, Igreja Católica e militares. Esses haviam bombardeado a Casa Rosada meses antes da derrubada efetiva de Perón e seu exílio no Paraguai. Ver Edwin Williamson (2016, p. 481) e Maria Prado e Gabriela Pellegrino (2014, p. 142).

275“The armed forces abandoned their duty for their love of liberty. The nation cannot submit itself and become resigned to the whims of a dictator”.

276“The greatest hope for peace and stability that strife-torn Argentina has known more than a decade rests with a retiring, soft-spoken artillery general who jumped almost overnight from total obscurity to national adulation”.

277Szulc atentou nos textos para o *NYT* e no seu primeiro livro para importantes distinções políticas, governamentais e econômicas dos “ditadores” derrubados e as novas administrações estabelecidas. De todo modo, ele saudou os novos governos argentino, brasileiro, venezuelano, peruano e colombiano. Nessa direção teceu elogios em artigos e livros a políticos como Fernando Terry do Peru e Romulo Betancourt na Venezuela. Ele se ocupou também em criticar as forças políticas que de algum modo retomavam o legado dos “ditadores”. O caso mais notável foi sua atenção ao PTB no Brasil e aos peronistas após o fim do Partido Justicialista e o exílio de Perón em 1955. Ver Tad Szulc (1963, p. 32; 1965b, p. 53).

sessenta páginas do seu livro ao político argentino<sup>278</sup>. Tad Szulc (1959, p. 100) considerou que nos anos do ex-presidente no poder, o país “testemunhou ao mesmo tempo um excitante desfile demagógico, um sonho frustrado de grandeza internacional, a ilusão de ter gerado uma ideologia mundial e, não menos importante, um reinado de terror, brutalidade e intimidação”<sup>279</sup>. Segundo Szulc (1959, p. 109), Juan Perón seria uma encarnação latino-americana do nazismo e do fascismo. Deles teria aprendido – *in loco* como admirador na Itália de Mussolini – duas lições essenciais. “Uma foi o uso dos trabalhadores organizados, mantidos presos a sindicatos controlados pelo governo com propósitos políticos. A segunda era o valor da demagogia da justiça social para ganhar o apoio das massas”<sup>280</sup>. Sua avaliação era que os discursos e ações de Juan e Eva Perón em nome da defesa dos mais pobres e sua busca por uma “verdadeira justiça social” eram uma farsa embalada no culto a suas personalidades. Uma vez que “corrupção e suborno eram ocorrências normais. Os Perón viviam eles mesmos em luxo nababesco” com seus automóveis e motocicletas caras, além de vestidos e joias importadas de Paris<sup>281</sup>.

O ataque de Szulc ao chefe de estado argentino e suas ações deu-se em flancos diversos. No campo moral, acusou-o de demagogo, corrupto e aliciador de menores – após a morte de sua mulher em 1952. Na arena política, de abafar vozes dissonantes – fechando jornais – e perseguir adversários usando o aparato do Estado e milícias. Já no plano ideológico de defender um nacionalismo tóxico, capaz de destruir a economia, fomentar conflitos sociais e levar o país a um caminho perigoso ao evitar o rompimento com o Eixo durante a Segunda Guerra, e depois cortejar a União Soviética e defender o neutralismo, uma posição independente entre a esfera capitalista e a comunista. Em *Twilight of the Tyrants*, Perón – e em menor escala Vargas, Jiménez, Ódria e Pinilla – é o avatar para os males das ditaduras. Fica claro que sua leitura não é a de um analista que examina a complexidade do fenômeno peronista em busca de uma avaliação ponderada<sup>282</sup>. Seu exame das ditaduras, se inserem em um conjunto de narrativas produzidas logo após o desfecho do ciclo de

278 Das cinco figuras da política analisadas por Szulc (1959) – Juan Perón, Getúlio Vargas, Manuel Ódria, Rojas Pinilla e Pérez Jiménez – a primeira delas é que ele dedica maior espaço na obra e sobre a qual escreve críticas mais ferrenhas.

279 “[...] it witnessed at the same time an exciting demagogic pageant, a frustrated dream of international greatness, the illusion of having spawned a new world ideology, and, not least, a reign of terror, brutality and intimidation”.

280 “One was the use of organized labor, held captive in government-controlled unions, as a political prop. The second was the value of social-justice demagoguery in winning the allegiance of the masses”.

281 “Corruption and graft in government were standard occurrences. The Peróns themselves lived in nabobesque luxury”.

282 O debate sobre sentidos, características e legados do peronismo segue como uma questão de ordem na academia uma vez que sua influência sobre o corpo social e político do país continua relevante no presente. Para uma avaliação equilibrada e bem avaliada do peronismo e das discussões em torno dele, ver Federico Neiburg (1997, p. 13).

governantes longevos – parte deles iniciados ainda nos anos 1930 – com enfoque de acusação de males autoritários e denúncia de manipulação, censura e corrupção, além da exaltação da resistência<sup>283</sup>.

As palavras do jornalista do *NYT* são as de quem fugiu da expansão nazista pela Europa e aportou nas redações de jornais brasileiros sob a batuta do DIP. De quem uma vez nos Estados Unidos, ancorou-se no ciclo dos intelectuais liberais da imprensa. Sua obra publicada em 1959 é, nesse sentido, não apenas um histórico do passado recente latino-americano, mas uma arma de denúncia da tirania e a afirmação da vitória da liberdade e da democracia segundo seu entendimento, algo que ficou patente inclusive à época. O professor Robert J. Alexander (*NYT*, 22 nov. 1959, p. 22) – especialista em América Latina e único acadêmico a resenhar *Twilight of the Tyrants* – considerou que “este é um livro muito otimista” em que Szulc “tende a exagerar a semelhança entre Perón e os ditadores fascistas europeus” entre outras simplificações<sup>284</sup>. Essa apresentação dos políticos latino-americanos como versões tropicais de Mussolini e Hitler foi explorada também por outros jornalistas de grandes veículos de imprensa.

Esse foi o caso, por exemplo, de John dos Passos (1963, p. 299) que a partir das suas viagens ao Brasil entre 1948 e 1962, considerou que “quando Vargas assistiu ao sucesso alémmar do nacional-socialismo de Hitler e do Estado Corporativo de Mussolini, pensou em planejar algo similar para o Brasil. Começou a apreciar as possibilidades demagógicas de um apelo às massas”. Segundo o renomado escritor, a partir disso o líder brasileiro teria mobilizado sindicatos, organizações estudantis, empresários para construir sua poderosa máquina política. Uma leitura que recorria ao mesmo tipo de estereotipagem que o professor universitário criticou no livro de Tad Szulc. A recepção dessa obra na imprensa brasileira é também sintomática do seu caráter militante. Entre os grandes jornais, aquele que publicou uma extensa resenha sublinhando Getúlio Vargas como ditador foi o *Diário de Notícias* (29 out. 1959, p. 3) do Rio de Janeiro. Um diário com vínculos ao partido oposicionista UDN, crítico das obras de Juscelino Kubitschek e do legado varguista<sup>285</sup>.

---

283Um tipo de narrativa que Denise Rollemberg e Samantha Quadrat (2010, p. 11) classificam como de construção da memória do autoritarismo, discursos que não compreendem ditaduras como um fenômeno social complexo.

284“*This is a very optimistic book. [...] tends to overemphasize the similarity between Perón and the European fascist dictators*”.

285O veículo de imprensa publicou a tradução de um texto longo da *United Press International* sobre o livro de Szulc. O *DN* foi um dos jornais brasileiros que mais repercutiu os trabalhos e viagens do correspondente mesmo depois dele voltar para o escritório dos Estados Unidos. O jornalista manteve bons laços com essa redação carioca, como visto no capítulo anterior. Sobre o *Diário de Notícias*, a imprensa brasileira e sua relação com a mídia internacional, ver Werneck Sodré (1999, p. 391) e Marialva Barbosa (2007, p. 149).

A primeira viagem do correspondente para além do território sul-americano foi para a República Dominicana. Lá ele passou cerca de um mês escrevendo sobre a política e sociedade dominicana até ter saído do país e ser condenado judicialmente por difamar autoridades. Isso após classificar o regime de Rafael Trujillo como uma ditadura violenta e corrupta<sup>286</sup>. No poder desde 1930, o ditador foi apoiado pelos Estados Unidos praticamente por quase três décadas. Ele foi endossado pela política externa estadunidense sob o princípio de não-intervenção em assuntos internos; já nos quinze primeiros anos da Guerra Fria, foi apoiado em nome do combate ao comunismo<sup>287</sup>. No entanto, sob o impacto da viagem de Nixon e da Revolução Cubana, os laços apertados entre a política externa dos Estados Unidos e Rafael Trujillo foram sendo desfeitos. A administração Eisenhower iniciou um distanciamento gradual do ditador envolvendo a retirada do apoio público a sua figura, as quotas de açúcar e envio de armas a República Dominicana<sup>288</sup>.

Em meados de 1959, o governo autoritário estava sob pressão também de opositores, tendo havido uma tentativa fracassada de invasão por exilados dominicanos com apoio material e moral de Cuba e Venezuela<sup>289</sup>. Apesar de não terem obtido sucesso, ficou patente que a situação da longa ditadura não era das melhores, havia forte oposição interna – clandestina – e externa. Szulc viajou ao país logo após o desfecho da invasão.

Desde a primeira das suas matérias escritas lá, a posição jornalista sobre o regime de Trujillo foi clara. Segundo Szulc, “Generalíssimo Rafael Leonidas Trujillo Molina, há quase trinta anos o incontestado ‘Jefe’, o chefe da República Dominicana, parece enfrentar a mais séria ameaça a sua carreira ditatorial” (*NYT*, 5 jul 1959, p. 1)<sup>290</sup>. Ele denunciou também o culto à personalidade do ditador e extraordinária abundância de “retratos do General Trujillo encontrado em toda loja, restaurante, escritório e maior parte das casas. Citações dos seus discursos em prédios público e monumentos”. Além do próprio nome da capital, “que era

---

286Oficialmente Szulc foi condenado por difamar a honra do general Maximo R. Bonetti Burgos por publicar suspeitas que ele não teria agido com dureza contra os inimigos da República Dominicana. Na realidade, Szulc escreveu sobre corrupção, culto personalístico e opressão da ditadura de Trujillo, iniciada quase trinta anos antes. Foi condenado a pagamento de uma indenização de 50 mil dólares e a 2 meses de prisão, mas conseguiu sair do país com intervenção da embaixada estadunidense. Sobre o caso, ver texto da *AP* no *NYT* (25 jul. 1959, p. 6).

287Uma análise conforme o exame das relações bilaterais entre a República Dominicana e os Estados Unidos entre a virada para o século XX e a administração de John F. Kennedy de Michael Hall (2000, p. 46).

288Seguindo a reorientação da política externa republicana nos últimos dois anos e meio de mandato que passou a endossar publicamente regimes democráticos e apoiar iniciativas de desenvolvimento defendidas por latino-americanos desde o final da Segunda Guerra. Sobre a relação dos Estados Unidos com ditaduras e o caso dominicano nessa conjuntura, ver Stephen Rabe (1988, p. 105; 117) e David Schmitz (1999, p. 468).

289Sob liderança de Enrique Jiménez Moya, opositor ao regime, mais de cinquenta homens desembarcaram no país em junho objetivando estabelecer uma oposição armada a Trujillo. Sem apoio do campesinato – fiel ao ditador – foram derrotados. Ver Hall (2000, p. 90).

290“Generalissimo Rafael Leonidas Trujillo Molina, for nearly thirty years the undisputed “Jefe”, or chief, of the Dominican Republic, appears to be facing the most serious threat of his dictatorial career”.

conhecida como Santo Domingo, mas renomeada como Cidade Generalíssimo Rafael Leonidas Trujillo Molina” em sua homenagem nos anos 1930 (*NYT*, 11 jul. 1959, p. 4)<sup>291</sup>.

O correspondente classificou o militar dominicano e seu regime a partir de ponto de vista semelhante ao qual avaliou os “ditadores” da América do Sul em seu livro de mesma época. Nas palavras de Tad Szulc (1959, p. 4; 24), Trujillo era um dos últimos sobreviventes ao “crepúsculo dos tiranos” da América Latina, que ainda mantinha um controle quase absoluto sobre o país. No caso dominicano, ele seguia a mesma posição editorial do diário nova-iorquino, esse acusou o ditador de oprimir e governar como Mussolini e perguntou retoricamente se “o trabalhador, em resposta, é grato ou intimidado, quem sabe a resposta?” (*NYT*, 12 jul. 1959, p. 8)<sup>292</sup>.

A narrativa combatente de Tad Szulc explicou o poder dos “ditadores” em termos de coerção e manipulação a partir do Estado e de construção de empatia pessoal. Nessa direção considerou que:

Vargas exibia algo parecido com magnetismo pessoal que cativou indivíduos sofisticados assim como fez multidões. O segredo de seu sucesso com as pessoas parecia ser sua capacidade de instilar convicção e confiança em si mesmo como homem e na sabedoria de suas políticas. Essa personalidade o tornou aceitável para centenas de milhares de brasileiros que, em seu próprio individualismo enraizado, normalmente reagiriam contra uma ditadura (SZULC, 1959, p. 45)<sup>293</sup>.

A explicação para que os intelectuais, e a população brasileira em geral, tivesse aderido à liderança de Getúlio Vargas era de que haviam sido capturados por sua mágica em transmitir confiança. Szulc (1959, p. 91) considerou esse “magnetismo pessoal” como uma arma “para seu cortejo demagógico das massas, batendo forte nos problemas sociais e no nacionalismo”. O jornalista apresentou aos leitores uma relação intrincada entre política e povo, na qual um discurso manipulador de identificação girava as chaves da nação e das querelas sociais. Uma ação promovida pelos “ditadores”, mas também por partidos. Segundo Tad Szulc (1959, p. 160), esse é o caso de “uma organização esquerdista, mas anticomunista, a APRA. O mais antigo dos partidos ‘populistas’ da América Latina, batendo os tambores por justiça social, jogando com o problema indígena e concentrando muito da sua propaganda

---

291“Once known as Santo Domingo and renamed for Generalissimo Rafael Leonidas Trujillo Molina [...] But what this city has in extraordinary abundance are reminders of who is boss here. Portraits of General Trujillo are found in every store, restaurant and office, and in most homes. Quotations from his speeches appear on public buildings and monuments”.

292“The workingman in return is either grateful of intimidated – who knows which?”

293“Vargas, displayed something akin to personal magnetism that captivated sophisticated individuals as it did mobs. The secret of his success with people seemed to be his ability to instill confidence and trust in himself as a man and in the wisdom of his policies. This personality made him acceptable to hundreds of thousands of Brazilians who, in their deeply rooted individualism, would normally react against a dictatorship”.

contra os ‘imperialismos’<sup>294</sup>. Para adjetivar o apelo que a Aliança Popular Revolucionária Americana tinha sobre as massas pobres do Peru há décadas ou qualificar a relação dos ditadores e o povo, ele se vale de um termo utilizado sempre entre aspas, o populismo.

A linguagem política de protesto e mobilização que sublinha o enfrentamento entre o bom e humilde povo contra as maquiavélicas elites – sejam elas industriais, bancárias ou latifundiárias está presente na história estadunidense desde o século XIX<sup>295</sup>. No entanto, a palavra *populism* no repertório político dos Estados Unidos de meados do século XX remetia ao *People's Party*. Um partido do amplo campo da esquerda que agregou forças do campo e aliou-as a movimentos trabalhistas em uma ofensiva em nome do povo contra banqueiros, políticos de alto escalão, donos do sistema de ferrovias entre o final do século XX e início do XX<sup>296</sup>. No vocabulário estadunidense do pós-Guerra, o termo populista era uma descrição para causas e movimentos rebeldes de *ordinary people*, em geral, de trabalhadores<sup>297</sup>. As aspas de Szulc para o “*populist*” nas diversas partes do seu livro em que a palavra aparece, dão relevo à resignificação dela a partir dos sentidos que o populismo tinha então na América Latina<sup>298</sup>.

A expressão estava no vocabulário político do Brasil como sinônimo de popular durante as primeiras décadas do século XX, mas, pelo menos desde 1945 – quando ocorreu a redução da censura e o fim do Estado Novo – assumiu uma imagem negativa de manipulação. Ela passou a ser utilizada pela oposição no ataque a Vargas e aos trabalhistas. Nos moldes de uma memória combatente, jornais – como a *Tribuna de Imprensa* e o *Diário de Notícias* –, explicaram a popularidade e poder do líder político de Getúlio Vargas por meio da demagogia, aproximando-o de Hitler. Ao analisar a aparição do termo populista no país, Jorge Ferreira

---

294A APRA é uma organização de centro-esquerda fundada no Peru em 1930 por Victor Haya de La Torre com forte discurso antiimperialista. Ao longo do tempo alterou profundamente suas posições, foi protagonista na política peruana ao longo do século XX e existe até o presente. “A leftist, but anticommunist organization, APRA. It was the oldest Latin America's ”populist” parties, beating the drums for social justice, playing up the Indian problem, and concentrating much of its propaganda against ”imperialisms”.

295Conforme Michael Kazin (1998, p. 190), inicialmente essa linguagem populista se inseria em um discurso antimonopolista congregando trabalhadores do campo e cidades. Norberto Ferreras (2011, pos. 4826) reitera que, além do caso estadunidense, também na Rússia no século XIX existiram movimentos que se identificavam como populistas, é o caso do movimento Vontade Popular.

296O *People's Party*, ou *Populist Party* como também era conhecido, foi fundado em 1891, teve uma influência considerável até que perdeu seu poder e praticamente saiu de cena duas décadas depois. Apesar do fim do partido, bandeiras dos populistas seguiram com alguma evidência na política de estados do Sul, como na Louisiana. Sobre o movimento a partir do *People's Party* e a ideia de populismo nos Estados Unidos, ver Joseph Lowndes (2017).

297Kazin (2011, p. 383) separa a referência Partido Populista, tema da nota anterior, dos sentidos que o adjetivo populista assumiu na linguagem comum e da imprensa nos Estados Unidos. O pesquisador também identificou que além da acepção de movimento popular a palavra *populist* foi utilizada nos jornais para qualificar políticos ou mesmo produtos de linguagem ou origem popular.

298Há interpretações distintas sobre o populismo na América Latina e nos Estados Unidos. Para uma explicação e exame comparado dessas perspectivas, ver Roberto Moll (2018, p. 53).

(2010, p. 113) indica que ele era usado pelas elites brasileiras – perdedoras na Revolução de 1930 –, contrárias ao intervencionismo estatal, à centralização política e ascensão dos trabalhadores à categoria de cidadãos<sup>299</sup>.

As primeiras incursões de intelectuais brasileiros ligados à academia no tema datam de meados dos anos 1950. O marco inicial da discussão sobre populismo no Brasil são os trabalhos do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, criado em 1953, que incluíam cientistas sociais como Hélio Jaguaribe, Cândido Mendes de Almeida e outros. Eles analisaram a partir do conceito de populismo a projeção política de Adhemar de Barros para a campanha presidencial de 1955. Os pesquisadores ressaltavam três concepções para o populismo<sup>300</sup>. A primeira delas é entendê-lo como uma política de massas sem consciência formada sobre as condições políticas e sociais que as cercam. A segunda é uma conformação da classe dirigente em crise que precisa do apoio político popular para ter o controle do Estado. Por fim, a existência de um líder carismático capaz de mobilizar essas massas, transcender classes sociais e galgar ao poder<sup>301</sup>.

Apesar de contemporâneo da formulação dessas interpretações, Szulc não fez uma aproximação consistente com nenhuma delas. Sua concepção de “populismo” se balizava no uso pejorativo, a ideia de apelo ardiloso e demagógico ao sentimento popular em contradição com ações que tolhem seus direitos e riqueza. Nos termos de Ferreras (2001, pos. 4806), o populismo é um conceito que sofre com uma “inflação semântica” dado seu uso indiscriminado e impreciso. Os movimentos políticos latino-americanos não se autoidentificam como populistas, mas foram acusados disso por seus opositores. Essa concepção negativa ampla foi um produto dos enfrentamentos da política latino-americano pelo menos desde a década de 1930. A posição de Szulc foi semelhante à utilizada por parte da imprensa brasileira e argentina de uso combatente do conceito de populismo para atacar o varguismo e o peronismo<sup>302</sup>. O objetivo é, nesse sentido, não só explicar dada realidade, mas

---

299Apesar de referendar essa análise e contextualização de disputa política, esta tese não se refere à oposição ao varguismo como liberal uma vez que o termo é impreciso para os grupos oligárquicos no embate pelo controle do Estado brasileiro. Além disso, o sentido de liberal utilizado pelo historiador está muito distante da concepção estadunidense utilizada ao longo desta tese.

300A escolha dessa baliza e a retomada, a seguir, das primeiras caracterizações de populismo nos anos 1950 se apoiam na pesquisa de Angela de Castro Gomes (2010, p. 24).

301O populismo enquanto categoria analítica das ciências humanas tem uma longa trajetória desde o pós-Guerra até o presente. Possui uma extensa fortuna crítica construída ao longo desse tempo a partir de tradições historiográficas diversas – como o marxismo, a modernização, o pós-estruturalismo, etc – que alargaram seus usos e redefiniram suas perspectivas. Para um debate dessa fortuna crítica do conceito abarcando autores de épocas e países variados, consultar Ernesto Laclau (2013, p. 33) e Norberto Ferreras (2011, pos. 4227).

302Na Argentina da segunda metade dos anos 1950 estava ocorrendo além do ataque da imprensa, o processo que Federico Neiburg (1997, p. 185) denominou de “desperonização” das universidades argentinas. O pesquisador sublinhou que o sociólogo Gino Germani, figura cãnone do debate sobre o populismo, começara nesse contexto a publicar suas análises sobre o peronismo destacando sua aproximação com o totalitarismo.

fomentar uma visão de mundo, formar opinião e influenciar posicionamentos sobre a política latino-americana. O “*populism*” para Szulc parece uma linha auxiliar para explicar o sucesso dos “ditadores” latino-americanos em convencer as massas, intelectuais, etc. O enfoque dele era apresentar Perón, Vargas e outros sob a ótica do totalitarismo com raízes europeias.

O jornalista utilizou-se dessa interpretação do populismo a partir de sua perspectiva de liberal estadunidense e imigrante europeu. Szulc (1959, p. 6) tratou-a como uma ferramenta para entender o contexto das ditaduras que havia sido demolido a partir “da última guerra e o sentimento liberal que varreu o mundo com a vitória dos Aliados”<sup>303</sup>. O caminho da liberdade da América Latina apresentado e explicado por Tad Szulc se valeu de contribuições latino-americanas, mas estava entrelaçado às perspectivas e discussões do liberalismo dos Estados Unidos.

Em um plano amplo, seus escritos estavam inseridos nas quatro liberdades defendidas por Franklin Roosevelt. A última delas – a liberdade do medo – o correspondente expressou a partir de uma produção jornalística militante, a busca do que o presidente classificou como a “antítese da chamada nova ordem de tirania que os ditadores buscam criar”. É certo que o enquadramento de Szulc para defesa da liberdade segue a sugestão de Roosevelt de ir além das fronteiras dos Estados Unidos, mas há diferenças relevantes a serem consideradas. O contexto do discurso do líder democrata era o do esforço de abandono do isolacionismo estadunidense e preparação para o combate da máquina de guerra nazifascista junto aos Aliados. Mais de uma década depois, o cenário de atuação de Szulc partia da premissa dos Estados Unidos como a maior potência do planeta. Os líderes da Itália e Alemanha jaziam, enquanto os antigos camaradas soviéticos eram agora os novos inimigos no xadrez global da Guerra Fria. Esse giro completo suscitou aos intelectuais estadunidenses repensarem suas concepções, ações e objetivos frente a esse novo papel do seu país no mundo.

### **3.2 Os descaminhos da política externa dos Estados Unidos**

No campo liberal as proposições de Franklin Roosevelt seguiram relevantes, só que elas foram moldadas a partir da nova conjuntura. Uma das iniciativas importantes nessa direção foi a de um colega de Tad Szulc, o jornalista e historiador Arthur Schlesinger Jr. Ele escreveu *The Vital Center* (1949), uma das mais influentes obras do liberalismo sobre a política interna e externa dos Estados Unidos na segunda metade do século XX. A partir de

---

<sup>303</sup>“The last war, and the liberal sentiment that swept the free world with the Allied victory”



uma defesa do *New Deal* de Roosevelt e de sua postura reformista no plano interno e externo, o historiador propôs aos Estados Unidos um papel de liderança do mundo livre a partir de um liberalismo intervencionista<sup>304</sup>. Nesses termos, o livro de Schlesinger Jr. (1949, pos. 219) é crítico do capitalismo desregulado – que visaria apenas o lucro e levaria o homem moderno cada vez mais à ansiedade e solidão – e defende sua reformulação para a defesa da democracia e da liberdade. A partir desse “centro vital” remodelado, ele concebe um liberalismo combatente do totalitarismo, seja ele o comunismo ou ditaduras de cunho fascista.

Os elos entre as posições desse intelectual e Szulc são diversos, especialmente na avaliação ideológica da política global e o papel dos Estados Unidos dentro dela. Tal como o correspondente do diário nova-iorquino, Arthur Schlesinger Jr. (1949, pos. 2776) considerou o governo de Juan Perón um “regime totalmente repugnante para um amigo da sociedade livre” e baseado no “terror e na repressão” como outras ditaduras espalhadas pelo mundo<sup>305</sup>. Para o historiador, ao apoiar figuras como Perón e Franco em razão dos objetivos da Guerra Fria, os Estados Unidos estavam cometendo um erro. Não só porque o apoio militar de “um regime corrupto, governando à força pessoas famintas e taciturnas” seria praticamente nulo, mas também, pois uma política estadunidense que force alguém “a escolher entre uma forma de totalitarismo ou outra não é provável que inspire grande entusiasmo. De fato, uma maneira tão boa como qualquer outra de acelerar a expansão comunista seria restaurar os grupos políticos e estabelecer Francos por todo o continente”<sup>306</sup>.

Ao analisar a política externa estadunidense, o jornalista do *NYT* fez coro às críticas de Schlesinger Jr. em relação à manutenção de boas relações com governos repressivos. No seu primeiro livro, Szulc (1959, p. 9) avaliou que “ironicamente, o governo dos Estados Unidos, que em sua posição de líder do mundo livre deveria ter sido o primeiro a encorajar essa mudança, permaneceu singularmente distante das lutas pela liberdade na América Latina”<sup>307</sup>. Uma posição tomada naquele momento também por outros jornalistas dos grandes veículos de imprensa dos Estados Unidos, não obrigatoriamente partindo dos mesmos

304Uma característica presente no liberalismo de Roosevelt, que o historiador toma em vários momentos da obra como sua referência central de atuação. Ver Schlesinger Jr. (1949, pos. 162). Para uma leitura a contrapelo das posições dele sobre o protagonismo intervencionista dos Estados Unidos no mundo e de sua glorificação da sociedade estadunidense, consultar Michael Wreszin (1984, p. 272).

305A perspectiva crítica deles em relação à restrição de liberdades, tanto da direita quanto da esquerda, são equivalentes. A diferença estava no escopo delas, Szulc se centrou na região latino-americana, já Schlesinger Jr. abarcou todo o globo. Ele também condenou, por exemplo, as iniciativas do líder húngaro Rákosi e do chinês Chiang Kai-shek. “The Peron regime are entirely repugnant to a friend of the free society [...], for all his terror and repression”.

306“An American policy which would force Europeans to choose between one form of totalitarianism and another is not likely to inspire wild enthusiasm. Indeed, as good a way as any to expedite Communist expansion would be to rest the cartels and set up the Francos all across the continent. [...] A corrupt regime ruling by force over hungry and sullen people the Franco Government would supply somewhat less military aid than Mussolini supplied to Hitler”. (SCHLESINGER JR., 1949, pos. 2853).

pressupostos liberais. Esse foi o caso de James Marlow – comentarista político da *Associated Press* –, que considerou que os estadunidenses estavam enfrentando um grande dilema na América Latina, pois com esse endosso, “o efeito imediato pode ser limitar a expansão do comunismo. No entanto, a longo prazo o resultado pode ser ruim”, o despertar da ira dos latino-americanos contra seu vizinho do norte<sup>308</sup>. Sua avaliação era que apoiar ditadores tinham vantagens e desvantagens que precisavam ser consideradas do ponto de vista dos custos políticos dessa ação<sup>309</sup>.

Tad Szulc ilustrou esse vínculo estadunidense com os “tiranos latino-americanos” a partir de uma sorte de exemplos desde chegada de Dwight D. Eisenhower à Casa Branca em 1953. Entre eles, a visita do irmão e assessor especial Milton Eisenhower e a condecoração de Alfredo Stroessner, Fulgêncio Batista, Manuel Ódria e Pérez Jiménez, esses dois últimos com a Legião do Mérito, honraria militar estadunidense de alta patente<sup>310</sup>. Para além disso, ele sublinhou os vínculos estreitos entre diplomatas dos Estados Unidos e administrações que ele considerava como ditatoriais. Entre os casos apresentados pelo jornalista estavam a Argentina governada por Perón e o da Venezuela sob chefia de Marcos Pérez Jiménez<sup>311</sup>.

Sobre esses laços diplomáticos e políticos, Tad Szulc (1959, p. 13) concluiu que “como resultado das políticas dos Estados Unidos em direção às ditaduras, a impressão que se espalhou por toda a América Latina é que, através da nossa recusa em ter alguma coisa a ver com as forças liberais e democráticas, estávamos ajudando a preservar regimes tirânicos”<sup>312</sup>. Nesse sentido, a política estadunidense estaria contra posições na América Latina das quais Szulc se aproximava, como segmentos dos militares argentinos e da imprensa brasileira. O quão democráticas e liberais essas forças eram é questionável levando em conta a história da região na segunda metade do século XX, mas fica claro que o intelectual estava usando conceitos do repertório estadunidense para fazer distinções entre grupos políticos latino-americanos e atacar a condução dos assuntos externos pelos Estados Unidos<sup>313</sup>.

---

307“Ironically, the United States government, which in its position as the free world's leader should have been the first to encourage this change, remained singularly aloof from Latin-American freedom struggles”.

308“This is one of great American dilemmas at mid-century. The immediate effect may be to limit the spread of communism. The long-range effect can be bad” (*The Owosso Argus-Press*, 19 mai. 1958, p. 13).

309A perspectiva de Marlow não era julgar o apoio a figuras como Fulgêncio Batista sob a ótica do certo ou mesmo do justificável, mas dimensionar os ônus e bônus dessa ação no curto e longo prazo na Guerra Fria.

310Criada durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942, para premiar a atuação de destaque de membros das forças armadas estadunidenses e estrangeiras.

311Nesse último caso, detalhou – a partir de correspondências e ações diplomáticas – os esforços pessoais dos embaixadores Fletcher Warren e Dempster McIntosh, indicados pela administração Eisenhower, por serem a favor do governo venezuelano.

312“As a result of United States policies toward the dictatorships the impression spread throughout Latin America that, through our refusal to have anything to do with liberal and democratic forces there, we were helping to preserve tyrannical regimes”.

A década entre a publicação do livro de Schlesinger Jr. e o lançamento de *Twilight of the Tyrants* (1959) evidencia a longevidade da crítica ao apoio dos Estados Unidos a governos considerados ditatoriais pelo campo liberal estadunidense. Ainda antes do final da Segunda Guerra, já havia críticas de intelectuais liberais – incluindo membros do corpo diplomático – aliados como Getúlio Vargas, Rafael Trujillo e depois Juan Perón na Argentina, o mais difícil apoio contra o Eixo de ser conquistado no continente americano<sup>314</sup>. Embaixadores de atuação destacada, como Adolf Berle no Brasil e Ellis Briggs na República Dominicana, declararam publicamente o desagrado dos Estados Unidos em relação ao que consideravam como ditaduras mais ou menos veladas na região. No caso da Argentina, a estrutura diplomática foi efetivamente utilizada na tentativa de desgastar a imagem de Perón e evitar que ele vencesse as eleições presidenciais de 1946<sup>315</sup>. Esse momento de pressão intelectual e diplomática dos Estados Unidos sobre governantes é o que Lars Schoultz (2000, p. 353) identificou como “o ataque às ditaduras”, um conjunto de ações entre os últimos dias da Segunda Guerra e a virada para os anos 1950 que exerceram pressão sobre líderes considerados totalitários na América Latina.

A segunda metade dos anos 1940 é uma conjuntura de formulação de novas diretrizes para a política externa dos Estados Unidos com discussões sobre os papéis a serem desempenhados em relação à União Soviética e demais países. Um contexto de desenho do conflito bipolar, pari passo o esforço de criação de uma ordem mundial em que estivesse garantida a preponderância não apenas dos interesses militares dos Estados Unidos, mas também dos econômicos e políticos. Os esforços da política externa estadunidense para formação de uma nova ordem liberal sob seu controle incluíram iniciativas como a Conferência de Bretton Woods e o Plano Marshall, reformulação do Export-Import Bank e a criação do Banco Mundial.

O esforço simultâneo no campo das relações exteriores para construção de uma ordem para o sistema internacional e criação de uma abordagem para a Guerra Fria no imediato pós-Guerra é analisado por diversos pesquisadores. Uma síntese que dá conta dessas

---

313Para ficar em um número restrito de exemplos dos principais países da região. Os grupos que tomaram o poder na Argentina, estavam antes congregados dentro dos círculos militares e políticos de Juan Perón e não se distanciaram tanto assim de suas práticas e políticas. No caso brasileiro, diversas figuras de proa na oposição à Vargas e seu legado – como Carlos Lacerda – alguns anos depois foram apoiadores do Golpe Civil-Militar de 1964.

314A Argentina se manteve neutra até 1945, só vindo a endossar os Aliados já nas negociações por uma cadeira na ONU. Para um aprofundamento nas políticas externas dos países latino-americanos nesse contexto, consultar Amado Luiz Cervo (2013, p. 51).

315Sobre a investida diplomática contra Perón, o caso mais conhecido é o do “Livro Azul”. Um texto distribuído a governos e imprensa latino-americana denunciando a existência de uma suposta conjugação de interesses entre nazistas alemães e elementos totalitários argentinos. Ver Schoultz (2000, p. 360).

ações concomitantes é a de Cristina Pecequilo (2011, p. 130). Ela sublinha essa nova ordem liberal como uma formulação hegemônica dos Estados Unidos, a partir dos ideais de liberdade e democracia, visando uma organização cooperativa do sistema influenciada pela perspectiva de Woodrow Wilson. Apesar de considerar a relevância desses argumentos, essa tese se inclina para posições – como as de Noam Chomsky (2007, p. 177) e Moniz Bandeira (2011, p. 47) – que dão relevo aos interesses privados sobre a política externa na construção dessa nova ordem liberal, o que incluiu a manutenção e expansão de grandes corporações e de acesso a matérias-primas e mercados consumidores para os bens industriais estadunidenses ao redor do planeta.

O livro de Schlesinger Jr. (1949, pos. 2858) examinou e defendeu essas iniciativas simultâneas da política externa, notadamente o Plano Marshall e a estratégia da contenção a partir de um viés político-ideológico. Para além dos aspectos militares, suas reflexões apontam um enfrentamento liberal do comunismo enquanto ideologia totalitária ameaçando o globo. No seu primeiro livro, Tad Szulc deixou em segundo plano a formulação dessa nova ordem mundial, mas – assim como o historiador liberal –, desviou das questões bélicas e concentrou suas análises da política externa dos Estados Unidos no plano da política e da ideologia.

Uma questão de suma importância para os intelectuais, políticos e estrategistas, que discutiram e atuaram na política externa dos Estados Unidos a partir do fim da Segunda Guerra, foi a relação do país com a URSS. Nesse contexto se desenhou um dos elementos-chave da política dos Estados Unidos na segunda metade do século: a contenção. Em síntese, a identificação da União Soviética como uma ameaça militar, econômica e ideológica ao modo de vida e valores estadunidenses, e a formulação de estratégias para barrar o que era identificado como um avanço soviético no tabuleiro global<sup>316</sup>. Mesmo antes da vitória sobre o Eixo, já havia alguma mobilização dentro desses grupos para enfraquecer Moscou, mas o esforço para montagem e execução de planos de contenção dos soviéticos só se tornou sistemático e público no pós-Guerra<sup>317</sup>.

No debate intelectual, uma das proposições mais influentes foi a de George F. Kennan, expressa em seu artigo seminal para a revista *Foreign Affairs*, escrito sob o

---

316Uma leitura de mundo forjada entre o fim da Segunda Guerra e os primeiros anos após o seu desfecho. Conforme Cristina Pecequilo (2011, p. 139), os burocratas estadunidenses interpretaram as movimentações políticas e econômicas – entre eles o controle dos territórios ocupados na guerra, a atuação na Conferência de Postdam e a investida sobre o petróleo do Irã – como ameaçadoras aos interesses vitais do seu país.

317Nos termos de John Gaddis (2005b, p. 4), essa primeira contenção abarcou as medidas estudadas para ajudar a União Soviética apenas para enfrentar a Alemanha, mas não para se beneficiar desses recursos depois. Também os arranjos de Franklin Roosevelt para que a URSS mantivesse a aliança após a guerra, mas fosse uma parceira com poderes limitados.

pseudônimo de Senhor X (1947)<sup>318</sup>. Depois de uma análise histórica, ideológica e geopolítica da URSS – dimensionando-a como grande ameaça “as instituições livres do mundo ocidental” –, Kennan propôs que:

O principal elemento de qualquer política dos Estados Unidos em relação à União Soviética deve ser de longo prazo, paciente, mas a firme e vigilante contenção das tendências expansivas russas [...] pela aplicação hábil e diligente de contraforça em uma série de pontos geográficos e políticos em constante mutação, correspondendo às mudanças e manobras da política soviética<sup>319</sup>.

Ele sublinhou a necessidade de uma política de enfrentamento da União Soviética acionando peças variadas do xadrez global de acordo com as nuances na estratégia inimiga em um recorte temporal amplo. Além disso, deu relevo à realização de ações efetivas para enfraquecer a URSS e o comunismo internacional e evidenciar uma imagem de poderosa vitalidade, coesão interna e responsabilidade dos Estados Unidos. A proposta de George Kennan não foi imune a críticas, mas foi amplamente influente entre intelectuais, políticos e burocratas estadunidenses<sup>320</sup>. Não há dúvida que artigos e livros de Tad Szulc, Jules Dubois, Walt W. Rostow, Arthur Schlesinger Jr. – para ficar em um número restrito de intelectuais já referenciados até este ponto do texto – tiveram a contenção como referência quando propunham iniciativas ou criticavam as ações dos Estados Unidos. Do mesmo modo, as administrações de Harry S. Truman, Dwight D. Eisenhower, John F. Kennedy, Lyndon B. Johnson e Richard Nixon – junto das quais o jornalista debateu e atuou na política externa para a América Latina – tiveram uma relação visceral com a contenção.

A confrontação da URSS fez parte das estratégias oficiais de política externa dos Estados Unidos, incluindo as diretrizes e objetivos propostos no Conselho Nacional de Segurança. O NSC-68, documento ultrassecreto produto de uma reunião de cúpula do governo Truman no início de 1950, é considerado uma peça chave nos planos de contenção

---

318George Kennan foi um acadêmico e diplomata de carreira com circulação por diversos postos na Europa, mas reconhecido especialmente como um especialista em temáticas relativas à União Soviética. Como funcionário do Departamento de Estado escreveu peças-chave para a política externa dos Estados Unidos na Guerra Fria, como o Longo Telegrama (1946) e o referido artigo para a revista *Foreign Affairs* (1947). Para o papel de Kennan na gênese política externa dos Estados Unidos no pós-Guerra, ver Sidnei Munhoz (2018, p. 26). 319“In these circumstances it is clear that the main element of any United States policy toward the Soviet Union must be that of long-term, patient but firm and vigilant containment of Russian expansive tendencies. [...] In the light of the above, it will be clearly seen that the Soviet pressure against the free institutions of the western world is something that can be contained by the adroit and vigilant application of counter-force at a series of constantly shifting geographical and political points”.

320O mais forte crítico do artigo de Kennan e das propostas de contenção no meio intelectual dos Estados Unidos, à época, foi Walter Lippman. Ele foi contrário à postura de enfrentamento da União Soviética defendendo a tese de que era necessário estabelecer formas de convivência para que não ocorresse uma catástrofe global. Era também contra a interferência nos assuntos internos de outros países que estava no script de Kennan e das políticas da Casa Branca. Sobre as posições críticas a contenção, incluindo a de Lippman, ver Cristina Pecequillo (2011, p. 144).

durante toda a Guerra Fria<sup>321</sup>. Seu texto contrastou os Estados Unidos e a União Soviética em termos ideológicos e econômicos e dimensionou as ameaças atuais e potenciais do “perigo vermelho” – especialmente do seu arsenal atômico<sup>322</sup>. O direcionamento proposto foi a elevação das capacidades militares estadunidenses – notadamente nucleares – e o aparelhamento das forças armadas de seus aliados como forma de conter os soviéticos nos planos hemisférico e global<sup>323</sup>. Em um plano amplo, este NSC foi um produto do norteamento da política externa dos Estados Unidos para uma militarização da contenção à União Soviética e um papel ainda mais substancial de liderança no sistema mundial do que na Segunda Guerra, uma vez que considerava ações de longo prazo em todas as partes do globo. Ele propiciou uma atenção também ao corpo social e econômico dos Estados Unidos, estabelecendo a necessidade de coesão e expansão desses campos para sustentar o aparato bélico ampliado e como mostra de vitalidade do “centro de poder do mundo livre”<sup>324</sup>.

Um exame crítico das estratégias para a Guerra Fria evidencia que apesar da retórica defensiva que sustentava a ideia de contenção, eram planos ofensivos de intervenção militar, econômica e política em todo o globo – incluindo treinamento militar para repressão, sabotagem e golpes de Estado em quase todos da América Latina – para minar a influência do “inimigo vermelho” e, a longo prazo, destruir a URSS. Um conjunto de ações voltadas também ao plano interno, como o controle mais intenso sobre sindicatos, escolas, igrejas, meios de comunicação, a alta de impostos e o cortes de investimento sociais de forma que os cidadãos estadunidenses financiassem gastos em expansão do Estado e de grandes empresas<sup>325</sup>.

É importante observar que Tad Szulc – assim como outros intelectuais liberais do governo, universidades e imprensa – não se pronunciou sobre qualquer um desses aspectos

---

321Documento de mais de 60 páginas discutido pelo presidente Harry Truman com seus principais conselheiros, Dean Acheson, Charles Bohlen, Paul Nitze – considerado seu principal arquiteto – e outros. Disponível em <<https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/nsc-68/nsc68-1.htm>> Acesso em 20 ago. 2018.

322Em agosto de 1949 o país se tornou o segundo do mundo a testar uma arma atômica, o que – junto da Revolução Comunista na China ocorrida dois meses depois – causou alarde na opinião pública dos Estados Unidos.

323Conforme Sidnei Munhoz (2018, p. 41), apesar de George Kennan ser um dos formuladores centrais da contenção, foi crítico dessa militarização da política externa dos Estados Unidos. Considerou o NSC-68 como excessivamente belicoso e avaliou que esgarçaria ainda mais a confrontação com a URSS. Sua proposta inicial de contenção centrava-se sobretudo no enfrentamento ideológico, político e econômico com contrapesos, não uma disputa global direta. Por conta de sua posição, perdeu espaço no Departamento de Estado até que em 1952 se desligou da instituição e passou a integrar os quadros da Universidade de Princeton.

324Junto da escalada nuclear e militar, o NSC-68 preconizou uma mobilização da sociedade e economia estadunidense na Guerra Fria para o país apresentar-se ao mundo enquanto “bastião da liberdade”. Esse era um dos pontos nos quais o documento oficial não se distanciava da perspectiva de contenção defendida por Kennan. Para uma análise do NSC-68 atentando para semelhanças e diferenças com os planos de George Kennan, ver John Lewis Gaddis (2005b, p. 87).

325Conforme a interpretação do NSC-68 e das ações do governo dos Estados Unidos na política interna e externa durante Guerra Fria de Noam Chomsky (2001, pos. 296), um dos seus mais reconhecidos críticos.

nos anos 1950 e 1960. Na virada entre essas décadas o jornalista se centrou na contradição entre retórica de defesa da democracia da política externa estadunidense para a América Latina e as ações de apoio a “regimes ditatoriais”. Considerou que elas traíam os princípios liberais e feriam moralmente os Estados Unidos no combate ao comunismo, inflava o sentimento antiamericano por conta da situação econômica e a atuação de nacionalistas.

Nesse sentido, Szulc junto à Schlesinger Jr., Dubois, Kennedy e tantos outros liberais críticos da política externa estadunidense do final dos anos 1950, sublinhavam a incoerência entre discursos de defesa a democracia e o apoio a ditadores. Segundo Cristina Pecequilo (2011, p. 146), essa era uma das duas principais críticas dos liberais às políticas de contenção. A segunda era de cunho mais intervencionista, considerava que os Estados Unidos não eram capazes – militarmente, economicamente e politicamente – de dar cabo aos objetivos da contenção e que não agiram de fato para conter a expansão soviética ou a libertação de povos sob seu domínio. Ao longo do recorte temporal investigado, Szulc não abordou esse último tópico, suas defesas e críticas da política externa estadunidense sugerem que o país era uma potência capaz de efetivamente transformar o mundo.

Nos anos 1950, Tad Szulc se debruçou sobre algumas questões que eram centrais também nas estratégias oficiais dos Estados Unidos para a América Latina. Partindo da abordagem da contenção e das diretrizes do NSC-68, e outros documentos semelhantes de cunho global, a administração Eisenhower lançou mão de análises e planos de ação específicos para a região<sup>326</sup>. Nessa direção, entre os objetivos listados no NSC 144/1 estava a “a redução e eliminação da ameaça do comunismo interno e outras subversões anti-EUA”<sup>327</sup>. Escrevendo no contexto de acirramento do conflito bipolar, ele não se esquivou dessa questão.

Nos três primeiros anos de correspondência itinerante Szulc dimensionou de modo pontual a inserção do comunismo nas sociedades latino-americanas. Com alguns meses no cargo, Tad Szulc (*NYT*, 22 jan. 1956, p. 162) calculou que “não há provavelmente mais do que meio milhão de comunistas militantes em toda a região do México à Patagônia, mas simpatizantes e companheiros de viagem são responsáveis por mais alguns milhões”<sup>328</sup>. O que não considerava um dado alarmante por si só, uma vez que não chegava a um centésimo da

---

326 Como produtos de reuniões de cúpula periódicas, os NSC eram atualizados na medida em que os arquitetos da política externa julgavam necessário uma revisão de suas estratégias para alguma parte do globo ou temática específica. Dentre as dezenas de relatórios produzidos durante o governo do presidente republicano, quatro trataram diretamente da América Latina (NSC 144/1, 5432/1, 5613/1 e 5902/1) e alguns outros sobre defesa militar do continente americano como um todo. Para uma lista dos NSC e seus temas durante o mandato de Eisenhower (1953-1961), ver <<https://fas.org/irp/offdocs/nsc-ike/index.html>> Acesso em 27 ago. 2018.

327 “The reduction and elimination of the menace of internal Communist or other anti-U.S. subversion”.

328 Não há nenhuma indicação do jornalista sobre quaisquer fontes que ele tinha utilizado para chegar nesses números. “There probably are no more than half a million militant Communist throughout the whole region from Mexico to Patagonia but sympathizers and fellow travelers account for few more million”.

população da América Latina – em torno de 186 milhões em 1955 – e os partidos comunistas eram ilegais na maior parte dos países. Uma invasão militar ou uma participação massiva na política também não estavam entre as preocupações do correspondente em meados dos anos 1950. Nas suas análises da presença comunista na América Latina, o correspondente limitou-se a identificar as ações de políticos – como Cheddi Jagan na Guiana e João Goulart no Brasil – e organizações – a exemplo da *Central Única de Trabajadores* do Chile e do Partido Comunista da Venezuela, um dos poucos que continuavam atuando legalmente no continente americano<sup>329</sup>.

A União Soviética realizou entre 1955 e 1957 uma ofensiva econômica em busca de parceiros na América Latina, sublinhada pelo premiê Nikolai Bulganin com uma oferta de ajuda técnica e de ampliação das trocas comerciais com diversos países. Uma estratégia de aproximação com o Terceiro Mundo – para usar a designação corrente durante na Guerra Fria – incluindo nações recém-independentes, como a Índia e o Egito e diversos países latino-americanos<sup>330</sup>. Mesmo com essa referência direta à atuação na região e alguns acordos bilaterais firmados – como no caso do acordo da URSS para receber cotas anuais de açúcar cubano – o correspondente não produziu um diagnóstico alarmista. Pelo contrário, Szulc (*NYT*, 22 jan. 1956, p. 162) considerou que “como em seus negócios em todas outras áreas instáveis do mundo, a abordagem da Rússia para América Latina tem sido há algum tempo de ‘amizade e cooperação [...] Mas, uma penetração econômica soviética de larga escala na América Latina é muito pouco provável”<sup>331</sup>. Sua avaliação era que as ofertas de trocas comerciais e culturais soviéticas mediadas por relações diplomáticas eram diminutas, não tinham uma capilaridade relevante o suficiente para preocupar os Estados Unidos.

A atuação direta do “inimigo vermelho” na região ocupou um espaço pequeno dos quatro primeiros anos da cobertura de Tad Szulc para o *NYT*<sup>332</sup>. Nesse mesmo recorte temporal, os despachos consulares entre o Departamento de Estado e as embaixadas nos

---

329A exemplo do Brasil, na maior parte da América Latina os partidos comunistas foram tornados ilegais entre o fim da Segunda Guerra e meados dos anos 1950. Tad Szulc também escreveu sobre figuras identificadas explicitamente com o anticomunismo, por exemplo, o Padre Calzans, eleito senador do estado de São Paulo em 1958 pela UDN com uma plataforma de cristianismo combatente na Guerra Fria. Ver *NYT* (18 out. 1958, p. 2).

330Apesar desse movimento ter alarmado a administração Eisenhower – o NSC 5613/1 de setembro de 1956 discute suas implicações –, a ofensiva econômica soviética fracassou ante o baixo interesse nos produtos industrializados oferecidos pelo país aos parceiros. Os próprios estrategistas estadunidenses fizeram esse diagnóstico nas reuniões do Conselho de Segurança na virada de 1956 para 1957. Sobre essa estratégia e a avaliação dos responsáveis pela política externa de Eisenhower para a América Latina, consultar Stephen Rabe (1988, p. 90).

331“As in her dealings elsewhere in the world's unstable areas, Russia's approach in Latin America has been some time one of "friendship and cooperation" with the established regimes” [...] But any large-scale Soviet economic penetration of Latin America is highly improbable”.

332Isso é perceptível no número reduzido de matérias assinadas dele sobre a atuação da URSS e de comunistas na região, não chegaram a 25 em um universo de mais de 350 no período entre 1955 e 1958.



países latino-americanos discutiam largamente sobre o impacto de ações da União Soviética e questionamentos sobre o caráter comunista de políticos, partidos, órgãos de imprensa, sindicatos, etc<sup>333</sup>.

O nível de prioridade diverso dado pelo jornalista e os diplomatas para o tema pode ser compreendido a partir de aspectos complementares. O primeiro deles é que os burocratas estavam diretamente sob ordens superiores, como as expressas nos NSC, que consideravam o comunismo uma questão prioritária para os Estados Unidos. Já de Tad Szulc, se esperava que abordasse um escopo maior de questões para o jornal<sup>334</sup>. Um outro ponto é que, ao contrário do corpo diplomático instalado Washington – e mesmo de boa parte dos funcionários de carreira nas embaixadas –, o correspondente tinha um conhecimento profundo sobre a região advindo de uma inserção de longa data, desde os anos 1940, em círculos políticos, jornalísticos, militares e empresariais latino-americanos.

Essa experiência permitiu a Szulc ter informações mais precisas e uma sensibilidade maior para entender as distinções políticas da América Latina. Ele explicou ao público estadunidense em diversos casos que o rótulo de comunista para tal partido ou organização era mobilizado em disputas locais ou tratavam-se de simplificações para posições políticas variadas. Escrevendo sobre a APRA, por exemplo, Tad Szulc (*NYT*, 8 abr. 1958, p. 2) pôs os leitores a par que o mais forte partido “esquerdista peruano elogia o papel dos EUA”. Seu líder, “Haya de la Torre, congratula o ‘imperialismo’ econômico, mas não sua variante política”. O que não significava dizer que se tratava de um partido comunista; citando o próprio político, Szulc afirmou que: “Os comunistas dizem que o imperialismo econômico é a última fase do capitalismo. Nós [da APRA] discordamos disso como nós discordamos de toda a doutrina comunista”<sup>335</sup>. Em suma, Szulc explicou que o mais importante partido de esquerda do Peru era a favor das benesses que o capital estadunidense poderia levar ao país, mas, lutava contra qualquer forma de tutela por parte dos Estados Unidos.

Se as preocupações com a ameaça direta do comunismo na América Latina tinham dimensões diferentes nos textos do correspondente e do corpo diplomático estadunidense,

333O volume com documentos diplomáticos entre 1955 e 1957 sobre a América Central e do Sul, por exemplo, soma quase 600 memorandos, relatórios, etc., muitos deles sobre o comunismo. Ver US Department of State (2015). Para uma análise historiográfica do conteúdo dessa documentação sobre o anticomunismo e a ameaça soviética focada no caso brasileiro, ver Carla Rodeguero (2007, p. 78).

334Diferenças entre posições do Departamento do Estado e da imprensa estadunidense não se resumiam ao caso de Szulc. Como visto no capítulo anterior, os despachos diplomáticos em relação à Guatemala eram repletos de referências ao comunismo espalhado na administração pública. Já os textos do correspondente Sidney Gruson do *NYT* não corroboravam essa perspectiva simplista do governo de Jacobo Árbenz (1951-1954).

335Haya de la Torre se referia a influente obra de Lênin, “Imperialismo: fase superior do capitalismo” (1917), na qual o russo sintetizou suas interpretações do marxismo. “Peruvian leftist hails role of U.S. Haya de la Torre welcomes economic imperialism but not political variety. [...] ‘The Communists say that economic imperialism is the last phase of capitalism. We disagree with this as we disagree with the entire Communist doctrine’”.

ambos concordavam que sua penetração sutil em campos variados merecia atenção. No mesmo texto em que calculou o reduzido número de comunistas na região, Tad Szulc pontuou que “no plano interno, os camaradas locais [...] concentram-se cada vez mais em seus esforços para infiltrar-se nos governos, nos partidos políticos, nos trabalhadores organizados, nas forças armadas, nas universidades e em outros setores da sociedade” (*NYT*, 22 jan. 1956, p. 162)<sup>336</sup>. O sucesso das acusações infundadas do macartismo de que havia “vermelhos” escondidos em Hollywood, universidades, Departamento de Estado, etc. evidenciam que a ideia de comunistas sorratamente entranhados em posições estratégicas já estava presente no imaginário do grande público dos Estados Unidos. No entanto, a análise do jornalista foi além da simples projeção dessa perspectiva ao plano externo, pois era consonante com exames mais refinados sobre a situação política da América Latina e suas implicações para os Estados Unidos. Nas palavras de Szulc (*NYT*, 13 abr. 1956, p. 6), “o desafio que deriva de um crescente nacionalismo que está varrendo o continente do Canal do Panamá até frieza da Terra do Fogo. Toma várias formas e procura várias expressões de acordo com as necessidades e condições de cada república”<sup>337</sup>. O perigo da expansão comunista para o jornalista era que ela passasse a ser associada ao marco central da política latino-americana, o nacionalismo.

A identificação do nacionalismo como peça-chave no quebra-cabeça político da América Latina não foi realizada nos Estados Unidos dos anos 1950 somente por Tad Szulc. Em outros veículos de imprensa e no próprio *NYT*, outros correspondentes se dedicaram à temática, como os seus colegas Juan de Onis, Sam Pope Brewer e Edward A. Morrow<sup>338</sup>. Os promotores da política externa de Dwight Eisenhower para a região também consideraram a relevância do fenômeno. A primeira consideração do NSC 5432/1 é que “existe uma tendência na América Latina em direção a regimes nacionalistas mantidos em grande parte por apelos às massas”. Logo após, o documento ressaltou que “é essencial para deter a tendência na área em direção a regimes radicais e nacionalistas. O crescimento do nacionalismo é facilitado pelos históricos preconceitos anti-EUA e explorado pelos comunistas”<sup>339</sup>. A avaliação dos

336“On the internal level the local comrades [...] are as ever concentrating on their efforts to infiltrate the Governments, the political parties, organized labor, the armed forces, the universities and other sectors of society”.

337“The challenge stems from a rising nationalism that is sweeping the continent from the Panama Canal to the bleakness of Tierra del Fogo. It takes various forms and seeks various expressions in accordance with the needs and conditions of each republic”.

338Todos correspondentes itinerantes que também circularam nos anos 1950 pela região escrevendo para o *The New York Times* nos anos 1950 e 1960. O diário nova-iorquino chegou a lançar páginas especiais com correspondentes espalhados pelo continente, do Canadá a Argentina, tratando das especificidades do nacionalismo em cada lugar. Ver *NYT* (13 abr. 1956, p. 6).

339“There is a trend in Latin America toward nationalistic regimes maintained in large part by appeals to the masses of the population. [...] is essential to arrest the drift in the area toward radical and nationalistic regimes.

estrategistas de Washington e dos jornalistas é semelhante ao dar relevo ao que consideram como um nacionalismo perigoso e radical – assim como os burocratas, Szulc também utiliza essa terminologia – na América Latina e a possibilidade dele ser influenciado por comunistas.

O significado desse nacionalismo pode ser inquirido a partir do exame do que Tad Szulc considerou como movimentos nacionalistas latino-americanos “exagerados ou ameaçadores”. Inicialmente, é importante considerar que não há uma definição aprofundada ou mesmo clara do jornalista – nem de outros correspondentes internacionais na América Latina aquela época, ou mesmo dos especialistas do Departamento de Estado e da Casa Branca – para o que seria o nacionalismo. Szulc aplicou o adjetivo nacionalista, como um sinônimo de defensor dos interesses nacionais e da nação, algo que transita entre o patriotismo e chauvinismo, a depender do contexto. Nos anos 1950, ele criticou diversos movimentos intitulados nacionalistas, mas Tad Szulc (1963, p. 37) também não deixou de considerar depois que havia um sentimento nacionalista legítimo espalhado na Ásia, África e América Latina. Além disso, na mesma obra, lembrou que se temia o nacionalismo latino-americano nos Estados Unidos porque não havia um esforço para entendê-lo. De todo modo, nunca se aprofundou na análise específica do nacionalismo ao longo da sua carreira.

Nesse sentido, ele se distanciou da discussão do que é o nacionalismo e do seu surgimento, como a levada a cabo pela historiografia. De análises como a de Benedict Anderson (2008, p. 30) que sublinharam a condição nacional e o nacionalismo como uma invenção triunfante a partir do final do século XVIII por meio do cruzamento de forças históricas diversas, como o surgimento de línguas oficiais e expansão da imprensa, a criação de novos Estados e seu empoderamento, entre outros fatores<sup>340</sup>.

Ele também não leu o nacionalismo na América Latina a partir espelho distorcido de um valor positivo dos Estados Unidos. Como um liberal, e especialmente como fugitivo do fascismo europeu, Tad Szulc foi reticente com movimentos de apelo às massas que falavam em nome da nação. Szulc não fez nenhuma referência direta ao nacionalismo estadunidense, seja à questão do excepcionalismo americano – peça fundamental para a ideia de nação naquele país – nem à concepção universalizante de nação cívica capaz de reunir pessoas de culturas e lugares distintos a partir do manto das leis e da Declaração de Independência<sup>341</sup>. Por outro lado, é pertinente ponderar que passava ao largo de sua designação negativa do nacionalismo uma série de iniciativas vistas pelo jornalista como de desenvolvimento

---

The growth of nationalism is facilitated by historic anti-U.S. prejudices and exploited by Communists”.

<sup>340</sup>Para um panorama historiográfico atualizado das discussões sobre identidade, Estado e conceitos de nação em várias partes do mundo, ver Norberto Ferreras (2015) e Flávio Limoncic e Francisco Carlos Martinho (2017).

<sup>341</sup> Sobre a migração e o nacionalismo nos Estados Unidos, ver Flávio Limoncic (2017, p. 79).

nacional latino-americano, a exemplo da expansão da malha rodoviária, do parque industrial e da urbanização promovidas pelo Paraguai e o Brasil. Então, não há a priori uma condenação de toda e qualquer ação governamental ou organização política por sua identificação como nacionalista.

Uma pedra de toque para exame do que Tad Szulc considerava como um nacionalismo “radical e perigoso” é apreciar o setor petrolífero, um dos setores abordados por ele dentre os grandes empreendimentos para desenvolvimento da América Latina. Apesar de ter louvado em algumas ocasiões – como visto no capítulo anterior – a expansão da *Empresa Nacional del Petroleo* do Chile, o correspondente não foi um entusiasta das companhias estatais petrolíferas e reportou atentamente a movimentação política em torno da exploração das reservas de cada país.

Nos primeiros meses no cargo, ele constatou sobre a resistência de peronistas e seus opositores à atuação da Standard Oil, segundo Szulc: “já faz muito tempo que esses elementos divergentes na Argentina não parecem pactuar em nada, como concordam sobre a questão do petróleo. Essa oposição decorre do nacionalismo tradicional argentino e desinformação sobre as empresas estrangeiras” (*NYT*, 10 set. 1955, p. 21)<sup>342</sup>. O nacionalismo seria o fio sociopolítico que costura a atuação contra a participação do setor privado estadunidense nos campos de petróleo argentinos. Em outra ocasião, tomou nota que Januari Gentil Nunes, o então presidente da Petrobras, “acusou as companhias petrolíferas internacionais de encorajar regimes ditatoriais com a preocupação de seguir com o domínio dos recursos e manter salários baixos” (*NYT*, 20 abr. 1957, p. 4)<sup>343</sup>. Conforme o correspondente, “não havia provas para essa acusação no seu discurso”, mas ele alertou que esta percepção estava disseminada na imprensa comunista e na nacionalista em manchetes como: “Grupo dos Estados Unidos insistem em dominar nosso petróleo” e “Chega de nos explorar. Não somos uma colônia”<sup>344</sup>. Por fim, Szulc conectou essas matérias com a data em que estava escrevendo, “hoje é o aniversário de nascimento do ex-presidente Getúlio Vargas, que se tornou uma espécie de santo padroeiro dos ultranacionalistas brasileiros”<sup>345</sup>.

342“*It has been a long time since such divergent elements in Argentina have been in agreement on anything as they seem to be in accord on oil question. This opposition stems from Argentina's traditional nationalism and distrust of foreign companies*”.

343“*The president of Brazil's national oil monopoly has accused international oil companies of encouraging dictatorial regimes so the concerns can keep their hold on resources and maintain low wages*”.

344O jornalista citou respectivamente a *Tribuna de Imprensa* e o *Última Hora* do Rio de Janeiro. O primeiro veículo de informações foi considerado por ele como comunista e o segundo nacionalista. “*There was no substantiation of his charge in his speech*”. “*The president of Brazil's national oil monopoly has accused international oil companies of encouraging dictatorial regimes so the concerns can keep their hold on resources and maintain low wages*”.

345Como na maior parte das matérias, Szulc produziu o texto no dia 19 de abril, aniversário de Vargas, e a ele foi publicado nos Estados Unidos no dia seguinte. A empresa estatal brasileira foi criada em 1953 durante a

As matérias de Tad Szulc apresentaram aos leitores movimentos “nacionalistas radicais” em vários países da América Latina contra a participação de petroleiras do exterior. Segundo ele, essa repulsa seria injustificada e mesmo nociva aos próprios latino-americanos. Referendando um editorial do *NYT* sobre o tema, o jornalista afirmou que “o ultranacionalismo aqui pode levar economia do país à ruína, por não permitir que companhias estrangeiras ajudem a produzir no Brasil” (*NYT*, 20 abr. 1957, p. 4)<sup>346</sup>. Uma vez que, ainda conforme o jornalista, não haveria tecnologia para explorar campos como os do norte da Bahia, nem a Petrobras havia conseguido chegar a novas áreas de produção no país.

A discussão de Szulc, e do *NYT* enquanto instituição, sobre a atuação de nacionalistas atrapalhando o uso dos recursos petrolíferos se insere numa contenda maior de pressão estatal e empresarial estadunidense para exploração do petróleo brasileiro. Ainda antes da chegada de Dwight D. Eisenhower à Casa Branca em 1953, já havia um potente lobby capitaneado por empresas como a Standard Oil para perfuração de poços e refino em território nacional. No mandato do republicano essa pressão aumentou dado seu vínculo ainda mais estreito com grandes corporações do que a administração anterior<sup>347</sup>. Em meio às barganhas e tensões que acompanharam a tramitação da lei de monopólio sobre esse recurso mineral e os primeiros anos após a criação da Petrobras, o *NYT* assumiu uma posição francamente favorável aos negócios estadunidenses<sup>348</sup>.

Se é certo que os anos 1950 foram de embates entre o Brasil e o governo e grandes petroleiras dos Estados Unidos em relação à exploração do petróleo no país, em lentes mais amplas, a descoberta, formulação e expansão de uma cadeia de produção petrolífera dominada por empresas privadas era uma bandeira estadunidense em toda a América Latina. De fato, a questão do petróleo fazia parte da estratégia econômica da administração de Eisenhower e seu

---

administração de Getúlio Vargas depois de uma campanha política intensa pelo monopólio estatal com capilaridade no corpo social denominada: “O petróleo é nosso”. Sobre o tema, consultar: Thomas Skidmore (2007, p. 128). “Today is the anniversary of the birth of the late President Getulio Vargas who has become a sort of patron saint of Brazilian ultranationalists”.

346O correspondente cita um editorial do *NYT* intitulado “*Brazilian Storm*” sobre a situação política e econômica do país. Ver *NYT* (18 abr. 1957, p. 28). No mesmo texto, mobilizou argumentos do *Correio da Manhã*, imprensa de oposição, para apresentar críticas à Petrobras. “The editorial said ultranationalism here could lead the nation's economy ruin through refusal to let foreign companies help to produce in Brazil”.

347Fizeram parte da primeira linha do seu corpo burocrático, figuras como Nelson Rockefeller e George Humphrey, com investimentos na extração de manganês e petróleo no país. O primeiro como assistente especial do presidente para assuntos externos e o segundo como secretário do tesouro durante o mandato de Eisenhower.

348Conforme Moniz Bandeira (2007, p. 469), as tensões entre a administração de Vargas (1951-1954) e a de Eisenhower (1953-1961), abarcaram uma série de questões estratégicas para a economia e soberania nacional para o governo brasileiro. Entre elas estavam a do monopólio sobre a exploração do petróleo e a remessa de lucros e dividendos ao estrangeiro. O antecessor de Szulc no escritório do *NYT* no Rio de Janeiro, Sam Pope Brewer, também tratou diversas vezes do nacionalismo como empecilho ao uso pleno do recurso petrolífero brasileiro. Ver *NYT* (16 mai. 1952, p. 6).

enfoque na expansão de negócios privados dos Estados Unidos na região<sup>349</sup>. O petróleo foi combustível de disputas e acordos entre governos e grandes empresas em vários países latino-americanos, como a Argentina, o México, a Bolívia e a Venezuela<sup>350</sup>. Para além da atuação das petroleiras, no campo econômico ele era considerado também em outros tópicos relevantes para os estrategistas de Washington, como a regulação do preço de commodities e acesso a outros minerais estratégicos.

O “ultranacionalismo” é caracterizado por Szulc como antiamericano na medida em que objetivava solapar elos econômicos, políticos e militares do país espalhadas no continente e também ferir moralmente os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, ele iria contra os as próprias nações latino-americanas na medida em que tentava barrar a utilização plena dos seus recursos minerais, agrícolas, etc. quando envolvia empresas estrangeiras. Nessa direção, a avaliação de Szulc se aproximava dos formulares da política externa estadunidense que atentavam para existência de subversões anti-Estados Unidos para além do comunismo na região. Todos os NSC tratando da América Latina na década de 1950 trazem considerações sobre o nacionalismo e sentimentos e ações anti-Estados Unidos<sup>351</sup>.

O jornalista e os burocratas identificaram o “nacionalismo radical” latino-americano como antiamericano em um contexto em que nos Estados Unidos passou-se a dar relevo a uma série de manifestações inflamadas contra o país e suas ações ao redor do planeta. Nesse sentido, o antiamericanismo pode ser entendido como uma atitude de rejeição contra os Estados Unidos mais emocional do que uma crítica sistemática a suas características e ações. Sob esse rótulo foram incluídas ações variadas como as palestras de Jean Paul Sartre, manifestações políticas na América Latina e Ásia, filmes diversos, e até discursos e publicações de intelectuais estadunidenses como Norman Mailer e Susan Sontag<sup>352</sup>.

A percepção de manifestações como antiamericanas foi uma crescente no contexto de afirmação estadunidense no pós-Guerra enquanto potência global. No caso da América Latina, o adjetivo antiamericano tornou-se um classificador para movimentos sociais, governos,

349A pressão do governo republicano para a exploração privada dos campos petrolíferos latino-americanos era consonante com os desígnios do Banco Mundial e objeto de ativa barganha política e econômica. No leque de temas da diplomacia dos Estados Unidos para a América Latina, o petróleo estava presente também em outras discussões, como a sobre a estabilidade econômica dos países. Ver Elizabeth Cobbs (1992, p. 95) e Bevan Sewell (2016, p. 75).

350O petróleo se tornou premente na atuação estatal de diversos desses países no pós-Guerra. Nesse recorte foram criadas as empresas estatais já referenciadas Petrobras e a *Empresa Nacional del Petroleo*, e outras como a venezuelana PDVSA e a colombiana Ecopetrol. No caso da Venezuela, os recursos petrolíferos são tão vitais ao país desde então que a historiografia cunhou o conceito de “petroestado” para abordar sua importância e usos como instrumento estatal. Consultar Fernando Coronil (2002, p. 180) e Isabelle Rousseau (2015, p. 135).

351Como visto no NSC 5432/1, entre os objetivos propostos para a política estadunidense nesses documentos estava a redução e eliminação dessas “subversões” abaixo da fronteira com o México. Para isso propunha ações de aparelhamento e treinamento militar, apoio econômico, combate ao colonialismo, etc.

352Ver Roger Kimball (2004, pos. 2741),

protestos, jornais, etc. que suscitavam discursos contra os Estados Unidos. Pesquisas como a de Michael Radu (2004, pos. 1685) identificam o antiamericanismo na América Latina como uma questão de identidade regional e nacional construída pelos seus intelectuais em oposição aos Estados Unidos. Apesar de considerar a relevância desse aspecto, é pertinente ressaltar o peso da batalha ideológica da Guerra Fria e especialmente das atitudes políticas, militares e econômicas estadunidenses na região como catalisadores do antiamericanismo espalhado não apenas entre intelectuais, mais em porções mais largas do corpo social. Tad Szulc utilizou o termo para tratar não apenas das contendas em torno da exploração do petróleo, mas também em relação a outros temas caros à política externa estadunidense nos anos 1950.

Um deles foi a manutenção e ampliação do acesso a instalações militares espalhadas pela região, defendida pelos meios oficiais como uma salvaguarda do continente contra ameaças da URSS e seus satélites. Uma posição expressa inclusive nos NSC 144/1 e posteriores entre os objetivos militares do país e parte da grande estratégia conhecida como Defesa Hemisférica. Nas palavras dos estrategistas de Washington: “Os Estados Unidos devem tomar decisões políticas, econômicas ou ações militares, conforme apropriado, para garantir a disponibilidade contínua de bases na América Latina para os EUA”<sup>353</sup>. Para isso, os Estados Unidos abriram negociações bilaterais para criação de centrais de operações e monitoramento ligadas à força aérea e marinha em países da América Latina. Elas frutificaram em acordos e propiciaram a efetivação de plantas militares estadunidenses na República Dominicana e na Guiana.<sup>354</sup>

Em vários lugares, a instalação de novas estruturas ou a cessão de uso de bases navais e aéreas já existentes sofreu forte resistência do campo político e social latino-americano. Essa resistência chegou a frustrar acordos já adiantados com governos e forças armadas da região, como no caso das estações de rastreamento a serem construídas nas ilhas de Fernando de Noronha e Trindade<sup>355</sup>. No terço final de 1956, Tad Szulc reportou sobre negociações avançadas entre os dois países para instalação desses centros de observação de

353Entre outros alvos da estratégia militar estadunidense estava a obtenção matérias-primas para a indústria bélica e o envio de soldados latino-americanos para combater em conflitos como a Guerra da Coreia, mesmo que esse contingente tivesse mais peso político do que militar. Objetivos que levaram a intensas negociações e conflitos nas relações interamericanas, envolvendo o petróleo e acordos técnicos e econômicos, entre outras questões. Ver Moniz Bandeira (2011, p. 48).

354Essas instalações militares se somaram a outras que os Estados Unidos dispunha no continente desde sua expansão naval no século anterior. A mais conhecida delas é a de Guantánamo, em Cuba, mas outras foram estabelecidas no contexto da Segunda Guerra e da Guerra Fria com objetivos de monitoramento e ação em mar e ar. Um centro geoestratégico era a base aérea de Albrook, no Canal do Panamá, mais importante centro de operações na América Latina, que funcionou entre as décadas de 1940 e 1990. Sobre as bases militares dos Estados Unidos na região, ver Sebastian Bitar (2016, p. 13).

355Informações a seguir sobre as negociações bilaterais para instalações dessas bases no contexto das relações militares entre o Brasil e os Estados Unidos no início dos anos 1950, conforme a pesquisa de Sonny Davis (1996, p. 141).

mísseis de longo alcance. Para ele, a participação efetiva do Brasil na defesa do continente contra agressores externos não estava garantida, uma vez que:

Nacionalistas brasileiros e comunistas estão em campanha contra ligações com os Estados Unidos em [relação a] defesa e energia atômica. Apenas no mês passado, aparentemente cedendo à pressão ultranacionalista, o Presidente Kubitschek emitiu uma declaração de política que acabou com toda a cooperação com os Estados Unidos. (*NYT*, 23 set. 1956, p. 12)<sup>356</sup>.

A avaliação do correspondente era de que a pressão do nacionalismo radical e comunismo seria tamanha que o Brasil havia encerrado a parceria com os Estados Unidos no campo atômico e estavam relutantes em assentir bases suas nas duas ilhas. As negociações entre os dois países sobre a produção de energia nuclear no Brasil datam da virada para os anos 1950 e se estenderam por toda a década com avanços e retrocessos. Os representantes do Brasil – notadamente do Conselho Nacional de Pesquisa e Conselho Nacional de Segurança Nacional, além dos presidentes e ministros – reuniram-se diversas vezes para debater propostas e contrapropostas com seus pares estadunidenses no Rio de Janeiro e Washington. Para além da simplificação de Szulc a partir do rótulo de “ultranacionalismo”, estavam em jogo posições sobre ciência, tecnologia e economia fervidas em discursos sobre soberania nacional na inflamada conjuntura de enfrentamento entre governistas ligados ao varguismo e a oposição udenista<sup>357</sup>. Szulc escreveu diversas vezes sobre as idas e vindas nas negociações entre o final de 1956. Nesses textos identificou ultranacionalistas em segmentos variados de militares a estudantes, passando por políticos e jornais que se posicionavam contra os Estados Unidos<sup>358</sup>.

A questão das bases em Fernando de Noronha e Trindade permite-nos dar relevo a aspectos da relação entre imprensa e corpo diplomático estadunidense. Assim como Szulc, o embaixador dos Estados Unidos no país – Ellis Briggs – considerava que “o nacionalismo virulento segue como uma força com a qual devemos continuar contando em nossos futuros negócios no Brasil”<sup>359</sup>. No entanto, a embaixada reclamava que o correspondente publicava

356“Brazilian nationalists and Communists have been campaigning against ties with the United States in defense and atomic energy. Only last month, apparently giving in to ultranationalist pressure, President Kubitschek issued policy declaration in effect ending all cooperation with the United States”.

357Sobre o programa nuclear brasileiro da década de 1950 e os conflitos com os Estados Unidos, ver Moniz Bandeira (2007, p. 487).

358Szulc escreveu oito matérias assinadas sobre as instalações militares em Fernando de Noronha e Trindade – sem contar outras tantas notas e reportagens sem seu nome – em um período de quatro meses. Parte deles ilustrados com mapas para delinear a posição estratégica das ilhas para as forças armadas estadunidenses. Em todas elas abordou a pressão do “nacionalismo radical e perigoso” atrapalhando o entendimento entre o Brasil e os Estados Unidos. Ver *NYT* (15 à 23 dez. 1956; 17 jan. 1957, p. 1; 10 fev. 1957, p. 11)

359Longevo diplomata estadunidense de carreira que circulou entre postos nas embaixadas na América Latina entre as décadas de 1920 e 1960. “Virus nationalism remains force with which we must continue to reckon in our future dealings with Brazil”. Telegrama para o Departamento de Estado, 26 jan. 1957. Disponível em



informações indevidas a partir do seu acesso a fontes privilegiadas entre os militares e o Ministério das Relações Exteriores brasileiro<sup>360</sup>. Apesar de apresentar pontos de vista semelhantes sobre o nacionalismo, os textos de Szulc eram, por vezes, considerados impertinentes pelos diplomatas estadunidenses.

A capilaridade e força da “oposição nacionalista” é sublinhada pelo correspondente nesse contexto. Chamou a atenção de Szulc a interação entre esses elementos “ultranacionalistas” e o comunismo. Esse elo também foi destacado por outros jornalistas estadunidenses que circularam pela região nos anos 1950. Um deles foi John dos Passos (1963, p. 310) que, tratando do caso brasileiro, considerou que a oposição às ações estadunidenses vinham da união entre “comunistas, cujo lema agora era derrubar tudo que estivesse relacionado aos Estados Unidos, com os remanescentes do nacionalismo fascista, os radicais frustrados que ainda sonhavam com uma utopia socialista e com os industriais locais que temiam a competição estrangeira”<sup>361</sup>. Tad Szulc concordava que os dois grupos – nacionalistas e comunistas – se opunham às iniciativas militares, políticas e econômicas dos Estados Unidos na América Latina, só que foi além dessa caracterização. Delineou essa força política central com variados tons e níveis de inserção na região, enquanto esboçou o segundo enquanto células diminutas espalhadas nas sociedades latino-americanas. Para Szulc – assim como para os estrategistas de Washington – o perigo estava em o segundo conseguir mobilizar as agendas e a potência do primeiro conjunto a favor dos seus interesses. Levando em consideração essa questão, o jornalista mapeou influências que ele classificou como comunistas dentro das grandes bandeiras nacionalistas.

Nessa direção, Tad Szulc sublinhou que “a oposição à estação de rastreamento [estadunidense] mais vociferante é a da imprensa comunista” (*NYT*, 15 dez. 1956, p. 15)<sup>362</sup>. Para ele, os jornais “vermelhos” atuavam inflando os discursos nacionalistas. “Hoje, por exemplo, o jornal comunista *Imprensa Popular* apresentou uma declaração do deputado Dagoberto Salles. Ele pertence ao partido social-democrata de centro do presidente

<<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1955-57v07/d359>> Acesso em 13 set. 2018.

360 Como em outros países, havia um monitoramento do Departamento de Estado e da Embaixada no Brasil sobre que era publicado nos dois países sobre as relações bilaterais. Nesse caso específico, discutiram sobre como Tad Szulc sabia de uma estação de monitoramento em Maceió e outras vantagens adicionais que os estadunidenses solicitaram ao governo brasileiro. Ver: Telegrama do Secretário de Estado para a Embaixada no Brasil, 14 fev. 1957. Disponível em <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1955-57v07/d361>> Acesso em 13 set. 2018.

361 É pertinente considerar que, assim como Tad Szulc, John dos Passos foi um escritor e jornalista estadunidense renomado que se aproximou da oposição a Vargas notadamente da *Tribuna da Imprensa*. Apesar de posições políticas distintas, o primeiro liberal e o segundo conservador, ambos produziram para o grande público estadunidense uma análise crítica do varguismo nos moldes da imprensa brasileira e uma exaltação dos seus opositoristas, especialmente de Carlos Lacerda. Ver John dos Passos (1963, p. 285) e o elogio recíproco de Lacerda a Szulc na *Tribuna da Imprensa* (8 abr. 1962, p. 3).

362 “Opposition to the tracking station comes most vociferously from the Communist press”.

Kubitschek e é um dos principais expoentes do ultranacionalismo anti-Estados Unidos no Brasil protestando contra a estação”<sup>363</sup>. O pequeno veículo de informações brasileiro contribuiria assim contra os interesses estadunidenses mobilizando os discursos nacionalistas. Para além do jornalismo, Szulc identificou uma inserção dos “inimigos vermelhos” infiltrados em outros campos. Na greve geral organizada pelo movimento sindical nos primeiros dias de 1956 e no sindicato petroleiro peruano dois anos depois, além das eleições no Equador, Guiana, Brasil e Venezuela na segunda metade dos anos 1950. O correspondente comentava durante meses as preparações das chapas e ia cobrir *in loco* a votação e apuração dos resultados. Seu objetivo, em diversos textos sobre a política latino-americana, foi dimensionar pontualmente o tamanho e a influência de comunistas sobre siglas e movimentos atrelados a bandeiras nacionais. Szulc considerava essas inserções diminutas e combatidas dentro dos próprios países por governos e partidos considerados anticomunistas.

A análise de Tad Szulc era que os estadunidenses não estavam devidamente atentos à América Latina e suas principais queixas. Ele apontou que “no geral, as relações entre Estados Unidos e América Latina são boas e a liderança americana no sistema hemisférico é geralmente aceita. No entanto, os latino-americanos se sentem desprezados porque se consideram negligenciados economicamente” (*NYT*, 22 jun. 1956, p. 5)<sup>364</sup>. Para sustentar esta tese, Szulc levantou números apresentados por diplomatas, políticos e imprensa da região ao longo dos anos 1950. Eles sublinhavam que a ajuda financeira da administração Eisenhower para todos países da América Latina somada não chegava a um décimo do total destinado para a ajuda externa no mundo<sup>365</sup>. As reclamações latino-americanas por financiamento direto dos Estados Unidos, a requisição de algo semelhante ao Plano Marshall, datam dos primeiros anos depois do fim da Segunda Guerra, assim como as negativas estadunidenses. Por exemplo, na Nova Conferência Internacional Americana na cidade de Bogotá em 1948, o próprio George Marshall representou os Estados Unidos e em seu discurso defendeu o capital privado para financiar o desenvolvimento latino-americano<sup>366</sup>.

363Um dos fundadores da Frente Parlamentar Nacionalista, formada por membros de partidos governistas e de oposição: PSB, PTB, PSD e UDN. A frente defendia bandeiras como a intervenção contra o capital estrangeiro e monopólio nacional dos recursos minerais. “Today, for example, the Communist newspaper *Imprensa Popular* featured a statement by Deputy Dagoberto Salles. He belongs to the President Kubitschek's middle-of-the-road Social Democratic party and is one of the top exponents of the anti-United States ultranationalism in Brazil protesting against the station”.

364“On the whole, relations between the United States and Latin America are good and American leadership in the hemisphere system generally accepted. However, Latin Americans feel slighted because they consider themselves neglected economically”.

365Na matéria citada, por exemplo, ele apresenta o montante de ajuda financeira para o globo em um total de 5 bilhões de dólares, dentro dela, os recursos para toda a América Latina seriam em torno de 96 milhões.

366Tanto o baixo investimento na ajuda estatal à América Latina após a Segunda Guerra, quanto a disparidade entre dinheiro público e negócios privados estadunidenses na região, é analisada pela historiografia das relações interamericanas que aborda o pós-Guerra. Ver Stephen Rabe (1988, p. 15) e Lars Schoultz (2000, p. 369).

O jornalista – abordando outro aspecto econômico – alertou para a grave crise da região na segunda metade dos anos 1950. Nessa direção, sublinhou que “1958 foi um dos piores anos econômicos para a América Latina em décadas”. Isso porque “a inflação esteve desenfreada, as moedas depreciadas, os orçamentos domésticos com deficit impressionante, os lucros externos foram pateticamente inadequados para pagar por importações essenciais, e as commodities empilhadas sem compradores à vista” (*NYT*, 4 jan. 1959, p. 49)<sup>367</sup>. Uma situação preocupante para a qual, segundo Szulc, os Estados Unidos não estavam atentos e que poderia descambar em caos social. Em suas palavras “isso, por sua vez, à medida que as pessoas não ganham o suficiente para viver, pode facilmente ser traduzido em levantes sociais que ameaçam a estabilidade dos regimes democráticos da América do Sul” (*NYT*, 13 mar. 1958, p. 13)<sup>368</sup>. Ele atentou que as condições mínimas de existência – a terceira das quatro liberdades essenciais de Roosevelt – estavam em jogo na região, sendo assim, uma das condições essenciais para o funcionamento das democracias estava ameaçada e isso poderia ser usado tanto por extremistas tanto da esquerda quanto da direita.

É pertinente destacar que em meados dos anos 1950 já havia posições nos circuitos intelectuais dos Estados Unidos defendendo a expansão dos fundos de ajuda para o Terceiro Mundo, incluindo um montante relevante para a América Latina. Por exemplo, os economistas Walt W. Rostow e Max Millikan do MIT defendiam essa iniciativa para a política externa estadunidense. Eles produziram textos, palestras e participaram de assessoria econômica em que sublinhavam a necessidade de orientar a política externa dos Estados Unidos para investir um fluxo considerável de dinheiro na ajuda a países pobres<sup>369</sup>. Só que esse direcionamento não ganhou relevância nos Estados Unidos até a desastrosa viagem do vice-presidente Nixon, a proposta brasileira da Operação Pan-Americana, em meados de 1958, e a Revolução Cubana. As proposições de Rostow e Millikan, avalia Bevan Sewell (2016, p. 41), esbarraram nas diretrizes econômicas de enfoque no capital privado e de uma autoajuda da América Latina. Uma série de mudanças para receber as empresas estrangeiras que incluíam diminuir os gastos públicos e formular uma estrutura energética, educacional e de transportes, além de um arcabouço legal mínimo para salvaguardar o sucesso delas.

---

367“1958 was one of worst economic years in decades for Latin America. Inflation was rampant, currencies depreciated, domestic budgets ran staggering deficits, foreign earnings were pathetically inadequate do pay for essential imports, and commodities piled up with no buyers in sight”.

368“ This, in turn, as people do not earn enough to live on, could easily be translated into social upheavals threatening the stability of the democratic regimes of South America. Danger could come from the extreme Left as well as from the extreme Right”.

369Esses dois intelectuais foram proeminentes até a administração Johnson e atuaram na campanha e formulação dos principais programas da política externa de John F. Kennedy. Sobre o papel deles nos anos 1950, consultar Kimber Pearce (2000, p. 13).

O que Tad Szulc chamou atenção foi para os Estados Unidos serem apontados como os responsáveis pelos problemas econômicos e sociais latino-americanos em discursos cada vez mais frequentes e inflamados contra o país. Sua percepção foi construída através de duas fontes que apontavam na mesma direção, os pronunciamentos de políticos e as publicações na imprensa da região, que ele reportou em praticamente todas as suas matérias para o *NYT*<sup>370</sup>. Segundo Szulc, o nacionalismo – e em menor escala o comunismo – era o mote desses discursos críticos à atuação governamental e empresarial estadunidense, por isso era necessário prestar atenção que:

No lado político, o nacionalismo está produzindo uma notável resistência em relação à liderança dos Estados Unidos e há muita conversa sobre o fim da dependência econômica e política do “Colosso do Norte”. Nada disso ainda atingiu níveis governamentais, mas essa pequena nuvem no horizonte não deve ser menosprezada em Washington. Nem o sentimento que está tomando forma em muitos lugares aqui de que a política dos Estados Unidos na América Latina é voltada exclusivamente para o anticomunismo em detrimento de uma ação política positiva (*NYT*, 22 jun. 1956, p. 5)<sup>371</sup>.

Há uma contradição no discurso de Szulc. Por um lado ele reconhecia que havia negligência por parte dos Estados Unidos e que isso poderia fortalecer o antiamericanismo, por outro era crítico dos movimentos latino-americanos que davam relevo a essa situação, considerando-os como nacionalistas radicais ou comunistas. A leitura de Tad Szulc era que o antiamericanismo crescente, apesar de ainda pequeno, pairava no horizonte das relações com a América Latina e não podia ser desprezado pelos promotores da política externa dos Estados Unidos. O discurso nacionalista radical, como posto nessa e em várias outras matérias, questionava a liderança estadunidense no continente em termos políticos. Para o futuro, essa era sua avaliação em meados dos anos 1950, isso poderia a ser um problema se chegasse aos centros de decisões da região.

A pequena nuvem começou a se converter em tempestade em meados de 1958. Nos primeiros dias de maio o vice-presidente Richard Nixon e um séquito de jornalistas da imprensa e televisão dos Estados Unidos – incluindo Tad Szulc – iniciaram uma viagem por

---

<sup>370</sup>Szulc referenciou também diversas vezes o “sentimento nas ruas” como um termômetro para as relações Estados Unidos e América Latina. Ele citou lendas, provérbios, frases de efeito e músicas que teriam sido ditas em conversas informais com pessoas de grandes cidades e rincões. O uso desse repertório popular era mais um recurso de sua escrita talentosa, e somava mais um aspecto a sua apresentação como profundo conhecedor da realidade latino-americana.

<sup>371</sup>“On the political side nationalism is producing noticeable restiveness in regard to United States' leadership and there is much talk theses days about ending economic and political dependence on the "Colossus of the North". None of it it as yet has reached governmental levels but this small cloud on the horizon should not be overlooked in Washtington. Nor should the feeling wich is taking form in many quarters here that United States's policy in Latin America is geared too exclusively to anti-communism at the expense of positive political action”.

diversos países da América Sul<sup>372</sup>. Nas duas primeiras paradas, Montevidéu e Buenos Aires, apenas pequeno grupo estudantil protestou contra a autoridade estadunidense e houve uma recepção amigável das pessoas nas ruas e nos eventos com estudantes, sindicalistas e autoridades argentinas<sup>373</sup>. A seguir, quando visitou a Universidade de São Marco em Lima, foi hostilizado por um grupo de estudantes que tentou acertá-lo com pedras.

O cataclismo para as relações interamericanas só ocorreria alguns dias depois. Após visitar a Colômbia, a comitiva estadunidense chegou à Venezuela, lá uma multidão venceu a segurança oficial e tentou linchá-los, destruíram as janelas e lataria dos carros e conseguiram ferir alguns membros da equipe que acompanhava o vice-presidente. Eles foram obrigados a uma fugir entre pedras, manifestantes, tiros e bombas de gás. Preocupados com a segurança de Richard Nixon, os Estados Unidos enviaram uma divisão militar marítima e outra aérea a partir das suas bases no Panamá e Cuba. O objetivo era realizar um resgate que não chegou a ser necessário. Na volta aos Estados Unidos, a administração Eisenhower preparou uma incomum recepção de pompa para seu futuro candidato a presidente<sup>374</sup>.

As primeiras manifestações públicas do alto escalão governamental dos Estados Unidos sobre os eventos em Lima e Caracas sublinhavam que não havia dúvidas de que os comunistas estavam arquitetando e liderando as manifestações violentas contra o vice-presidente. Nixon considerou que “aqueles que organizaram isso estavam sujeitos a uma direção central, sem dúvida, dominada pelos comunistas” (*NYT*, 14 mai. 1958, p. 1)<sup>375</sup>. O vice-presidente apontou inclusive a similaridade entre cartazes, slogans e técnicas utilizadas contra ele nos diversos países<sup>376</sup>. No entanto, as respostas iniciais oficiais dos Estados Unidos,

---

372A viagem de Nixon em 1958 foi planejada como parte da estratégia da administração republicana do envio periódico de autoridades estadunidenses de primeiro escalão para demonstrar atenção aos vizinhos latino-americanos. Ele havia visitado o Brasil dois anos antes para acompanhar a posse de Juscelino Kubitschek. Ainda em 1953, o conselheiro e irmão do presidente, Milton Eisenhower, fez um giro de cinco semanas na América do Sul. No mesmo ano e depois em 1959, o próprio Dwight Eisenhower foi ao México e no já no fim do seu mandato fez um giro por diversos países sul-americanos. Um terço das dezessete viagens presidenciais entre 1953 e 1960 foram destinadas à América Latina, para uma lista de todas as visitas de Eisenhower, consultar <<https://history.state.gov/departmenthistory/travels/president/eisenhower-dwight-d>> Acesso em 18 set. 2018. .

373Na Argentina o vice-presidente fez a maior parada, quatro dias, que incluiu visitas a grupos e pontos diversos da capital e participação na cerimônia de inauguração do mandato presidencial de Arturo Frondosi. Nos demais países – Uruguai, Peru, Venezuela, Equador e Colômbia – estavam programadas apenas eventos em um único dia.

374 Conforme os relatos da imprensa de época, do próprio vice-presidente e seus biógrafos, esses ataques foram eventos marcantes para Nixon, neles a vida do político e sua família esteve em risco. Para esta perspectiva pessoal dos acontecimentos em Caracas, ver Stephen Ambrose (2014, pos. 1157). Já a historiografia das relações Estados Unidos-América Latina sublinha o evento como sintomático da não compreensão por parte dos estadunidenses do estado das relações interamericanas e como um propulsor de mudanças de direção na política externa do país. Ver Alan McPherson (2003, p. 9) e Moniz Bandeira (2007, p. 517).

375“Those who organized it were subject to central direction and without a doubt Communist-dominated”.

376Richard Nixon utilizou esse argumento também na reunião de cúpula com o presidente e secretários para avaliação da sua viagem. Ver Reunião de Gabinete na Casa Branca, 16 mai. 1958. Disponível em <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v05/d55>> Acesso em 24 set. 2018.

como as de Richard Nixon, de que comunistas estavam movendo as massas latino-americanas como marionetes logo revelaram-se insuficientes.

A desastrosa viagem do vice-presidente em 1958 e os desdobramentos da Revolução Cubana no ano seguinte não inauguraram as críticas à política externa para a região, mas foram cataclismos que propiciaram ataques de congressistas, políticos, burocratas, intelectuais e jornalistas de várias esferas também apresentou um viés crítico<sup>377</sup>. Na própria América Latina surgiram proposições que além de urgirem os estadunidenses a ação, também apresentavam um quadro mais complexo de motivações da hostilidade latino-americana contra os vizinhos do norte e a instabilidade política e social da região.

Uma das mais influentes respostas à deterioração das relações entre os Estados Unidos e a América Latina foi a proposta brasileira da Operação Pan-Americana. Encabeçada pelo presidente Juscelino Kubitschek e seu círculo de assessores de primeiro escalão, a iniciativa foi lançada logo após o desastroso giro do vice-presidente republicano pela América do Sul. O marco inicial da OPA foi o envio de uma carta do presidente brasileiro para o seu par estadunidense, Dwight Eisenhower, em junho de 1958 repudiando os recentes ataques contra Nixon, mas incentivando os Estados Unidos a rever sua relação com a América Latina<sup>378</sup>. A proposta visava uma atuação multilateral de países do continente americano – com engajamento essencial dos Estados Unidos – no combate ao subdesenvolvimento, entendido como o mais importante problema da região. Algo que se desdobraria, segundo os discursos de Kubitschek, não apenas nos plano social e econômico, mas também no político e de segurança, uma vez que a desigualdade social facilitaria a penetração de um inimigo externo<sup>379</sup>.

A Operação conectava os problemas econômicos da América Latina com a Guerra Fria, delineando a região como elo vulnerável do “mundo livre”. O plano visava enlaçar os Estados Unidos na promoção financeira de recursos às iniciativas de desenvolvimento latino-americanas. Entre as bandeiras econômicas estavam uma regulação favorável dos preços das commodities, a criação de um banco de desenvolvimento para a região, um mercado comum e

---

377Moniz Bandeira (2007, p. 518) dá conta desse extenso arco de ataques à política externa para a América Latina dentro e fora da administração republicana que abarcava figuras como o senador Irving M. Ives, o secretário-assistente para assuntos interamericanos Roy R. Rubottom, o ex-secretário de estado Dean Acheson e grandes veículos de informações.

378Após essa ofensiva diplomática inicial começou um diálogo por correspondência entre presidentes e uma série de encontros bilaterais e continentais entre autoridades até 1960. Despachos consulares, cartas entre presidentes e minutas de reuniões relacionadas à OPA estão disponíveis em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/EAP/textual/documentos-sobre-a-operacao-panamericana-opa-destacando-se-os-seguintes-assuntos-correspondencia-entre-kubitschek-e-eisenhower-sobre-a-proposta-do>> Acesso em 17 out. 2018.

379Conforme a análise dos objetivos e aspectos básicos da OPA de Moniz Bandeira (2011, p. 83)

uma série de facilidades de empréstimos junto ao FMI, Eximbank e outras instituições<sup>380</sup>. Para além de ações na economia, a OPA foi decisivamente influente na política externa estadunidense, notadamente na administração Kennedy, ao estabelecer um elo entre promoção do desenvolvimento econômico e combate ao comunismo que programas como a Aliança para Progresso tomaram como norte.

A OPA foi um esforço político que reafirmou o descontentamento com os Estados Unidos na América Latina – patente para o público daquele país desde as manifestações contra o vice-presidente – e as profundas transformações sociais e políticas no amplo território abaixo da fronteira do Texas, questões que estavam em evidência também para intelectuais liberais centrados em Nova York. Nessa direção, as análises de Tad Szulc não negavam alguma influência comunista nos ataques a Nixon, mas sublinharam outros aspectos. Segundo o correspondente:

O prestígio dos Estados Unidos está extremamente baixo ultimamente, principalmente devido a problemas econômicos. Os peruanos estão particularmente temerosos de que os Estados Unidos imponham tarifas sobre o chumbo e o zinco, que são as principais exportações. Os comunistas têm explorado esses problemas. (NYT, 09 mai. 1958, p. 1)<sup>381</sup>

Para Szulc, os comunistas estavam mobilizando uma indignação popular mais ampla que existia contra os Estados Unidos por conta das querelas econômicas que não apenas o Peru apresentava, mas toda a América Latina. Quando do planejamento dessa viagem de Nixon, ainda em 1957, a cúpula da administração Eisenhower discutiu a necessidade de uma viagem de boa vizinhança para seus vizinhos do sul<sup>382</sup>. Nesse momento, já havia um questionamento interno sobre a adequação e sucesso das políticas republicanas para a América Latina. O secretário-assistente Rubottom, por exemplo, chamou atenção para a situação econômica deteriorada da região, especialmente por conta do baixo preço das commodities. Enquanto o conselho oficial da administração estadunidense era que os latino-americanos cortassem gastos públicos e militares e retardassem seus programas de desenvolvimento econômico, o especialista alertava que esse receituário era impopular e os

---

380Esses planos relativos à economia tomaram boa parte das reuniões bilaterais e continentais até o fim da administração Eisenhower. Para um exame político e econômico das negociações relativas a implementação da OPA, ver Alexandra Melo e Silva (1992, p. 16).

381“United States prestige has been extremely low here lately, mostly because economic problems. Peruvians are particularly fearful lest the United States impose tariffs on lead and zinc, which are key exports. The Communists have been exploiting the issues”.

382Os despachos consulares disponíveis no *FRUS* dão conta dos diálogos entre o secretário-assistente para assuntos latino-americanos, Roy Richard Rubottom e o secretário de estado, John Foster Dulles, além de sondagens e conversas com o presidente e vice-presidente para realização da viagem para a América Latina. Disponível em <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v05/comp4>> Acesso em 24 set. 2018.

problemas econômicos da região podiam ser utilizados pelos comunistas<sup>383</sup>. Uma avaliação semelhante a que Szulc vinha fazendo das relações interamericanas. No entanto, essa posição ainda era minoritária dentro do governo e não chegou à face pública do discurso oficial das relações exteriores dos Estados Unidos até a viagem de Richard Nixon.

As reportagens diárias de Szulc sobre a viagem ganharam a capa do *NYT* em edições seguidas, e como a América Latina continuou na pauta política de primeiro escalão desde então – pelo menos até meados dos anos 1960 –, os escritos dele seguiram em posição de destaque<sup>384</sup>. A partir do desastre diplomático do vice-presidente, as críticas de Tad Szulc ganharam maior notoriedade na agenda política do país enquanto a administração Eisenhower passou a promover redirecionamentos nas suas ações para a América Latina<sup>385</sup>. Os eventos em Lima e Caracas foram sinais de alerta para o governo republicano sobre suas iniciativas para os seus vizinhos ao sul, para Szulc, uma reafirmação das suas teses sobre a política externa estadunidense.

O correspondente se tornou incisivo em argumentos que já estava levantando antes sobre a incapacidade dos Estados Unidos de interpretar a conjuntura sociopolítica e econômica da América Latina – incluindo a ascensão do “nacionalismo extremo” e o aprofundamento da crise econômica – bem como os resultados de suas ações de política externa nesse contexto específico. Nas palavras de Szulc:

Essa relação entre grande e pequeno, entre forte e fraco, entre rico e pobre é precisamente, como seria nas relações humanas individuais, a chave para o imenso problema dos Estados Unidos na América do Sul - um problema que nos últimos anos vem assumindo as proporções de uma grande dor de cabeça para a política externa de Washington (*NYT*, 25 mai. 1958, p. 19)<sup>386</sup>.

Os Estados Unidos, segundo o jornalista, tinham uma parcela considerável de culpa nesse problema. Por um lado, a grave crise econômica latino-americana passava pela flutuação dos preços das commodities, a maior parte delas absorvidas pelo mercado e indústria estadunidense. Para Szulc, o poderoso e rico não estava devidamente atento a como

---

383Conforme a análise de Rabe (1988, p. 101) para as discussões em torno de uma viagem oficial pelo círculo de secretários, assistentes e a Casa Branca.

384Entre 7 e 18 de maio de 1958, Tad Szulc publicou seguidamente reportagens e artigos para a capa da publicação, boa parte delas foram a manchete do dia. Um ano e meio depois, quando assumiu a editoria em Washington, já havia publicado várias matérias para a primeira página.

385Uma série de iniciativas políticas e econômicas para a região nos últimos dois anos e meio de mandato de Eisenhower – incluindo o apoio à criação do Banco Interamericano de Desenvolvimento e o *Social Progress Trust Fund*. Ver Jeffrey Taffet (2007, p. 18).

386“‘This relationship of big toward small, of strong toward weak and rich toward poor is precisely, as it would be in individual human relations, the key to the United States' immense problem in South America – a problem that in the last few years has been building up to the proportions of a major foreign-policy headache for Washington”.



essa deterioração econômica dos seus vizinhos mais fracos e pobres afetava a situação social e política do continente. Algo que poderia ser explorando tanto pelos comunistas quanto por fascistas. Por outro lado, Washington seguia cometendo o erro de apoiar ditadores em nome dos objetivos da Guerra Fria – e assim se posicionavam contra as “forças liberais e progressistas” – em um momento em que revoluções já conduziam “o crepúsculo dos tiranos” da região.

Ele considerava que apesar de o país participar das iniciativas de desenvolvimento promovidas por esses novos governos latino-americanos com capital, ciência e tecnologia pública e privada, não conseguia convencer plenamente a região de que não era o grande vilão a sugar seus recursos naturais e econômicos. Além disso, de que os Estados Unidos estavam efetivamente preocupados não apenas com a “ameaça vermelha”, mas também com os diversos obstáculos enfrentados pelos latino-americanos. Sendo assim, Tad Szulc avaliava que os Estados Unidos tinham de procurar remédios para a “grande dor de cabeça” fortalecida pelos descaminhos da sua política externa. Não podia prever que com a Revolução Cubana e seus desdobramentos, essa dor de cabeça seria a grande enxaqueca da política externa estadunidense na década seguinte.

#### 4. UM ESPECTRO RONDA A AMÉRICA LATINA

Marxistas Estão Organizando Camponeses no Brasil. Liga de Esquerda Mira Exército Político com a Força de 40 Milhões. (*NYT*, 1 nov. 1960, p. 3)<sup>387</sup>.

A proposta para esta operação foi apresentada à CIA por Tad SZULC, através do Sr. Hurwitch, Coordenador sobre Cuba do Departamento de Estado, em fevereiro de 1963. Supostamente originou-se com Jorge Volsky e o Dr. Nestor Moreno que se referia a ele como o "Plano Leonardo". Seu objetivo era derrubar o governo cubano por meio de uma conspiração entre líderes militares e civis de alto escalão do governo, culminando em um golpe de estado que expulsaria tanto CASTRO quanto os comunistas do poder. (Relatório da CIA sobre a Operação AMTRUNK, 25 abr. 1977)<sup>388</sup>.

As grandes letras da chamada para a matéria especial de Tad Szulc ocuparam boa parte do cabeçalho da página do *The New York Times*. Era o segundo artigo de uma série bombástica sobre a infiltração vermelha no Nordeste brasileiro que, segundo o jornalista, estaria à beira de uma revolução, como a que tinha ocorrido no Caribe no ano anterior. Os violeiros, na perspectiva do jornalista, eram “jornais humanos” de uma massa iletrada e pobre no interior brasileiro, que antes cantavam sobre o amor e ódio e agora tratavam de reforma agrária, opressão do povo e outros temas políticos. Entre seus versos, esses “trovadores ambulantes” compunham odes a Fidel Castro e Mao Tsé-Tung enquanto funcionários do governo brasileiro alertavam que se os Estados Unidos não fizessem algo, ali se instalaria uma nova Cuba. Para o correspondente, um problema muito maior do que a ilha caribenha, uma vez que se marxistas estavam se tornando influentes no populoso e seco Nordeste brasileiro, era o sinal que o espectro do comunismo rondava toda a América Latina.

A uma semana das eleições presidenciais, do fim de uma acirrada disputada eleitoral entre o democrata John F. Kennedy e o republicano Richard Nixon, os extensos textos e fotografias de Szulc sobre a miséria e organização dos trabalhadores rurais de Pernambuco nas Ligas Camponesas ocuparam a capa e primeiras páginas do *NYT* em 31 outubro e 1 de novembro e causaram alarde na opinião pública, corpo burocrático e político estadunidense<sup>389</sup>. As reportagens do correspondente ingressaram nos últimos discursos de campanha do jovem

387“Marxists Are Organizing Peasants in Brazil. Leftist League Aims a Political Army 40 Million Strong”.

388“The proposal for this operation as presented to CIA by Tad SZULC, via Mr. Hurwitch, the State Department Cuban Coordinator, in February 1963. It allegedly originated with Jorge Volsky and Dr. Nestor Moreno who referred to it as the "Leonardo Plano". Its objective was to overthrow Cuban Government by means of a conspiracy among high-level military and civilian leaders of the government culminating in a coup d'etat which would oust both CASTRO and the Communists from power”.

389Junto da reportagem sobre a invasão da Baía dos Porcos, menos de um ano depois, são as matérias de Tad Szulc mais vezes referenciadas em análises historiográficas sobre as relações Estados Unidos e América Latina. Uma lista sucinta de referências historiográficas que examinam esses textos inclui Joseph Page (1972, p. 28), Ruth Leacock (1990, p. 14), Lincoln Gordon (2001, p. 161), Henrique Alonso Pereira (2005, p. 287), Cecília Azevedo (2007, p. 169) e James Green (2009, p. 55).

senador democrata e futuro presidente, John F. Kennedy, como munição no seu ataque à política externa do Partido Republicano.

A avaliação do jornalista do *NYT* sobre a América Latina era diferente da que vinha realizando nos últimos anos de que o comunismo era um pequeno ponto no horizonte ante as ameaças maiores do nacionalismo radical latino-americano e erros das políticas estadunidenses para a região. Os novos escritos de Szulc não apagaram esses dois últimos pontos, mas deram revelado a uma América Latina em revolução social, sob o perigo de que as ideias políticas vindas de Cuba, União Soviética e China mobilizassem as massas. Um cenário muito mais preocupante para os Estados Unidos, uma vez que toda a região estaria agora em uma encruzilhada entre os rumos do “mundo livre” ou do comunismo.

Entre maio de 1958, quando seguiu a comitiva Nixon fugindo da “turba” de manifestantes que o atacavam em Caracas, e maio de 1965, quando acompanhou in loco o desembarque e ações das tropas estadunidenses em Santo Domingo, a pequena nuvem de problemas no céu da América Latina transformou-se repentinamente em caudalosa tempestade nos textos de Tad Szulc. A interpretação do jornalista para a conjuntura sociopolítica latino-americana e das políticas estadunidenses ampliou-se e transformou-se. Produziu mais quatro livros e centenas de reportagens, artigos, resenhas de livros sobre a Baía dos Porcos, o Nordeste brasileiro, Santo Domingo, e outros espaços. Numa conjuntura em que região deixou de ser um assunto menor e assumiu importância prioritária para a Guerra Fria, Szulc reinterpretou o peso do comunismo na América Latina. Como enfrentar “ameaça vermelha”, não deixar essa vasta região pender para o comunismo se tornou o tema central da sua atuação. Pari passo, ele produziu um aprofundamento da compreensão do que – utilizando o vocabulário de época – chamou de revoluções sociais, rápidas e profundas transformações sociopolíticas ante o novo quadro econômico e político que América Latina vivenciava no pós-Guerra.

Nos sete anos entre a viagem do vice-presidente Richard Nixon e a invasão estadunidense a República Dominicana, Tad Szulc deixou de ser apenas mais um jornalista do *NYT* viajando pelos rincões do continente, adquiriu fama como especialista em América Latina e alçou voo para além da correspondência internacional. Desde o início de 1961 se tornou um dos responsáveis pelas avaliações escritas a partir de Washington das ações de política externa das administrações John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson.

Este capítulo aborda o recorte temporal entre 1959 e 1965 no qual Tad Szulc acentuou suas posições críticas à política externa estadunidense para depois tornar-se um efetivo soldado da Guerra Fria nas trincheiras do campo intelectual liberal e das ações de

inteligência envolvendo a CIA e a Casa Branca. Nesse período, ele atacou algumas das principais ações encabeçadas pelas administrações Eisenhower e Kennedy na América Latina – como a Invasão da Baía dos Porcos e a Aliança para o Progresso –, ao mesmo tempo em que estabeleceu vínculos pessoais e profissionais com o alto escalão do jovem presidente democrata e seu sucessor.

Na primeira parte do capítulo é analisada a transmutação da análise de Szulc sobre a ameaça do comunismo na América Latina na virada para os anos 1960, seus exames da Revolução Cubana e sua influência sobre o a região. Sua aproximação inicial dos revolucionários cubanos, junto de outros liberais estadunidenses militantes contra ditaduras, e depois seu afastamento ante as perseguições políticas, fuzilamentos e a guinada à esquerda do novo regime. A seguir, a identificação de Cuba enquanto perigoso “modelo vermelho” para outros países latino-americanos. Nesse tópico são também inquiridas as discussões sobre revolução social na América Latina propostas pelo jornalista em diálogo com outros intelectuais dos Estados Unidos.

Na segunda parte do capítulo são examinadas inicialmente as críticas de Tad Szulc a Invasão da Baía dos Porcos e a Aliança para o Progresso. Seus embates e diálogos através de resenhas, textos jornalísticos e livros com outros intelectuais estadunidenses sobre a América Latina e a política externa dos Estados Unidos. Nessa seção analisamos também suas mudanças de posição, o endosso a ditaduras latino-americanas e iniciativas da política externa de incentivo à repressão e aos “ditadores amistosos” em nome dos objetivos da Guerra Fria. Além da simultânea atuação de Szulc como informante e consultor para ações da CIA e Casa Branca entre os dissidentes cubanos em Miami e Havana – incluindo no Plano Leonardo que objetivou a derrubada de Fidel Castro.

#### **4.1 Lendo Cuba e as revoluções sociais na América Latina**

No primeiro dia de 1959 o Movimento 26 de Julho saiu vitorioso de seu embate de mais de quatro anos contra Fulgêncio Batista. O nome do movimento fazia referência ao dia do falho assalto ao Quartel Moncada, em meados de 1953, liderado por Fidel Castro. Após esse fracasso, ele, seu irmão Raúl Castro, Camilo Cienfuegos e Juan Almeida Bosque – entre outros guerrilheiros – foram presos e depois exilaram-se no México. Lá formularam esse novo movimento insurgente contra Batista, do qual fez parte também o revolucionário argentino Che Guevara<sup>390</sup>. O ditador cubano foi derrotado pelas forças rebeldes, dando fim a uma ditadura iniciada em 1952 e apoiada oficialmente pela política externa dos Estados Unidos.

---

<sup>390</sup>Ver Luis Fernando Ayerbe (2004, p. 29) e Aviva Chomsky (2015, p. 40).

A ação dos revolucionários ganhou notoriedade nas principais publicações do globo, incluindo o *The New York Times*. O jornal já acompanhava o movimento rebelde desde muito antes do seu triunfo. Um editorialista e correspondente da publicação, Herbert L. Matthews desembarcou em Havana em fevereiro de 1957 e produziu uma série de artigos sobre os guerrilheiros de Sierra Maestra que contrariou o relato das autoridades cubanas de que Fidel Castro estava morto e lançou para o mundo o movimento sob a ótica de uma revolução de jovens audaciosos e sonhadores contra um tirano ferrenho<sup>391</sup>. Nas palavras de Matthews (*NYT*, 24 fev. 1957, p. 1), “Fidel Castro e seu Movimento 26 de Julho são o símbolo flamejante dessa oposição ao regime. É um movimento revolucionário que se diz socialista. É também nacionalista, o que, em geral na América Latina, significa anti-ianque”<sup>392</sup>. Uma posição semelhante a que outros intelectuais liberais da imprensa defenderam pelo menos até o final de 1959. Por exemplo, Jules Dubois (1959a), também correspondente na região, chegou até escrever uma biografia laudatória de Fidel Castro.

A cobertura do *NYT* sobre Cuba era então realizada por Matthews e Ruby Phillips<sup>393</sup>. Tad Szulc só veio a visitar a ilha depois que ele foi expulso da República Dominicana em junho de 1959. Uma vez fora do território dominicano, ele foi direto ao país que mais preocupava Trujillo no Caribe, a ilha de Cuba. Desde a chegada dos revolucionários de Sierra Maestra ao poder, houve uma série de tensões políticas e patrocínio de investidas militares rebeldes entre cubanos e dominicanos<sup>394</sup>. No plano ideológico, em meados de 1959, Trujillo representava aquilo que liberais estadunidenses e revolucionários cubanos consideravam como um mal a ser combatido, um sanguinário ditador de direita que alçou o poder e manteve-se por décadas com os dólares, as armas e apoio da política externa estadunidense.

No primeiro dia em solo cubano, o jornalista escreveu sobre a chegada de Fidel Castro para o sexto aniversário do Movimento 26 de Julho: “A população da capital cubana cresceu e cresceu esta noite enquanto Havana se preparava, em uma atmosfera de carnaval político, para o retorno de seu herói” (*NYT*, 21 jul. 1959, p. 3)<sup>395</sup>. Castro era exaltado

---

391Herbert L. Matthews (1900-1977) foi um importante repórter e editorialista do *NYT*, que iniciou sua trajetória profissional como militar na Primeira Guerra Mundial. Já era um veterano em coberturas de conflitos nos anos 1950 quando realizou entrevista com Fidel Castro.

392Tradução de DePalma (2006, p. 353).

393Phillips era uma correspondente da velha guarda que estava desde os anos 1930 em Havana. Era uma das únicas mulheres no plantel internacional do *NYT* naquela época, assumira o cargo do marido, James Phillips, depois dele falecer.

394Após um ataque rebelde à República Dominicana incentivado por Cuba e Venezuela, pouco antes da chegada de Szulc ao país, a administração de Trujillo apoiou uma fracassada investida de exilados cubanos em Trinidad, no centro de Cuba. Para um aprofundamento nas relações exteriores da República Dominicana com os Estados Unidos e Cuba no final dos anos 1950, ver Michael Hall (2000, p. 89).

395“The population of the Cuban capital grew and grew tonight as Havana prepared, in an atmosphere of political carnival, for the return of its hero”.

enquanto protagonista da vitória popular contra a tirania. A Revolução Cubana seria diferente das demais porque “ao contrário de outras repúblicas latino-americanas que também se livraram de seus ditadores nos últimos tempos, Cuba manteve, e até acelerou, seu impulso revolucionário, direcionando-o do canal político original para o de uma mudança social radical” (*NYT*, 26 jul. 1959, p. 4)<sup>396</sup>. Mais do que uma tomada do poder, a revolução tinha alcançado um alvo maior, transformações profundas na sociedade cubana. Nos primeiros meses, o novo governo aplicou uma agenda contra latifundiários – incluindo grandes empresas, o que desagradou profundamente investidores estadunidenses – e de diversificação econômica que incluía incentivo à industrialização, visando diminuir a dependência da cana-de-açúcar e de importações<sup>397</sup>.

Nessa sua visita ao país, Tad Szulc encontrou pessoalmente Fidel Castro, foi apresentado ao revolucionário por seu amigo Karl E. Meyer, do *The Washington Post*, e os três jantaram no imponente Hotel Hilton. Eles conversaram por horas a fio bebendo nas praias de Havana até o amanhecer<sup>398</sup>. A impressão inicial que Szulc teve do líder cubano foi muito boa e, nos textos dessa época, até o defendeu da acusação de ser um comunista. Com deferência à sua formação em direito, o jornalista considerou que: “não há razão para pensar que o próprio Dr. Castro seja comunista ou mesmo simpatizante, mas, sem dúvida, há comunistas em certas posições sensíveis e talvez influentes”. E também apontou que “alguns observadores veem no Dr. Castro um Kerensky tropical, um homem de mentalidade democrática, mas ingênuo, que está, inadvertidamente, preparando o caminho para uma tomada de poder pelos comunistas. Mas este julgamento parece ser muito exagerado” (*NYT*, 26 jul. 1959, p. 4)<sup>399</sup>. Para Szulc, o líder da revolução cubana não tinha nada a ver com o revolucionário russo que foi derrubado pelos bolcheviques em 1917. Fidel Castro, segundo o correspondente, não possuía nenhum traço de inocência política, dominava a arte do discurso e da liderança, além disso passava ao largo da “ameça vermelha”.

Uma posição semelhante à de outros jornalistas, como Hebert Matthews que

---

396“Unlike some of other Latin American republics that also became rid of their dictators in recent times, Cuba has maintained, and even, accelerated, her revolutionary momentum, directing it from the original political channel into that of a sweeping social change”.

397Presente já nos planos e escritos de Fidel Castro antes da tomada de poder, e também encabeçada por outras figuras-chave do movimento, como Che Guevara, futuro dirigente da economia cubana. Esse redirecionamento econômico ao longo da primeira metade dos anos 1960 não obteve sucesso, o país passou a focar-se novamente na produção do açúcar. Sobre a conjuntura da economia cubana e experimentos do governo revolucionário até a década de 1970, ver Aviva Chomsky (2015, p. 55) e Florestan Fernandes (2007, p. 172).

398Conforme o obituário do *The Independent* (2001) e outras fontes.

399“There is no reason to think Dr. Castro himself is a Communist or even a sympathizer but undoubtedly there are Communists in certain sensitive and perhaps influential positions”. “Some observers see in Dr. Castro a tropical Kerensky, a democratically-minded but naive man who is unwittingly preparing the path for a Communist take-over. But this judgment appears to be greatly exaggerated”.

considerou os revolucionários como nacionalistas que apesar de terem um “programa vago”, representam um “*new deal* para Cuba, radical, democrático e, portanto, anticomunista”<sup>400</sup>. Já o futuro presidente Kennedy, então ainda senador pelo estado de Massachusetts, inseriu Fidel Castro e a revolução em Cuba no legado do libertador Simon Bolívar, exaltando-os como provas do espraiamento das ideias de liberdade e reforma pelo continente americano<sup>401</sup>. Szulc partilhou com outros intelectuais liberais estadunidenses dessa afeição inicial aos guerrilheiros que se converteu rapidamente em combate ferrenho contra a Revolução Cubana.

Até meados de 1959 a participação de comunistas no novo regime cubano era então limitada e equacionada por moderados e anticomunistas. A expulsão de Manuel Urrutia em julho, um político liberal que havia feito oposição em exílio a Fulgêncio Batista e voltado ao país para assumir a presidência, é considerada como um marco inicial da guinada da revolução em direção à esquerda. Nos meses seguintes ocorreu a prisão e expulsão de líderes não-comunistas – entre eles o comandante Huber Matos, chefe da revolução na província de Oriente, e o presidente do Banco Nacional, Felipe Pazos –. Além disso, o confisco de fazendas de grandes empresas estadunidenses. De modo que no fim do ano, comunistas – incluindo Che Guevara e Raúl Castro – estavam consolidados em posições-chave e os moderados e anticomunistas fora do caminho<sup>402</sup>.

Esses e outros acontecimentos marcaram Tad Szulc e outros liberais estadunidenses enquanto desmanche das idealizações sobre a Revolução Cubana. Os julgamentos e paredões, o aparelhamento da justiça, a não realização de eleições, o fechamento de partidos políticos e jornais – menos o Partido Socialista Popular e seu diário, o *Hoy* –, a perseguição e censura quebraram a imagem que os liberais estadunidenses construíam do movimento enquanto “vento de liberdade”. O combate violento de contrainsurgências e oposições e as expropriações de grandes faixas de terra pertencentes empresas estrangeiras também acenderam o alarme.

Correspondentes de carreira que exaltaram a vitória das forças libertadoras sobre Fulgêncio Batista mudaram sua avaliação de Castro e do novo regime. Um especialista da *Associated Press* na região, Robert Berrelez, havia escrito no começo do ano um conjunto de matérias especiais – chamado “Os Frutos da Ditadura” – no qual constatava que “a verdadeira imagem das atrocidades do regime de Batista começava a emergir”, logo se viu decepcionado

---

400Tradução de DePalma (2006, p. 355).

401Foi assim que se posicionou em seu primeiro discurso no congresso estadunidense sobre a Revolução Cubana no início de 1959. Sobre as posições de Kennedy sobre a Revolução Cubana e seu redirecionamento do apoio inicial para o ataque discursivo, militar e econômico, ver Henrique Alonso Pereira (2005, p. 89).

402Edwin Williamson (2016, p. 461) aponta esses elementos como parte do processo de reordenação das perspectivas políticas da Revolução Cubana e construção do novo regime entre 1959 e 1962.

com os rumos que o regime revolucionário assumira. Chegou a ser detido em Havana por conta das suas novas posições críticas a perseguições perpetradas, dessa vez, pelos que antes eram açoitados por Batista<sup>403</sup>. Na mesma direção, é com assombro que em nova visita a Cuba, no fim de 1959, Szulc encontrou “apoiadores da revolução exclamarem por sangue”. Ele narrou os julgamentos públicos e execuções em detalhes. “E o que faremos com os traidores? O homem alto e barbudo de farda do exército gritou com voz rouca”. “Ele respirou fundo, e a multidão abaixo aproveitou a pausa para expor a resposta esperada. ‘Paredão... Paredão... Paredão...’, cantavam num tom monótono que conjurava a imagem dos pelotões de fuzilamento e corpos empilhados” (*NYT*, 13 dez. 1959, p. 11)<sup>404</sup>.

O quadro de tribunais populares de execução passaram a compor a imagem negativa de Cuba. Tad Szulc lamentou que “suas ideias primordiais” tenham se perdido e sublinhou que apesar de o revolucionário seguir com planos de “reforma agrária, independência política e econômica, industrialização, e uma forma de socialismo econômico para Cuba”, algo substancial mudou. Pois “ele falou também de democracia e liberdade – isso é o porquê ele combateu Batista”, “mas, evidentemente, as dinâmicas da revolução suplantaram as práticas clássicas da democracia” (*NYT*, 13 dez. 1959, p. 82)<sup>405</sup>. Para Szulc – e parte considerável do jornalismo estadunidense –, a primaveril revolta cubana que falava em liberdade e democracia converteu-se na odiosa tirania que ela havia se proposto a combater.

A recepção intelectual da Revolução Cubana nos Estados Unidos foi complexa e variada desde a vitória das forças rebeldes. A cidade de Nova York foi um dos grandes centros em que intelectuais da esquerda e direita fizeram da Revolução Cubana um tema-chave de engajamento e embate durante os anos 1960. Os círculos da imprensa ilustram bem o arco de posições sobre o movimento cubano. Revistas como a *Time* e a *Newsweek* apontaram rapidamente os revolucionários como comunistas e assumiram logo uma forte posição anti-Castro<sup>406</sup>. No microcosmo do *The New York Times* essa questão era latente entre os diversos

---

403Berrelez, correspondente da *AP* desde 1949, foi preso em Cuba e depois liberado após protesto formal dos Estados Unidos. Sobre o jornalista, ver *NYT* (13 jun. 1985, p. 13). “True picture of Batista regime’s atrocities in Cuba begins to emerge” (*SPOKANE DAILY CHRONICLE*, 23 fev. 1959, p. 1).

404“‘It supporters have begun to cry for blood. [...] And what shall we do with the traitors? the tall, bearded man in army fatigues shouted hoarsely. He drew in a breath, and the crowd below seized upon the pause to explode in expected response. ‘The Wall... The Wall... The Wall’, they chanted in an awesome monotone that conjured up the image of firing squads and crumpling bodies”.

405“His overriding idea – social justice for Cuba – he spelled out in detail in his Santiago bedside speech: land reform, economic and political independence, industrialization, a form of economic socialism for Cuba. He spoke too, of democracy and freedom – this is why he fought Batista – and he ended his speech with the defiant phrase now so famous in Cuba, “History will absolve me”. But, evidently the dynamics of the revolution have superseded the classical practices of democracy”.

406Como bem aponta Rafael Rojas (2016, pos. 239) em seu exame da recepção da Revolução Cubana pelos intelectuais de Nova York, havia uma quantidade considerável de veículos de imprensa e variadas posições políticas sobre Cuba ao longo dos anos 1960.



correspondentes e editorialistas que escreviam sobre Cuba. A direção da publicação, se preocupava com o fato de Phillips ser notoriamente contra os rebeldes, enquanto Matthews, tinha uma opinião contrária. Outro repórter da publicação enviado ao país, Max Frankel também atestava Castro como comunista não por convicção, mas porque era conveniente ao líder cubano naquele momento<sup>407</sup>.

Como em outros temas, Tad Szulc foi esquivo e mudou de posição ao longo do tempo, propondo e se apropriando de argumentos levantados por seus colegas de dentro e fora do *NYT*. Assim como Phillips, assumiu um tom anti-Fidel e anticomunista ainda em 1960. No entanto, depois aproximou-se de diversos pontos levantados por Matthews sobre o nacionalismo cubano e a complexidade do momento revolucionário e suas dinâmicas próprias. Por fim, em termos semelhantes a Frankel, considerou que a guinada à esquerda de Fidel Castro e da Revolução Cubana como um todo, teria a ver com os erros de condução da política externa dos Estados Unidos e a necessidade de apoio militar e econômico da União Soviética para manutenção do novo regime e suas reformas. Em uma conjuntura em que política externa estadunidense engajou-se no combate a Cuba, a imprensa estadunidense passou a ser cada vez mais incisiva contra aos revolucionários cubanos.

Entre março e julho de 1960, Tad Szulc se instalou em Havana e continuou apresentando iniciativas cubanas que considerava antiliberais – prisões de opositores, tomada de estações de rádio e televisão, estatização da economia, etc<sup>408</sup> – também adentrou no enfrentamento entre elementos a favor e contra o comunismo dentro de Cuba. Em um contexto em que comunistas ganhavam força na nova administração, e esta estabelecia laços cada vez mais estreitos com a União Soviética, o correspondente prudentemente dosou matérias sobre desafios e benefícios da reforma agrária ou da liberação do banho público em praias antes privadas com textos nos quais afirmava que “o sentimento anticomunista se espalhou para grupos civis e militares que lutaram ao lado do Dr. Castro para derrubar a ditadura do general Fulgêncio Batista”<sup>409</sup>. Ao relatar sobre bispos escrevendo “cartas pastorais expressando sua preocupação com as incursões do comunismo em Cuba” ou “uma organização clandestina de ex-apoiadores do Premier Fidel Castro” conclamando os cubanos “a pegar novamente em armas para restaurar a democracia”, Szulc sabia que estava tocando

407Ainda então um jovem repórter começando a ganhar importância no *NYT*, ascendeu até se tornar editor e depois diretor executivo da publicação. Sobre a recepção da imprensa estadunidense para a Revolução Cubana, ver Anthony DePalma (2006, p. 199).

408Algumas dessas reportagens ocupavam inclusive mais de uma página, contribuindo para a cobertura do diário nova-iorquino ser a mais ampla da imprensa estadunidense, com vários jornalistas escrevendo diretamente da ilha. Sobre as temáticas citadas, ver *NYT* (30 mar. 1960, p. 14; 16 mai. 1960, p. 2; 5 jun. 1960, p. 2).

409“Anti-communist sentiment has spread to civilian and military groups that fought on Dr. Castro's side to overthrow the dictatorship of Gen. Fulgencio Batista”. (*NYT*, 26 mar. 1960, p. 1).

em assuntos delicados<sup>410</sup>.

Ele relatou as iniciativas do mais forte grupo contra Castro desde 1959, o Movimento de Recuperação Revolucionária. Uma força ampla englobando setores civis e militares que atuaram ou, ao menos, apoiaram a tomada do poder dos revolucionários de Sierra Maestra, mas passaram a agir contra o regime sob a bandeira da democracia e anticomunismo depois da guinada à esquerda da revolução<sup>411</sup>.

Nesse momento em que, nas palavras de Prentzas (2012, p. 80), “o controle da ilha parecia escorregar por entre os dedos dos revolucionários”, o anticomunismo era considerado uma traição à revolução e a pátria. Tad Szulc, enquanto cidadão estadunidense, não foi processado judicialmente por traição, mas detido duas vezes em uma mesma semana de julho de 1960<sup>412</sup>. Em ambas ocasiões, foi retido por agentes do serviço de inteligência para averiguação, a primeira de forma breve e a segunda por doze horas. No último evento, foi detido em 18 de julho quando embarcava no aeroporto de Havana para Miami, revistado e levado por policiais para um quartel não nominado. Lá ficou até ser libertado depois de receber uma declaração de oficiais superiores de que as acusações contra ele não haviam sido provadas. Szulc afirmou que não soube que acusações estavam sendo imputadas a ele, mas, depois disso, conseguiu embarcar para os Estados Unidos<sup>413</sup>.

Outros jornalistas estadunidenses também sofreram o mesmo que Tad Szulc em meio à escalada no enfrentamento entre os dois países em meados de 1960. Em julho o governo estadunidense restringiu a venda de combustíveis à Cuba, quando empresas como a Texaco se recusaram a processar petróleo soviético, elas foram fechadas. No mês seguinte, os Estados Unidos praticamente eliminaram as importantes cotas de importação de açúcar. Entre agosto e outubro, todas as empresas privadas estrangeiras foram nacionalizadas<sup>414</sup>.

O correspondente só entrou mais uma vez em território cubano no período em que esteve escrevendo sobre a América Latina para o *NYT*. Fez uma passagem de apenas alguns dias em meados de 1961 para tratar da soltura de prisioneiros envolvidos na fracassada Invasão da Baía dos Porcos. Não há fontes que apontem para algum tipo de proibição formal à

410“Cuba’s eight Roman Catholic Bishops had drafted a pastoral letter expressing their concern over the inroads of communism in Cuba” (*NYT*, 31 mar. 1960, p. 1). “An underground organization consisting of former followers of Premier Fidel Castro, has issued a clandestine proclamation urging the Cuban people to take up arms again for the restoration of democracy” (*NYT*, 4 abr. 1960, p. 1).

411Fizeram parte no ano seguinte da Brigada 2506, grupo armado que tentou a famosa Invasão da Baía dos Porcos. Sobre o tema, ver Moniz Bandeira (2009, pos. 647).

412Detenções que apareceram em outros órgãos de imprensa e no próprio diário em que ele trabalhava, ver *NYT* (19 jul. 1960, p. 1).

413Conforme seu próprio relato dos eventos publicado poucos dias depois em *NYT* (20 jul. 1960, p. 6).

414Essa batalha travada pelos países via medidas administrativas e econômicas acompanham o tensionamento das relações bilaterais. Culminaram no rompimento das relações diplomáticas dos Estados Unidos com Cuba nos primeiros dias de janeiro do ano seguinte. Ver Ayerbe (2004, p. 62).

entrada dele em no país, mas só retornou a Havana para fazer as entrevistas para a biografia de Fidel Castro em 1984<sup>415</sup>. Szulc não explicitou quão marcante foi a experiência de ser detido por agentes cubanos no portão de embarque. Certo é que o jornalista de origem polonesa que havia fugido do fascismo europeu assumiu posições cada vez mais críticas ao regime chefiado por Fidel Castro depois de desembarcar nos Estados Unidos.

Alguns dias depois dele ser liberado, o correspondente considerou que: “O Estado revolucionário cubano assumiu a forma de uma virtual ditadura, amplamente infiltrada pelo comunismo e apoiada pela polícia secreta, um corpo de voluntários de milícias civis armadas e um desrespeito aos procedimentos judiciais e às liberdades individuais”. O experimento cubano se tornara uma tirania, a qual já havia feito a escolha entre as duas opções disponíveis no conflito bipolar. Nas suas palavras, “os comícios massivos e as técnicas de slogans e aplausos rítmicos lançaram um manto de apavorante uniformidade nas multidões que passaram em idolatrar o Dr. Castro” (*NYT*, 1 ago. 1960, p. 2)<sup>416</sup>. Uma análise desses e dos seus textos seguintes evidencia que neles se justapuseram todas as características que Tad Szulc já havia considerado detestáveis no fascismo europeu e nas ditaduras latino-americanas: as perseguições políticas, falta de liberdade e respeito as leis, manipulação das massas e idolatria a um líder carismático. O diferencial, o que tornava a Revolução Cubana ainda mais perigosa era que “trabalhando abertamente nos níveis doméstico e internacional desde que as primeiras declarações sobre sua presença pública foram abandonadas, o comunismo estabeleceu em Cuba sua principal base de operações no Hemisfério Ocidental” (*NYT*, 2 ago. 1960, p. 1)<sup>417</sup>. O enraizamento do comunismo em território cubano era preocupante não apenas por penetrar o Estado e suas áreas de influência, mas também porque tornara a ilha em um ponto de irradiação do “inimigo vermelho” no continente.

Dois meses depois, Tad Szulc tocou com maestria as cordas do *Red Scare* e causou alarde na opinião pública, intelectuais e burocratas estadunidense ao apresentar o espraiamento do comunismo em um superpopuloso e seco bolsão de pobreza do maior país da América Latina. Em matéria de capa do *NYT*, o jornalista informou os leitores que: “os

---

415Entrevistou Castro e outras figuras-chave da revolução para a biografia dele. Ver Szulc (1986, pos. 86).

416“The Cuban revolutionary state has assumed the form of a virtual dictatorship, greatly infiltrated by communism and backed by the secret police, a volunteers corps of informers, armed civilian militias and a disregard for judiciary procedures and individual liberties”. “The mass rallies and the techniques of chanted slogans and rhythmic clapping have thrown a mantle of awesome uniformity upon the crowds turning out to idolize Dr. Castro”.

417“Behind the facade of the social revolution and Premier Fidel Castro's "humanism", Communist influence has become firmly rooted in the Cuban Government and in all the fields of national activity controlled by the regime. Working openly on both the domestic and international levels since the early inhibitions about its public presence have been abandoned, communism ha established in Cuba its principal base of operations in the Western Hemisphere”.

resultados de uma situação revolucionária é cada vez mais aparente em toda a vastidão do Nordeste brasileiro assolado pela pobreza e pela seca” (*NYT*, 31 out. 1960, p. 1)<sup>418</sup>. Um lugar de pessoas famintas e doentes, que mal chegam aos 30 anos de idade e no qual “o primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, e Mao Tsé-Tung, secretário do Partido Comunista Chinês, são apresentados como heróis a serem imitados pelos camponeses, trabalhadores e estudantes”<sup>419</sup>. A imagem apresentada foi de uma revolução iminente no Brasil com populações humildes das zonas rurais e urbanas seguindo os passos de um panteão comunista.

O responsável por essa situação, conforme os artigos, era um movimento de trabalhadores rurais e seu líder, Francisco Julião<sup>420</sup>. Nas palavras do correspondente: “a miséria é explorada pelas crescentes influências esquerdistas nas cidades superlotadas. As Ligas Camponesas infiltradas pelo comunismo, organizando e doutrinando, tornaram-se um importante fator político nessa área”<sup>421</sup>. Para Szulc, as sementes vermelhas cresciam no propício solo seco da pobreza nordestina.

A partir da fala de funcionário da prefeitura de Recife não nominado, ele referendou uma conclusão inflamada: “o Nordeste se tornará comunista e vocês terão uma situação dez vezes pior do que em Cuba – se algo não for feito”<sup>422</sup>. Um prognóstico, ainda segundo Tad Szulc, corroborado por burocratas, políticos e sociólogos locais de que “a menos que alguma coisa seja feita rapidamente para o Nordeste em termos de uma mudança fundamental em sua estrutura econômica e social, um surto revolucionário de grandes dimensões pode ser inevitável em poucos anos”<sup>423</sup>. Um dos elementos-chave desses artigos é que a saída para essa situação explosiva na América Latina passava pela atuação dos Estados Unidos. Outro é que a pobreza, o analfabetismo, o desemprego – entre outras questões de uma situação econômica e social deteriorada – eram perigosos porque compunham o fermento para ascensão de revoluções como a ocorrida em Cuba no ano anterior.

---

418“The makings of a revolutionary situation increasingly apparent across the vastness of the poverty-stricken and drought-plagued Brazilian Northeast”.

419“Cuba's Premier, Fidel Castro, and Mao Tse-Tung, Communist China's party chairman, are being presented as heroes to be imitated by Northeast's peasants, workers and students”.

420As Ligas Camponesas foram associações de camponeses criadas no interior de Pernambuco em 1955 e que se espalharam pelo Brasil e foram muito influentes até o Golpe Civil-Militar. Sua principal liderança, Francisco Julião, tornou-se deputado estadual e federal PSB e viajou a Cuba e a China, terminou cassado e preso pelos militares em 1964. Sobre a atuação de Julião e das Ligas Camponesas nessa conjuntura, ver Joseph Page (1972) e Vilma Keller (2009).

421“The misery is exploited by the rising Leftist influences in the overcrowded cities. The Communist-infiltrated Peasant Leagues, organizing and indoctrinating, have become an important political factor in this area”.

422“The Northeast will go Communist and you will have a situation ten times worse than in Cuba – if something is not done”.

423“Unless something is done quickly for the Northeast and in the terms of a basic change in its economic and social structure, a revolutionary outbreak of major dimensions may be inevitable with few years”.

Uma leitura a contrapelo dos artigos de Tad Szulc sobre as Ligas Camponesas evidenciam que eles apresentavam uma série de estereótipos e interpretações equivocadas<sup>424</sup>. Ao sabor da Guerra Fria, apresentaram a organização de trabalhadores rurais como uma célula castrista em amplo crescimento, quando este movimento objetivava, desde meados dos anos 1950, finalidades assistenciais, como serviço funerário e assistência jurídica nas lutas por terra contra fazendeiros<sup>425</sup>. O jornalista não esclareceu também os leitores – algo que realizou diversas vezes tratando de outros contextos, como no caso da APRA – que o epíteto de comunista para a Liga Camponesa derivava das acusações de latifundiários e autoridades administrativas do Nordeste brasileiro que lutavam contra elas. No geral, o tom do vermelho do quadro apocalíptico pintado por Szulc era demasiadamente mais encarnado que a realidade, todavia, foi muito útil politicamente.

O *The New York Times* lançou essas matérias a uma semana das eleições presidenciais dos Estados Unidos – que ocorreram em 8 novembro de 1960. A visão de uma nova e mais perigosa Cuba chocou os leitores e mundo político estadunidense e foi utilizada como munição pelo candidato John F. Kennedy, em seus últimos discursos de campanha<sup>426</sup>. Depois de vencer o pleito e assumir o mandato, ele transformou o Nordeste brasileiro em uma área central de atuação de um dos seus mais importantes programas, a Aliança para o Progresso<sup>427</sup>. É relevante perceber os textos produzidos por Tad Szulc inseridos em um campo de entrecruzamento entre poder político e midiático dos Estados Unidos.

Alguns dias antes dos artigos de Szulc sobre o Nordeste serem impressos, o *NYT* lançou seu endosso ao candidato democrata<sup>428</sup>. Como justificativa, a publicação pontuou que “duas considerações tiveram um peso especial na determinação do nosso julgamento. Uma delas é uma questão de política externa. A outra é uma questão de assegurar uma direção unificada dos assuntos da nação em um momento difícil da história” (*NYT*, 27 out. 1960, p. 36)<sup>429</sup>. O jornal defendeu uma política externa de forte combate ao comunismo via “uma ajuda mais efetiva a nações subdesenvolvidas”<sup>430</sup>. As matérias de Szulc sobre uma região

424A síntese a seguir das generalizações e omissões presentes nessas famosas matérias de Szulc vale-se da análise de Henrique Alonso Pereira (2005, p. 297).

425Sobre as Ligas Camponesas e movimento de trabalhadores rurais brasileiros, ver Montenegro (2003, p. 241).

426Kennedy referenciou os textos de Szulc no seu discurso de campanha de 2 de novembro, em São Francisco, e dois dias depois em Chicago. Ver *NYT* (3 nov. 1960, p. 32; 5 nov. 1960, p. 14).

427Sobre a atuação do programa no Nordeste brasileiro, consultar Henrique Alonso Pereira (2005, p. 287).

428Desde 1860, o *NYT* segue a tradição estadunidense de escolha entre os projetos dos candidatos presidenciais e a produção de um texto justificando esse apoio. Ver <<https://www.nytimes.com/interactive/2016/09/23/opinion/pr-essidential-endorsement-timeline.html>> Acesso em 20 jan. 2017.

429“Two considerations have carried special weight in determining our judgment. One these is a matter of foreign policy. The other is a question of assuring a unified direction of the nation's affairs at a difficult moment of history”.

430Além disso, o controle do Partido Democrata sobre Câmara dos Representantes e Senado estadunidense, o que garantiria uma unidade de projeto com o chefe do poder executivo. “More effective aid to the under-

brasileira à beira de uma revolução comunista amplificaram o poder desse argumento, ou para ser mais preciso, criaram um poderoso fato jornalístico aplicando as posições de política externa que o diário valorizava na campanha democrata. Nesse mesmo mês, em 18 de outubro, o seu candidato já havia apresentado seu programa de política externa para a América Latina, defendendo a promoção da democracia e o desenvolvimento econômico como armas eficazes no combate da Guerra Fria<sup>431</sup>. Julgar mera casualidade entre o apoio oficial do *NYT* a Kennedy, as matérias bombásticas de Szulc e seu uso em discursos de campanha a uma semana do pleito seria inocente. O *NYT* e a milionária campanha dos democratas tinham nas suas listas de apoiadores muitos nomes em comum<sup>432</sup>. Indo além dos vínculos políticos e econômicos, o veículo de informação e a campanha John F. Kennedy estavam afinados em um projeto liberal de política externa.

Os elos entre as posições de Tad Szulc e as posições que guiaram a política externa do governo Kennedy para a América Latina – em formação enquanto o jornalista escrevia sobre o Nordeste brasileiro – foram relevantes. Os escritos de Szulc se aproximaram das proposições de figuras relevantes como Adolf A. Berle Jr., um dos principais especialistas envolvidos na formulação de iniciativas para a região da campanha democrata. Para Berle Jr., “o único propósito americano justificável é trazer o nível de vida e bem-estar social na América Latina o mais próximo possível dos Estados Unidos e o mais rápido possível”. Uma vez que “a maioria dos latino-americanos está certa que, adequadamente manipulada, a revolução do século XX pode proporcionar liberdade e bem-estar social”<sup>433</sup>. Tanto o jornalista quanto o assessor especial preconizaram um protagonismo estadunidense na promoção de transformações estruturais na região. Consonantes, apontaram que isso era necessário para que o caldo fervente de insatisfação e insurgência latino-americana não entornasse sobre os Estados Unidos.

As posições desses intelectuais liberais fazem parte de uma conjuntura da virada para os anos 1960 em que jornalistas, políticos e burocratas que tratavam das relações interamericanas estavam preocupados em compreender quem eram e quais as motivações e objetivos das pessoas espalhadas pelo continente que saíam as ruas para derrubar governos e

---

developed nations”.

431Em discurso que lançou os 12 pontos de sua futura política externa para a região. Disponível em <<https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKSEN/0913/JFKSEN-0913-041>> Acesso em 26 nov. 2018.

432Os vínculos entre o diário liberal nova-iorquino e as campanhas presidenciais democratas é duradouro, já são 15 eleições seguidas apoiando os presidenciáveis do partido. Desde os anos 1910 a publicação só endossou três candidatos republicanos.

433“‘The only justifiable American purpose is to bring the level of life and social welfare in Latin America as close to that the United States as possible, and as rapidly as possible. Most Latin Americans are clear that, properly handled, their twentieth century revolution can give both freedom and social welfare” (*Foreign Affairs*, out. 1960, p. 52).

pedir mudanças socioeconômicas. Um dos conceitos centrais utilizados por eles era o de revolução social. Um termo utilizado para explicar contestações e iniciativas de mudanças rápidas nas sociedades ante um quadro de um quadro de simultâneas metamorfoses sociais, políticas e econômicas existentes na região desde os anos 1930, mas que foram aceleradas a partir do pós-Guerra.

Ao longo dos anos 1950, o correspondente referenciou diversas vezes revoluções sociais que estavam em curso, ou haviam ocorrido, na região. Utilizou esse conceito para examinar eventos e contextos variados, a ascensão de Perón, o governo de Cheddi Jagan na Guiana Britânica, a Revolução de 1930 no Brasil, a Revolução Boliviana em 1952, e Revolução Cubana. Contudo, somente no seu mais extenso e aprofundado livro, *The Winds of Revolution* (1963), é que se propôs a explicar efetivamente o conceito e a importância desses eventos para as relações interamericanas em tempos de Guerra Fria. A palavra revolução – o próprio Szulc (1965, p. 21) era consciente disso – era um dos termos mais utilizados do vocabulário de líderes políticos e análises que tratavam da América Latina nos anos 1960. Era reiterada nos discursos de Fidel Castro, John F. Kennedy e João Goulart, para ficar restrito a alguns chefes de estado. Ao utilizar o conceito de revolução social para explicar a região e analisar as ações dos Estados Unidos, Szulc dialogou com uma série de proposições que circulavam em livros, jornais e pronunciamentos. O ponto de partida de Tad Szulc (1963, p. 23) foi que:

Na definição mais simples, uma revolução social é um movimento destinado a corrigir os erros sociais e econômicos óbvios em uma sociedade e assegurar abundância e justiça para todos. [...] Em suma, então, a revolução social representa a mudança e a reestruturação de toda uma sociedade, de suas instituições e de sua relação com o mundo exterior<sup>434</sup>.

O jornalista abarcou a partir deste conceito amplo, os movimentos sociopolíticos latino-americanos a partir da virada para o século XX que de algum modo responderam às demandas sociais básicas por melhores condições de vida. Em uma aproximação com o repertório liberal do pós-Guerra, é possível afirmar que as revoluções e governos que Tad Szulc classificou como revoluções sociais, foram movimentos que se direcionaram de algum modo a atender a terceira das quatro liberdades de Roosevelt – a promoção de condições mínimas de saúde, trabalho, educação e renda.

Entre os anos 1950 e 1960, o tema da revolução tinha um espaço central nas

---

<sup>434</sup>In the most simple definition, a social revolution is a movement designed to right the obvious social and economic wrongs in a society and to assure abundance and justice for all. [...] In sum, then, the social revolution represents the change-over and restructuring of a whole society, of its institutions and of its relationship to the outside world.

discussões do campo intelectual estadunidense. No mesmo ano desse livro de Szulc, Hannah Arendt (1963, p. 43) publicou *On Revolution* – em português *Sobre a Revolução* – que discutia o caráter desses eventos, sua história e funções políticas, considerando essa tarefa essencial para os rumos do mundo contemporâneo, incluindo a Guerra Fria. O horizonte das discussões da filósofa é formado pela Revolução Americana e pela Revolução Francesa como marcos políticos centrais para o presente. O livro avalia negativamente o experimento francês, e é francamente favorável ao empreendimento estadunidense, dando relevo ao aspecto social, notadamente a emancipação da pobreza, e da participação política dos cidadãos.

Tanto essas questões quanto a valorização da experiência estadunidense – considerada modelar – também estavam presentes nas discussões sobre as revoluções sociais. Nesse período circularam diversas leituras sociológicas nos Estados Unidos sobre esse conceito. Parte delas foram denominadas por Theda Skocpol (1979, p. 9) como “teorias de valor de consenso”, englobando os trabalhos de intelectuais estadunidenses como Talcott Parsons e Chalmers Johnson. Eles investigaram a organização e funcionamento das sociedades modernas e consideraram as revoluções sociais como respostas violentas de movimentos ideológicos a problemas sociais crônicos<sup>435</sup>. Szulc divergiu parcialmente desses dois autores ao considerar que elas ocorriam como resposta a pressões e demandas sociais relevantes, mas que existiam também revoluções sociais pacíficas.

No caso latino-americano, o jornalista identificou que dois “fatos básicos em si são simples e eloquentes”. O primeiro deles é a região “sempre sujeita a rápido crescimento demográfico, atingiu o estágio de uma explosão populacional completa nos anos do pós-Guerra”<sup>436</sup>. Já “o segundo fato, é que apesar da vastidão e da fertilidade geral ou potencial de sua massa terrestre, a América Latina não estava remotamente preparada para alimentar, abrigar ou cuidar dessa população em disparada”<sup>437</sup>. A ampliação da população de 163 para 206 milhões entre 1951 e 1961 e a projeção de manutenção dessa linha ascendente nas próximas foi elencado pelo jornalista como fator central para as revoluções sociais latino-americanas junto do elevado grau de discrepância entre minorias muito ricas e as crescentes massas pobres. Essas duas condições somadas, tornariam as revoluções sociais não apenas

---

435Parsons (1902-1979) foi um dos mais influentes sociólogos estadunidenses, vinculado a Universidade de Harvard investigou o funcionamento dos sistemas sociais. Já Chalmers Johnson (1931-2010) foi um cientista político que discutiu o conceito de revolução social que se tornou conhecido crítico da política externa estadunidense.

436“The basic facts themselves were simple and eloquent. The first fact was that Latin America, always subject to rapid demographic growth, hit the stage of a full-blown population explosion in postwar years” (SZULC, 1963, p. 17).

437The second fact is that, despite the vastness and general or potential fertility of its land mass, Latin America was not remotely prepared to feed, house, or care for this skyrocketing population”.



possíveis, mas sim, iminentes.

O quadro desse barril de pólvora latino-americano prestes a explodir delineado por Szulc se valia de uma dose considerável de determinismo socioeconômico e desprezo por aspectos culturais e políticos nacionais e regionais. Uma leitura fatalista em que a miséria é o nascedouro do caos revolucionário e a expansão do capitalismo o agente histórico capaz de conduzir uma evolução em etapas até a sociedade liberal dos Estados Unidos. Nesse sentido, ele apontou para a replicação do modelo estadunidense – considerado apogeu material e moral da civilização ocidental – via penetração tecnológica, comercial e política. Um viés repleto de contradições e amplamente criticado desde o final da década de 1960 ante o não cumprimento da promessa de um salto para frente em países latino-americanos, africanos e asiáticos com as iniciativas modernizadoras<sup>438</sup>.

Essa equação entre crescimento populacional e ausência de recursos materiais como raízes revolucionárias tornou-se relevante para as discussões econômicas e demográficas no xadrez da Guerra Fria. O moderno discurso científico e altas somas de recursos financeiros, humanos e tecnológicos foram destinados para essa problematização da pobreza no mundo. Um esforço envolvendo universidades, forças armadas, Estado, política externa e órgãos multilaterais como a ONU<sup>439</sup>. O diagnóstico de Tad Szulc estava afinado com outros liberais defensores do que Michael Latham (2000, p. 5) denominou de ideologia da modernização. Um conjunto de concepções que percebe os Estados Unidos, como farol moral, econômico e político do planeta e agente que é capaz de transformar um mundo considerado materialmente e culturalmente deficiente. O que foi encarado nos anos 1950 e 1960 por acadêmicos, burocratas, políticos e outros intelectuais como uma missão urgente dada a disputa bipolar sob a pressão da descolonização e a busca pelo desenvolvimento na Ásia, África e América Latina.

Na virada para a década 1960, a modernização tornou-se um pensamento hegemônico na promoção da política externa dos Estados Unidos. No entanto, o conceito de revolução social é bem anterior ao pós-Guerra, já era corrente em discussões do campo da esquerda pelo menos desde o século passado. Karl Marx (1849, p. 47) tratou dele na sua *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Para o filósofo: “em certa etapa do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes”, essas relações que antes potencializavam as forças produtivas, tornam-se entraves. “Abre-se então, uma época de revolução social”. Desde os

---

438Ver Gilbert Joseph (2005, p. 100).

439Para um exame histórico dessa mobilização científica em torno da “problematização da pobreza” no pós-Guerra, consultar Arturo Escobar (1995, p. 21).

trabalhos de Marx, há uma extensa fortuna crítica sobre o tema – passando por Lenin, Trotsky, Gramsci e outros – que discute as condições necessárias a essas revoluções e os aspectos envolvidos nela<sup>440</sup>. No entanto, a leitura do jornalista estadunidense das interpretações marxistas era a de um combatente em trincheira oposta. Ele se distanciou das concepções de classe e luta de classes, também da contradição entre força produtiva e relações de produção, centrais para as perspectivas do marxismo. Para Szulc (1963, p. 15),

As revoluções sociais, ou um clima propício a elas, tiveram seu advento na América Latina como uma questão de história e realidade, não no sentido marxista de determinismo ou nas próprias tendências revolucionárias de Fidel, mas em termos de lógica e de capacidade discernir fatos e seus significados<sup>441</sup>.

O jornalista fez uma leitura negativa da perspectiva marxista, desacreditou as interpretações que ele combatia e se posicionou como intérprete capaz de entender o passado e presente latino-americano<sup>442</sup>. Uma posição semelhante à de outros intelectuais liberais em relação a Marx, como Walt W. Rostow (1960, p. 195), que dialogou com as proposições do filósofo alemão para propor seus famosos estágios de desenvolvimento, mas refutou suas conclusões e considerou o comunismo como uma doença de transição entre estágios econômicos e sociais. O único elo firme entre a perspectiva de Szulc e as leituras marxistas é discernir claramente as condições socioeconômicas das formas ideológicas – políticas, filosóficas, religiosas, etc. –, e ressaltá-las como elementos necessários às revoluções sociais<sup>443</sup>.

Nos termos de Szulc (1963, p. 23), apesar das revoluções sociais não nascerem obrigatoriamente de uma ideologia específica – como o comunismo ou o liberalismo –, “as próprias dinâmicas de uma revolução exigem que ela se torne, mais cedo ou mais tarde, intimamente relacionada a uma ideologia política”<sup>444</sup>. Uma questão que ele tratou como muito importante para a Guerra Fria, tomando os exemplos de Cuba, Guatemala e Guiana Britânica – que estavam passando ou passaram por revoluções sociais naquele contexto<sup>445</sup>.

440A partir da obra e ações de Marx, intelectuais diversos países e tendências marxistas – muitas vezes conflitivas entre si – desenvolveram interpretações próprias da ideia de revolução social. Entre eles, como bem avalia Skockpol (1979, p. 6), figuras com atuações distintas: estrategistas políticos como Lenin e Mao, filósofos como Lucács e Gramsci e estrategistas militares como Che Guevara.

441“*But that social revolutions, or a climate propitious to them, had to make their advent in Latin America was a matter of history and reality, not in the Marxist sense of determinism or of Castro's own revolutionary proclivities, but in terms of logic and the ability to discern facts and their meaning*”.

442Para um aprofundamento nos conceitos de Karl Marx é pertinente consultar a análise de Hal Draper (2011, p. 17) sobre revolução social e política na perspectiva de classes.

443Ver Karl Marx (1859, p. 48).

444“*The very dynamics of a revolution require that it become, sooner or later, closely related to a political ideology*”.

445A historiografia já examinou amplamente o caso da administração Jacobo Árbenz (1951-1954) e a Revolução Cubana (1959), mas há poucos trabalhos sobre a independência da Guiana em 1966 no contexto da Guerra Fria.

Um dos diálogos mais intensos de Tad Szulc sobre as revoluções sociais foi com as proposições de Arthur Schlesinger Jr. (1949, pos. 2852). Ainda na virada para os anos 1950, o historiador avaliou que:

A maior parte deste mundo já está no meio de uma revolução social – uma revolução que deriva sua força do descontentamento na terra e tem como meta a afirmação da independência nacional e os primórdios da industrialização. É uma revolta contra os latifundiários, contra os agiotas, contra a dominação política estrangeira, contra a exploração econômica estrangeira. Está ocorrendo no mundo desde os campos de arroz da China até os pampas da Argentina<sup>446</sup>.

Utilizando uma escala maior que a de Tad Szulc, o intelectual estadunidense identificou a revolução social como um dos processos mais relevantes da política mundial no pós-Guerra. Os elementos suscitados por ele – a industrialização junto da correção de questões sociais latentes – são semelhantes aos que o jornalista do *NYT* identificou para o caso latino-americano. Bem como a complexa relação entre independência nacional e forças políticas e econômicas estrangeiras. Escrevendo sob o impacto da Revolução Comunista da China<sup>447</sup>, Arthur Schlesinger Jr., considerou a União Soviética em vantagem ao abordar esse vasto território e contingente populacional pobre espalhado pelo globo – notadamente América Latina, Ásia e África, mas também no Leste Europeu – porque lá as pessoas estariam mais preocupadas com mudanças sociais do que com liberdade política e de discurso. Por isso, afirmou que “esta revolução apresenta à nossa política externa problemas distintos dos problemas da Europa – problemas que exigem consideração especial e soluções especiais”<sup>448</sup>.

Na perspectiva do correspondente do *NYT*, os estadunidenses tinham de equacionar junto da busca por melhores condições de vida e da ideologia, o eferescente nacionalismo e as dinâmicas políticas internas e externas de cada país. Uma missão exequível para Tad Szulc (1963, p. 23) porque:

Mesmo que o conceito seja semanticamente questionável, a revolução social moderna pode se desenvolver de forma pacífica e democrática, alcançando objetivos de rápida evolução que sejam verdadeiramente revolucionários. A crença de que isso

---

Sobre o tema ver Stephen Rabe (2005, p. 75).

446“Most of this world is already in the throes of a social revolution – a revolution deriving its force from discontent on the land and having its goal the assertion of national independence and the beginnings of industrialization. Its a revolt against the landlords, against the money-lenders, against foreign political domination, against foreign economic exploitation. Its taking place across the world from the paddy-fields of China to the pampas of Argentina”.

447Resultado da guerra civil chinesa que durou entre 1946 e 1949 com as forças comunistas lideradas por Mao Tsé-Tung vencendo as conservadoras, ou nacionalistas, lideradas por Chiang Kai-shek.

448“This revolution presents our foreign policy with problems distinct from the problems of Europe – problems requiring special consideration and special solutions”. (SCHLESINGER JR., 1949, pos. 2864).

pode ser alcançado é o ponto crucial da disputa filosófica do Ocidente com o comunismo<sup>449</sup>.

Para que isso acontecesse, os Estados Unidos teriam de agir fornecendo apoio tecnológico, técnico, financeiro, mas também ideológico e político para que a América Latina não mirasse a União Soviética, a China e Cuba como modelos. A ideia de uma revolução econômica e social sem violência, baseada no capitalismo e em valores liberais e democráticos e capaz de deter o comunismo, se vincula diretamente com a posição hegemônica na política estadunidense para a América Latina enquanto Szulc escrevia este livro. A expressão “revolução pacífica”, nesse mesmo sentido utilizado pelo jornalista, fez parte inclusive dos principais discursos do presidente John F. Kennedy para explicar os objetivos da sua administração ao lançar programas como a Aliança para o Progresso<sup>450</sup>.

As proposições da administração democrata e de Tad Szulc estão imbuídas na reorientação da política externa dos Estados Unidos para a ajuda externa – e a modelação dos discursos políticos, acadêmicos e jornalísticos nessa nova direção – a partir da virada para os anos 1960. Na historiografia, diversos autores sublinharam essa relação entre reorientação política visando a promoção de sociedades liberais e distantes do comunismo com um novo modelo discursivo. Trabalhos como os de Arturo Escobar (1995, p. 48) e Michael Latham (2000, p. 23) já evidenciaram a modernização como elemento ideológico central da política global desde a Segunda Guerra, abarcando desde iniciativas estadunidenses no exterior até a ONU e as políticas de desenvolvimento desde os anos 1950. No entanto, só na virada para a década de 1960 é que a *foreign aid* tornou-se um elemento central da política estadunidense para a América Latina.

Algumas pobreza, como bem analisou Jeffrey Taffet (2007, p. 2), são mais importantes para os burocratas de Washington que outras em conjunturas políticas distintas. O investimento no combate a miséria e outros indicadores sociais negativos no estrangeiro só passou a ser um componente basilar das avaliações e ações no estrangeiro depois da Revolução Cubana, quando a miséria latino-americana passou a ser encarada como porta de entrada para o inimigo vermelho no continente. É nessa conjuntura que a partir da virada para os anos 1960, Szulc aproximou-se do que Kimber Pearce (2001, p. 52) denominou de uma “retórica da ajuda externa”. Mais do que um simples modelo discursivo, era uma forma de

---

449“Even if the concept is semantically objectionable, modern social revolution can develop peacefully and democratically, achieving quick evolution objectives that are truly revolutionary. The belief that this can be achieved is the crux of the West’s philosophical contest with Communism”.

450Entre eles, no discurso inaugural do seu mandato, em 20 de janeiro de 1961, e no primeiro aniversário da Aliança para o Progresso, no dia 13 de março de 1962. Os discursos do presidente democrata estão disponíveis em <<https://www.presidency.ucsb.edu/people/president/john-f-kennedy>> Acesso em 03 dez. 2018.

descrever e analisar o mundo combinando atualizados parâmetros sociológicos e econômicos com objetivos da Guerra Fria. Sua leitura da desigualdade social, analfabetismo, tirania, etc. como elementos que tornariam as revoluções sociais iminentes na América Latina, bem como sua preocupação com o direcionamento delas para o modelo do Ocidente – na sua visão, sinônimo de Estados Unidos – ao invés do comunismo, é tributário dessas matrizes ideológica, política e retórica.

Apesar da aproximação de Szulc desse paradigma e das proposições de figuras-chave para que ele ganhasse peso na política externa dos Estados Unidos – como Arthur Schlesinger Jr., Walt W. Rostow e Lincoln Gordon – é pertinente sublinhar importantes diferenças. Esse primeiro escalão de assessores da Casa Branca vindo do mundo acadêmico – incluindo os já citados e outros nomes de peso, como Teodoro Moscovo, Robert Alexander e Arthur Whitaker – transformaram a ajuda externa em parâmetro central de ação do novo governo na região no início dos anos 1960<sup>451</sup>. Para isso, ainda antes de auxiliarem Kennedy na campanha, foram responsáveis por produzir estudos econômicos, sociológicos e das relações internacionais que fundamentaram a perspectiva da política de ajuda externa<sup>452</sup>.

Já a função de Tad Szulc era distinta, a de repórter e comentarista para a imprensa das ações dos Estados Unidos no estrangeiro. Ele exerceu essa função mediando para um público amplo a linguagem, os diagnósticos e objetivos da *foreign aid*, bem como avaliou as propostas e a execução dessa política na América Latina pelas administrações democratas nos anos 1960. Nessa direção, se apropriou da “retórica da ajuda externa” e até endossou as críticas desses intelectuais à política externa republicana e suas apreciações do que era necessário realizar na região. Todavia, foi um crítico da forma como essa política foi implementada, disparando nas páginas do *NYT* e em seus livros condenações às iniciativas como a Invasão da Baía dos Porcos e a Aliança para o Progresso e reprovações à condução da CIA, Casa Branca e Departamento de Estado na promoção do desenvolvimento e combate ao comunismo.

Em um plano geral, do final dos anos 1950 até meados da década de 1960, Szulc transitou das posições liberais que priorizaram a modernização econômica e a oposição à repressão, censura e tiranias para uma política externa que considerava a estabilidade como

---

451 Kennedy foi um presidente circundado de intelectuais liberais para planejamento e execução de suas políticas. Entre eles estavam Arthur M. Schlesinger Jr., Walt W. Rostow e McGeorge Bundy. Para uma análise do recrutamento de intelectuais, notadamente professores universitários, na governança dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, ver Michael Latham (2000, p. 21).

452 Entre eles alguns livros já examinados na pesquisa, como *The Vital Center* (1949) e *The Stages of Economic Growth: a non-Communist manifesto* (1960). Outras obras relevantes nessa perspectiva foram *A proposal key to an effective foreign policy* (1957), de Rostow e Max F. Millikan, e *Political Man: the social bases of politics* (1960), publicada por Seymour Martin Lipset.

base segura contra o comunismo. Nesse sentido, em oposição ao que tinha defendido até então, fez o elogio das ações de contrainsurgência e dos novos regimes ditatoriais latino-americanos estabelecidos com os golpes civis-militares.

#### 4.2 Escrevendo e agindo para deter o inimigo vermelho

Há uma distância considerável entre as posições de Szulc em *Twilight of Tyrants* (1959) e em *Latin America* (1965b). No primeiro, ele realizou uma defesa liberal da democracia, da liberdade de expressão e de imprensa, bem como a crítica à política externa de apoio a “ditadores amistosos” na América Latina. Já no segundo, endossou a ditadura militar brasileira e as políticas de Lyndon Johnson para região – iniciadas nos últimos meses da administração Kennedy – de enfrentamento ao comunismo via “regimes estáveis” e declaradamente contra a “ameaça vermelha”. Esse giro de posições se vincula aos impactos Revolução Cubana e outros acontecimentos na intelectualidade liberal estadunidense. No caso de Szulc, também com mudanças profissionais e trânsito em novos circuitos intelectuais e políticos a partir da sua ascensão no jornal.

Em 1959, o correspondente itinerante fazia sua primeira incursão fora do espaço limitado das páginas de papel-jornal sobre a história recente da América Latina. Seis anos depois, escrevia sobre o passado e presente latino-americano sob a rubrica de um homem de imprensa premiado com livros, diversas matérias jornalísticas fulcrais e responsável por opiniões do *NYT* sobre a política externa. Uma passagem de repórter em campo estrangeiro a respeitado comentarista político em Washington, o epicentro do poder estadunidense.

Estabelecendo-se nessa nossa posição, Tad Szulc passou a avaliar as obras para o *The New York Times* de intelectuais públicos, diplomatas e acadêmicos sobre a situação em Cuba e na América Latina como um todo. Não poupou figuras como C. Wright Mills e Jean Paul Sartre de críticas, considerando-os mal-informados e excessivamente entusiasmados em seus livros sobre a Revolução Cubana<sup>453</sup>. Comentando *Listen, Yankee* (1960), no qual Mills escreveu cartas para os estadunidenses em nome de revolucionários cubanos, o jornalista considerou que: “ele parece ter negligenciado os méritos do antigo princípio acadêmico sobre a indagação livre e o ditado de que deve haver dois lados para qualquer questão. Ele se tornou vítima do mal que ele atribui tão francamente aos jornalistas dos Estados Unidos: total

---

453A partir da revolução, diversos escritores, políticos, artistas, jornalistas do continente americano e outras partes do globo passaram a visitar o país e lançar relatos de viagem, avaliações políticas e sociais sobre o novo regime ao sabor das mais diversas posições intelectuais.

unilateralidade” (*NYT*, 4 dez. 1960, p. 32)<sup>454</sup>. Rebateu as posições do sociólogo estadunidense contra a cobertura da imprensa estadunidense e apontou sua obra como uma defesa apaixonada da revolução.

Em relação a *Sartre on Cuba* (1961), Tad Szulc fez consideração semelhante ao avaliar que: “no elogio das conquistas sociais da revolução, o Sr. Sartre também menospreza o fato de que a prática normal dos direitos humanos tenha sido suspensa em Cuba, presumivelmente para evitar que ela seja um obstáculo às reformas de Castro”<sup>455</sup>. Na linha da sua denúncia aos paredões, perseguições políticas e censura, o jornalista apontou a obra do filósofo existencialista como enviesada e pouco objetiva ao louvar méritos dos revolucionários cubanos. Contra as acusações de imperialismo estadunidense, feitas por Sartre e Mills, Szulc considerou que eles “ignoram alegremente o fato de que, ao desafiar os Estados Unidos, [Cuba] trocou sua dependência dos americanos para uma dependência econômica ainda maior dos russos, dos chineses e dos seus parceiros do mundo comunista”<sup>456</sup>.

Além de realizar o combate a autores favoráveis à Revolução Cubana, enquanto um “*Latin American expert*” – designação que aparecia abaixo das suas resenhas –, Szulc avaliou as interpretações sobre outros países latino-americanos e as políticas dos Estados Unidos. Nesse sentido, deplorou *Brazil on move* (1963), de John dos Passos, porque o livro “oferece um relato relativamente superficial, nem sempre muito preciso, das pressões e problemas políticos do Brasil”. O que o jornalista considerou como “uma falha lamentável, porque a atual turbulência social e política no Brasil tem um impacto imediato sobre como, e até mesmo, se, o país continuará se desenvolvendo” (*NYT*, 10 nov. 1963, p. 18)<sup>457</sup>. Para Tad Szulc, a leitura do renomado escritor era rasa e não estava a par dos embates latentes no maior país da América Latina em um momento no qual o presidente João Goulart enfrentava questões econômicas e políticas decisivas.

Uma leitura mais acurada da realidade social brasileira e bem mais literariamente inspirada era, segundo Szulc, a de Carolina de Jesus em *The Child of Dark* (1962) – tradução do best-seller *Quarto de Despejo*, publicado dois anos antes no Brasil. Conforme o jornalista,

454“He seems to have overlooked the merits of the old academic tenet about free inquiry and the dictum that there may be two sides to any question”. “He becomes victim of the evil he so outspokenly ascribes to the United States newsmen: total one-sidedness” (*NYT*, 23 jul. 1961, p. 12).

455“In the praising social conquests of the revolution, M. Sartre just as easily overlooks the fact that the normal practice of human rights has been discontinued in Cuba, presumably to prevent its being an obstacle to the Castro reforms”.

456“[...] blithely ignores the fact that in defying the United States, she has traded her dependency on the Americans for an even greater economic dependency on the Russians, the Chinese and their Communist-world associates”.

457“[It] offer a fairly superficial not always very accurate account of Brazil's political pressures and problems. This, in the reviewer's opinion, is a regrettable shortcoming because the present social and political turmoil in Brazil has an immediate bearing on how, and even whether, the country will go on developing”.

é “um extraordinário documento sociológico sobre a vida nas ‘favelas’, os casebres deprimentes que crescem como cogumelos depois da chuva, nas encostas das cidades brasileiras”<sup>458</sup>. Para ele, além de ser escrito em linguagem simples e com uma percepção incrível, “um dos valores do livro está em seu vívido e dramático lembrete do porquê os Estados Unidos se engajaram nos programas da Aliança para o Progresso para ajudar a elevar os padrões de vida na América Latina”<sup>459</sup>. As resenhas de Tad Szulc costuraram apreciação estética, com interpretação sociopolítica da região e exame da política externa estadunidense. Entre o início e meados dos anos 1960, sua avaliação era que as ações dos EUA partiam de leituras precisas da conjuntura social latino-americana e tinham motivações e objetivos muito relevantes, o problema era forma como elas estavam sendo conduzidas.

Dois anos após os objetivos da Aliança para o Progresso serem lançados com entusiasmo pelo presidente John F. Kennedy em março<sup>460</sup> e ratificados meses depois na conferência interamericana em Punta del Leste em agosto de 1961, eles pareciam cada vez mais promessas ilusórias. Apesar de a nova administração ter conseguido driblar entraves políticos e burocráticos para aplicar os 10 bilhões de dólares prometidos para a América Latina, os resultados não correspondiam as metas propostas para o programa<sup>461</sup>. O desempenho econômico da grande maioria dos países da região estava abaixo do crescimento de 2,5% esperado, na verdade, caiu de 2% em 1960 para 0,5% nos dois anos seguintes<sup>462</sup>.

O primeiro terço da “histórica década de progresso democrático” anunciada pelo presidente foi efetivamente o início de um conturbado período de golpes de Estado. No período de menos de três anos em que ele ocupou a Casa Branca movimentos civis-militares depuseram presidentes na Argentina, Peru, República Dominicana, Guatemala, Honduras e Equador<sup>463</sup>. Os projetos financiados pela Aliança conseguiram ampliar o número de

---

458“It is also an extraordinary sociological document on the life in the ‘favelas’, the depressing slum towns that grow like mushrooms after rain, on the hillsides of Brazilian cities” (NTY, 23 set. 1962, p. 306).

459“One value of the book lies in its vivid dramatic reminder of why the United States has become engaged in the Alliance for Progress programs to help raise the living standards in Latin America”.

460Em discurso proferido em 13 de março de 1961 durante grande recepção de embaixadores e outras autoridades do continente americano na Casa Branca que marcou o lançamento da Aliança para o Progresso como programa central da política externa para a América Latina. Disponível em <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/latin-american-diplomats-washington-dc-19610313>> Acesso em 24 dez. 2018.

461Kennedy utilizou seu corpo de assessores e agiu pessoalmente para que resistências no Congresso, Departamento de Estado e outras instituições e agências quanto a liberação de verbas e créditos para iniciativas a serem postas em prática na região. Sobre as ações do presidente e seu primeiro escalão de secretários no enfrentamento desses obstáculos internos a Aliança para o Progresso, ver Henrique Alonso Pereira (2015, p. 80).

462Conforme Kimber Pearce (2001, p. 109), esses eram dados alarmantes foram apresentados por especialistas do próprio governo dos Estados Unidos na virada para 1964.

463A partir de 1964, houve golpes de Estado no Brasil, Bolívia e novamente Argentina. No início da década de 1970, no Uruguai e Chile. Para uma lista cronológica dos golpes na América Latina do pós-Guerra e exame do papel dos militares nesses eventos, consultar Alain Rouquié (2015, p. 209).



instalações habitacionais, sanitárias, hospitais, escolas, etc. - como na sua principal vitrine, o estado do Rio Grande do Norte, considerado uma “Ilha de Sanidade” no Nordeste brasileiro<sup>464</sup>. No entanto, o resultado geral foi bem abaixo dos objetivos de eliminação do analfabetismo, expansão da reforma agrária e melhoria generalizada em campos estratégicos como alimentação, transportes e moradia na América Latina. Por exemplo, a meta de erradicação do analfabetismo parecia irrealizável, já que metade da população da região seguia sem saber ler em meados dos anos 1960. Além disso, o crescimento populacional amplo diluiu a efetividade das ações no campo social, e houve forte resistência de elites e setores médios latino-americanos a engajar-se na “revolução social pacífica” em questões cruciais, como a reforma agrária<sup>465</sup>.

Nessa conjuntura, Tad Szulc foi um dos especialistas nas relações interamericanas que criticou a política externa dos Estados Unidos e debateu as posições de outros intelectuais sobre o tema. Para ele, estava claro que desde o promissor discurso inaugural de Kennedy “a paisagem política do hemisfério tornou-se visivelmente sombria”. Uma vez que:

Seus imensos problemas lançaram suas sombras sobre as esperanças fáceis do ontem. Os dilemas da estabilidade política e desenvolvimento material da América Latina continuam desafiando com teimosia histórica os esforços da política americana. Um cenário em que a Aliança para o Progresso não é mais visualizada como um atalho prático ao senso comum e à razão – e, portanto, à tranquilidade – ao sul de nossas fronteiras (*NYT*, 5 mai. 1963, p. 1)<sup>466</sup>.

O jornalista avaliou a situação como muito preocupante diante do quadro de problemas burocráticos, técnicos e políticos que as iniciativas estadunidenses de ajuda externa enfrentavam na região. O programa lançado como peça-chave para a mudança da realidade da América Latina não havia efetivamente alçado voo após a euforia inicial e agora era vista com ceticismo por norte e latino-americanos. Em meados dos anos 1960, já era patente para políticos, burocratas, jornalistas e outros intelectuais estadunidenses que os planos grandiloquentes da Aliança para o Progresso fracassavam<sup>467</sup>. O diagnóstico de Szulc, apesar

464 Expressão utilizada pelos burocratas para designar o papel do Rio Grande do Norte como locus preferencial de atuação da Aliança, em oposição ao perigoso estado de Pernambuco, lar de Miguel Arrais e das Ligas Camponesas. Para um exame da atuação do programa nessa “Ilha de Sanidade”, ver Henrique Alonso Pereira (2005, p. 317).

465 Para um quadro ponderado dos elementos que culminaram no fracasso da Aliança para o Progresso – e política de ajuda externa de Kennedy como um todo – na região, consultar as conclusões de Stephen Rabe (1999, p. 195).

466 “Since then the political landscape of the hemisphere has become visibly darkened. Its immense problems cast their shadows over the easy hopes of yesterday. The dilemmas of Latin America's political stability and material development go on defying with historic stubbornness the efforts of American policy. The Alliance for Progress is no longer visualized as a practical short-cut to common sense and reason – and, therefore, to tranquility – south of our borders”.

467 A todos esses fatores de baixo desempenho econômico e social da região somou-se a morte de Kennedy e ascensão da Guerra do Vietnã como questão chave da política externa dos Estados Unidos. Com bem analisou

de ter conclusões críticas mais enfáticas, ia na mesma direção de outros analistas. Entre eles, promotores de primeira linha da política dos Estados Unidos para a região, como Lincoln Gordon – a quem Szulc louvou nesse mesmo texto como “pai da Aliança” – e Adolf Berle<sup>468</sup>. A consonância com eles é expressa nas resenhas elogiosas que o jornalista do *NYT* fez de *Diplomacy and Reality* (1962), de Berle, e *A New Deal for Latin America* (1963), escrito por Gordon<sup>469</sup>.

A interpretação em comum com outros intelectuais, como expresso em seu livro *The Winds of Revolution*, era que a Aliança para o Progresso era um projeto relevante com leituras e objetivos corretos. No entanto, ele centrou numa crítica a um flanco psicológico e político, apontando os Estados Unidos como incapazes de convencer os latino-americanos a engajar-se efetivamente na Aliança. Nas palavras dele:

A fraqueza fatal da política dos Estados Unidos na América Latina em resposta à Revolução Cubana – mesmo depois do lançamento da Aliança para o Progresso – foi que ela cegamente insistiu em ignorar essa síndrome política e procurou obstinadamente lidar com o hemisfério fervilhante de uma maneira puramente técnica com desenvolvimento econômico e social maciço. Mesmo em 1963, não é totalmente compreendido em Washington que o sucesso – e até mesmo a aceitação – da Aliança para o Progresso como um plano cooperativo exequível depende enormemente de seu impacto político sobre os latino-americanos (SZULC, 1963, p 185)<sup>470</sup>.

Apesar de reiteradamente levantar esse tema da necessidade de apresentação de uma ideologia clara e sedutora para convencer a América Latina, em nenhum momento do livro Szulc apontou efetivamente como era possível acender a chama latino-americana para aceitar e cooperar mais efetivamente com o principal programa dos Estados Unidos para a região. Uma questão que os diversos intelectuais que resenharam a obra não deixaram de salientar. Acadêmicos de peso como John Johnson e Daniel Goldrich consideraram que o livro tem muitas informações relevantes, mas que é um tanto repetitivo, uma vez foi escrito em uma

---

Jeffrey Taffet (2007, p. 63), nesse contexto de decadência parecia aos promotores e comentaristas da política externa que a Aliança estava “à deriva”.

468Gordon e Berle haviam participado da arquitetura da Aliança para o Progresso e outras diretrizes da nova administração. Nesse momento ocupavam, respectivamente, as funções de embaixador no Brasil e chefe de uma força tarefa para assuntos interamericanos. Ambos além de muito influentes na administração Kennedy, continuaram a ocupar espaços relevantes na administração Johnson.

469Ver *NYT* (14 out. 1962, p. 1; 5 mai. 1963, p. 1).

470“*The fatal weakness of the United States policy in Latin America in response to the Cuban Revolution – even long after the Alliance for Progress was launched – was that it blindly insisted on ignoring this political syndrome and stubbornly sought to deal with the seething Hemisphere on a purely technical level of massive economic and social development. Even as late as 1963, it was not fully understood in Washington that the success – even the acceptance – of the Alliance for Progress as a workable cooperative scheme hinged to an immense extent on its political impact on the Latin Americans*”.

linguagem jornalística verborrágica<sup>471</sup>. Além disso apontaram que, nas palavras de Goldrich:

O ponto final da tese de Szulc é que o Ocidente deve fornecer imediatamente uma ideologia e um modelo democrático que possa ser usados pelos latino-americanos ao embarcar em suas revoluções sociais. Não é de surpreender que ele não vá além disso para esboçar o modelo revolucionário democrático, ou mesmo para indicar algumas orientações ou direções parciais promissoras<sup>472</sup>.

Na opinião dos especialistas em América Latina, Szulc apresentava muito bem o amplo quadro de questões políticas e socioeconômicas que a região enfrentava e os dilemas estadunidenses diante disso<sup>473</sup>. No entanto, Szulc não delineou qualquer saída para esses relevantes entraves nem aparenta ter dialogado com alguns dos principais críticos latino-americanos da Aliança. Entre eles estavam o presidente colombiano Lleras Camargo e o brasileiro Juscelino Kubitschek, além de outros importantes intelectuais da região. Esse grupo variado defendeu agendas críticas também diversas, incluindo a necessidade de uma política externa independente, ou pelo menos, de maior autonomia latino-americana dentro do programa, além de críticas pontuais a condução da liberação de recursos<sup>474</sup>.

A repercussão das questões levantadas por Tad Szulc sobre os resultados tímidos da Aliança para o Progresso em *The Winds of Revolution* não foi ampla. Em parte porque seus argumentos não lançaram novas informações e pontos de vista, em geral, repetiram avaliações já postas a mesa. Certamente também por conta do momento em que o livro foi lançado, pouco depois ocorreu assassinato de John F. Kennedy na cidade de Dallas em novembro de 1963. Evento de que dominou a partir de então os jornais, as rodas intelectuais e a opinião pública. As posições de Szulc sobre os rumos da política externa do jovem presidente democrata ficaram datadas ante as novas diretrizes que Lyndon Johnson e seu círculo de assessores imprimiam na política externa dos Estados Unidos. Um assunto menor ante a reconhecida e controvertida cobertura jornalística de Tad Szulc das ações estadunidenses em Cuba para derrubar Fidel Castro.

No começo de 1961, Szulc já inaugurou seu trabalho em Washington com

---

471As resenhas de Johnson e Goldrich foram publicadas, respectivamente em: *The Annals of the American Academy of Political and Social Science* (vol. 354, jul. 1964, p. 178) e *World Politics* (vol. 17, out. 1964, p. 143).

472“The ultimate point of Szulc's thesis is that the West must immediately provide a democratic ideology and model that can be used by Latin Americans as they embark on their social revolutions. Not surprisingly, he fails to go beyond this to outline the democratic revolutionary model, or even to indicate some promising partial guidelines or directions” (*WORLD POLITICS*, out. 1964, p. 149).

473Além desses dois professores, o livro foi resenhado também por Laurence A. Birns (*The Journal of Politics*, vol. 26, nov. 1964, p. 969), John C. Dreier (*NYT*, 8 dez. 1963, p. 405).

474Essas críticas foram publicadas ao longo dos anos 1960 em importantes veículos de informações como a *Foreign Affairs*. Para um exame comparado dessas posições latino-americanos no âmbito geral de críticas estadunidenses a política externa de modernização da América Latina na revista, ver Cecília Azevedo (2009, p. 202).

escaramuças com a CIA e a Casa Branca ao levar um furo de reportagem para os editores do diário. Nos primeiros dias de abril, teve contato com a oposição a Fidel Castro radicada em Miami e de lá relatou uma invasão iminente a Cuba, a ser realizada no dia 18, por exilados treinados por especialistas da agência de inteligência estadunidense. Viajou até a sede do jornal para apresentar suas descobertas e foi mandado novamente à Flórida para continuar escrevendo sua matéria. No meio do caminho, houve uma parada para um jantar com o editor do *NYT* em Washington, James Reston, e o diretor da CIA, Allan Dulles. Conforme relato do filho de Tad Szulc, Dulles teria dito que, para o bem do país era melhor a história não ser publicada, ao que Szulc teria respondido que estava cumprindo seu dever como jornalista<sup>475</sup>. Não há confirmação da veracidade desse diálogo, mas certo é que o que era para ser uma extensa matéria e grande manchete do dia sobre a futura Invasão a Baía dos Porcos foi publicada como uma nota sem referência a data específica ou participação dos Estados Unidos<sup>476</sup>. Uma decisão tomada em nome da segurança nacional pelos editores do jornal após acalorados debates entre si e consulta a administração Kennedy<sup>477</sup>. Depois da derrota e prisão dos contrarrevolucionários, o presidente lamentaria que a notícia não fora publicada na íntegra e que isso teria salvado o país de um desastroso fracasso, mas é patente que o novo governo democrata herdara e dera continuidade aos planos de uma invasão de exilados da administração republicana<sup>478</sup>.

Os textos de Tad Szulc exploraram inicialmente a senda da contradição entre objetivos declarados da administração de John F. Kennedy – em pronunciamentos, reuniões e publicações oficiais – de promoção do desenvolvimento e da democracia abaixo da fronteira do Texas e suas ações para derrubada de governos considerados hostis pelos burocratas via financiamento, treinamento e armamento de opositores. Uma incoerência entre a retórica e iniciativa de ajuda externa e ações diplomáticas e militares, encobertas ou não, para deter políticos, partidos e organizações de países do continente americano vistas como ameaçadoras sob o prisma do anticomunismo. Algo que os promotores da política externa não encaravam como uma contradição, mas sim como caminhos paralelos a serem utilizados no combate da Guerra Fria<sup>479</sup>.

---

475Conforme entrevista concedida por Anthony Szulc a Joseph Campbell (2010, p. 177) para sua pesquisa sobre mitos do jornalismo estadunidense.

476Ver *NYT* (07 abr. 1961, p. 1).

477Para os embates em torno da matéria de Szulc entre *publisher* e editores do *NYT* discutindo independência jornalística, patriotismo e segurança nacional, ver Gay Talese (2000, p. 17) e Joseph Campbell (2010, p. 267).

478Um relato do responsável pela publicação em Washington, James Reston, sobre uma conversa com o presidente. Sobre os planos da administração Eisenhower e desdobramentos no governo seguinte, ver Joseph Smith (2005, p. 128).

479Para um aprofundamento nesse exame dessa contradição entre discurso e ação na política externa democrata para a América Latina, consultar Stephen Rabe (1999, p. 98).

A sensibilidade liberal de Szulc foi ferida pelas ações da CIA, Departamento de Estado e Casa Branca para tentar conseguir a derrubada de Fidel Castro. A sua indignação com a infame invasão em *Playa Girón* foi publicada no seu livro em conjunto com Karl Meyer, *The Cuban Invasion*<sup>480</sup>. Nas palavras de Szulc e Meyer (1962, p. 146), “foi um fracasso da mente, da imaginação, do senso comum – um fracasso que parece ainda mais grotesco quando os brilhantes membros da administração Kennedy o discutem com um certo prazer mordaz”<sup>481</sup>. Em resumo, a obra apresenta um relato em detalhes desde a formulação dos planos de ataque – pela CIA e burocratas de primeiro escalão dos governos de Eisenhower e Kennedy – até os desdobramentos políticos e militares após a derrota nas praias cubanas. No mesmo passo, comenta atos do governo em Cuba, dos dissidentes em Miami e Guatemala, da central de inteligência e autoridades estadunidenses a partir de informações obtidas com fontes oficiais, imprensa dos Estados Unidos, exilados presos e o próprio Fidel Castro.

A perspectiva do livro, e também de outros escritos de Szulc sobre a Revolução Cubana desde que saiu da ilha em 1961, é claramente a favor dos exilados radicados na Flórida. Dentre esses, os que defendiam a necessidade do movimento encabeçado por Castro – dada a ferrenha ditadura de Batista e falta de resposta para demandas sociais cruciais –, mas deploravam a guinada em direção ao comunismo que a Revolução Cubana havia tomado. Um grupo de opositores liberais e anticomunistas que incluía nomes de peso como o comandante Huber Matos, Nestor Moreno e Manuel Ray. Este último foi um engenheiro e político cubano que lutou contra Batista assumiu o posto de ministro de obras públicas após a Revolução Cubana. Junto com Moreno retirou-se do governo após a guinada à esquerda do movimento, e fugiu para os Estados Unidos onde passou a atuar junto de outros dissidentes contra Fidel Castro. Militou em um pequeno movimento progressista, denominado *Movimiento Revolucionario del Pueblo*, que apesar de bem-visto por Kennedy, era contra o controle da CIA e ocupou um papel marginal na invasão<sup>482</sup>.

Em diversas passagens do livro há uma exaltação dos “verdadeiros ideais cubanos contra a ditadura sanguinolenta de Castro”. Uma narrativa no viés do “nós contra eles” que exaltava os grupos de exilados que se tornaram fontes centrais da produção intelectual de Szulc sobre Cuba. Eles foram suas escutas na matéria jornalística que previu a invasão comandada pela CIA, também suas testemunhas para escrever o livro. Depois, como será visto, Szulc foi intermediário desses grupos em contatos com a CIA na primeira metade dos

480O título completo da obra é “*The Cuban Invasion: the chronicle of a disaster*”, trata-se de um pequeno volume de bolso com 160 páginas divididas em oito capítulos e index remissivo.

481“*It was a failure of mind, of imagination, of common sense – a failure that seems all the more grotesque now as the bright insiders in the Kennedy Administration discuss it with a certain mordant relish*”.

482Sobre Ray, Moreno e os dissidentes cubanos, ver Moniz Bandeira (2009, pos. 598).

anos 1960. Manteve diálogo com os exilados cubanos pelo menos até os anos 1980, quando fez entrevistas para escrever sua biografia de Fidel Castro<sup>483</sup>.

Inicialmente o livro repete as críticas que Szulc já publicara no *NYT* e em *Twilight of Tyrants* (1959) à política republicana de apoio a Batista e recapitula as relações bilaterais com Cuba até a chegada de Kennedy a Casa Branca. Publicada meses antes da Crise dos Mísseis – que ocorreu em outubro do mesmo ano – a obra se dedica exaustivamente à montagem e treinamento da Brigada 2506, grupo formado por opositores e dissidentes da Revolução Cubana sob supervisão da CIA e as decisões em Washington que culminaram no desembarque e derrota na costa de Cuba<sup>484</sup>. O alvo central da crítica dos autores foi a central de inteligência, instituição responsável orquestrar o recrutamento, financiamento, treinamento e infiltração dos exilados em território cubano após a autorização de Eisenhower em março de 1960. Segundo eles, desde a escolha por trabalhar preferencialmente com mercenários da ditadura de Batista em vez dos “jovens corajosos, obstinados e de mentalidade democrática que queriam genuinamente restaurar a liberdade a Cuba”, já revelou-se a falta de tato e o direcionamento independente dos seus agentes<sup>485</sup>. As duras críticas de Szulc e Meyer à CIA reunidas nesse livro fizeram dele um marco para um novo tipo de tratamento destinado pela imprensa aos serviços de inteligência dos Estados Unidos. A obra contribuiu para a passagem de uma cultura de deferência – reinante até os anos 1960 – para uma postura de desconfiança e desobediência da década de 1970<sup>486</sup>.

O ponto de vista de Tad Szulc e Karl Meyer (1962, p. 147) era de que o fracasso em Cuba “foi também construído pela própria atribuição à CIA de uma tarefa político-militar além da sua competência. Sem verificações independentes operando na CIA, a Agência tornou-se rapidamente cativa, em vez do mestre de sua própria operação”. Os homens de imprensa concluíram que “embalada por seu fácil sucesso anterior na Guatemala, a CIA superestimou sua capacidade de manipular a história”<sup>487</sup>. Szulc e Meyer (1962, p. 152)

---

483Pelo tema e vínculo do jornalista com a cidade, não é de surpreender que o acervo de entrevistas e outros materiais de Tad Szulc dessa época estão no acervo da Universidade de Miami. Parte desses documentos foi digitalizada e está disponível em <<https://merrick.library.miami.edu/cubanHeritage/chc0189/>> Acesso em 19 dez. 2018.

484Para um relato detalhado e exame historiográfico atualizado dos planos, eventos e repercussão da Invasão da Baía dos Porcos, consultar Howard Jones (2008, p. 9) e Jim Rasenberger (2011, pos. 124).

485“*They were brave, headstrong and democratic-minded young men who genuinely wished to restore freedom to Cuba*” (SZULC; MEYER. 1962, p. 96).

486Entre os marcos dessa nova relação estão textos clássicos como *Inside the Company: CIA Diary* (1975) de Philip Agee e *The CIA and the Media* (1977) de Carl Bernstein, além do relatório de investigação do Senado sobre as ações dos serviços de inteligência estadunidenses, conhecido como Comissão Church, publicado em 1975. Ver US Senate (1975).

487“*Failure was also built in by the very assignment to the CIA of a military-political task beyond competence. With no independent checks operating on the CIA, the Agency quickly became the captive rather than the master of its owns operation. Lulled by its easy earlier success in Guatemala, the CIA over-estimated its ability to*

questionaram retoricamente: “Quem, afinal, foi responsável pela calamidade cubana? [...] Claramente, o Presidente dos Estados Unidos deve aceitar a responsabilidade de aprovar o empreendimento e de não cumprir o conselho do seu próprio senso comum”<sup>488</sup>. Segundo os jornalistas, “os homens ao redor de Kennedy também devem compartilhar a culpa. Estes ajudantes brilhantes e capazes não conseguiram ver que a escala da invasão era grande demais para esconder a cumplicidade dos Estados Unidos”<sup>489</sup>. Boa parte do livro é uma sucessão desses apontamentos de erros militares, políticos, morais, de planejamento e inteligência para invadir Cuba sob direção da agência, mas que também respingaram no presidente, no seu círculo de assessores e até na imprensa.

Essas críticas inflamadas de Tad Szulc não passaram incólumes à CIA e Casa Branca. Como era de se esperar, o monitoramento exaustivo que a agência realiza da imprensa examinou seus textos ponderando os ataques do editorialista. No acervo da instituição há cópias das páginas do jornal com matérias de Szulc entre 1961 e 1962 sobre a invasão, e novamente em 1968 quando o próprio *NYT* revisitou a questão das discussões internas em torno do corte do seu furo de reportagem<sup>490</sup>. A resposta da CIA veio logo após o lançamento do livro e nas páginas do próprio diário nova-iorquino através de uma extensa e pesada resenha de Jules Dubois, colega dos correspondentes e figura destacada da Associação Interamericana de Imprensa – organismo aparelhado pela agência para o combate intelectual na Guerra Fria. Sem meias palavras, ele considerou que “os autores poderiam ter acrescentado com mais franqueza que, se projetamos violar acordos internacionais – como foi feito na invasão cubana –, devemos fazê-lo com sucesso” (*NYT*, 10 jun. 1962, p. 26)<sup>491</sup>. Para Dubois, não havia dilemas morais a serem resolvidos, os Estados Unidos não usaram sua força, por isso a ação fracassou, o que permitiu Castro continuar no poder.

Sobre os ataques de Szulc e Meyer à CIA, o resenhista sublinhou que “muitas das alegações feitas pelos autores já foram publicamente rebatidas por alguns dos atores

---

manipulate history”.

488“Who, in the end, was responsible for the Cuban calamity? [...] Clearly, the President of United States must accept the responsibility for approving the venture and for failing to heed the counsel of his own common sense”.

489“The men around Mr. Kennedy, too, must share in the blame. These bright and able aides failed to see that the scale of the invasion was too big to conceal United States complicity”.

490Entre os documentos desclassificados, digitalizados em 2016, estão uma série de recortes de jornais com grifos sobre os ataques de Tad Szulc e Karl Meyer à agência. Além disso, recortes de discursos na Câmara e Senado estadunidense referenciado os escritos deles. Disponível em <<https://www.cia.gov/library/readingroom/search/site/Tad%20Szulc>>. Para uma discussão atualizada do *NYT* em torno dessa autocensura sobre a reportagem de Szulc e repercussão política e jornalística disso, ver o texto especial de David Dunlap, disponível em <<https://www.nytimes.com/times-insider/2014/12/26/1961-the-c-i-a-readies-a-cuban-invasion-and-the-times-blinks/>> Acesso em 10 set. 2017

491“The authors might have added with more forthrightness that if we design to violate international agreements – as was done in the Cuban invasion – we should do so successfully”.

envolvidos”<sup>492</sup>. Afirmou que não havia nenhum favorecimento da agência a cubanos de extrema direita ligados a Fulgêncio Batista. Segundo Jules Dubois, as fontes dos jornalistas – especialmente Manuel Ray – eram figuras em conflito tanto com outros grupos de dissidentes quanto com o serviço de inteligência dos Estados Unidos. Por fim, mensurou que “os autores caíram em exagero em sua afirmação que repórteres de jornais e revistas são informados por agentes da CIA”<sup>493</sup>. No presente, à luz da informação que Dubois era um homem de imprensa ligado à agência, é irônico ler a sua defesa da instituição e negação do vínculo dela com os jornais.

Dias depois, a agência produziu um breve relatório secreto com informações biográficas de Tad Szulc e discussão de possíveis vínculos com “poloneses comunistas”, incluindo seu primo e amigo de infância Ignacy Sachs<sup>494</sup>, considerado um “ativo propagandista” vermelho<sup>495</sup>. São cinco páginas de uma cronologia precisa da vida pessoal e profissional de Szulc – incluindo conversas, viagens, motivações – realizada a partir de uma fonte não identificada que conhecia pessoalmente o jornalista. A preocupação central do documento é sublinhar contatos que Szulc mantinha com a comunidade e missão diplomática polonesa no Brasil e Estados Unidos. A conclusão do agente responsável pela pesquisa sobre os anos 1940 e 1950 é que “há pouca dúvida de que o SZULC era pró-comunista na época e ele cooperou com o Ignacy SACHS”. No entanto, apesar de fornecer informações privilegiadas ao primo, “seria insensato pular para a conclusão que essa colaboração tomou a forma de espionagem”<sup>496</sup>. Na linguagem da agência, pró-comunistas eram elementos que de algum modo colaboravam indiretamente à causa. Szulc era declaradamente um anticomunista, mas o modus operandi da agência sempre foi duvidar e examinar cuidadosamente todos, sejam considerados elementos hostis ou colaboradores. A lupa dos serviços de inteligência sempre esteve sobre o jornalista, e o foco foi ampliado em muitas vezes depois que ele passou a visitar e escrever sobre Cuba<sup>497</sup>, e como veremos, a atuar junto a CIA a partir de 1963.

---

492“Many of the allegations made by the authors have already been publicly controverted by some the actors involved”.

493“‘The authors have fallen into exaggeration in their statement that newspaper and magazine reporters are briefed by C.I.A. agents’”.

494Renomado economista polonês, amigo de Szulc, que assim como ele migrou para o Brasil em 1941. Estudioso comunista, ficou no país até 1954, depois migrou novamente para a Polônia. Trabalhou na diplomacia desse país na Índia entre 1957 e 1960 e depois fez carreira acadêmica na França como brasileiro.

495Relatório enviado para diversos setores em 20 de junho de 1962 com a fonte propositalmente apagada – assim como vários outros documentos liberados para consulta pela CIA. Disponível em <[https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=101177&search=tad\\_szulc#relPageId=2&tab=page](https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=101177&search=tad_szulc#relPageId=2&tab=page)> Acesso em 10 dez. 2018.

496“‘There is little doubt that SZULC was pro-communist at the time and he cooperated with Ignacy SACHS. [...] It would, however, be unwise to jump the conclusion that this collaboration took a form of espionage’”.

497Relatório de um grupo de trabalho da CIA de 30 de agosto de 1977 sobre as revelações que haviam sido feitas pelas comissões do Senado e Câmara das ações contra Cuba no período antes e logo depois ao assassinato



Já na Casa Branca a reação aos escritos de Tad Szulc foi bem diferente. O jornalista foi recomendado por seu amigo Richard Goodwin, assessor presidencial, para uma conversa pessoal – não como repórter, como ele mesmo esclareceu – com Robert e depois com John F. Kennedy em novembro de 1961 para discutir a situação em Cuba<sup>498</sup>. Foi questionado pelo presidente sobre o que achava de um plano para assassinar Fidel Castro. Tad Szulc respondeu que a morte do líder cubano não ocasionaria necessariamente uma mudança em Cuba e que pessoalmente não achava que o país deveria se envolver em assassinatos políticos. Nas palavras de Szulc (US Senate, 1975, p. 138), “JFK então disse que estava me testando, que ele se sentia da mesma maneira – porque de fato os EUA moralmente não devem ser parte de assassinatos”<sup>499</sup>. Todavia, hoje sabe-se que os acontecimentos foram numa direção contrária a esse diálogo em que ele e o presidente ocupam papéis cômicos. Kennedy efetivamente autorizou iniciativas que resultaram em esquemas variados para tentar matar Castro e o jornalista se envolveu substancialmente em planos secretos para derrubada do regime cubano nos anos 1960. Há uma extensa discussão jornalística e historiográfica sobre o envolvimento direto ou não de John e Robert F. Kennedy na autorização de planos para matar Fidel Castro. Certo é que a CIA, sob ordens do poder executivo, arquitetou e executou sem sucesso diversas tentativas de eliminar o líder cubano desde o final da administração Eisenhower<sup>500</sup>.

Após o encontro com o John F. Kennedy o jornalista não perdeu contato com a esfera de poder presidencial. Em *The Cuban Invasion*, lançado meses após sua conversa com os irmãos Kennedy, foram descritas em detalhes as discussões para tomada de decisão antes e durante o ataque a Cuba, para isso foram entrevistados Schlesinger Jr. e Goodwin. Não é de surpreender – como também constatou Richard Aldrich (2015, p. 198) – que a obra apresente os dois como vozes sensatas contra a ação no círculo de assessores presidenciais e que ela tenha desviado da cúpula da Casa Branca e focado no ataque a CIA<sup>501</sup>.

---

de Kennedy. Disponível em <[https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=5190&search=tad\\_szulc#relPageId=60&tab=page](https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=5190&search=tad_szulc#relPageId=60&tab=page)> Acesso em 10 dez. 2018.

498Eventos a seguir conforme o testemunho de Tad Szulc sobre o encontro disponíveis a partir da investigação da Comissão Church, ver US Senate (1975, p. 138) e disponível em <<https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=1392#relPageId=27&tab=page>> Acesso em 10 dez. 2018.

499“JFK then said he was testing me, that he felt the same way – because indeed U.S. morally must not be part of assassinations”.

500O próprio relatório da Comissão Church (US Senate, 1975, p. 71) chegou a conclusão que foram oito tentativas, mas há discussões sobre mais de trezentas. Sobre o envolvimento dos irmãos Kennedy e os planos para matar Fidel Castro, ver Jim Rasenberger (2011, pos. 142) e o artigo especial de David Corn e Gus Russo na revista *The Nation* (26 mar. 2001) disponível em <<https://www.thenation.com/article/old-man-and-cia-kennedy-plot-kill-castro/>> Acesso em 10 dez. 2018.

501Muitos anos depois, já em 1984, uma comissão da CIA para reavaliar os incidentes e repercussões da Invasão a Baía dos Porcos – denominada Comissão Taylor – considerou o livro deles como mostra da tentativa de proteção da imagem de Kennedy. Relatório disponível em <<https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=146519#relPageId=264&tab=page>> Acesso em 10 dez. 2018.

Durante todo período em que atuou na sucursal do *NYT* em Washington, entre 1961 e 1965, Szulc se valeu de bons contatos lá para ter acesso a informações privilegiadas<sup>502</sup>. Na prática, o retorno que ela dava a esse círculo de decisões estratégicas era sua posição de especialista em Cuba – conhecendo pessoalmente Fidel Castro e a oposição a ele dentro e fora do país, e também a atuação cubana na ONU e OEA – em um momento em que os Estados Unidos redirecionavam e intensificavam seus esforços para derrubar o regime cubano.

Na mesma semana em que Szulc conversou com os irmãos Kennedy, foi criado pela Casa Branca um novo grupo para coordenar o conjunto de iniciativas da CIA, Departamento de Defesa e Departamento de Estado em relação a Cuba<sup>503</sup>. Para comandar o empreendimento, reuniram-se figuras-chave da administração democrata, John e Robert Kennedy – na condição de procurador-geral –, o secretário de estado, o secretário de defesa, o diretor da CIA, o assessor Richard Goodwin, o general Maxwell Taylor – principal consultor militar do presidente – e o general Edward Lansdale, especialista em contrainsurgência designado chefe de operações das atividades<sup>504</sup>. O direcionamento, explicitado em memorando de John F. Kennedy aos demais participantes, foi: “Nós usaremos nossos recursos disponíveis para levar adiante o projeto discutido, a fim de ajudar Cuba a derrubar o regime comunista”<sup>505</sup>. Com esse objetivo o grupo deu vida ao *Cuban Project* – também conhecido como Operação Mongoose<sup>506</sup> –, que abarcava uma série variada de atividades para vencer Castro e estabelecer um regime favorável aos Estados Unidos: recolhimento de informações; estudos para operações militares; guerra econômica; infiltração e promoção de conexões políticas com opositores; ataques diplomáticos; sabotagens e assassinatos<sup>507</sup>.

Após as primeiras reuniões de avaliação e consultas a diplomatas, agentes, militares e outros especialistas, houve o embate entre duas propostas de ação<sup>508</sup>. A primeira era

502Algo que ele mesmo ressaltou em seu depoimento para a Comissão Church referido em nota anterior.

503Os documentos disponíveis nos acervos da CIA e do Departamento de Estado, narram em detalhes o esforço da Casa Branca, com destaque para as figuras de Robert F. Kennedy e Richard Goodwin, na criação desse grupo especial de decisões a partir de 3 de novembro de 1961. As informações a seguir valem-se das minutas de reuniões e memorandos arquivados pelo Departamento de Estado, disponíveis em <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v10/d270>> Acesso em 10 dez. 2018.

504Os secretários e o diretor naquela época eram, respectivamente, Dean Rusk, Robert McNamara e John McCone.

505“We will use our available assets to go ahead with the discussed project in order to help Cuba overthrow the communist regime”. Memorando do presidente (30 de nov. 1961). Disponível em <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v10/d278>> Acesso em 10 dez. 2018.

506O nome da operação refere-se ao animal mangusto, mamífero carnívoro famoso por ser estrategista e capaz de matar cobras peçonhentas, uma vez que é imune ao seu veneno.

507A Operação Mongoose tem uma extensa fortuna crítica desde sua revelação nos anos 1970, sendo analisada no relatório final da Comissão Church (US Senate, 1975, p. 139). Para uma síntese desse ampla gama de ações sob o guarda-chuva do *Cuban Project*, incluindo uma cronologia das reuniões e ações, é pertinente consultar o livro do agente do serviço secreto cubano, Fabián Escalante (1995, p. 101).

508O relato a seguir dos confrontos nos bastidores da Casa Branca segue as observações in loco e atuação como assistente especial do presidente de Arthur Schlesinger Jr. (2012, pos. 1238).

capitaneada por representantes da CIA e consistia em criar um movimento para derrubar Fidel Castro a partir de fora de Cuba estabelecendo uma guerra interna de “batistianos” contra “castristas”. Já o procurador-geral, Goodwin, Landsale e figuras do Departamento de Estado, vislumbravam o apoio a um movimento anti-Castro dentro da ilha, fortalecendo apoiadores iniciais dos guerrilheiros que se desiludiram e agora mobilizavam-se para recuperar a revolução do comunismo. Um choque entre posições que consideravam arregimentar forças cubanas distintas. A primeira opção priorizava a direita a favor de Batista – com vínculos estreitos com os serviços de inteligência estadunidense –, já a segunda preferia os independentes opositores liberais a Castro – como os liderados por Manuel Ray. A opção do presidente foi pela tese de Goodwin-Landsale de uma nova revolução em Cuba realizada de dentro da ilha por dissidentes do movimento triunfante em 1959.

Apesar de ter sua proposta derrotada, a CIA foi uma das principais forças envolvidas na Operação Mongoose dada à necessidade de uma rede de informantes e agentes cubanos e estadunidenses infiltrados, além de bases de operações em Miami e Washington<sup>509</sup>. Recursos a serem utilizados, segundo o chefe de operações, para “formar um núcleo para um movimento popular cubano posicionado dentro de Cuba. Isso incluirá o desenvolvimento de uma equipe de cubanos nos EUA”. Além disso, os agentes dariam conta de projetos pontuais de apoio, “esses projetos (como operações para afundar navios e dificultar o regime) serão programados para apoiar ações do movimento e permitir que o movimento assuma o crédito por eles”<sup>510</sup>. Dentro desse leque variado de atividades, as ações de Tad Szulc centraram-se nos campos em que ele era especialista, descoberta e intermediação de informações a partir da sua posição como homem de imprensa e do acesso privilegiado à comunidade cubana dentro e fora da ilha, notadamente aos opositores liberais com os quais a agência de inteligência não tinha proximidade.

Efetivamente o jornalista nunca relatou suas atividades junto a CIA em livros ou matérias jornalísticas, mesmo quando se tornou um crítico ferrenho da instituição e suas operações nos anos 1970 e testemunhou para a Comissão Church<sup>511</sup>. Além disso, esta pesquisa não identificou outro trabalho que tenha se dedicado a essa questão, além do já referenciado

---

509Ainda conforme os dados apresentados por Schlesinger Jr. (2012, pos. 1248), tamanha mobilização custava mais de 50 milhões de dólares anuais.

510Memorando do Chefe de Operações da Operação Mongoose (7 dez. 1961). Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v10/d281>> Acesso em 10 dez. 2018. “A nucleus for a popular Cuban movement will be formed and positioned within Cuba. This will include the development of a team from Cubans in the U.S. [...] Special support projects will be readied for use on call. These projects (such as operations to scuttle shipping and otherwise hamper the regime) will be timed to support actions by the movement and to permit the movement to take credit for them”.

511Ele inclusive escreveu nessa época uma biografia sobre um dos mais famosos agentes da CIA e escritor, E. Howard Hunt. Ver Szulc (1973).

artigo de Richard Aldrich (2015). Isso porque Szulc manteve em segredo sua atuação e foi cuidadoso com as informações que CIA arquivava sobre si próprio. Meses antes de testemunhar para a comissão do Senado, em junho de 1975, já havia solicitado via advogados a obtenção de documentos que a agência guardava sobre ele<sup>512</sup>. As fontes utilizadas neste capítulo são frutos de processos de desclassificação documental da CIA entre meados dos anos 1990 – incluindo a pressão do Congresso pela liberação de documentos sobre a morte de John F. Kennedy – e a escrita desta tese em 2018<sup>513</sup>.

Assim como outros envolvidos em operações, Szulc recebeu uma designação em código, AMCAPE-1, nos relatórios de reuniões e investigações internas da agência sobre a AMTRUNK – senha para a operação de insurgência militar interna em Cuba para derrubar Fidel Castro, também conhecida como Plano Leonardo<sup>514</sup>. Nos últimos dias de 1962, Szulc contatou a Casa Branca e o Departamento de Estado sobre esse projeto de remoção e infiltração secreta de oficiais cubanos na ilha e promoção de um golpe militar contra Fidel Castro e foi direcionado para a CIA<sup>515</sup>. Conforme o relato do agente Davies, “AMCAPE-1 acredita firmemente que o conceito previsto pelo PLANO LEONARDO é a única maneira segura de dividir o regime e que o tempo de agir é AGORA”<sup>516</sup>. Não há nos documentos uma explicação como efetivamente o plano ocorreria. A preocupação dos agentes era mais sondar do que efetivamente colaborar com Szulc e outras personagens que ele apresentou como formuladores do plano, Nestor Moreno e George Volsky<sup>517</sup>.

Em fevereiro, os três reuniram-se com nomes graduados da instituição em uma “casa segura” da CIA. Encontraram-se com Robert Hurwitch – oficial para assuntos cubanos da Casa Branca e da Operação Mongoose –, o coronel Davies, um encarregado militar, e o agente Alfonso Rodriguez. Os dois eram especialistas em ações sobre Cuba que trabalhavam

---

512Através da submissão de um *Free Information Request* em 15 de março de 1975. Segundo Aldrich (2015, p. 193), o instrumento legal mais eficiente para conseguir informações dos serviços de inteligência dos Estados Unidos nos anos 1970. Szulc obteve um total de setenta e seis documentos que fazem parte hoje do seu acervo pessoal no Howard Gotlieb Archival Research Center, em Boston.

513Um cruzamento dos documentos dos anos 1960 e 1970 disponibilizados pela CIA, AARC e Marry Ferrell Foundation. Ver sessão de acervos consultados no final do trabalho.

514Conforme o dicionário de pseudônimos da agência produzido pela Mary Ferral Foundation. Disponível em <<https://www.maryferrell.org/php/cryptdb.php>> Acesso em 10 dez. 2018.

515Essas e as informações a seguir foram obtidas em um relatório geral da CIA sobre a Operação Leonardo (14 fev. 1977) e um memorando escrito pelo agente Albert C. Davies depois de uma conversa com Szulc (7 fev. 1963). Disponíveis respectivamente em <<https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=65916#relPageId=1&tab=page>> e <<https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=30964#relPageId=1&tab=page>> Acesso em 10 dez. 2018.

516“AMCAPE-1 is of the firm belief that the concept envisaged by LEONARDO PLAN is the only sure way of splitting the regime and that time is NOW”.

517Esse último era um comerciante de passaporte cubano, mas de origem polonesa e poliglota, assim como Szulc. Alguém íntimo e fonte informações do jornalista do *NYT*. Assim como outros cubanos relacionados a Tad Szulc, Volsky foi um franco apoiador de Castro antes de se desiludir com a Revolução Cubana e lutar contra ela.

para a agência de inteligência. Os oficiais ficaram entusiasmados com a operação, mas receberam uma mensagem da central da CIA orientando o fechamento dela porque se temia que elementos hostis de Cuba soubessem do plano. Todavia, o Plano Leonardo teve continuidade depois que Szulc informou à sede que a estação de Miami – um centro de operações e treinamento da CIA – havia dado “responsabilidade a Volsky para decidir se a operação continua ou não”<sup>518</sup>. Até março de 1964 foram realizadas quatro missões de infiltração e também foram recrutados três oficiais em Cuba<sup>519</sup>. Apesar dessas ações iniciais bem-sucedidas, o golpe militar contra Fidel Castro não foi executado e o Plano Leonardo fechado definitivamente no início 1966 após a prisão da maior parte dos infiltrados e recrutados nos dois últimos anos da ação<sup>520</sup>.

Entre as motivações para o fracasso da operação AMTRUNK, segundo o relatório de 1977, estava o fato da “natureza controversa dos principais iniciadores, Tad SZULC, Jorge VOLSKY e MORENO”, que não estavam sob controle da CIA e “aceitaram assistência apenas para alcançar seus próprios propósitos”<sup>521</sup>. A agência desconfiava que Volsky fosse um agente duplo transmitindo informações da CIA para o serviço secreto cubano. Além disso, Tad Szulc “foi mantido completamente informado das atividades por MORENO e talvez outros”. E também, “o contato direto Szulc com a Casa Branca”<sup>522</sup>. De fato, sob a benção presidencial, o jornalista estava muito além do controle dos agentes. Ele teve contato direto com outros membros da operação enchendo-os de perguntas sobre a agência e acontecimentos em Cuba e Miami. Além disso, seguiu publicando no *NYT* sobre questões sensíveis, como artigos elogiosos a Manuel Ray, desafeto da CIA desde o planejamento da ação na Baía dos Porcos, e resenhas de livros sobre a referida invasão com críticas ao serviço de inteligência<sup>523</sup>. Nas palavras do agente Rodriguez, exasperado com o comportamento do jornalista, “a amizade especial e admiração mútua que existiu entre Tad Szulc, Jorge Volsky e Manuel Ray não é algo transparente e fácil de explicar. Essa aliança deve ser algo profano e maquiavélico”<sup>524</sup>.

518“Szulc have informed HURWITCH that JMWAVE Station has given VOLSKY responsibility to decide whether or not the operation continues”. Relatório geral da CIA sobre a Operação Leonardo (14 fev. 1977, p. 2)

519Os relatórios só apresentam os nomes e códigos deles: Orlando Orozco Basulto (AMTRUNK-9), Ramon Tomas Guin Diaz (AMTRUNK-10), e Carlos Pedraza Aguilar (AMTRUNK-11).

520O relatório de 1977 faz uma cronologia das prisões em Cuba, constatando-se que nenhum dos três proponentes do Plano Leonardo foram presos, uma vez que não entraram na ilha.

521“The controversial nature of the principal initiators, Tad SZULC, Jorge VOLSKY and MORENO. The AMTRUNK operatives accepted assistance only to accomplish their own purpose”.

522“Szulc was kept fully informed of its activities by MORENO and perhaps others. Szulc direct contact with the White House”.

523Por exemplo, fez uma ampla resenha de “The Bay of Pigs: the leaders’ story of Brigade 2506” (1964) com várias críticas a condução da CIA e mesmo aos exilados ligados a Batista. Ver *NYT* (24 mai. 1964, p. 3).

524Memorando de Alfonso Rodriguez sobre o relacionamento de Tad Szulc e Manuel Ray (7 jul. 1964, p. 2) Disponível em <[https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=112085&search=tad\\_szulc#relPageId=30&tab=page](https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=112085&search=tad_szulc#relPageId=30&tab=page)> Acesso em 10 dez. 2018. “The special friendship and mutual admiration that has existed between Tad

Há diversos relatórios de agentes alarmados após conversas com Tad Szulc e outros membros do Plano Leonardo com questionamentos sobre as ações insubordinadas do jornalista<sup>525</sup>.

Esses documentos secretos da CIA dão conta de uma nova frente de atuação de Tad Szulc nas relações interamericanas. Desde que migrou para Nova York, ele ocupou esteve na interseção dos círculos intelectuais dos Estados Unidos e América Latina, e consolidou-se na posição de intermediador de interesses governamentais e privados norte e latino-americanos como homem de imprensa especializado. A partir dessa posição incorporou-se no combate ao comunismo, seja noticiando ou comentando – através de artigos, livros, reuniões, resenhas de livros – os debates em torno de Cuba e o comunismo na América Latina. Nessa condição, interagiu com os irmãos Kennedy e membros do primeiro escalão da administração democrata.

Já entre 1963 e 1965, Szulc passou a um papel ainda mais ativo: tornou-se uma conexão entre o serviço de inteligência e grupos dissidentes cubanos com os quais a agência não tinha aproximação. Mais do que um simples correio entre os dois polos, ele imprimiu suas próprias perspectivas e interesses nessa relação, o que desagradou profundamente os agentes da CIA. Em vez de um subordinado às regras operacionais e objetivos da instituição, Szulc comportou-se como um parceiro disposto de algum modo a ajudar a agência, mas a especialmente fazer uso como jornalista e especialista em Cuba dessa posição estratégica na rede de informações abarcando Washington, Miami e Havana.

A relação entre Tad Szulc e a CIA não é uma exceção na relação complexa entre imprensa e serviço de inteligência dos Estados Unidos no pós-Guerra. Analisando o tema, Carl Bernstein (1977) calculou mais de quatrocentos jornalistas com relações tácitas ou explícitas de cooperação, acomodação e justaposição de atividades em relação ao trabalho da agência. Para além da questão ética, um vínculo profícuo para ambos os lados porque a posição de observador privilegiado e com fontes seguras tornou o profissional de imprensa importante para os objetivos da CIA, e um elo com a agência permitia um acesso ainda maior a informações relevantes, essenciais ao jornalista. O *NYT*, dado seu tamanho e peso na opinião pública estadunidense, é um locus privilegiado para perceber essas relações. Hoje é público que diversos outros homens de imprensa nos anos 1960 e 1970, além de Szulc, como o *publisher* Cyrus L. Szulzberger e o chefe da correspondência internacional, Harrison E.

---

Szulc, Jorge Volsky and Manuel Ray is not something that is transparent and easily explained. The alliance may be something unholy and Machiavellian”.

525Relatórios de conversas presenciais e telefônicas com Manuel Ray, Szulc, Volsky e outras figuras relacionadas a AMTRUNK, bem como análises dos escritos de Szulc para o *NYT*. Para os documentos da agência referenciando Tad Szulc, ver <<https://www.maryferrell.org/search.html?q=tad%20szulc&types=D&begdate=01/01/1960&enddate=01/01/1967>>

Salisbury, tinham elos estreitos com a agência. Só que as relações de Szulberger e Salisbury foram bem diferentes das que Tad Szulc travou com o serviço de inteligência. O primeiro manteve relações diretas com diretores da instituição até os anos 1960, enquanto diversos agentes estiveram camuflados como jornalistas na publicação. Enquanto isso, o segundo era considerado pelos agentes como uma fonte cooperativa confiável dentro do diário nova-iorquino a ser explorada quando necessário<sup>526</sup>.

Se em comparação com outros jornalistas de primeira linha do *NYT*, Tad Szulc parecia a CIA cada vez mais um elemento arredo e hostil, para o Departamento de Estado e a Casa Branca tornou-se um aliado em meados dos anos 1960. Desde a virada para essa década ele havia publicado inúmeras matérias e três livros críticos à política externa estadunidense (Szulc, 1959, 1962 e 1963), mas, mudou de direção a partir da sua aproximação dos círculos de decisão de Washington e envolvimento nas operações secretas.

Em outubro de 1963 publicou um artigo especial sobre as novas ditaduras latino-americanas. Nas palavras de Szulc, “o número de ditaduras apoiadas pelos militares na América Latina quase dobrou desde a Aliança para o Progresso”. Só que essa ampliação “está mais na natureza de uma reação de retaguarda aos princípios subjacentes da Aliança do que um real descrédito dela”. Uma vez que “as novas juntas respondem essencialmente à profunda mudança política e social que agora envolve a América Latina”<sup>527</sup>. Para o jornalista, os golpes militares na região não eram um fracasso do principal programa de política externa – que tinha entre seus objetivos, é pertinente lembrar, a ampliação da democracia –, mas sim, uma resposta positiva das sociedades a sua proposta de caminhar para o desenvolvimento. Uma avaliação que contradiz frontalmente os argumentos de seus livros e matérias anteriores, além de ir na contramão dos seus anos de engajamento intelectual no meio liberal que lutava contra as ditaduras.

A partir dessa nova posição sobre as ditaduras latino-americanas, Szulc elogiou “a rápida e bem executada expulsão do presidente João Goulart pelo movimento civil e militar, projetada para deter a tendência acelerada do Brasil em direção a uma forma extrema de nacionalismo de esquerda e um caos econômico total”<sup>528</sup>. Boa parte da cobertura que a

---

526 Para um aprofundamento na relação entre a CIA, Szulberger e Salisbury, consultar Matthew Jones (2015, p. 3).

527 “The number of military-backed dictatorships in Latin America has nearly doubled since the Alliance for Progress. [...] is more in the nature of a rear-guard reaction to the underlying principles of the Alliance than an actual discredit to it. The new juntas respond essentially to the profound political and social change now engulfing Latin America” (*NYT*, 6 out. 1963, p. 190).

528 “The rapid and neatly executed ouster of President João Goulart by civilian and military movement, designed to arrest Brazil’s quickening trend toward an extreme form of leftist nationalism and utter economic chaos”. (*NYT*, 5 abr. 1964, p. 4).

imprensa estadunidense realizou do Golpe Civil Militar de 1964 foi na mesma direção. James Green (2009, p. 73) fez um apanhado das notícias publicadas pelos principais jornais dos Estados Unidos nos primeiros momentos do novo regime brasileiro. A revista *Reader's Digest* elogiou o fato do Brasil ter escapado das garras comunistas. Veículos de informações como a *Life*, a *Business Week* e mesmo o jornal *Christian Science Monitor*, comumente mais crítico, não sublinharam qualquer caráter antidemocrático no movimento, e elogiaram a velocidade e pacifismo da “revolução brasileira” depois de alguns excessos iniciais. Apenas em maio o *NYT* tratou timidamente, em um texto do correspondente Juan de Onis e em um editorial não assinado, sobre encarceramento de supostos comunistas<sup>529</sup>. Ainda conforme Green, essa cobertura amplamente benevolente se deveu ao fato de funcionários do governo estadunidense terem conseguido garantir por cerca de três meses que fossem ocultados o envolvimento do país no golpe e outras informações desagradáveis sobre o movimento.

Um ano depois Tad Szulc revelou admiração pelos militares brasileiros no poder a partir do Golpe Civil Militar de 1964 em seu novo livro. Segundo Szulc (1965b, p. 51), o novo presidente do país era:

Um intelectual quieto e autodidata que escalou no exército do zero até marechal, Castelo Branco está empenhado em restaurar o processo democrático. Ele preservou a liberdade da imprensa crítica do Brasil e realizou mais em termos de reformas básicas em um ano do que Goulart, apesar de sua autoproclamada devoção à justiça social, havia feito no dobro desse tempo<sup>530</sup>.

Na leitura de Tad Szulc, o marechal e o círculo de militares que havia feito a “revolução” tinham muitos méritos, um dos mais importantes era ter derrubado os “esquerdistas extremos colocados em posições de poder, quando a quebra de toda a estrutura nacional parecia uma ameaça imediata”<sup>531</sup>. O editorialista do *NYT* afinou-se plenamente à narrativa dos grupos vitoriosos em 1964, considerando a tomada de poder uma revolução para salvar o país da ameaça comunista. Ele aderiu ao que Rodrigo Sá Motta (2000, p. 286) denominou de “segundo surto anticomunista” no Brasil, intensificado entre 1961 e 1964. Esse processo caracterizou-se enquanto uma resposta à Revolução Cubana e questões políticas nacionais. Os discursos anticomunistas dessa época, tiveram como um dos seus alvos centrais a administração de João Goulart. Um momento em que uma miríade de organizações

<sup>529</sup>*NYT* (6 mai. 1964, p. 3; 11 mai. 1964, p. 30).

<sup>530</sup>“A quiet, self-educated intellectual who rose through the army ranks from the private to marshal, Castelo Branco is deeply committed to a restoration of the democratic process. He preserved the freedom of Brazil’s criticism-prone press and accomplished more in terms of basic reforms in one year than Goulart, despite his self-proclaimed devotion to social justice, had done in over twice that time”.

<sup>531</sup>“Extreme leftists were placed in positions of power, and breakdown of the whole national structure seemed immediatly threatening”.



anticomunistas surgiram no país em que, em consonância com os esforços da política externa estadunidense, Jango foi demonizado em discursos políticos e jornalísticos da oposição<sup>532</sup>. Szulc desde 1963 já caminhava para um anticomunismo reacionário, que aventava qualquer possibilidade para que a “ameaça vermelha” fosse derrotada na América Latina. Algo muito distante do seu questionamento – aproximado do “centro vital” de Schlesinger Jr. (1949) – das políticas dos Estados Unidos considerando-as ineficazes e moralmente sujas por fazerem os latino-americanos escolherem entre as ditaduras de direita e de esquerda, duas formas irmãs de totalitarismo.

Ainda tratando da política latino-americana, ele elogiou os presidentes Castelo Branco, do Brasil, e Eduardo Frei Montalva, do Chile, como exemplos de novas lideranças<sup>533</sup>. Chegou até a escrever um artigo, também em 1965, numa importante revista acadêmica atestando os cristãos democratas – força política em expansão sob a liderança de Montalva – como uma das mais importantes do cenário político do continente, à frente do comunismo e do socialismo<sup>534</sup>. Szulc deu relevo a um perfil de políticos latino-americanos conservadores e abertos a iniciativas econômicas e políticas dos Estados Unidos. Na década seguinte soube-se que esses dois presidentes chegaram ao poder com relevante decisivo apoio estadunidense, o primeiro através de uma campanha de desestabilização de João Goulart e apoio logístico e militar ao golpe<sup>535</sup>, o segundo recebendo investimento financeiro massivo da CIA na sua campanha<sup>536</sup>. Todavia, em meados da década anterior, Szulc (1965b, p. 59) considerou que “o que essa nova safra de líderes está dando à sua nação e à América Latina como um todo é um senso de estabilidade política que deriva do progresso econômico e social. Essa é a melhor medida preventiva contra revoluções extremistas”<sup>537</sup>. O enfoque do intelectual era agora encarar a estabilidade política como chave para que novos movimentos revolucionários –

---

532Para uma aprofundamento no discurso anticomunista brasileiro, e sua relação carnal com o seu par estadunidense as vésperas do Golpe Civil-Militar de 1964, consultar Sá Motta (2000, p. 303) e Carla Rodeghero (2007, p. 88).

533O brasileiro chegou ao poder por golpe em 1964, já o Belaunde Terry e Frei Montalva através de eleições presidenciais, respectivamente, em 1963 e 1964.

534Na prestigiosa *American Academy of Political and Social Science*, publicação acadêmica em circulação desde 1889. Ver Szulc (1965c, p. 100). Em suas palavras: “If we were to list communism, socialism and Christian Democracy in the order of their present political importance in Latin America. I would not hesitate to name the Christian Democrats first”.

535A partir do financiamento de oposições e ofensiva diplomática – incluindo o embaixador Lincoln Gordon – até o apoio militar na conhecida Operação Brother Sam. Sobre a intervenção dos Estados Unidos no Brasil em meados dos anos 1960, ver Carlos Fico (2008, p. 67).

536Conforme despachos consulares do Departamento de Estado dos anos 1960 desclassificados em 2004. Ver a síntese e os documentos referentes ao caso no acervo The National Security Archive em <<https://nsarchive2.gwu.edu/news/20040925/index.htm>> Acesso em 10 dez. 2018.

537“‘What this new breed of leaders are giving their nation and Latin America as a whole in a sense of political stability that stems from economic and social progress, This is the best countermeasure against extremist revolutions”.

como o que ocorreu em Cuba – não assolassem o continente americano. Para ele, líderes pró-Estados Unidos, boa parte deles conservadores e militares, seriam capazes de garantir essa solidez política necessária para que o comunismo não se infiltrasse na América Latina.

Outros intelectuais liberais não aderiram a esse apoio público da política estadunidense a “ditadores amistosos”. Arthur Schlesinger Jr. (1979, pos. 1629) foi um dos que à época considerou as mudanças como “uma declaração de agressão contra os Kennedy” e logo solicitou sua demissão do seu posto no governo<sup>538</sup>. No entanto, foi um dos únicos; Goodwin, Gordon, Rostow e outros permaneceram trabalhando ao lado de Lyndon Johnson<sup>539</sup>. Logo após a troca de presidentes democratas, uma crítica à política externa estadunidense em relação às ditaduras ainda estava começando a ganhar corpo no meio intelectual estadunidense, especialmente entre universitários. Posições críticas no congresso, como as denúncias dos senadores William Fulbright e Wayne Morse ao AI-5 e à invasão a República Dominicana ainda eram minoritárias<sup>540</sup>.

A estabilidade se tornou uma palavra-chave na a política externa para a América Latina na segunda metade dos anos 1960 e Tad Szulc passou a apoiar iniciativas aproximadas das que era crítico até alguns anos antes. Um mês após a morte de Kennedy, Tad Szulc assinou uma matéria especial informando os leitores que: “a expectativa é que o senhor Mann vá coordenar as atividades de várias agências governamentais que no passado comumente tendiam a tocar suas próprias políticas”. Dessa forma, “a urgente necessidade de revisão de todos os procedimentos políticos pode ser melhor executada, e as operações da Aliança podem ser simplificadas para caber nas novas realidades da América Latina, e uma maior perspectiva e eficiência podem ser aplicadas a problemas especiais como Cuba”<sup>541</sup>. O jornalista noticiou a indicação de Thomas Mann e os novos planos como uma inovação positiva na política externa da região.

Poucos mais de um ano depois, as atenções dos burocratas de Washington e a opinião

---

538Apesar dessa declaração, foi um intelectual que apoiou as iniciativas secretas da CIA na América Latina. Para uma análise específica da atuação intelectual de Arthur Schlesinger Jr. durante a Guerra Fria, ver Michael Wreszin (1984, p. 255).

539Essa associação entre altos círculos governamentais e intelectuais, como bem analisa Cecília Azevedo (2009, p. 473) foi uma tônica nos anos 1960, mas não era inédita. Pelo menos desde a Segunda Guerra, intelectuais já atuavam na Casa Branca em departamentos de informação embrionários da CIA. Só com a escalada da Guerra do Vietnã é que vieram os protestos massivos contra centros de estudos universitários ligados ao Pentágono e a agência de inteligência.

540Para um aprofundamento no início da oposição as ditaduras militares latino-americanas e a política externa de endosso a elas nos Estados Unidos dos anos 1960, ver James Green (2009, p. 96).

541“*The expectation is that Mr. Mann will coordinate the activities of the many government agencies that in the past often tended to push their own policies. [...] the urgently needed review of all the policy procedures can be better executed, the operations of the Alliance can be streamlined to fit into the new realities of Latin America, and a greater perspective and efficiency can be applied to special problems such as Cuba*” (*NYT*, 22 dez. 1963 p. 3).

pública migravam para o Vietnã e a Aliança para o Progresso caminhava para a irrelevância, sem atingir as metas cruciais apontadas por Kennedy. Além de não conseguir levar efetivamente amplo crescimento econômico, progresso social, valores democráticos, ela jazia sobre um rastro de novas juntas militares no comando de importantes países da América Latina<sup>542</sup>. Mesmo diante desse contexto de decadência, Szulc propagandeou no diário nova-iorquino que “a Aliança para o Progresso começou a tomar seu rumo depois de três anos de planejamento e experimentação. [...] Adquiriu um maquinário eficiente e, acima de tudo, está mostrando resultados tangíveis”<sup>543</sup>. O único resultado verdadeiramente palpável da política externa dos Estados Unidos para a região naquele ano foi o desembarque de tropas em Santo Domingo em nome da defesa do continente americano contra a ameaça do comunismo<sup>544</sup>.

Os militares estadunidenses – com apoio das forças armadas brasileiras – desembarcaram na República Dominicana para intervir com mais de 40 mil soldados contra as forças rebeldes que tentavam reinstalar o presidente eleito Juan Bosch. Esse último havia sido retirado do poder em setembro de 1963, seis meses depois de eleito, por um golpe militar<sup>545</sup>. Grupos chamados de “constitucionalistas” enfrentavam as forças leais ao presidente que assumiu o poder depois do golpe, Donald Reid Cabral. Foi ele quem solicitou a intervenção dos Estados Unidos, que permaneceu mais de um ano no país e garantiu a realização de eleições presidenciais<sup>546</sup>. Elas deram vitória a Joaquín Balaguer, um candidato – como Szulc (1965b, p. 146) reconheceu – autoritário e impopular, político favorável aos interesses estadunidenses que dominou a vida política dominicana até os anos 1980<sup>547</sup>.

Depois que os fuzileiros estadunidenses desembarcaram nas praias dominicanas, Tad Szulc viajou ao país e fez a cobertura dos eventos para o *NYT* entre abril e maio de 1965. A partir desse trabalho, publicou logo a seguir um livro – *Dominican Diary* (1965a) – em forma de diário de campo sobre a guerra civil e intervenção dos Estados Unidos. Detalhou as cinco semanas, dia por dia, da rotina de correspondente internacional e as batalhas, bem como as conversas com rebeldes, burocratas, generais, diplomatas de vários países. No fim, deixou claro sua opinião pessoal sobre os acontecimentos que havia narrado. Para Szulc (1965a, p.

542Uma avaliação negativa dos resultados da Aliança que é consensual em análises historiográficas recentes sobre o programa. Ver Jeffrey Taffet (2007, p. 65) e Henrique Alonso Pereira (2015, p. 90).

543“The Alliance for Progress has begun to hit its stride after three years of planning and experimentation. [...] It has acquired an efficient machinery and, above all, its is showing tangible results” (*NYT*, 22 jan. 1965, p. 72).

544Oficialmente o motivo inicial da intervenção era a proteção à vida dos cidadãos estadunidenses em meio à guerra civil dominicana, mas foi patente – inclusive à época – que tratava-se de uma incursão de cunho anticomunista.

545Para um exame historiográfico da intervenção estadunidense consultar Alan McPherson (2016, p. 153).

546Conforme a cronologia explicativa dos embates entre forças “constitucionalistas” e “lealistas” - essas com apoio dos militares estadunidenses e brasileiros – até o desfecho da intervenção e das eleições no ano seguinte, disponível em Gregorio Selser (2010, p. 372).

547Ele teve três mandatos presidenciais entre 1965 e 1980.

297), “o episódio dominicano como um todo, da forma como foi administrado pelo governo Johnson, foi mais longe do que qualquer outra coisa nos últimos anos para retroceder o prestígio estadunidense no hemisfério ocidental”<sup>548</sup>. A invasão propiciou os primeiros grandes movimentos de universitários e intelectuais estadunidenses contra a política externa de Lyndon Johnson<sup>549</sup> e também foi um elemento que reforçou o antiamericanismo na América Latina, reiterando a percepção de que por trás da retórica da *foreign aid* havia a possibilidade de ação militar direta<sup>550</sup>. Tad Szulc fez coro com a voz dos intelectuais estadunidenses e latino-americanos que se opunham à ação. Consideravam-na como um retrocesso às intervenções militares no continente americano que haviam sido abandonadas desde a Política de Boa Vizinhança de Franklin Roosevelt nos anos 1930.

No mesmo ano de 1965, ele continuou sua trajetória, iniciada dois anos antes, de apoio às políticas de Johnson para a América Latina e criticou a principal ação dessa administração no continente. O comportamento idiossincrático do jornalista só é passível de entendimento levando em conta sua desilusão no final do seu período de atuação na região. Ao longo de 1965, o Plano Leonardo com o qual estava envolvido junto de Jorge Volsky e Nestor Moreno deu clara mostra que não obteria sucesso. Os serviços de inteligência de Cuba conseguiram prender os infiltrados pela CIA no país, bem como os militares recrutados dentro da própria ilha. A operação AMTRUNK foi fechada sob a desconfiança que agentes cubanos estivessem plenamente informados, ou mesmo que o plano todo fosse uma ação política promovida diretamente por Cuba – uma vez que havia sido apresentado à agência por terceiros<sup>551</sup>. Outros figuras importantes entre os dissidentes também já se distanciavam da ação direta contra o regime de Castro. O grande amigo e intelectual admirado por Szulc, Manuel Ray e outros dissidentes cubanos de corte liberal foram presos nas Bahamas em 1965, sua base de investidas contra o Cuba. Depois disso, Ray manteve-se a par das atividades dos grupos de exilados, mas migrou para Porto Rico e retomou sua carreira de engenheiro<sup>552</sup>.

O movimento anticomunista com o qual Szulc colaborava se desfazia, e o tema central da sua atuação jornalística também estava perdendo espaço. Contrariando o otimismo propagandista do jornalista, a nova administração democrata não tinha a América Latina como

---

548“The entire Dominican episode, as it was stage-managed by the Johnson Administration, has gone further than anything else in recent years to set back U.S. prestige in the Western Hemisphere”.

549Foi criado o Comitê Universitário sobre a República Dominicana e lançada a “Carta de especialistas em América Latina ao presidente Johnson sobre a República Dominicana”. Ver James Green (2009, p. 104).

550Ver a análise das transformações do antiamericanismo latino-americano ante a ação na República Dominicana de McPherson (2003, p. 131).

551Relatório da CIA sobre a operação AMTRUNK (14 fev. 1977, p. 2).

552Conforme os depoimentos coletados de comissão da Câmara sobre o movimentos dissidentes cubanos de 1979. Disponível em <[https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=1212&search=manuel\\_ray#relPageId=1&tab=page](https://www.maryferrell.org/showDoc.html?docId=1212&search=manuel_ray#relPageId=1&tab=page)> Acesso em 10 dez. 2018.

uma das prioridades. Novas ditaduras militares chegavam ao poder e a Aliança para o Progresso não apresentava os brilhantes resultados esperados. A região passava a ser um assunto menor na cobertura da imprensa ante a ascensão do noticiário sobre a atuação estadunidense no Sudeste Asiático. O volume de notícias acompanhou o crescimento do número de soldados enviado ao Vietnã a partir de 1964.

Nesse cenário, Tad Szulc aceitou um cargo disponível a partir da política de troca sistemática de correspondentes implementada desde a reestruturação do *NYT* da década anterior. Ele assumiu a chefia da correspondência do diário nova-iorquino na Península Ibérica, transitando entre Portugal e Espanha até 1968. Apesar de longe dos postos latino-americanos, Szulc seguiu sendo considerado um especialista na política, economia e sociedade da região. No ano seguinte, os republicanos chegaram novamente à Casa Branca a partir da eleição de Richard Nixon. A nova administração enviou Nelson Rockefeller para um giro pela América Latina e produção de um relatório. Tad Szulc foi o responsável por escrever a introdução desse texto guia para as políticas dos Estados Unidos direcionadas para o mundo abaixo da fronteira do Texas.

Segundo Szulc (1969, p. VI), o “o documento prova que a situação na América Latina é pior e mais perigosa no final dos anos 1960 do que era no começo da década”, uma vez que “o hemisfério está de novo em meio a violentas convulsões políticas, econômicas e sociais que, segundo ele [Rockefeller], causam ‘mais Castros’ na América Latina”<sup>553</sup>. A conclusão do correspondente foi que a análise do gabaritado governador estava correta e o país deveria seguir apoiando as iniciativas privadas e atuando pela estabilidade política do continente. Em outras palavras, ele apontou que era preciso continuar apoiando os regimes militares latino-americanos e manter o enfoque no lucro das grandes empresas estadunidenses na região. A justificativa apontada por Nelson Rockefeller – e endossada por Tad Szulc – para isso, fez soar mais um vez as cordas do anticomunismo. Para eles, os cidadãos dos Estados Unidos tinham de estar atentos porque o espectro vermelho do comunismo continuava a rondar a América Latina.

---

<sup>553</sup>“the document proof that the situation in Latin America is worse and more dangerous at the close of the 1960’s that it was at the beginning of the decade. [...] The hemisphere is again in the throes of violent political, economic, and social convulsions which, he tells us, threaten “more Castros” in Latin America”.

## CONCLUSÃO

Quando em maio de 1958, o séquito do vice-presidente Richard Nixon fugia de uma multidão que o atacava com paus e pedras na Venezuela, a autoridade recebeu uma mensagem de apoio inesperada. O correspondente internacional do *The New York Times*, Tad Szulc, correu a plenos pulmões ao lado do automóvel que levava Nixon e gritou: “*Good going, Mr. Vice-President, good going!*”<sup>554</sup>. Depois de conseguir escapar dos ataques, Richard Nixon voltou a Washington. Lá afirmou que as agressões dos estudantes e populares venezuelanos foram uma orquestração comunista para ferir moralmente e politicamente os Estados Unidos. Nas páginas do diário nova-iorquino, Szulc discordou frontalmente dessa perspectiva apontando que mais do que sabotadores comunistas, existia por trás dos atos uma série de questões políticas e econômicas que evidenciavam o descontentamento latino-americano com o “Colosso do Norte”. Dois anos depois, as reportagens de Tad Szulc sobre uma ameaça vermelha espalhada pela América Latina – notadamente no Nordeste brasileiro – municiam os ataques da campanha de John F. Kennedy na semana final da acirrada disputa contra o candidato republicano Richard Nixon. O jovem senador foi eleito, dando início a oito anos de domínio do Partido Democrata na Casa Branca.

Em 1969, o próprio Nixon foi o candidato presidencial vitorioso que trouxe o Partido Republicano de volta ao comando do poder executivo estadunidense. Este enviou Nelson Rockefeller, figura proeminente nas relações interamericanas, para um giro na América Latina e produção de um relatório para guiar sua política externa. Na introdução deste documento, Szulc apoiou as iniciativas defendidas pelos republicanos: o endosso a governos estáveis e anticomunistas – as ditaduras militares que varriam o continente – e o enfoque nos negócios privados dos Estados Unidos na região. Depois, o mesmo jornalista criticou em jornais e revistas as políticas estadunidenses sob direção de Nixon e teve seu telefone grampeado, foi monitorado pelos serviços de inteligência do país<sup>555</sup>.

Essa quase anedótica síntese das aproximações e distanciamento entre Tad Szulc e Richard Nixon ao longo dos anos 1950 e 1970 serve de exemplo para ilustrar a complexa relação entre intelectualidade da imprensa, poder político e relações interamericanas em tempos de Guerra Fria. Uma das conclusões desta pesquisa ao examinar os escritos e ações de

---

<sup>554</sup>Em português, algo como: “Está indo bem, senhor vice-presidente, está indo bem!”. Episódio conforme a biografia de Richard Nixon de Stephen Ambrose (2014, pos. 1189) e baseado em relato do próprio político à época. Ele foi negado por Szulc anos depois, quando o escândalo de Watergate já havia propiciado a saída de Nixon da Casa Branca e o jornalista já havia publicado amplo material crítico ao político republicano.

<sup>555</sup>Tad Szulc lançou *The illusion of peace: foreign policy in Nixon years* em 1978. A obra reuniu suas críticas a condução política do presidente publicadas na imprensa ao longo de quase uma década.

Szulc é que o papel da correspondência internacional dos Estados Unidos nessa conjuntura não pode ser reduzido às proposições em que a historiografia identificou anteriormente. Efetivamente os jornalistas não podem ser percebidos só como tentáculos informacionais da Casa Branca e Departamento de Estado, ou mesmo, da CIA. Eles não são apenas braços letrados para a ação das grandes corporações ou do Pentágono e outras faces do *establishment*. Sua função primordial é relatar e interpretar acontecimentos de outros países para os leitores, só que sua atuação vai além. Correspondentes internacionais como Tad Szulc, tornaram inteligíveis e significativas para o grande público as políticas externas para a América Latina, realizando uma avaliação que pendulou entre o endosso e a crítica. Eles defenderam iniciativas latino-americanas para o universo amplo de leitores de jornais e os círculos fechados de poder dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, interpretaram para esses grupos a produção acadêmica e literária estadunidense e latino-americana sobre a América Latina. De fato, Szulc foi um intelectual mediador que desempenhou simultaneamente todos esses papéis entre 1955 e 1965.

Nessa década, o jornalista publicou cinco livros e milhares de matérias jornalísticas abrangendo uma ampla gama de temáticas: política, guerra, turismo, história, economia, urbanização, relações internacionais, industrialização, arte, etc. Ele viajou por praticamente todos os países do continente e manteve diálogo com políticos, militares, intelectuais, revolucionários, populares e burocratas de diversos lugares e escalões. Entender e examinar suas posições em temas, espaços e contextos distintos exigiu um amplo esforço de reunir e cruzar escritos jornalísticos e intelectuais – livros acadêmicos, memórias e periódicos de países variados – com documentos oficiais – despachos diplomáticos, relatórios de operações secretas, NSC e outros. Ao mesmo tempo, lidar com uma extensa bibliografia específica das temáticas variadas abordadas nessas fontes históricas. A partir delas, Szulc foi examinado como índice para debates intelectuais e políticos das relações interamericanas depois da Segunda Guerra. Szulc foi um sujeito inserido em múltiplas redes sociais e deslocou-se em diferentes níveis e direções dentro delas. Seus escritos e suas ações foram analisados nesta pesquisa como a oportunidade de ler esses mundos intelectuais e políticos através dos seus olhos – e em direção contrária –, decifrar esse intelectual nômade pelas lentes dessas malhas sociais.

O universo em que ele circulou foi o que Richard Haass (2019) denominou de conto de duas ordens, o sistema mundial do pós-Guerra formado por dois arranjos paralelos: a

Guerra Fria e uma ordem liberal sob égide estadunidense<sup>556</sup>. Tad Szulc atuou na interseção desses dois mundos, seus esforços intelectuais e ações foram de compreensão, crítica e promoção dos Estados Unidos nos dois campos. Entre os anos 1950 e 1960, seus escritos e ações enquadraram o continente americano no cruzamento das questões do conflito bipolar e do funcionamento desse novo cenário político e econômico. Nesse sentido, Szulc foi um dos intelectuais liberais que se ocuparam em discutir e agir – com textos e ações junto a estruturas governamentais, esforços políticos, etc. – em relação ao papel que os Estados Unidos ocupavam no mundo desde a Segunda Guerra.

A posição Tad Szulc sobre o país, se avaliada nos termos de experimento e destino propostos pelo seu colega Arthur Schlesinger Jr. (1986, p. 3), evidencia a primeira opção<sup>557</sup>. O conselho intelectual de Szulc para a filha jornalista foi empirista, apontou a necessidade de se conhecer ciência política, história e economia para entender o mundo. Formado nos bancos escolares suíços e brasileiros, em nenhum momento Szulc se aproximou da concepção de benção divina sobre os Estados Unidos, ou da visão da cidade sobre a colina. Isso mesmo quando exortou o modelo estadunidense como o ideal a ser seguido pelos latino-americanos, como em *Twilight of the Tyrants* (1959). Sua perspectiva era secular e pragmática, o país era privilegiado por ter se constituído historicamente como a maior potência política, econômica, e militar do planeta. O bem sucedido experimento americano tinha de seguir guiando-se pela razão e defesa da liberdade, usando seus instrumentos técnicos, políticos, bélicos e comerciais para triunfar sobre os desafios do mundo do pós-Guerra<sup>558</sup>. Isso só seria possível, ainda segundo Szulc, se os estadunidenses mantivessem um olhar minucioso e pronta disposição de intervir no mundo. Assim como Walt W. Rostow, George Kennan e tantos outros intelectuais, o jornalista propunha os Estados Unidos como principal agente do sistema internacional<sup>559</sup>.

O correspondente se aproximou do internacionalismo liberal, um campo relevante no cenário político e intelectual do país pelo menos desde as primeiras décadas do século XX e que se transformou historicamente ao longo do tempo. John Ikenberry (2009, p. 71) defende

556 Há diversas formas de denominar essas duas questões interligadas – a Guerra Fria e a formação de um novo sistema internacional – que caracterizaram o mundo depois da Segunda Guerra. Em alguns capítulos do trabalho utilizou-se a designação de conflito bipolar e construção da ordem, já outros autores, como John Ikenberry (2001, p. 163), denominam de “dois grandes ajustes” ou “arranjos”.

557 A proposta do historiador que abre suas análises sobre os ciclos da história estadunidense. Ele reflete sobre como o país se percebeu a partir de uma tradição pragmática, herdada dos pais fundadores, e de um contra-tradição excepcionalista – construída historicamente desde a independência até o presente.

558 A ideia dos Estados Unidos, como uma grande nação sob teste é, segundo Schlesinger Jr. (1986, p. 15), um elemento em comum entre as perspectivas pragmáticas e excepcionalistas de encarar o país e seu papel entre as nações.

559 Tradicionalmente se identificou os Estados Unidos numa posição isolacionista até a virada para o século XX ou a Segunda Guerra. No entanto, há pesquisadores, a exemplo de Walter Mead (2001, p. 12), que apontam esse viés como um mito e sublinham a importância da condução da política estadunidense para o exterior desde a independência.



três versões do internacionalismo liberal estadunidense: o de Woodrow Wilson e outros intelectuais da Primeira Guerra Mundial; o dos envolvidos no esforço da Segunda Guerra e conflito bipolar; e o em formação com a nova ordem mundial pós-Guerra Fria<sup>560</sup>. Discutiu-se nesta pesquisa, notadamente a partir das Quatro Liberdades (1941) de Franklin Roosevelt, como Tad Szulc estava afinado a segunda versão do internacionalismo liberal. Ela defendia um papel ativo do país no globo, na dianteira ao mesmo tempo do combate da Guerra Fria e da formação de uma nova ordem mundial. Esse “internacionalismo liberal 2.0”, era mais preocupado com a balança de poder e a atuação em um sistema de regulação multilateral da economia e segurança global do que o internacionalismo liberal wilsoniano<sup>561</sup>.

O vínculo estreito de seus escritos com as teses defendidas no *Vital Center* (1949) de Arthur Schlesinger Jr., sublinhado ao longo do trabalho, evidencia a aproximação de Szulc dessa perspectiva remodelada de internacionalismo liberal do pós-Guerra. Um cenário em que dois tipos de questões sobre segurança se tornaram proeminentes na política internacional e no debate intelectual liberal. Uma delas é a segurança social, na esteira da experiência estadunidense com a Depressão dos anos 1920 e 1930 e a “redescoberta da pobreza” no mundo depois da Segunda Guerra. Outra é a segurança nacional, o que englobava a defesa militar – questão de ordem durante a Guerra Fria –, e também aspectos econômicos e políticos da atuação dos Estados Unidos pela garantia de funcionamento do sistema internacional. O país, além de liderar sua ampla zona de influência, participava ativamente de órgãos internacionais como a ONU e OEA, um engajamento inédito com múltiplos países do globo<sup>562</sup>. De fato, os escritos e ações de Szulc cruzaram essas duas grandes temáticas dentro do hemisfério. Ele ocupou-se do enfrentamento da Guerra Fria e o bom funcionamento de uma ordem liberal na América, não apenas do ponto de vista do lucro e vantagens estratégicas para os Estados Unidos, mas também da crença genuína que essa era uma forma de formatar uma ordem estável, capitalista e liberal que beneficiaria todo o continente.

Os textos de Szulc partiam da perspectiva que uma América Latina com liberdade de pensamento e opinião, política e imprensa liberal, níveis educacionais e sociais melhores

---

<sup>560</sup>O autor denomina de três versões do liberalismo internacional: 1.0; 2.0 e 3.0. Nesses termos, a pesquisa tratou da versão 2.0, que corresponde ao sistema internacional liderado e promovido pelos Estados Unidos a partir da Segunda Guerra.

<sup>561</sup>Em síntese, defendia uma participação universal – independente da localização e caráter dos regimes – definida em termos de soberania nacional e da não-intervenção como chaves para a paz e bom funcionamento do sistema internacional. Assim como o liberalismo internacional do pós-Guerra, defendia o livre comércio e segurança coletiva, mas não havia uma hierarquia rígida dos países. O liberalismo internacional wilsoniano defendia leis e normas internacionais reforçadas pela persuasão moral e a pressão da opinião pública. Ver os autores citados a seguir.

<sup>562</sup>Conforme Ikenberry (2009, p. 76), esses são os aspectos da atuação estadunidense característicos do liberalismo 2.0 durante a Guerra Fria.

proporcionariam progresso, e que esse avanço podia – e devia – ser auxiliado pelos Estados Unidos. Sua concepção sobre o papel do país no continente americano comungava de algumas posições idealistas, mas norteava-se por concepções pragmáticas<sup>563</sup>. Por um lado considerava a experiência estadunidense ápice e exemplo da democracia liberal que deveria ser espalhada pela região. Todavia, encarava a aplicação disso em termos de equilíbrio de poder, estreitamento de laços econômicos, pressão diplomática, militar, etc. para alcançar os objetivos de vencer a Guerra Fria e garantir o controle do continente.

Ao longo dos capítulos, foi evidenciado que quanto mais Tad Szulc atuou junto ao círculo de decisões da Casa Branca, Departamento de Estado e CIA, mais ele afastou-se da defesa da causa liberal no continente acima de questões imediatas do conflito bipolar. Nos últimos anos de cobertura sobre a América Latina, ele assumiu um anticomunismo ferrenho e apoio aos grandes negócios privados que contradiz os primeiros de sua carreira. Essa mudança de posição pode ser vista em paralelo com a de outros intelectuais liberais estadunidenses que, a grosso modo, guinaram à direita. Um dos casos foi o de Walter Lippmann, defensor do internacionalismo liberal desde a formulação da proposta de Woodrow Wilson para a criação da Liga das Nações no fim da Primeira Guerra. Ao longo das décadas mudou de posição até ser identificado, no fim da vida como um bastião conservador<sup>564</sup>. Durante a Guerra Fria foi um crítico da contenção – como visto, um elemento central para atuação de liberais como Tad Szulc e Arthur Schlesinger Jr.

Um dos elos entre as trajetórias desses dois intelectuais foi o que Michael Wreszin (1984, p. 255) sintetizou como um abandono da função crítica intelectual e adesão, ou pelo menos, anuência com métodos antidemocráticos que violaram liberdades civis e encorajavam um clima de medo e conformismo<sup>565</sup>. Assim como Schlesinger Jr., Szulc também arrefeceu o ardor com o qual defendia bandeiras liberais e passou a ler o mundo e agir cada vez mais aproximado com o anticomunismo e pragmatismo que norteava as decisões da Casa Branca, CIA e Departamento de Estado. Uma hipótese de simples cooptação desses liberais pelos mandatos presidenciais de Kennedy e Johnson, os reduz a serviçais do poder. Levando em

---

563Nos termos de Henry Kissinger (2012, pos. 189) ao analisar a política externa estadunidense a partir dos debates e embates entre Woodrow Wilson e Theodore Roosevelt. Ele defende que desde a virada do século há convivência de convicções morais ideologicamente orientadas – sobre o Estados Unidos como farol e promotor da democracia no globo – e condução pragmática na política externa do país.

564Pesquisadores recentes evidenciam múltiplas posições na longa e profícua trajetória intelectual de Lippmann, entre elas: progressista, liberal, conversador e neoliberal. Trabalhos de história intelectual e do pensamento econômico – como os de Eric Schmidt (2016, p. 11) e Craufurd Goodwin (2014, p. 2) – utilizam designações que abarcam suas mudanças de rota como a de “economista público” e “intelectual em busca de um liberalismo sustentável”.

565Ao analisar a trajetória de Arthur Schlesinger Jr. em meio a outros liberais que guinaram de posição a partir das sua aproximação com os círculos de poder estadunidenses.

conta da complexidade do papel dos intelectuais, é mais acertado falar em um alinhamento momentâneo com discursos e perspectivas das instâncias de poder. Isso porque, como visto ao longo da pesquisa, seus escritos e ações – variando entre o endosso, a condenação e articulação – evidenciam mais parceria do que subserviência. Além disso, Schlesinger Jr. e Szulc continuaram ao longo da carreira – especialmente no período logo após se desvincularem desses círculos políticos e militares ainda na década de 1960 – a exercer a função crítica de analistas da política estadunidense. Schlesinger Jr. seguiu como um dos mais destacados intelectuais dos Estados Unidos, circulando entre a academia, política e imprensa. Como analisado no capítulo 1, Szulc continuou produzindo um jornalismo investigativo de denúncia da condução política e militar estadunidense do final dos anos 1960 até a década de 1980.

O amplo esforço de examinar os múltiplos papéis de Szulc enquanto intelectual mediador foi guiado nesta pesquisa por duas questões específicas e correlatas: qual a atuação de Tad Szulc para a política externa dos Estados Unidos? Quais suas interpretações e ações para a América Latina no contexto do pós-Guerra? As repostas para esses questionamentos foram expressas ao longo de quatro capítulos.

Inicialmente se inquiriu a trajetória de Szulc por meio de um panorama dos mundos intelectuais, políticos, jornalísticos nos quais ele se inseriu. Foi sublinhada a importância das migrações – entre Europa, Brasil e Estados Unidos – para sua formação profissional e intelectual. Além disso, as intrincadas e volúveis relações pessoais e institucionais de Tad Szulc, notadamente com o *NYT*, a Casa Branca e a CIA, mas também, com governos, veículos de imprensa, empresas norte e latino-americanas.

O jornalista foi além das visões da América Latina pobre, incivilizada e de natureza superlativa que circulavam nos Estados Unidos desde o século XIX. Na esteira de uma onda de viajantes estadunidenses – jornalistas, cientistas, comerciantes, diplomatas, etc. – formulou a imagem de uma região de ampla diversidade social, política e cultural. A partir de proposições como modernidade, progresso e desenvolvimento avaliou uma América Latina de rincões agrícolas, mas também, de modernos centros urbanos. Dialogou com proposições sobre economia, sociedade e política que circulavam então na América Latina e os Estados Unidos, nas comissões da ONU, como a CEPAL, e nas discussões liberais inseridas no legado do *New Deal* após o fim da Segunda Guerra.

Entre 1955 e 1960, Tad Szulc construiu em textos e fotografias uma América Latina que caminhava a passos largos para o desenvolvimento. Por um lado, propagandeou iniciativas estatais latino-americanas – notadamente do Brasil de Juscelino Kubitschek e o

Chile de Carlos Ibáñez del Campo – de construção de estradas, cidades e campos agrícolas, de petróleo, etc. A partir da ideia de *wilderness*, apresentou a América Latina vencendo os obstáculos naturais com máquinas e trabalho para se tornar desenvolvida. O jornalista fez parte do conjunto de esforços desses países de projeção de uma imagem favorável de modernidade no exterior, algo que envolveu políticos, empresários e jornalistas dos dois lados do Rio Grande.

Szulc contribuiu para dar publicidade a iniciativas da política externa dos Estados Unidos de promoção de apoio científico, tecnológico e financeiro a países da região, como o Ponto Quatro, expressas em diretrizes oficiais do Conselho de Segurança Nacional. Szulc foi um propagador de iniciativas semelhantes de empresas privadas estadunidenses, baseadas na concepção de que o contato com os Estados Unidos – encarado como ápice da prosperidade e modernidade – faria a região progredir. O correspondente também congregou interesses de grupos privados dos setores de turismo e transportes, revisitando a ideia de uma *wilderness* latino-americana como espaço de deleite para os viajantes estadunidenses.

Tad Szulc produziu uma interpretação do passado e presente latino-americanos vinculada ao combate intelectual do liberalismo estadunidense ao totalitarismo nos anos 1950. Um viés crítico tanto das ditaduras de direita e quanto do comunismo, a partir de uma perspectiva de contenção da “ameaça vermelha” sobre o globo. No caso da América Latina, o jornalista condenou regimes chefiados por Getúlio Vargas, Juan Perón, Rafael Trujillo e outros líderes que denominou de “tiranos” ou “ditadores”. Em matérias jornalísticas e livros considerou esses políticos como ultranacionalistas, corruptos, repressores, imorais e populistas. Em aproximação com as oposições ao varguismo e o peronismo, Szulc avaliou diversos líderes da região como encarnações tropicais do nazismo e fascismo.

A partir desse mesmo viés liberal, ele criticou a política externa dos Estados Unidos. Segundo Tad Szulc, o país tanto apoiava “ditadores” amistosos em nome da Guerra Fria quanto era completamente desatento aos graves problemas sociais e econômicos da América Latina. Nesse sentido, o correspondente assumiu uma posição de ataque às iniciativas para a região da administração republicana comandada por Dwight D. Eisenhower. Um posicionamento que ganhou força na imprensa e meio intelectual estadunidense após os ataques ao vice-presidente Nixon em 1958, e a Revolução Cubana no início do ano seguinte. Szulc endossou e dialogou com posições contrárias às políticas do Partido Republicano expressas pelos democratas e a intelectualidade liberal, bem como, com a crítica latino-americana ao reduzido interesse estadunidense da região no pós-Guerra.

Até a virada para os anos 1960, Tad Szulc defendeu que o comunismo era uma ameaça menor na América Latina ante a questão do que denominou de “nacionalismo radical” – irradiador de uma perspectiva antiamericana em termos políticos e econômicos. Com esse rótulo, classificou movimentos e políticos variados, como a atuação política de João Goulart e o movimento de nacionalização do petróleo no Brasil e na Argentina. Nesse contexto, junto de vários outros intelectuais liberais estadunidenses dentro e fora da imprensa, louvou a Revolução Cubana como um vento de liberdade e reforma social no continente.

Pouco depois, ingressou para as fileiras de combate intelectual da Guerra Fria, fazendo ataque cerrado em jornais e livros ao movimento cubano e a “ameaça vermelha” espalhada por diversos pontos da região, como nas periferias de Santiago e na Guiana. Ele foi então consonante com os diagnósticos da teoria da modernização – carro-chefe das políticas de John F. Kennedy na América Latina – de que a pobreza, o desemprego, a falta de educação, saúde, etc. eram um solo fértil para levantes como o ocorrido em Cuba. Nessa direção, o jornalista se apropriou do conceito de revolução social para discutir os problemas demográficos, econômicos, educacionais, políticos e de infraestrutura infraestruturais dos países abaixo da fronteira do Texas.

Apesar de utilizar os mesmos paradigmas dos intelectuais ligados à administração de Kennedy, Szulc foi um crítico de suas principais ações para a região, incluindo a Aliança para o Progresso e a invasão da Baía dos Porcos. Sobre a primeira engrossou as fileiras dos norte e latino-americanos que criticaram o fraco desempenho do programa depois da euforia inicial do seu lançamento. Já sobre a segunda, atraiu a atenção dos agentes e escutas da CIA ao atacar frontalmente a condução dela na derrota dos contrarrevolucionários em *Playa Girón*. Nessa época, aproximou-se da comunidade de exilados cubanos em Miami, suas fontes para o livro a matéria, censura pelo próprio *NYT*, que descortinava a iminente invasão a Cuba. Entre os grupos cubanos, aproximou-se de uma ala progressista sob influência de Manuel Ray que apoiava a Revolução Cubana até o estreitamento de laços do novo regime com a União Soviética. No mesmo passo, angariou simpatia dos intelectuais do círculo de decisões ao redor de John F. Kennedy, do próprio presidente e seu irmão. Na condição de especialista em Cuba e América Latina, teve conversas privadas com o alto escalão de poder estadunidense.

Foi para essa cúpula que Tad Szulc apresentou pela primeira vez o Plano Leonardo, uma ação proposta por dissidentes cubanos para derrubar Fidel Castro através de um golpe dentro de Cuba com apoio externo dos Estados Unidos. A CIA foi designada para comandar as operações, mas, o plano dos dissidentes cubanos – de autoria de Jorge Volsky e Nestor Moreno e do qual Tad Szulc foi um intermediador – não logrou êxito. A participação do

jornalista estadunidense foi intensa, estabelecendo contatos e influenciando no direcionamento das ações. Ao mesmo tempo, desagradou profundamente a CIA ao ser insubordinado e mobilizar a rede de contatos do serviço de inteligência para interesses próprios. De fato, sob a benção presidencial de Kennedy, Szulc quebrou protocolos e desvirtuou a operação, que foi fechada por questões de segurança.

Ao torna-se colaborador da agência na virada para 1963, Tad Szulc reduziu suas posições críticas à condução da política externa estadunidense. Quando a Aliança para o Progresso jazia sem conseguir conquistar seus objetivos estratégicos, ele transmutou-se de crítico a franco apoiador da iniciativa. Szulc também contrariou seu histórico de embates contra as ditaduras e o apoio dos Estados Unidos a “tiranos” anticomunistas e de defesa de mudanças que permitissem o exercício da liberdade política e de expressão, bem como condições mínimas de existência. Assim como outros intelectuais destacados da época – por exemplo, Richard Goodwin, Walt W. Rostow, Lincoln Gordon –, ele passou defender os governos militares latino-americanos que ascenderam nos anos 1960 – como o instituído pelo Golpe Civil Militar de 1964 no Brasil. Além disso, começou a louvar o endosso da política externa do novo presidente democrata, Lyndon Johnson, a esses “governos estáveis” e francamente anticomunistas, e o retorno ao enfoque nos lucros do capital privado estadunidense.

Em meados da década de 1960 a América Latina já não era mais um lócus privilegiado de atenção dos estrategistas da Casa Branca e Pentágono, nem um tema maior para a imprensa estadunidense. O interesse da opinião pública e dos intelectuais sobre o Vietnã, ascendeu junto do fluxo crescente de soldados do país enviados ao teatro de operações do sudeste asiático. O Plano Leonardo não obtinha avanços, com os infiltrados sendo presos e os principais amigos de Tad Szulc na comunidade cubana em Miami desengajando-se das operações contra Fidel Castro. Nesse cenário, o perspicaz jornalista assumiu correspondência do *NYT* em Portugal e na Espanha em 1966.

Três anos depois, quando o antigo vice-presidente republicano conseguiu finalmente chegar a Casa Branca, Tad Szulc seguia sendo considerado uma autoridade intelectual sobre a América Latina e a política externa dos Estados Unidos. Dessa posição, foi convidado em 1969 a prefaciar o Relatório Rockfeller e suas diretrizes para as ações da nova administração na região. Szulc chancelou a proposição do governador republicano de apoio estadunidense aos regimes ditatoriais anticomunistas da América Latina e foco nos negócios das grandes empresas do país. O reverso das bandeiras liberais que o jornalista defendia anos antes – uma

contradição à sua luta contra as ditaduras e crítica à política externa dos Estados Unidos expressa em matérias jornalísticas, artigos e livros.

Esse giro completo nas suas posições intelectuais, é que torna compreensível seu prefácio laudatório do relatório de Nelson Rockefeller. Era como se o jornalista do *NYT* estivesse mais uma vez correndo ao lado do carro oficial de Richard Nixon para gritar em apoio: “*Good going, President, good going!*”. No entanto, como atestaram os perplexos agentes da CIA sobre Tad Szulc – e depois o próprio presidente sobre o jornalismo investigativo estadunidense com o caso Watergate –, o jornalista não era uma simples marionete. Fazia parte de um conjunto de intelectuais de uma imprensa com interesses próprios, muitas vezes era irascível e insubordinável até para seus editores. Pouco depois de endossar o Relatório Rockefeller, já estava mais uma vez incomodando a Casa Branca e a CIA, criticando suas políticas nas páginas de jornais e revistas, revelando ações secretas da agência e biografando um dos seus agentes<sup>566</sup>.

---

<sup>566</sup>Em 1973, Tad Szulc publicou *Compulsive spy*, uma biografia de Everette Howard Hunt, um ex-agente da CIA envolvido em diversas ações anti-Castro e depois nas investigações sobre a morte de John F. Kennedy. Ele organizou a instalação das escutas no comitê democrata que resultou no escândalo de Watergate e a queda de Nixon.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Acervos Consultados

AARC, Silver Spring, Estados Unidos.

<<https://aarclibrary.org/>>

CIA, Langley, Estados Unidos.

<<https://www.cia.gov/library/>>

CPDOC, Rio de Janeiro, Brasil.

<<http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>

University of Miami Libraries, Miami, Estados Unidos

<<https://merrick.library.miami.edu/>>

Departamento de Estado, Washington, Estados Unidos.

<<https://history.state.gov/>>

Google Notícias, Melon Park, Estados Unidos

<<https://news.google.com/newspapers>>

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

<<http://hemerotecadigital.bn.br/>>

Howard Gotlieb Archival Research Center, Boston, Estados Unidos.

<<http://archives.bu.edu/home>>

Internet Archive, São Francisco, Estados Unidos.

<<https://archive.org/>>

John F. Kennedy Library and Museum, Boston, Estados Unidos.

<<https://www.jfklibrary.org/Research/>>

JSTOR, Nova York, Estados Unidos

<<https://www.jstor.org/>>

Marry Ferrell Foundation, Ipswich, Estados Unidos

<<https://www.maryferrell.org/>>

National Archives and Records Administration, Washington, Estados Unidos

<<https://www.archives.gov/>>

Proquest, Ann Arbor, Estados Unidos.

<<http://www.proquest.com/>>

The National Security Archive, Washington, Estados Unidos

<<https://nsarchive.gwu.edu/>>

The New York Times, Nova York, Estados Unidos.

<<http://query.nytimes.com/search/sitesearch/>>

The Unz Review, Estados Unidos.

<<http://www.unz.org/Pub/>>

### Livros publicados por Tad Szulc em ordem cronológica

SZULC, Tad. *Twilight of the tyrants*. Nova York: Holt, 1959.

SZULC, Tad; MEYER, Karl E. *The Cuban invasion: the chronicle of a disaster*. Nova York: Ballantine Books, 1962.

SZULC, Tad. *The winds of revolution: Latin America today – and tomorrow*. Westport: Praeger, 1963.



- SZULC, Tad. *Dominican diary*. Nova York: Dell Publishing, 1965a.
- SZULC, Tad. *Latin America*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1965b.
- SZULC, Tad. *The Bombs of Palomares*. Nova York: Viking, 1967.
- SZULC, Tad. *Czechoslovakia since World War II*. Nova York: Viking, 1971.
- SZULC, Tad. *Portrait of Spain*. Nova York: American Heritage, 1972.
- SZULC, Tad. *Compulsive spy: the strange case of E. Howard Hunt*. Nova York: Viking, 1973.
- SZULC, Tad. *Innocents at home: America in the 1970's*. Nova York: Viking, 1974.
- SZULC, Tad. *The energy crisis*. Nova York: Franklin Watts, 1974.
- SZULC, Tad. *The invasion of Czechoslovakia, August 1968: the end of a socialist experiment in freedom*. Franklin Watts, 1974.
- SZULC, Tad. *The illusion of peace: foreign policy in Nixon years*. Nova York: Viking, 1978.
- SZULC, Tad. *Pope John Paul II: the biography*. Nova York: Scribner, 1979.
- SZULC, Tad. *Diplomatic immunity*. Nova York: Simon and Schuster, 1981.
- SZULC, Tad. *Fidel: a critical portrait*. Nova York: William Morrow & Co, 1986.
- SZULC, Tad. *Then and Now: how the world has changed since World War II*. Nova York: William Morrow & Co, 1990.
- SZULC, Tad. *The Secret Alliance: the extraordinary story of the rescue of the Jews since World War II*. Nova York: Macmillan, 1992.
- SZULC, Tad. *Chopin in Paris: the life and times of the romantic composer*. Nova York: Scribner, 1998.
- SZULC, Tad. *To kill the pope: an ecclesiastical thriller*. Nova York: Scribner, 1998.

### **Fontes consultadas sobre Tad Szulc e familiares**

- ANTUNES, José Freire. Tad Szulc, um divulgador da oposição a Salazar. *Público*. Lisboa, 10 jun. 2001. Disponível em < <https://www.publico.pt/media/jornal/tad-szulc-um-divulgador-da-oposicao-a-salazar-158665>> Acesso em: 25 jun. 2017.
- APPLEGATE, Edd. Tad Szulc (1926-2001). In: \_\_\_\_\_. *Muckrakers: a biographical dictionary of writers and editors*. Plymouth: Scarecrow Press, 2008.
- FERREIRA, Argemiro. Tad Szulc (1927-2001): o carioca que o NYT censurou e a CIA perseguiu. *Observatório de Imprensa*. Disponível em < <http://observatoriodaimprensa.com.br/a-rtigos/mem300520011.htm>> Acesso em: 25 jun. 2017.

GINN, Nicole S. An interview with Nicole Szulc Ginn: retired journalist, international civil servant. *Imagiverse: a universe of imagination*. 26 jun. 2004. Disponível em <[http://www.imagiverse.org/interviews/nicoleszulc/nicole\\_szulc\\_26\\_06\\_04.htm](http://www.imagiverse.org/interviews/nicoleszulc/nicole_szulc_26_06_04.htm)> Acesso em: 25 jun. 2017.

KIRBY, Diana G. Tad Szulc Collection of Interview Transcripts, 1984-1986: Biographical Note. Cuban Heritage Collection. Miami: Biblioteca da Universidade de Miami. ago. 1989. Disponível em <<http://proust.library.miami.edu/findingaids/?p=collections/findingaid&id=101&q=&rootcontentid=3741>> Acesso em: 25 jun. 2017.

LEWIS, Daniel. Tad Szulc, 74, dies; Times correspondent who uncovered Bay of Pigs imbroglio. *The New York Times*, Nova York. 22 mai. 2001. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2001/05/22/world/tad-szulc-74-dies-times-correspondent-who-uncovered-bay-of-pigs-imbroglio.html>> Acesso em: 25 jun. 2017.

OLIVER, Myrna. Tad Szulc; Foreign correspondent broke Bay of Pigs Invasion story. *Los Angeles Times*, Los Angeles. 22 mai. 2001. Disponível em <<http://articles.latimes.com/2001/may/22/local/me-1082>> Acesso em: 25 jun. 2017.

RAYMONT, Henry. Carreira jornalística começou no Brasil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 mai. 2001. Disponível em <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mem\\_300520012.htm](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mem_300520012.htm)> Acesso em: 25 jun. 2017.

SIROTSKI, Nahum. Meu adeus a Tad. *Último Segundo*, 27 mai. 2001. Disponível em <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mem\\_300520012.htm](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mem_300520012.htm)> Acesso em: 25 jun. 2017.

SZULC, Tad. Then and now: how the world has changed since WW 2. Washington, *Booknotes*, C-SPAN. 19 ago. 1990. (Entrevista para o programa televisão *Booknotes* concedida ao apresentador Briam Lamb).

THE INDEPENDENT. Tad Szulc. Londres. 12 ago. 2001. Obituários. Disponível em <<http://www.independent.co.uk/news/obituaries/tad-szulc-9215918.html>> Acesso em 25 jun. 2017.

THE WASHINGTON POST. Marianne Szulc: editorial assistant and researcher. Washington, p. B06, 31 dez. 2004. Obituários. Disponível em <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A37908-2004Dec30.html>> Acesso em 25 jun. 2017.

### Referências bibliográficas

AARÃO REIS FILHO, Daniel. Intelectuais e política nas fronteiras entre reforma e revolução. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

ABARA, Joaquín F. *El ibañismo (1937-1952): un caso de populismo en la política chilena*. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2007.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: UNESP, 2004 (Coleção Revoluções do século XX)

- ALDRICH, Richard J. American journalism and the landscape of secrecy: Tad Szulc, the CIA and Cuba. *History: the journal of the Historical Association*, Londres. v. 100, abr. 2015.
- ALTERMAN, Eric; MATTSON, Kevin. *The cause: the fight for American liberalism from Franklin Roosevelt to Barack Obama*. Nova York: Viking, 2012.
- ALVES JR., Alexandre G. da C. *Discursos americanos de cooperação*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História-UFF, 2009. (Dissertação de Mestrado)
- AMBROSE, Stephen E. *Nixon: the education of a politician 1913-1962*. Nova York: Simon & Schuster, 2014.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANGELL, Alan. A esquerda na América Latina após 1920. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: a América Latina após 1930 – Estado e política*. São Paulo: EDUSP, 2015. vol. VII.
- AQUINO, Livia. *Picture ahead: a Kodak e a construção do turista-fotógrafo*. São Paulo: edição do autor, 2016.
- ARDAO, Arturo. *Génesis de la idea y el nombre de América latina*. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallegos, 1980.
- ARENDT, Hannah. Sobre a revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. [1963].
- ARÓSTEGUI, Julio. La historia del presente: ¿una cuestión de método?. In: ZUBELDIA, Carlos (org). *Actas de IV Simposio de História Atual*. Logrono: Gobierno de La Roja, 2004.
- AZEVEDO, Cecília. A América Latina em foco: política externa e debates intelectuais nos Estados Unidos. In: \_\_\_\_\_; SOIHET, R; ALMEIDA, R. C. de; GONTIJO, R. Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- AZEVEDO, Cecília. *Em nome da América: os Corpos de Paz no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2007.
- AZEVEDO, Cecília. Guerra à Pobreza: EUA, 1964. *Revista de História*, São Paulo. n. 153. 2005.
- AZEVEDO, Cecília. Novas aproximações entre “centro” e “periferia”: intelectuais e ativistas norte-americanos pensam a América Latina. In: BEIRED, J; CAPELATO, M. H; PRADO, L. C. *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis/São Paulo: UNESP/USP, 2010.
- AZEVEDO, Cecília. Relações interamericanas do século XX: percursos e debates acadêmicos. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald (org.). *História da América: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

- BAGGIO Katia Gerab. *A outra América: a América Latina para os intelectuais brasileiros*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História Social-USP, 1998. (Tese de Doutorado)
- BAITZ, Rafael. *Imagens da América Latina na revista The National Geographic Magazine (1895-1910)*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História Social-USP, 2004. (Tese de Doutorado).
- BAITZ, Rafael. *Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2003.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BEIRED, José L. Intelectuais, hispanismo e formação da identidade nacional argentina. In: \_\_\_\_\_; BARBOSA, C. (org.). *Política e identidade cultural na América Latina*. São Paulo: UNESP, 2010.
- BELUZZO, Ana Maria. A propósito d'O Brasil dos Viajantes. *Revista USP*. São Paulo. n. 30. jun./ago. 1996.
- BERRY, Nicholas O. *Foreign policy and the press: an analysis of The New York Times' coverage of U.S foreign policy*. Nova York: Greenwood, 1990.
- BERNSTEIN, Carl. The CIA and the media. *Rolling Stone*, São Francisco, 20 out. 1977. Disponível em < [http://www.carlbernstein.com/magazine\\_cia\\_and\\_media.php](http://www.carlbernstein.com/magazine_cia_and_media.php)> Acesso em 19 jun. 2017.
- BETHELL, Leslie (org.). *História de América Latina: economía y sociedade 1870-1930*. Barcelona: Crítica, 1991. vol. 7.
- BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. v. 22, no 44, 2009.
- BIELSCHOWSKY, Ricardo. Cinquenta anos de pensamento da CEPAL – uma resenha. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Cinquenta anos de pensamento da CEPAL*. Rio de Janeiro: Record/COFECON, 2000a.
- BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.). *Cinquenta anos de pensamento da CEPAL*. Rio de Janeiro: Record/COFECON, 2000b.
- BITAR, Sebastian E. *US military bases, quasi-bases and domestic politics in Latin America*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2016.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: duvidas e opções dos homens na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1997.

BÖSTROM, Mikael. Measuring political democracy in Latin America: a discussion of the Fitzgibbon-Johnson image-index. Lund: *Statsvetenskaplig tidskrift*. vol. 93. n. 1. 1990.

BRINKLEY, Alan. *Liberalism and its discontents*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

BRUIT, Héctor H. A invenção da América Latina. *Revista do Mestrado de História*. Vassouras, v. 5, 2003.

CAMPBELL, Joseph W. *Getting it wrong: ten of the greatest misreported stories in American journalism*. Oakland: University of California Press, 2010.

CAPELATO, Maria Helena R. *A imprensa na História do Brasil*. Col. Repensando a História São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

CASTRO GOMES, Angela de; HANSEN, Patrícia. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTRO GOMES, Angela de. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

CASTRO GOMES, Angela de. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe da Organização das Nações Unidas). *Revista de la Cepal*. Santiago do Chile. n. extraordinário. out. 1998.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlene. Conciliação e violência na história do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Encontro com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CERVO, Amado Luiz. *Relações internacionais da América Latina: de 1930 aos nossos dias*. São Paulo: Saraiva/Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2013.

CHOMSKY, Aviva. *História da Revolução Cubana*. São Paulo. Veneta, 2015.

CHOMSKY, Noam. *El miedo a la democracia*. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward D. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. Nova York: Patheon Books, 2002.

CHOMSKY, Noam. *Rumo a uma nova Guerra Fria: política externa dos EUA, do Vietnã a Reagan*. Rio de Janeiro: Record, 2007

COBBS, Elizabeth A. *The rich neighbor policy: Rockefeller and Kaiser in Brazil*. New Haven: Yale University, 1992.

CORONIL, Fernando. *El estado mágico: naturaleza, dinero y modernidad en Venezuela*. Buenos Aires: Nueva Sociedad, 2002.

CRUZ, Heloisa F; PEIXOTO, Maria do R. da Cruz. Na oficina do historiador conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, v. 35, ago./dez. 2007.

DALY, Christopher B. *Covering America: a narrative history of a nation's journalism*. Amherst: University of Massachusetts, 2012.

DEPALMA, Anthony. *O homem que inventou Fidel: Cuba, Fidel e Herbert L. Matthews do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVIS, Sonny B. *A brotherhood of arms: Brazil-United States military relations, 1945-1977*. Niwot: University Press of Colorado, 1996.

DAVIES, David R. *The postwar decline of American newspapers: 1945-1965*. Westport: Praeger, 2006.

DOMINGUES, Juan. Novo jornalismo: reflexões sobre a relação entre reportagem e romance. *Conexão: comunicação e cultura*, Caxias do Sul. v. 12, 2014.

DOS PASSOS, John. *O Brasil em movimento*. São Paulo: Benvirá, 2013. [1963]

DRAPER, Hal. *Karl Marx's theory of revolution: vol. 2 The politics of social classes*. Deli: Aakar Books, 2011.

DUBOIS, Jules. *Fidel Castro: rebel, libertator or dictator?* Nova York: Bobbs-Merril, 1959a.

DUBOIS, Jules. *Freedom is my beat*. Nova York: Bobbs-Merril, 1959b.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Acordo militar Brasil-Estados Unidos (1952). IN: CPDOC. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribuna-da-imprensa>> Acesso em: 07 set. 2018.

EMERY, Edwin. *História da Imprensa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

ESCALANTE, Fabián. *The secret war: CIA covert operations against Cuba, 1959-1962*. Melbourne: Ocean Press, 1995.

ESCOBAR, Arturo. *Encountering development: the making and unmaking on the third world*. Princeton: Princeton University, 1995.

EVENSEN, Bruce J. New York Times. In: VAUGHN, Stephen (org.). *Encyclopedia of American journalism*. Nova York: Routledge, 2008.

FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: \_\_\_\_\_ (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FERRERAS, Norberto O. *A questão nacional e as tradições nacional-estatistas no Brasil, América Latina e África*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

FERRERAS, Norberto O. A sociedade de massas: o populismo. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald (org.). *História da América: novas perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito "Latin American" nos Estados Unidos*. Bauru: EDUSC, 2005.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FFRENCH-DAVIS, Ricardo; MUÑOZ, O; PALMA, J. Las economías latinoamericanas, 1950-1990. In: BETHELL, Leslie (org.). *História de América Latina: economía y sociedade desde 1930*. Barcelona: Crítica, 1997. vol. 11.

FITZGIBBON, Russell H. Measurement of Latin America political phenomena: a statistical experiment. *American Political Science Review*. vol. 45. 1951.

FORDE, Kathy R. Literary journalism. In: STERLING, Christopher (org.). *Encyclopedia of journalism*. Newbury Park: Sage, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *O Rio de Janeiro que Hollywood inventou*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GADDIS, John Lewis. *The Cold War: a new history*. Nova York: Penguin, 2005a.

GADDIS, John Lewis. *Strategies of containment: a critical appraisal of American national security policy during Cold War*. Nova York: Oxford University, 2005b.

GERSTLE, Gary. The protean character of American liberalism. *The American Historical Review*. Bloomington. n. 99. out. 1994.

GOBAT, Michel. The invention of Latin America: a transnational history of anti-imperialism, democracy, and race. *The American Historical Review*, Bloomington. vol. 118, ed. 5, dez. 2013.

GOODWIN, Craufurd D. *Walter Lippmann: public economist*. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

GORDON, Lincoln. *A segunda chance do Brasil: a caminho do primeiro mundo*. São Paulo: SENAC, 2002.

GRANDIN, Greg. *The last colonial massacre: Latin America in the Cold War*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

GREEN, James N. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GUEVARA, Ernesto Che. *La guerra de guerrilhas*. Disponível em <<http://www.librodot.com>> Acesso em 1 nov. 2018. [1960]

HAAS, Richard. How a world ends. *Foreign Affairs*. Nova York. vol. 97, n. 1, jan./fev. 2019.

HALL, Michael R. *Sugar and power in the Dominican Republic: Eisenhower, Kennedy, and the Trujillos*. Westport: Greenwood, 2000.

HANDELMAN, Howard. Military authoritarianism and political change in Uruguay. *American Universities Field Staff Reports*. Hanover, n. 26, 1978.

HERRING, George C. *From colony to superpower: U.S. foreign relations since 1776*. Nova York: Oxford University Press, 2008.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

HUNT, Michael. *Ideology and U.S. foreign policy: with a new afterword by the author*. New Haven/Londres: Yale University, 2009.

IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988.

IKENBERRY, John. *After victory: institutions, strategic restraint, and the rebuilding of order after major wars*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

IKENBERRY, John. Liberal internationalism 3.0: America and the dilemmas of liberal world order. *Perspectives on Politics*. Cambridge. vol. 7, n. 1, mar. 2009.

ITALIA, Ioana. *The rise of literary journalism in the eighteenth century*. Abingdon: Routledge, 2005.

JOHNSON, John J. *Political change in Latin America: the emergence of the middle sectors*. Standford: Standford University Press, 1958.

JONES, Howard. *The Bay of Pigs*. Nova York: Oxford University, 2008.

JONES, Matthew. Journalism, intelligence and the *New York Times*: Cyrus L. Sulzberger, Harrison E. Salisbury and the CIA. *History: the journal of the Historical Association*, Londres. v. 100, abr. 2015.



JOSEPH, Gilbert; SALVATORE, R; LEGRAND, C. (org.). *Close encounters of empire: writing the cultural history of U.S.–Latin American relations*. Durham: Duke University, 1998.

JOSEPH, Gilbert M. Encontros cercanos: hacia una nueva historia cultural de las relaciones entre Estados Unidos y América Latina. In: SALVATORE, Ricardo (org.). *Culturas imperiales: experiencia y representación en América, Asia y África*. Rosário: Beatriz Viterbo, 2005.

JOSEPH, Gilbert M. What We now know and should know: bringing Latin America more meaningfully into Cold War Studies. In: \_\_\_\_\_; SPENSER, Daniela (org.). *In from the cold: Latin America's new encounter with the Cold War*. Durham: Duke University, 2008.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande - imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

KATINSKY, Julio; XAVIER, Alberto (org.). *Brasília: uma antologia crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

KAZIN, Michael. Populism. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Concise Princeton encyclopedia of American political history*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

KAZIN, Michael. *The populist persuasion: an American history*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

KELLER, Vilma. Francisco Julião. IN: CPDOC. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-juliao-arruda-de-paula>> Acesso em: 07 set. 2018.

KELLY, Phill. Fifty-five years of measuring democracy: evaluating the Fitzgibbon democracy survey. *Revista – Harvard review of Latin America*. Nova York. Inverno, 2002.

KIMBALL, Roger. Anti-Americanism then and now. In: HOLLANDER, Paul. (org.). *Understanding anti-Americanism: its origins and impact at home and abroad*. Chicago: Ivan R. Dee, 2004.

KISSINGER, Henry. *Diplomacia*. São Paulo: Saraiva, 2012.

KNAUSS, Paulo (org.). *Oeste americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: EDUFF, 2004.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: \_\_\_\_\_ (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LATHAM, Michael E. *Modernization as ideology: American social science and nation building in the Kennedy era*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2000.

LEACOCK, Ruth. *Requiem for revolution: the United States and Brazil, 1961-1969*. Ohio: Kent State University, 1990.

LEAL, Carlos Eduardo. Tribuna de Imprensa. IN: CPDOC. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribuna-da-imprensa>> Acesso em: 12 dez. 2017.

LEARY, John Patrick. *A cultural history of underdevelopment: Latin America in the U.S. imagination*. Charlottesville: University of Virginia, 2016.

LEFFLER, Melvyn P. National security. In: PATERSON, T.G; HOGAN, M.J. *Explaining the history of American foreign policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LIEUWEN, Edwin. *Arms and politics in Latin America*. Nova York: Praeger, 1960.

LIMA, Edvaldo P. O jornalismo literário: o legado de ontem. In: SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO. *New journalism: a reportagem como criação literária*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003. (Cadernos de comunicação, Série Estudos, v. 7).

LIMONCIC, Flávio; MARTINHO, Francisco C. P. (org.). *A experiência nacional: identidades e conceitos de nação na África, Ásia, Europa e nas Américas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

LIMONCIC, Flávio. Estado, imigração e imaginação social nos Estados Unidos das primeiras décadas do século XX. In: \_\_\_\_\_; MARTINHO, Francisco C. P. (org.). *A experiência nacional: identidades e conceitos de nação na África, Ásia, Europa e nas Américas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

LLOSA, Mario Vargas. *A festa do bode*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOWNDES, Joseph. Populism in the United States. In: KALTWASSER, C. et al. *The Oxford handbook of populism*. Nova York: Oxford University, 2017.

LOVE, Joseph. Ideias e ideologias econômicas na América Latina c. 1930-c. 1990. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: a América Latina após 1930 – ideias, culturas e sociedade*. São Paulo: EDUSP, 2011. vol. VIII.

LUCCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *As fontes históricas*: São Paulo: Contexto, 2008.

MAY, Claudia Musa. A imagem do transporte aéreo visto da arte e da publicidade. *Domínios da Imagem*. Londrina. v. 1. n. 2. mai. 2008.

MATTSON, Kevin. *When America was great: the fighting faith of postwar liberalism*. Nova York: Routledge, 2004.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e a cultura política nos tempos da política da Boa Vizinhança. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v. 22, 2014

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. [1859].

MCCANN JR, Frank D. *The Brazilian-American alliance: 1937–1945*. Princeton: Princeton University Press, 1973.

MCPHERSON, Alan L. *A short history of US military interventions in Latin America and the Caribbean*. Nova York: Wiley-Blackwell, 2016.

MCPHERSON, Alan L. *Yankee no: antiamericanism in U.S.-Latin American relations*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

MEAD, Walter Russel. *Special providence: American foreign policy and how it changed the world*. Nova York: Century Foundation, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990 .

MELLER, Patricio. *Un siglo de economía política chilena (1890-1990)*. Santiago: Andres Bello, 1998.

MERQUIOR, José Guilherme. *O liberalismo antigo e moderno*. São Paulo: É Realizações, 2016.

MERRICK, Thomas H. La población de América Latina, 1930-1990. In: BETHELL, Leslie (org.). *História de América Latina: economia y sociedade desde 1930*. Barcelona: Crítica, 1997. vol. 11.

MIGNOLO Walter. *La idea de America Latina: la herida colonial y la opcion decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

MIGNOLO Walter. *The darker side of the Renaissance: literacy, territoriality and colonization*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998.

MOLINA, Matías M. *Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional*. São Paulo: Globo, 2008.

MOLL, Roberto Moll. Populista “pero no mucho”: o populismo de Donald Trump. *Mundo e desenvolvimento*: revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais. São Paulo, v. 1, n. 1, 2018. (Dossiê Donald J. Trump e a Ascensão Populista: embates ideológicos nos EUA e seus desdobramentos e impactos na conjuntura política internacional).

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brasil-Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950-1988)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MONTEIRO, Erica G. *Quando a guerra é um negócio*: F. D. Roosevelt, iniciativa privada e relações interamericanas durante a II Guerra Mundial. Curitiba: Prismas, 2014.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução. In: FERREIRA, J; DOURADO; L. *O tempo da experiência democrática*: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil republicano. vol. 3)

MOONEY, Jadwiga; LANZA, Fabio (org.). *De-centering Cold War history*: local and global change. Nova York: Routledge, 2013.

MOREIRA, Vânia Maria L. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIRA, J; DOURADO; L. *O tempo da experiência democrática*: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil republicano. vol. 3)

MOTTA, Rodrigo Patt Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História Econômica-USP, 2000. (Tese de Doutorado)

MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil (1939-1950)*: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012.

MUNHOZ, Sidnei J. George Frost Kennan e a arquitetura da política externa dos EUA na gênese da Guerra Fria. *Diálogos*, Maringá. v. 22, 2018.

NASH, Roderick F. *Wilderness and the American mind*. New Haven: Yale University Press, 2004.

NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*: estudos de antropologia social e cultural. São Paulo: EDUSP, 1997.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos*: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PAGE, Joseph A. *A revolução que nunca houve*: o Nordeste do Brasil (1955-1964). Rio de Janeiro: Record, 1972.

PATTERSON, James T. *America's struggle against poverty in the Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

PATTERSON, James T. *Grand expectations*: the United States, 1945-1974. Nova York: Oxford University, 1996.

PEARCE, Charles Kimber. *Rostow, Kennedy, and the rhetoric of foreign aid*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2000.

PECEQUILO, Cristina S. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. *Criar ilhas de sanidade: os Estados Unidos e a Aliança para o Progresso no Brasil*. São Paulo: PUC, 2005. (Tese de Doutorado)

PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. *Os Estados Unidos e a Aliança para o Progresso na América Latina*. Rio de Janeiro: Publit, 2015.

PRADO, Maria Ligia. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a guerra. *Revista USP*, São Paulo, n 26, 1995. (Dossiê 50 anos do final da Segunda Guerra).

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

PRENTZAS, G. S. *The Cuban Revolution*. Nova York: Chelsea House, 2012.

PURDY, Sean. O século americano. In: \_\_\_\_\_; KARNAL, Leandro (org.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2013.

QUIJADA, Mónica. Sobre el origen y difusión del nombre “América Latina”: o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad. *Revista de Indias*, Madrid, vol. 58, n. 214, 1998.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados*. São Paulo. vol.19, n. 55, 2005.

RABE, Stephen G. *Eisenhower and Latin America: the foreign policy of anticommunism*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1988.

RABE, Stephen G. *The most dangerous area in the world: John F. Kennedy confronts communist revolution in Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1999.

RABE, Stephen G. *U.S. intervention in British Guiana: a Cold War story*. Chapel University of North Carolina Press, 2005.

RADU, Michael. A matter of identity: the anti-Americanism of Latin American intellectuals. In: HOLLANDER, Paul. (org.). *Understanding anti-Americanism: its origins and impact at home and abroad*. Chicago: Ivan R. Dee, 2004.

RASENBERGER, Jim. *The brilliant disaster: JFK, Castro, and America's doomed invasion of Cuba's Bay of Pigs*. Nova York: Scribner, 2011.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: UNB, 2008.

ROBERTS, Nancy L. Literary journalism. In: VAUGHN, Stephen (org.). *Encyclopedia of American journalism*. Nova York: Routledge, 2008.

RODEGHERO, Carla Simone. *Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob olhar norte-americano (1945-1964)*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ROGGENKAMP, Karen. *Narrating the news: new journalism and literary genre in late nineteenth-century American newspapers and fiction*. Kent: Kent State University, 2005.

ROJAS, Rafael. *Fighting over Fidel: the New York intellectuals and the Cuban Revolution*. Princeton: Princeton University, 2016.

ROLLERMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (org.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROSEMBERG, Emily S. *Spreading the American dream: economic and cultural expansion, 1890-1945*. Nova York: Hill & Wang, 2011.

ROSTOW, Walt Whitman. *The stages of economic growth: a non-communist manifesto*. Cambridge: Cambridge University Press, 1960.

ROUQUIÉ, Alain. Os militares na política latino-americana após 1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: a América Latina após 1930 – Estado e política*. São Paulo: EDUSP, 2015. vol. VII.

ROUSSEAU, Isabelle. Dinámicas y evolución de las compañías petroleras latinoamericanas. In: GUARJARDO, G; LABRADOR, A. (org.). *La empresa pública en México y en América Latina: entre el mercado y el Estado*. Cidade do México: UNAM, 2015.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2012.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALVATORE, Ricardo. *Disciplinary conquest: U.S. scholars in South America 1900-1945*. Durham: Duke University, 2016.

SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de um império: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

SALVATORE, Ricardo. Primeiras visões americanas de um mercado hemisférico na América do Sul. In: TORRES, Sônia Torres (org.). *Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos* Rio de Janeiro: 7Letras, 2001.

SALVATORE, Ricardo. The enterprise knowledge: representational machines of informal empire In: JOSEPH, G; SALVATORE, R; LEGRAND, C. (org.). *Close encounters of empire:*

writing the cultural history of. U.S.–Latin American relations. Durham: Duke University, 1998.

SANTOS, Fabio Luis B. dos. Atualidade da noção de América Latina: diálogo crítico com Leslie Bethell. *Revista da ANPHLAC*. São Paulo, n. 21. jul./dez. 2016.

SARAIVA, João Gilberto N. *Todo Nordeste que coube a gente publica: o The New York Times e o Nordeste brasileiro na Era da Política de Boa Vizinhança (1933-1945)*. Natal: Programa de Pós-Graduação em História-UFRN, 2015 (Dissertação de Mestrado).

SAUNDERS, Frances Stonor. *The cultural Cold War: the CIA and the world of arts and letters*. Nova York: The New Press, 2013.

SCHLESINGER JR. Arthur M. *Robert Kennedy and his times*. Nova York: Mariner Books, 2012. [1979]

SCHLESINGER JR. Arthur M. *The vital center: the politics of freedom*. Nova York: Routledge, 2017. [1949]

SCHLESINGER JR. Arthur M. *The cycles of American history*. Nova York: Mariner Books, 1999. [1986].

SCHMIDT, Eric. *Walter Lippmann search for a sustainable liberalism*. Baton Rouge: Departamento de Ciência Política da Louisiana State University, 2016. (Dissertação de Doutorado em Filosofia).

SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão - uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru: EDUSC, 2000.

SCHURZ, William Lytle. *Latin America: a descriptive survey*. Nova York: E. P. Dutton, 1942.

SCHMITZ, David. F. *Thank God they're on our side: the United States and right-wing dictatorships, 1921–1965*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1999.

SELSER, Gregorio. *Cronología de las intervenciones extranjeras en América Latina: tomo IV, 1946-1990*. Cidade do México: UACM, 2010.

SEWELL, Bevan. *The US and Latin America: Eisenhower, Kennedy and economic diplomacy in the Cold War*. Nova York: I. B. Taurus, 2016.

SENHOR X (KENNAN, George F.). The sources of Soviet conduct. *Foreign Affairs*. Nova York, jul. 1947.

SHUMWAY, Nicholas. *A invenção da Argentina: a história de uma ideia*. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, Alexandra Melo e. *A política externa de JK: a Operação Pan-Americana*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. (Textos CPDOC)

SILVA, Claiton Marcio da. *Agricultura e cooperação internacional: a atuação da American International Association for Economic and Social Development (AIA) e os programas de modernização do Brasil (1946-1961)*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História e da Saúde-Fiocruz, 2009. (Tese de Doutorado).

SILVA, Filipe Oliveira da. *Matas folheadas: imprensa, práticas letradas e sociabilidades de proteção à natureza na Revista Florestal (1929-1949)*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História-UFF, 2017. (Dissertação de Mestrado)

SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: FAUSTO, Boris (org.) *O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. (História geral da civilização brasileira; t. 3; v. 11).

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

SKOCPOL, Theda. *State and social revolutions: a comparative analysis of France, Russia and China*. Nova York: Harvard University Press, 1979.

SMALL, Melvin. The Cold War's darkest days. In: \_\_\_\_\_. *Democracy & Diplomacy: the impact of domestic politics on U.S. Foreign Policy, 1789-1994*. Baltimore: John Hopkins University, 1996.

SMITH, Joseph. *The United States and Latin America: a history of American diplomacy 1776-2000*. Nova York: Routledge, 2005.

SMITH, Peter H. *Talons of the eagle: dynamics of U.S.-Latin America Relations*. Nova York: Oxford University Press, 2000.

SMITH, Tony. *America's mission: the United States and the worldwide struggle for democracy in the twentieth century*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Rodrigo Farias de. *William F. Buckley Jr; National Review e a crítica conservadora ao liberalismo e os direitos civis nos EUA, 1955-1968*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História-UFF, 2013. (Tese de Doutorado).

SZULC, Tad. Communists, socialists, and christian democrats. *American Academy of Political and Social Science*. Filadélfia. vol. 360, jul. 1965c.

SZULC, Tad. Introduction. In: ROCKEFELLER, Nelson A. *The Rockefeller report on the Americas: the official report of a United States Presidential Mission for the Western Hemisphere*. Chicago: Quadrangle, 1969.

SZULC, Tad. *Fidel: um retrato crítico*. Rio de Janeiro: Bestseller, 1987.



TAFFET, Jeffrey F. *Foreign aid as foreign policy: the Alliance of Progress in Latin America*. Nova York: Routledge, 2007.

TALESE, Gay. *O reino e o poder: uma história do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil à época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TROUILLOT, Michel-Rolph *Transformaciones globales: la antropología y el mundo moderno*. Popayán/Bogotá: Universidad del Cauca/Universidad de los Andes, 2011.

TULCHIN, Joseph S. *América Latina x Estados Unidos: uma relação turbulenta*. São Paulo: Contexto, 2016.

US DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of United States: 1955-1957: American republics: Central and South America*. Washington: US Department of State, 2015.

US SENATE SELECT COMMITTEE TO STUDY GOVERNMENTAL OPERATIONS WITH RESPECT TO INTELLIGENCE ACTIVITIES. *Interim Report: alleged assassination plots involving foreign leaders*. Washington: US Senate, 1975. Disponível em: <[http://www.aarclibrary.org/publib/contents/church/contents\\_church\\_reports\\_ir.htm](http://www.aarclibrary.org/publib/contents/church/contents_church_reports_ir.htm)> Acesso em 10 dez. 2018.

WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina em viés transnacional *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, São Paulo, n. 14. jan./jun. 2013.

WEINSTEIN, Bárbara. Repensando a história das relações Estados Unidos-América Latina: de dominação política a circulação cultural? *Textura*, Canoas, n. 8 abr./out. 2003.

WESTAD, Odd Arne. *The Cold War: a world history*. Nova York: Basic Books, 2017.

WHITEHEAD, Laurence. A organização do Estado na América Latina após 1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: a América Latina após 1930 – Estado e política*. São Paulo: EDUSP, 2015. vol. VII.

WILLIAMSON, Edwin. *História da América Latina*. Lisboa: Edições 70, 2016.

WRESZIN, Michael. Arthur Schlesinger Jr.: scholar-activist in Cold War America, 1946-1956. *Salmagundi*, Saratoga Springs. n. 63-64. verão, 1984.